



ESCOLA DE
EQUITACÃO
PARA
MOÇAS

"Em uma prosa elegante que evoca uma época passada, Disclafani conta uma história incomum e repleta de nuances."

– *Kirkus Reviews*

ANTON
DISCLAFANI



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ANTON DISCLAFANI

Escola de equitação
para moças

Tradução de Maria Carmelita Dias



Copyright © Anton DiSclafani, 2013
Todos os direitos reservados a DiSclafani, Anton

TÍTULO ORIGINAL
The Yonahlossee Riding Camp for Girls

PREPARAÇÃO
Clarissa Peixoto

REVISÃO
Ulisses Teixeira

FOTO DE CAPA
© Valeria Shaff

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Fernanda Neves

GERAÇÃO DE EPUB
Intinseca

E-ISBN
978-85-8057-528-6

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

Eu tinha quinze anos quando meus pais me mandaram para a Escola de Equitação Yonahlossee. O internato ficava em Blowing Rock, na Carolina do Norte, oculto no meio das montanhas Blue Ridge. Havia o risco de passar pela entrada e não chegar a notá-lo, a não ser que se estivesse procurando por ele, e com cuidado; meu pai perdeu a entrada quatro vezes antes que, afinal, eu indicasse que tínhamos chegado.

Ele me levou de carro, da Flórida até a Carolina do Norte: meus pais não confiavam em mim o suficiente para me deixarem viajar sozinha de trem.

No último dia do percurso, fomos até a parte mais alta das montanhas, e em determinado momento nossa travessia foi ficando consideravelmente mais lenta. A estrada parecia inacabada, estreita e coberta de vegetação; ela era sinuosa e repleta de curvas fechadas.

Meu pai falou pouco durante a viagem; acreditava que precisava se concentrar muito na estrada à frente. Havia comprado seu primeiro carro, um Chrysler Roadster, cinco anos antes, em 1925; logo, um automóvel não era algo comum para ele, mas inovador. Paramos em Atlanta na primeira noite, e, depois de nos registrarmos no hotel, meu pai pediu para que eu me arrumasse bem. Coloquei o vestido de seda lavanda de cintura baixa e pequenas rosas estampadas. Eu usava a estola de visom de minha mãe, que eu havia pegado apesar de ela ter me instruído a não fazê-lo. Quando criança, eu tinha a permissão de usar a estola em ocasiões especiais — na ceia de Natal, no *brunch* de Páscoa — e acabei acreditando que era minha. Porém, agora que eu a usava por conta própria, parecia mais um fardo, um acessório elegante demais para mim. Eu me sentia jovem para o vestido, embora não fosse o vestido, mas meu corpo que me fazia sentir daquela maneira. Meus seios eram recentes e delicados, eu ainda tinha uma postura furtiva, típica de uma garota imatura. Meu pai, em seu terno cinza de risca de giz, não tinha uma aparência muito diferente da usual, com exceção do lenço verde-limão que enfiara no bolso do paletó. Não o verde-limão de hoje em dia, berrante e fluorescente. Naquela época, não havia cores assim. Não, eu me refiro à verdadeira cor de um limão, com um brilho pálido.

Na entrada do restaurante, dei o braço a meu pai, como minha mãe em geral fazia, e ele me olhou, espantado. Sorri e tentei não chorar. Eu ainda me apegava à esperança de que talvez ele não me deixasse na Carolina do Norte, que tivesse outros planos para a gente. Meus olhos estavam inchados de chorar por duas semanas, e eu sabia como era difícil para meu pai ver alguém chorar.

O país atravessava a Grande Depressão, mas minha família não tinha sofrido as consequências. Meu pai era médico, e as pessoas sempre pagariam por saúde. E, além do mais, havia o dinheiro da família, do qual meus pais acabariam por depender. Mas só depois que os pacientes de meu pai ficassem tão pobres que não pudessem oferecer a ele um tostão sequer em troca de seus serviços. Percebi isso depois que voltei de Yonahlossee. A Depressão tinha um significado diferente para mim quando parti.

Raramente eu me aventurava para longe de casa. Vivíamos em uma cidadezinha no centro da Flórida, que recebera seu nome em homenagem a um falecido líder indígena. Era insuportavelmente quente no verão — isso foi antes do ar-condicionado — e refrescante e

agradável no inverno. Os invernos eram perfeitos e compensavam os verões. Quase não víamos nossos vizinhos, mas eu tinha tudo de que precisava bem ali: éramos donos de um terreno de mil acres, e às vezes eu saía de manhã montando Sasi, meu pônei, com um farnel de almoço, e só voltava quando o sol se punha, a tempo do jantar, sem ter encontrado viva alma durante a cavalgada.

E então pensei em meu irmão gêmeo, Sam. Eu tinha a ele, acima de tudo.

Meu pai e eu comemos filé mignon e beterrabas assadas no restaurante do hotel. Na decoração, o que se destacava eram as janelas de vidro tão altas quanto o salão. Quando tentei olhar para fora, para a rua tranquila, vi um reflexo borrado de mim mesma, esquisita e cor de lavanda. Éramos os únicos clientes, e meu pai elogiou meu vestido duas vezes.

— Você está adorável, Thea.

Meu nome é Theodora, um nome de família. Segundo me contam, Sam reduzira-o para Thea quando tínhamos dois anos. A beterraba estava insossa e dava uma sensação desagradável na língua; tentei não pensar no que meu irmão estaria fazendo enquanto eu comia.

Meu pai me contou novamente que em Yonahlossee eu iria cavalgar todos os dias, menos domingo. Agradei a ele. Eu estava deixando Sasi para trás, na Flórida, mas isso não tinha importância, porque eu já estava grande demais para ele. Chutava os cotovelos dele quando o conduzia. Naquele momento, pensar no meu lindo pônei pintado me deixava muito triste. O pelo dele, segundo minha mãe sempre dissera, tinha uma beleza especial, dividido de maneira uniforme em manchas brancas e pretas. Pensei em seus olhos, um azul, outro castanho, o que não era tão raro assim em se tratando de cavalos: se o pelo que circundasse o olho fosse branco, o olho era azul; se fosse preto, o olho era castanho.

Nossa refeição, a última que faríamos juntos em um ano, transcorreu quase toda em silêncio. Eu nunca havia comido sozinha com meu pai. Com minha mãe, sim, diversas vezes, e com Sam, claro. Não sabia o que conversar com meu pai. Depois de todo aquele problema em casa, eu tinha medo de dizer qualquer coisa.

— Você vai voltar logo para casa — disse meu pai, tomando café e comendo creme *brûlée* — depois que essa confusão toda se acomodar.

E aí foi a minha vez de ficar surpresa com o comportamento dele. Bebi meu café depressa e queimei os lábios. Em casa, só me deixavam provar o café da mamãe. Meu pai raramente falava de assuntos desagradáveis, de qualquer tipo, pessoal ou de outra natureza. Talvez fosse esse o motivo pelo qual eu sabia tão pouco a respeito da Depressão.

Ele sorriu para mim, um sorriso doce e contido, e senti meus olhos se enternecerem. Quando minha mãe sorria, todos os dentes da boca ficavam aparentes; o rosto dela se revelava. O sorriso do meu pai, porém, era algo que precisava ser procurado. Nesse momento, seu sorriso significava que ele ainda me amava, depois de tudo o que eu tinha feito. Eu queria que ele me dissesse que as coisas ficariam bem. Mas meu pai não mentia. As coisas não ficariam bem; nunca mais elas ficariam bem.

Eu jamais iria gostar de um lugar da forma como eu gostara da minha primeira casa, onde eu nascera e vivera até a confusão se iniciar. Alguém poderia subestimar meu amor pelo lugar explicando que eu era apegada às pessoas que moravam lá: minha mãe, meu pai, meu irmão. Isso é verdade, eu realmente amava aquelas pessoas, mas eu não conseguia me lembrar de

minha família sem me lembrar dos jardins nos quais eles caminhavam, das varandas envidraçadas em que liam, dos quartos para onde se recolhiam. Eu gostava da casa independentemente de minha família. Eu conhecia a casa, ela me conhecia, nós encontrávamos refúgio uma na outra. Por mais absurdo que pareça, havia certa mágica naquele lugar.

Confesso que estava tão triste em deixar a casa quanto em deixar minha família. Eu nunca me distanciara por mais que algumas poucas noites, e tinha absoluta certeza de que ela estaria mudada quando eu retornasse.

Eu também estaria mudada. Quando meus pais me encontrassem na estação de trem de Orlando, muito tempo depois, eles veriam uma pessoa totalmente nova.

Deixei minha casa, minha amada casa, e fui levada para a Escola de Equitação Yonahlossee, um enclave para moças endinheiradas, com uma equipe composta por ex-alunas que aguardavam por um casamento.

Eu me tornei uma moça, como é costume dizer na Escola de Equitação Yonahlossee.

* * *

Naquela época, entretanto, eu não sabia nada sobre o lugar, exceto que era para onde meus pais me mandaram a fim de não precisarem olhar para mim. Chegamos ao entardecer, uma hora melancólica que eu sempre odiara. Por baixo de uma cobertura de carvalhos imensos, seguimos pela longa estrada de cascalho que parecia não ter fim; e então me ocorreu que talvez levasse semanas até que eu viajasse por esse caminho de novo.

Meu pai agarrava o volante com força e piscava, concluindo com cuidado a tarefa que lhe cabia, como sempre costumava fazer. Paramos em uma praça — na verdade, era mesmo chamada de Praça, como eu viria a saber mais tarde — de alojamentos com telhas de bétula, e meu pai desligou o carro; olhei em volta procurando outra garota, mas não achei. Abri a porta.

— Thea! — chamou meu pai, mas ignorei.

Coloquei os pés no chão barrento, tão diferente do solo da Flórida, que agora estava ressecado por causa do verão. O ar tinha um cheiro úmido, mas não de maresia. O oceano estava sempre por perto na Flórida, mesmo que se morasse a horas de distância dele, como nós; em Yonahlossee, ficava-se encapsulado, de todos os lados, por montanhas.

Observei o prédio à minha frente enquanto meu pai ajustava o carro — ele não se afastava do automóvel enquanto não se certificasse de que tudo estava desligado apropriadamente. Mesmo agora. E esse prédio era algo como eu nunca vira antes, parcialmente construído na montanha. As estacas que o sustentavam me faziam lembrar patas de cavalos, altas e instáveis, e pareciam incapazes de suportar tal peso. Sempre tive a sensação de que o prédio poderia cair, iria cair. Mais tarde, muito mais tarde, nosso diretor me contou que esse era, de fato, o modo mais seguro de se construir em regiões de montanhas. Jamais acreditei nele.

Como era domingo, todos no acampamento já tinham jantado, mas eu não sabia disso àquela altura e fui tomada por uma terrível sensação de medo e solidão. Aquela não era minha casa, minha família estava em outro lugar.

Um homem se aproximou, como se tivesse se materializado do nada, e ainda distante demais — três, seis metros — estendeu a mão para meu pai apertar. Pensei por um instante que ele lembrava meu irmão.

— Meu nome é Henry Holmes — falou em voz alta. — Sou o diretor.

A primeira coisa que pensei foi que achei o título esquisito: eu não sabia que acampamentos de verão tinham diretores. Depois, ele se aproximou de nós e primeiro meu pai apertou a mão dele; em seguida, o Sr. Holmes segurou a ponta dos meus dedos e fez uma ligeira medida. Inclinei a cabeça.

— Thea — disse meu pai. — Theodora, mas pode chamá-la de Thea.

Confirmei com um aceno de cabeça e corei. Eu não estava acostumada a lidar com estranhos, e o Sr. Holmes era atraente, com brilhantes cabelos castanho-escuros que pareciam precisar de um corte. As mangas de sua camisa estavam cuidadosamente puxadas para cima e, agora que ele estava mais perto, pude ver que, na verdade, ele não se parecia com meu irmão. Sam tinha um rosto aberto e alegre, com olhos arredondados cor de avelã — os olhos de nossa mãe. Sam sempre parecia tranquilo, bondoso. O rosto do Sr. Holmes estava um pouquinho tenso, os lábios apertados como se fizesse uma avaliação. E ele era um homem, com o sombreado de uma barba. Meu irmão era um menino.

Naquele momento, eu veria o rosto de Sam em qualquer pessoa. Eu havia pegado um de seus lenços com monograma, que era algo que adultos nos livros faziam, dar uma lembrança aos entes queridos. Mas é claro que Sam não tinha me oferecido nada; eu é que tinha tomado. O lenço permanecia aberto contra meu tórax, por baixo do vestido; ninguém no mundo, além de mim, sabia que ele estava ali. Apertei a mão contra a barriga e fitei o Sr. Holmes nos olhos, conforme minha mãe tinha me ensinado a fazer com estranhos. Eu não conseguia me lembrar de ter conhecido um homem com o qual eu não tivesse algum parentesco, embora certamente isso deva ter acontecido.

— Estamos contentes que tenha decidido se juntar a nós — disse ele, e sua voz parecia mais suave quando falou comigo, como se estivesse tentando mostrar solidariedade não com as palavras, mas com a maneira como elas soavam ao atingirem meus ouvidos.

Eu lhe disse que também ficava contente de estar ali. Ele deve ter adivinhado que algum fato desagradável fora responsável por minha chegada a Yonahlossee com a temporada já iniciada. Eu estava me matriculando no meio do verão; fiquei imaginando que desculpa meu pai tinha dado.

O Sr. Holmes nos levou pela alta escada até o Castelo, e, ainda que eu só fosse descobrir mais tarde que era assim que as pessoas chamavam o prédio, imaginei já naquele dia que parecia uma fortaleza, imponente e elegante. A escadaria era descoberta e devia ter acabado de chover, porque a madeira estava escorregadia. Subi com cautela. Duas lamparinas a gás ladeavam o alto da escada. As chamas gêmeas queimavam, em laranja e vermelho, dentro do vidro. O Sr. Holmes abriu a pesada porta de carvalho, pintada de azul-marinho com detalhes em amarelo, as cores da escola, e nos levou até a sala da frente, que funcionava como refeitório e local de oração.

O Sr. Holmes fez uma pausa diante da janela frontal envidraçada.

— Tão diferente da Flórida — comentou meu pai.

Ele sorriu para mim, e vi sofrimento em seu semblante. Seus cabelos tinham começado a ficar grisalhos nas têmporas no ano passado, e percebi, de repente, que meu pai ficaria velho.

O Sr. Holmes fez um aceno para que entrássemos em seu escritório, onde me sentei em um canapé de veludo marrom, enquanto ele e meu pai cuidavam dos trâmites necessários. Eu podia

sentir o Sr. Holmes me observando, mas não levantei o olhar.

Tossi, e meu pai virou o rosto.

— Você espera lá fora, Thea?

Não era, no entanto, uma pergunta. Saí e caminhei pelo hall do lado de fora do escritório. De onde eu estava, podia ver as mesas que já estavam postas para a próxima refeição, mesas que amanhã de manhã certamente estariam cheias de meninas. Centenas delas. Eu queria muito estar em outro lugar.

Retornei ao escritório do Sr. Holmes e deparei com uma parede de fotografias que, por algum motivo, eu não tinha reparado antes. Cavalos e, montadas neles, as meninas. Cheguei mais perto e li a pequena legenda gravada sob cada foto, toquei o metal e senti as palavras. Em cada placa, havia o nome de um cavalo e, embaixo, o nome de uma menina e depois, finalmente, *Primeiro Lugar, Torneio da Primavera*, e o ano. Algumas fotos datavam dos anos 1800. Os cavalos não tinham mudado muito, mas as primeiras meninas montavam de lado, as pernas penduradas inutilmente para um só lado do animal. Dava para perceber o passar do tempo, tanto pela qualidade das fotos quanto pelos nomes das moças, as vestimentas e os penteados; os dois últimos cada vez menores à medida que o tempo corria. Tantas pessoas tinham passado por este lugar. A fotografia mais recente era de uma menina alta com cabelos louros quase brancos e traços aristocráticos, montada sobre um gigantesco cavalo; o conjunto fazia o homem que estava próximo a eles, oferecendo o prêmio, parecer um anão. *Leona Keller*, estava escrito, *King's Dominion, Primeiro Lugar, Torneio de Primavera, 1930*.

Notei uma pequena mesa de tampo de mármore perto da porta do escritório do Sr. Holmes, com duas pilhas arrumadas de brochuras sobre ela. Escola de Equitação Yonahlossee, dizia a primeira, *Oferecendo temporadas equestres de verão para moças desde 1876*. Logo abaixo do texto via-se uma fila de garotas sorridentes, vestidas com blusas e saias brancas, cada uma delas segurando a rédea de um cavalo. As orelhas dos animais estavam todas apontadas para cima, a atenção voltada para algo atrás da câmera.

A princípio, pensei que as brochuras na outra pilha fossem apenas versões anteriores. Nas capas, uma foto do que deve ter sido todo o corpo discente, uma massa de garotas enfileiradas e empertigadas, todas fitando a câmera com olhares solenes. Escola de Equitação Yonahlossee, escrito com a mesma letra, *Educando moças desde 1902*.

Ouvi uma voz atrás da porta do escritório do Sr. Holmes e me afastei em direção à janela. Apoiei uma das mãos na vidraça, meu polegar bloqueando metade de uma cadeia de montanhas. A vista era espetacular, eu nunca vira nada parecido. A Flórida era plana e quente, mas, pelo que eu podia ver por esta janela, aqui havia picos de montanhas cinzentos, salpicados de árvores, perfurando as nuvens que permaneciam tão baixas que não deviam ser nuvens comuns. As nuvens que eu conhecia flutuavam, altas, nos céus.

Eu não estava tão enfurecida assim com minha situação a ponto de não ser capaz de discernir o que era belo.

* * *

Fui designada para a Casa Augusta. Todos os alojamentos tinham nomes inspirados em parentes

dos fundadores: havia a Casa Mary, a Casa Spivey, a Casa Minerva. O Sr. Holmes nos conduziu, a mim e a meu pai, pelo meio da Praça, mas eu seguia um ou dois passos atrás deles, para não precisar falar. As passadas do Sr. Holmes eram enormes; ele era alto e delgado e muito maior que meu pai, que sempre fora do tipo baixinho. Sam, que crescera como uma erva daninha nos últimos meses, agora estava mais alto que ele. Meu irmão deveria estar comendo naquele momento, ou — como saber? — talvez o jantar já tivesse terminado. Talvez ainda estivesse usando as roupas do dia: short e uma camisa de linho de botões, o traje ideal para tornar o sol mais suportável. Nunca usávamos camisas com mangas compridas no verão, mas em Atlanta todo homem que eu já encontrara vestia um terno completo, apesar do calor. O Sr. Holmes usava um terno agora e tinha saído com papai do escritório vestindo um paletó.

Meu pai caminhava com passos rápidos, para acompanhar o ritmo, e queria deixar as mãos nos bolsos, mas as retirava constantemente, por puro instinto, para manter o equilíbrio.

Fiquei pensando se seria capaz de reconhecer a parte de trás da cabeça de papai no meio de uma multidão. Sem dúvida eu reconheceria a cabeça de Sam, os cabelos grossos que mamãe tentava alinhar sempre que passava perto dele, adotando o hábito de alisar sua cabeça.

O Sr. Holmes abriu a porta da Casa Augusta e entrou primeiro, mas antes disso se virou e me deu um leve sorriso; pude ouvi-lo dizer às meninas que elas tinham uma visita, e quando meu pai e eu entramos, um instante depois, cinco garotas estavam de pé ao lado de seus beliches, as mãos às costas, sem esboçar qualquer movimento. Já estava quase escuro agora, e a luz vinda de uma arandela na parede era a única fonte de iluminação do quarto. Achei estranho que o Sr. Holmes, um homem adulto, tivesse entrado no alojamento cheio de meninas sem bater. Mas elas sabiam que ele viria. Imaginei o que mais saberiam.

— Esta é Theodora Atwell, que veio da Flórida para ficar conosco.

Uma após a outra, as meninas fizeram um aceno com a cabeça, e o pânico tomou conta de mim. Será que elas faziam tudo assim, em seqüência? Como eu saberia?

— E estas — o Sr. Holmes as apresentou, começando com a garota da esquerda — são Elisabeth Gilliam, Gates Weeks, Mary Abbott McClellan, Victoria Harpen e Eva Louise Crayton.

— Prazer em conhecê-las — eu disse, e todas inclinaram as cabeças ligeiramente.

Elisabeth, a primeira menina, relaxou a postura e quebrou a rigidez estabelecida, e fiquei grata por isso. Eram só garotas, como eu. Ela colocou uma mecha do cabelo castanho atrás da orelha e sorriu, um sorriso meio torto. Parecia ter um bom coração. Gostei de seus olhos azuis; eram bem afastados, como os de um cavalo. Ela seria minha amiga Sissy.

Fiquei pensando, naquele alojamento tão mal iluminado e que cheirava tanto a madeira, o que havia trazido cada menina até ali. Ou quem as trouxera. Cada uma de nós tinha uma cama num beliche, um pequeno armário, um lavatório, uma escrivaninha, um toucador. As monitoras da casa dividiam um quarto em outro alojamento; nós, as meninas, ficávamos completamente sozinhas. Peguei a mão do meu pai, que estava ao meu lado, e esperei que as outras meninas não me considerassem infantil. O aperto dele me surpreendeu, e então percebi que era verdade, que ele realmente iria me deixar ali. Puxei minha mão e dei um passo à frente.

— Estou feliz por estar aqui.

Meu pai me deu um beijo no rosto e me apertou contra ele, em uma espécie de meio abraço esquisito; eu fiquei constrangida em vez de triste, todas essas meninas nos observando. O Sr. Holmes desviou o olhar, educadamente. Então eles saíram, e fiquei ali sozinha, naquele quarto

cheio de garotas, me sentindo aterrorizada. Eu estava acostumada ao sentimento de medo — ele se infiltrava em meu cérebro cada vez que eu tentava um salto mais alto —, mas tratava-se de um medo acompanhado de certa excitação.

Eu observava os rostos ilegíveis de todas as garotas enquanto elas me observavam e eu sentia um medo que nunca sentira antes. Não havia para onde fugir, não havia ninguém para me consolar, a não ser eu mesma. Comecei a cruzar os braços na frente do peito, mas então o instinto me interrompeu: não queria que nenhuma delas percebesse que eu estava com medo.

— Theodora? — perguntou a menina bonita meio cheinha, e me lembrei de seu nome. Eva.

— Thea — balbuciei. Mas eu não vinha de uma família que balbuciava. Pigarrei. — Thea. Um apelido.

— Bem, assim é melhor — retrucou Eva, e riu. — Theodora é grande demais.

Hesitei — será que ela estava caçoando do meu nome? Mas então ela deu um tapinha no beliche ao lado dela.

— Este é para você. Você fica por baixo.

Sissy riu. O som me sobressaltou, depois me confortou.

— Você já dormiu em um beliche? — perguntou ela. — Eu também durmo na parte de baixo. É pior, mas você chegou tarde.

Aponte para minha mala, que permanecia ao pé da cama; apontar indicava falta de modos, agora as meninas iam pensar que eu era mal-educada, mas parecer sem educação era melhor do que explicar por que eu tinha chegado tão tarde.

— Minha mala já está aqui.

— Foi um dos homens que trouxe — Mary Abbott se meteu na conversa. A voz dela soava débil.

— Mas não o bonitão! — acrescentou Eva, e Sissy riu.

Gates, sentada à mesa escrevendo algo — uma carta? para quem seria? —, virou-se e percebeu que ela não aprovava aquilo.

— Ah, Gates — disse Eva. — Não seja tão séria. Só estamos conversando. — Eva se voltou para mim, languidamente; ela se movimentava como se não ligasse para nada no mundo. — Existem dois homens aqui que se incumbem das tarefas. Um é muito bonito. E o outro... você vai ver.

Senti meu rosto ficar quente e imediatamente caminhei até a cama, de modo que as outras meninas não reparassem. Eu corava facilmente. Ocupei-me da mala e, depois de um momento, notei que todo mundo estava se trocando, vestindo a camisola. Tirei minhas roupas depressa — nunca na vida outra garota tinha me visto nua. Só minha mãe, e ela não era uma garota. Tomei cuidado de esconder o lenço quando tirei a roupa — elas iam me achar infantil se vissem que eu tinha escondido um pedaço de tecido de meu irmão entre minhas roupas. Ou pior do que infantil: esquisita.

Nossas camisolas eram todas iguais — a minha fora colocada em cima da cama: um vestido solto de algodão macio, com decote em V, bainha na altura da canela, as iniciais *EEY* bordadas acima de peito esquerdo. Sobre nossos corações. A camisola que eu trouxera tinha gola alta, punhos franzidos e ia até o tornozelo. Teria me denunciado imediatamente. Minha mãe me dissera que eu usaria uniforme; por isso, não precisei colocar muita coisa na mala. A ideia tinha

me deixado enfurecida. Eu seria tratada como todo mundo! Mas agora eu estava satisfeita. Não sabia que minha camisola era completamente inadequada.

As meninas saíram aos pares — Eva e Sissy, Gates e Victoria — até que só restamos Mary Abbott e eu. Não tive escolha a não ser segui-las. Eu não queria perguntar para onde estávamos indo, mas o fiz.

— Para as latrinas. Sei o que está pensando: como não temos um banheiro em nosso alojamento? — perguntou. Ela baixou a voz como se estivesse conspirando: — Eles acham que é bom para nós. — Seu sotaque sulista era bem forte. O Sr. Holmes tinha sotaque, mas não eu conseguia defini-lo. Ele falava em um tom entrecortado, o oposto de como falava todo mundo na Casa Augusta. Eu não tinha sotaque algum, não em comparação a essas meninas. — Pelo menos temos água encanada. E água corrente para os banhos.

Concordei com Mary Abbott, insegura sobre a melhor maneira de responder. Eu sempre tivera água encanada e água corrente.

Eva e Sissy passaram por nós ao retornarem para o beliche, assim como outros pares de meninas. Parecíamos fantasmas naquelas camisolas, e odiei aquele lugar, odiei aquelas garotas, meu primeiro sentimento claro e incontestado desde que eu chegara. Apertei mais o xale em volta dos ombros e odiei minha mãe.

O recinto das latrinas estava impecável — o que me deixou grata. Não quis esperar por Mary Abbott, corri de volta para o beliche sem precisar cruzar olhares com ninguém. Quando tínhamos passado por Eva e Sissy, percebi pelo modo como sorriram que Mary Abbott não era alguém que eu iria querer manter como par. Eu já estava deitada quando Mary Abbott entrou; ela me olhou por um longo segundo, um olhar tristonho, pensei, mas não havia motivo para isso, porque ela só me conhecia há uma hora — e então alguém entrou no alojamento, jovem demais para ser uma mulher, velha demais para ser uma menina. Ela mal olhou para nós. Quando me avistou, fez um aceno com a cabeça:

— Theodora Atwell. Fico contente de ver que já se acomodou. — E apagou as luzes. — Boa noite, meninas — disse ela em voz alta ao sair do quarto.

— Boa noite, Henny — respondeu todo mundo, em unísono.

As meninas desejaram boa-noite, umas para as outras, em sussurros sonolentos; achei que já tivessem terminado quando Eva falou:

— Boa noite, Thea — sussurrou ela, e todas as outras meninas seguiram a deixa, meu nome sendo murmurado cinco vezes, e pareceu surpreendente que eu soubesse que voz pertencia a quem; pareceu surpreendente que essas garotas já estivessem me disputando.

A última menina que eu conhecera fora Milly, uma vizinha na Flórida, e ela já tinha se mudado havia anos. Carregava sempre uma boneca. Eu a achava maçante, o que em minha família era a última coisa que você gostaria de ser. Outras pessoas eram maçantes; os Atwell eram interessantes.

Sam gostava de Milly, porém. Ela o ficava observando cuidar dos terrários dele, ela o ajudava a cortar os galhos das árvores em tamanhos que facilitassem a lida, ouvia com interesse meu irmão explicar como seu enorme sapo-boi transmitia veneno das glândulas por trás dos olhos. Apenas Sam era capaz de levantar o sapo; quando eu tentava, ele inchava até atingir o dobro do tamanho normal. Sam exalava um ar de zelo em que os animais confiavam. As pessoas, também.

Não gostei de ver Milly lá com Sam, quando voltei de uma cavalgada. Então roubei a boneca dela e a enterrei atrás da cocheira. Ela nunca mais voltou à nossa casa.

Sam sabia o que eu tinha feito. Eu fora cruel, e ele detestava crueldade. Acho que meu irmão não compreendia isso, o impulso de prejudicar outro ser vivo. Por isso ele não consegue cavalgar. A ideia de pressionar uma espora contra a superfície suave de um cavalo, ou de levantar um chicote para um animal estúpido — bem, Sam não conseguia imaginar esse tipo de coisas.

Ele ficou com vergonha de mim, e eu quase fiquei com vergonha de mim mesma, mas logo Milly foi esquecida, enterrada na poeira da memória de uma criança.

Uma das meninas murmurou algo sem sentido, falando enquanto dormia.

— Shh... — fez Gates —, shh... — E o murmúrio cessou.

Em nossa primeira parada em Atlanta, meu pai e eu dormimos em quartos separados. Nunca tínhamos viajados sozinhos antes, então eu não sabia como interpretar isso, mas em meu grande quarto de hotel eu chorei, e depois me dei um tapa por ter sido tão boba e desesperada: não era nada, disse a mim mesma, recomponha-se. Eu tinha adormecido com o barulho dos automóveis sob minha janela, imaginando se meu pai ouvia o mesmo som no quarto do outro lado do corredor, imaginando se pelo menos ele estava acordado para escutar o barulho ou se estava morto para o mundo.

Os automóveis do lado de fora da janela me fizeram sentir menos solitária, embora isso fosse uma tolice — os homens e as mulheres dentro daqueles carros não eram meus amigos.

Fiquei pensando se Sam ainda estaria acordado, ouvindo os grilos de Emathla. Fiquei pensando o que mais ele tinha escutado hoje, o que mais havia feito. Mamãe ainda estaria acordada, lendo, escutando o rádio; papai ainda estaria dirigindo, se eu fosse adivinhar, serpenteando cautelosamente por entre as montanhas.

Pensei em meu primo, Georgie, e quis chorar, mas não ia me permitir. Eu já tinha chorado o suficiente por uma vida inteira. Por duas vidas inteiras. Três.

* * *

Na manhã seguinte, fui acordada por um sino. Sentei-me depressa e bati a cabeça no beliche. O rosto de Eva apareceu perto do meu, vindo da cama de cima.

— Você parece um morcego — eu disse, e ela me olhou sonhadora; admirei sua pele bonita, as bochechas cheias.

Massageei meu couro cabeludo e esperei que as outras meninas se levantassem. Porém, ninguém se mexeu por alguns minutos; em vez disso, permaneceram na cama, bocejando e se espreguiçando. Eu nunca tinha ficado sozinha com tantas garotas por tanto tempo. Mamãe mandara a mim e Sam para a escola de Emathla durante duas semanas, antes de decidir que não era boa o suficiente para nós; no entanto, as diferenças entre mim e as outras crianças, filhas de pessoas do campo, ficaram bem claras. Aqui eu não sabia como me posicionar.

Todas as meninas pareciam atordoadas, deitadas nas camas. Eva era a mais alta de todas; Mary Abbott, a mais baixa. Victoria era a mais magra, mas era magra demais, com uma clavícula tão acentuada que ela parecia desnutrida. Meu cabelo não era escuro nem claro; eu não era alta nem baixa. Em casa, quase nunca via outras crianças. Papai nos ensinava as lições, e

quando Sam e eu chegávamos a ver outro menino ou outra menina na cidade, eles sempre nos olhavam de perto, porque éramos gêmeos e parecidos de uma forma estranha: ambos tínhamos o nariz forte de nosso pai, e as maçãs do rosto altas e largas. Nossos rostos pareciam esculpidos, mamãe dizia. E ambos tínhamos os cabelos de mamãe, de um castanho-avermelhado vivo e grosseiramente ondulados. Pareciam o mesmo, quando você tocava. Nossa semelhança fazia com que chamássemos atenção onde quer que passássemos. Aqui, sem Sam, eu era como qualquer outra pessoa, exceto pelo fato de ser um pouco mais bronzeada, por causa do sol da Flórida.

Outra pessoa entrou, claramente uma criada — eu soube por causa do uniforme.

— Bom dia, Docey — disse Eva.

Docey sorriu rapidamente na direção dela e então despejou água em cada um de nossos lavatórios. Depois, todo mundo se levantou e se dirigiu até eles — que eram lisos e simples, feitos de nogueira, mas com as vasilhas lindamente pintadas com flores delicadas. A borda do meu estava lascada. Docey era menor do que qualquer uma de nós. Eu diria que ela não tinha mais do que um metro e meio, mas era robusta, com cabelos castanho-claros presos em um coque apertado, e era vesga. Falava com um sotaque bruto e rápido, sulista, mais confuso do que o das outras. Tempos depois, eu iria descobrir que sua fala revelava que ela vinha da parte mais pobre de Appalachia.

Após nos lavarmos e nos vestirmos, atravessamos a Praça em direção ao prédio que eu visitara na noite anterior, com papai. Eu tinha dormido com o lenço de Sam embaixo do travesseiro. Eu queria colocá-lo por baixo das minhas roupas de novo, mas o risco de Eva ou Sissy — era elas que eu queria impressionar mais — pudessem ver era alto demais. Aparentemente, pela manhã, precisávamos estar completamente vestidas antes de sairmos do dormitório.

Quando coloquei o pé do lado de fora, fiquei chocada com a massa de meninas. Havia muitas, todas vestidas com blusas e saias brancas com golas peter pan, e o monograma azul-marinho *EEY* bordado sobre o coração. Acho que para me preparar, meu pai me dissera que haveria quase duzentas meninas, mas eu não estava preparada, não para esse exército. A única coisa que de imediato as diferenciava era o cabelo — uma garota com cachos apertados espiou na minha direção e cochichou algo no ouvido da amiga, e percebi que eu estava com um olhar abobalhado. Aproximei-me da multidão e procurei manter o ritmo, procurei acertar meu passo com o delas. Olhei para as pernas de todas as meninas e percebi que ninguém usava meia; da cintura para baixo, todas parecíamos um bando de crianças.

Sissy me alcançou. Seus cabelos castanhos tinham um moderno corte chanel. Toquei meus cabelos, que caíam sobre os ombros. Eu queria aquele corte, mas mamãe não tinha deixado.

— Você caminha rápido — disse ela.

Reduzi o ritmo.

— É verdade.

— É quente na Flórida. — A voz dela era rouca; fazia um contraste acentuado com seus traços delicados.

— De onde você é? — perguntei.

— Monroeville.

Ela agiu como se eu tivesse que saber onde ficava. Fingi que sabia.

— O que seu pai faz? — perguntou ela.

— Ele é médico. E possui um pomar de laranjas. — A última parte não era tecnicamente verdadeira, as frutas eram da família da minha mãe, mas supus que possuir terras significaria uma vantagem ali.

— Adoro laranjas! — disse e sorriu aquele sorriso torto, que retribuí, ao ver seu entusiasmo.

As laranjas não eram um deleite para mim. Eram um fato consumado.

— O que seu pai faz? — perguntei.

— Administra os negócios de meu avô. E monta a cavalo. Foi por isso que me enviou para cá, para aprender a montar. Mas acho que não levo muito jeito.

— Não?

— É sujo demais — explicou. Depois acrescentou depressa: — Mas não pense que eu sou assim. — E me olhou de soslaio. — Simplesmente gosto mais de outras coisas.

Fiquei surpresa com o som de minha risada. Eu não ria há semanas.

As outras meninas se aglomeraram ao nosso redor quando entramos no refeitório. Agrupadas em mesas cobertas com toalhas de tecido, elas conversavam, e eu pude perceber que gostavam dali, se sentiam à vontade.

Sissy apontou minha mesa, onde Mary Abbott, Victoria e Henny estavam sentadas entre outras garotas. Mary Abbott deu uma risada eufórica quando me viu, eu a retribuí com um pequeno sorriso e, em seguida, escolhi o assento mais distante do dela.

— Olá, Theodora — disse Henny.

Eu ia falar meu apelido, mas Mary Abbott se intrometeu.

— Ela atende por Thea.

Henny nem reparou no que Mary Abbott disse e continuou apresentando as outras da mesa, uma mescla de meninas mais velhas e mais novas e uma professora, a Srta. Metcalfe, que tinha uma pele muito macia e dentes pequenos e perolados.

Havia pratos quentes — ovos, bacon e presunto, muffins de framboesa, mingau de milho — mas eu não tinha nenhum apetite. Na maior parte do tempo, todo mundo me ignorou, e fiquei agradecida por isso. Pensei que Sam teria adorado toda aquela comida; ele começara a comer tal qual um cavalo nos últimos meses. Eu sabia onde ele estaria naquele exato momento: fora de casa, cuidando de algum animal machucado, ou alimentando os insetos em um de seus terrários, rearrumando um galho de modo que um lagarto tivesse um lugar melhor para tomar sol. Nem sempre ele tinha um animal machucado para cuidar, mas estava tomando conta de um ninho de esquilinhos há algumas semanas. A mãe deles havia desaparecido.

— Eu posso fazer uma pergunta? — disse Molly, mais ou menos no meio da refeição.

Ela tinha os dentes da frente grandes, o que a fazia parecer mais jovem do que era. Seus cabelos castanhos e finos caíam lisos, uns dois centímetros abaixo da cintura. Precisavam de um corte.

— Eu *poderia*... — corrigiu Henny.

Ela era rechonchuda, com um queixo duplo e uma verruga mal posicionada na têmpora esquerda. Não era feia, mas lá estava a verruga. Eu não gostava de Henny, mas fiquei aliviada com a presença dela, uma quase adulta que, juntamente com a Srta. Metcalfe, estava ali para

manter a ordem.

Molly continuou:

— Por que você chegou tão tarde?

— Perdão?

— Por que não chegou no início da temporada, como todas nós?

Esperei que Henny interviesse, mas ela ficou sentada, quieta, como as demais, me observando. Alice Hunt Morgan, de Memphis, Tennessee, passou o dedo pela borda do copo. Eu a chamaria de Alice e ela me corrigiria: Alice Hunt, ela diria, esse é meu nome completo. Agora todas esperavam minha resposta. Estavam curiosas, e eu não podia culpá-las: eu era uma intrusa.

— Foi um presente de aniversário tardio — esclareci. — Estávamos na Europa nas férias porque fica quente demais na Flórida durante o verão. — Fiz uma pausa. As meninas esperaram, as cabeças inclinadas. Molly enrolava uma mecha do cabelo desgrenhado entre os dedos. — Nós vamos todo ano e eu desejava muito ir, mas meu pai queria que eu viesse para cá de qualquer forma. Então ele organizou assim. — Encolhi os ombros, como se dissesse que tudo estava nas mãos de adultos generosos e capazes.

— Onde na Europa? — perguntou Molly, mas então as outras meninas já haviam se cansado de mim e tinham voltado aos próprios assuntos.

— Paris — respondi. — Adoro Paris no verão.

Molly concordou, satisfeita, e desviou o olhar. Toquei minha cabeça procurando um ponto dolorido da batida da manhã, mas não havia nada. Olhei para o outro lado do cômodo e vi Sissy, que sorriu para mim. Sorri de volta.

— Thea — chamou Henny. Então ela ouvira Mary Abbott; Mary Abbott era uma menina que costumava ser ignorada. — Beba tudo. — Ela apontou para meu leite.

Contemplei o copo, que mal fora tocado. Em casa, bebíamos suco de laranja ou de toranja, dependendo da época. Nunca leite. Mamãe tinha aversão a leite. Às vezes misturávamos leite ao chá, ou Sam e eu tomávamos com a sobremesa. Em Yonahlossee, logo eu iria saber, no almoço, um jarro de vidro de chá doce gelado, um pedaço de gelo flutuando no âmbar, ficaria perto do prato de Henny, e ela o serviria cuidadosamente. Esse chá gelado era grosso e xaroposo e, tenho de admitir, delicioso. Anos depois eu sentiria desejos de beber esse chá gelado, seu peso fresco sobre a língua, o amargor do chá forte compensado pelas copiosas quantidades de açúcar; eu viria a descobrir que sentir falta do chá doce de Yonahlossee era como uma tradição.

No entanto, isso viria mais tarde. Naquele momento, eu fitava meu pálido copo de leite e tentava não chorar.

— Thea — repetiu Henny, a voz baixa, mas eu sabia que iria chorar se olhasse para cima.

Então senti seu olhar se levantar; todas viraram os assentos na mesma direção e achei que fosse alguma forma estranha de sair, até que ouvi a voz dele.

— Bom dia, meninas — cumprimentou o Sr. Holmes.

— Bom dia, Sr. Holmes — todas responderam em coro, menos eu, e o Sr. Holmes pareceu secretamente encantado com a reação, mesmo que ele a ouvisse todas as manhãs.

Depois de transmitir os anúncios da manhã e liderar uma oração, uma mulher se aproximou de mim, velha demais para ser uma monitora. Era baixa e rechonchuda, com um rosto bonito.

— Sou a Sra. Holmes, a diretora. Acompanhe-me. — Ela apontou a escada na extremidade da sala.

Tentei não expressar minha surpresa, mas ela percebeu assim mesmo, e me olhou por um instante longo demais, de forma que eu compreendesse que havia cometido um equívoco. Porém, eu também sabia que não podia ser a primeira pessoa a ficar surpresa com o fato de ela ser casada com o Sr. Holmes. Quando a vi de manhã, pensei que fosse a governanta, ou alguém da equipe de funcionários; mesmo do outro lado da sala, ela aparentava um jeito de matrona intrometida. Ocorreu-me que ela era impaciente. Eu a segui, obediente, andando devagar para não ultrapassá-la. A cintura dela parecia anormalmente fina, como se estivesse apertada por algo, e percebi que ela devia estar usando um corselete. Nem mamãe usava corselete, mas mamãe era tão magra que não precisava disso.

O escritório da Sra. Holmes ficava no terceiro andar, e, quando chegamos lá, ela estava sem fôlego. Enquanto ela abria a porta, fiquei perto o suficiente para ver como seus cabelos castanhos estavam bem presos em um coque; ela estava ficando grisalha, e isso dava para ver de longe.

O escritório era elegantemente decorado, com o canapé que ela apontou para que eu me sentasse com o estofado de um padrão de xadrez moderno.

— Theodora Atwell. Você está na mesa de Henny? — Antes que eu pudesse responder, ela continuou. — Conheço Henny há muito tempo. Ela é extremamente capaz. — Parecia um aviso. A Sra. Holmes baixou o olhar para os papéis a sua frente. — De Emathla, Flórida. Sempre achei que ser jardineiro na Flórida devia ser sublime. Lá se pode plantar qualquer coisa.

Minha mãe dizia exatamente o mesmo. Mas eu não queria pensar nela.

— Todo mundo me chama de Thea.

— Ah, eu sei — disse a Sra. Holmes, sorrindo para mim.

Fiquei pensando se o Sr. Holmes já teria dito a ela como me chamar, se eles conversavam sobre as meninas. Provavelmente sim.

— Diga-me, Thea — começou ela, enquanto se acomodava na pequena cadeira de madeira lustrosa e me fitava do outro lado da mesa, feita da mesma madeira, também lustrada até brilhar —, você está gostando até agora?

— Muito — respondi, porque não havia mais nada que eu pudesse dizer.

— Os fundadores de Yonahlossee eram pessoas muito progressistas. Eles abriram este acampamento em 1876, onze anos após a Guerra Civil. Por que, Thea, essa foi uma época tão importante na história de nosso país?

Pelo menos isso eu sabia. Meu bisavô tinha fugido da Guerra Civil.

— Porque o Sul era inacreditavelmente pobre. Porque era uma época horrível para essa parte do país. O mundo estava mudando rapidamente, e ninguém sabia o que aconteceria com o Sul.

Eu a tinha impressionado.

— Sim. — Ela balançou a cabeça concordando. Depois me contou sobre Louisa e Hanes Bell, que nunca tiveram filhos, mas que se impuseram a missão de fornecer um espaço de verão para as mulheres naquele mundo que mudava tão rapidamente, disse ela usando minhas palavras. Lugares como este só existiam no Norte, para moças e rapazes, e no Sul, para rapazes, mas os Bell perceberam tal deficiência e decidiram saná-la.

“E depois o acampamento virou uma escola, à medida que crescia a demanda. — Antes ela soava como se estivesse repetindo um discurso decorado. Agora ela me olhava, concentrada, mas eu não sabia por quê. — Então neste momento Yonahlossee é um acampamento equestre

para algumas moças e escola para outras. Mas em ambos os casos é um local para as jovens aprenderem a se tornarem damas. Porque, Thea, tornar-se uma dama não é algo que simplesmente acontece, como em um passe de mágica. — Ela estalou os dedos e depois balançou a cabeça. — Não, muito pelo contrário: tornar-se uma dama é uma lição que deve ser aprendida.

“Neste mundo de incertezas — concluiu —, uma dama é mais importante do que nunca.

Ela estava se referindo à crise econômica, obviamente. Parecia triste pensar que os Bell nunca tinham tido filhos, principalmente porque haviam dedicado a vida aos jovens. Devia existir algo errado com os órgãos de Louisa. Eu não tinha uma ideia exata sobre o que a Sra. Holmes queria dizer: ela poderia até estar falando grego. Uma dama agora era mais importante do que nunca?

— E o nome? — perguntei, porque a Sra. Holmes me fitava de modo esperançoso. — Yonahlossee?

— Ah. — A Sra. Holmes fez um gesto curto com o dedo. — Um velho nome indígena. Não tem nada a ver com o lugar, na verdade. Era o nome do cavalo da Sra. Bell.

Esperei que ela continuasse, que dissesse algo sobre atividades ligadas à equitação. Ri comigo mesma; Sasi também era um velho nome indígena. Mamãe dera esse nome já que eu não tinha conseguido pensar em nenhum outro. Sasi era uma antiga palavra muskoguee que significa “está aqui”. Como em “a flor está aqui”. Mamãe dissera exatamente isso. Eu me lembrava de sua voz com toda clareza.

— Espero que você goste daqui. — A Sra. Holmes colocou os cotovelos sobre a mesa e me encarou com ar franco, as mãos pequenas entrelaçadas à sua frente.

— Sinto que vou gostar.

E eu tinha gostado, um minuto atrás, tinha gostado de ouvir a respeito de Louisa Bell; Yonahlossee parecia um lugar melhor agora que seu nome fora inspirado em um cavalo. Mas lembrar-me de mamãe, e de Sasi, me deixara chateada de novo.

— Sua mãe estava certa de que você gostaria.

Fiquei confusa por um segundo — ela tinha lido minha mente?

— Sou amiga de sua mãe. Uma velha amiga.

Impossível. Minha mãe não tinha nenhuma velha amiga; nós éramos tudo de que ela precisava. Quantas vezes eu a ouvira dizer que ela e papai tinham se deparado com sua utopia particular no interior da Flórida?

— Você tem o cabelo dela — disse a Sra. Holmes, e então percebi que era verdade, que ela tinha conhecido minha mãe.

— Frequentamos a escola de etiqueta juntas — ela continuou —, em Raleigh. Da Srta. Petit.

Meus olhos ficaram embaçados, e pensei por um instante que eu estava tendo uma reação alérgica, como um dos pacientes de papai; alergia a uma picada de abelha, a uma fruta.

Mordi o lábio, e ficou difícil de respirar; então, comecei a chorar.

— Ah, Thea, eu não queria aborrecê-la. Sua mãe não lhe contou que nós nos conhecíamos?

Balancei a cabeça, negando.

— Sim, sei tudo sobre você. Ela confiou você a mim, de certa forma. Outro lugar talvez não fosse adequado.

Depois de um instante, a Sra. Holmes perguntou:

— Estamos entendidas, Thea?

Concordei com um aceno de cabeça.

— Por favor, olhe para mim.

Fiz o que ela pediu. Os olhos da Sra. Holmes eram amendoados. Que eu estivesse encarando os mesmos olhos que minha mãe uma vez encarara parecia impossível.

— E há outra coisa: se você reparar qualquer coisa fora do comum, qualquer coisa... física, por favor, venha me procurar imediatamente.

— Física? — repeti.

— Física. Espero que você saiba o que quero dizer quando acontecer.

Eu disse que entendia, embora não fosse verdade.

Enquanto eu caminhava sozinha em direção às cocheiras, para a avaliação que faria, pensei que talvez ela estivesse se referindo ao meu ciclo menstrual. No entanto, eu já tinha passado por isso e sabia como agir.

Fiquei feliz que nenhuma menina tivesse conseguido ver meus olhos vermelhos; ainda bem que pude caminhar para me recompor. O que eu supunha era que Yonahlossee fosse um local ao qual eu tivesse chegado por acaso, pelas circunstâncias.

O caminho após as latrinas se estreitava e se transformava em uma aleia com largura suficiente para duas pessoas passarem; havia árvores de ambos os lados, bloqueando a maior parte da luz do sol. Estremeci e fiquei aliviada quando emergi subitamente em um amplo círculo de terreno plano, limitado pelas montanhas.

Arquejei, mesmo sem querer; dissera a mim mesma que tentaria não ficar surpresa com o que houvesse de novo em Yonahlossee. Mas eu jamais tinha visto nada parecido; eu nem sabia que algo assim existia. Havia três galpões de pedra, formando uma fila, e tinham uma estrutura sólida, em comparação com a cocheira da minha casa, como se abrigassem um exército de cavalos. A cocheira da minha casa nem podia ser considerada uma verdadeira cocheira se comparada às daqui — agora eu percebia isso. Os cavalos estavam com as cabeças para fora das janelas das baias, e vi um apalusa com a cabeça pintada, uma raça sobre a qual eu só tinha lido, nunca tinha visto.

Muitos cavaliços se movimentavam por toda parte, empurrando carrinhos de mão ou puxando cavalos. Um homem me flagrou olhando e me virei, ruborizada; ele parecia uma versão masculina de Docey, magro e nervoso, eficiente.

Havia cinco picadeiros de equitação, dois para saltos. Tudo parecia novo e perfeito, os picadeiros recém-revolvidos, as cercas recém-pintadas. Fiquei pensando de onde Yonahlossee conseguia toda a sua verba. As poucas cidades que tínhamos atravessado no caminho pareciam muito pobres — os prédios caindo aos pedaços, as pessoas sujas —, mas eu sabia que estávamos passando por Appalachia, que afinal era pobre mesmo, independente da crise financeira. Papai mencionou uma estiagem terrível. Outra referência a coisas desagradáveis e pouco características, mas eu aprendia rapidamente que minha vida estava se transformando em uma série de surpresas.

— Inesperado, não é? — uma voz perguntou, e dei meia-volta para encontrar um homem de pé à minha esquerda. A seu lado, havia um cavalo já selado e com as rédeas.

— O senhor me assustou — falei, a mão espalmada sobre o coração. Eu esperava que meus olhos vermelhos não me denunciassem.

O homem riu. Ele tinha sotaque alemão; eu havia conhecido um alemão antes, o Sr. Buch, que visitava meu pai todo ano para tratar das laranjas.

— O senhor é alemão?

— Sim. Sou o Sr. Albrecht.

— Meu nome é Thea Atwell, prazer em conhecê-lo.

Fiz uma pequena mesura, para compensar minha rudeza. Reconheci o Sr. Albrecht pelas fotos penduradas na parede. Ele era o homem que entregava os prêmios. Era extremamente magro, com um queixo achatado, o que me surpreendeu. Pensei que os alemães tivessem queixos quadrados. Mas a pele dele era macia, para um homem, e os dentes, alinhados. Ele era, se não bonito, pelo menos passável. Parecia ter a idade do meu pai.

— E este — disse ele — é Luther. — Ele afagou o pescoço de Luther, que baixou a cabeça e me observou.

Luther era um cavalo rústico, de um castanho comum e com uma cabeça grande demais e orelhas pequenas. Mas tinha olhos dóceis.

— Ele é o primeiro cavalo que todo mundo aqui monta. Seu pai comentou que você é uma amazona experiente.

— Sou, sim.

— Provavelmente não terá qualquer problema com Luther. Dê uns tapinhas nele nos saltos, mantenha firmeza nos duplos. Ele vai saltar qualquer obstáculo, mas às vezes refuga se você for tímida.

O Sr. Albrecht me ajudou a montar, e acomodei-me na sela enquanto ele ajustava os estribos. Meu coração estava acelerado, em uma mescla do choque que eu tinha experimentado com a Sra. Holmes e da ansiedade de montar na frente de um estranho. Luther era enorme, cerca de dezesseis palmos de comprimento, talvez dezessete, o maior cavalo que eu já tinha montado. Isso não importa, dizia para mim mesma. Controle é controle. O Sr. Albrecht traçou o caminho, e eu o segui até o último picadeiro. Ele me deu dez minutos para aquecer, e trotei em volta do picadeiro, testando Luther. Puxei a rédea esquerda e ele puxou para trás; dei um tranco violento. O Sr. Albrecht permaneceu perto do portão, observando. Sua aparência era ao mesmo tempo formal e relaxada; ele estava de pé com as mãos nos bolsos, a cabeça inclinada, a camisa branca impecável, culotes caprichosamente passados e pregueados.

Tentei ignorar a figura do Sr. Albrecht me observando cavalgar. Quando ele me disse que estava na hora, interrompi o trote de Luther e o fiz passar para o meio galope; queria os reflexos dele aguçados. Outro homem havia se juntado ao Sr. Albrecht perto do portão; estreitei os olhos: Sr. Holmes. Ele acenou e inclinei a cabeça. Eu não usava capacete, ninguém usava naquele tempo e, embora algumas pessoas usassem luvas, elas deixavam minhas mãos sem sensibilidade. Os obstáculos que eu devia saltar tinham cerca de um metro de altura; não tínhamos medo de nada. Não sabíamos que havia algo a se temer.

Concluí a pista um tanto embotada. Nunca conseguia me lembrar de minhas pistas depois de terminá-las, alguém tinha que me dizer se eu havia deixado cair um obstáculo ou se fizera uma curva errada. Após saltar o último obstáculo, trotei com Luther em torno do perímetro do picadeiro esperando aliviar a tensão em ambos os corpos. Aproximei-me do local onde estava o Sr. Albrecht; o Sr. Holmes tinha ido embora.

O Sr. Albrecht fez um sinal afirmativo com a cabeça e deu uns tapinhas no pescoço de

Luther.

— Deixe que ele esfrie. Você foi bem.

Eu ainda podia ver o Sr. Holmes; ele não tinha alcançado o caminho no qual seria engolido pela mata. Fiquei imaginando quanto tempo levaria para que Sam ficasse tão alto quanto o Sr. Holmes. Ele ainda era uma criança, ou em parte criança, em parte adulto, como eu.

Segurei as rédeas pela fivela nas pontas e deixei Luther baixar a cabeça. Andamos sem rumo em torno do picadeiro. O fato de Yonahlossee não ser um local escolhido ao acaso me perturbava, mas também confirmava que o plano de meus pais estava além de minha compreensão. Mamãe tinha escolhido um lugar quase como um paraíso no que dizia respeito a cavalos; pelo menos havia isso. O fato de que minha mãe pudesse ter sido amiga de uma pessoa como a Sra. Holmes era quase inacreditável; mas eu tinha que acreditar. Minha mãe fora cruel comigo nas últimas semanas de uma maneira que eu sabia merecer, mas mesmo assim era difícil de suportar. Meus pais não haviam me mandado para os braços de estranhos; em vez disso, eles tinham me enviado para os braços de uma mulher que conhecia pelo menos uma parte de meu terrível segredo. Mas o que minha mãe teria contado para ela? Certamente não tudo.

O Sr. Albrecht tinha desaparecido na cocheira. Parei Luther e desmontei; depois fiz uma coisa infantil. Chorei sobre o ombro quente do cavalo, salgado de suor, e, pela primeira vez em semanas, me senti reconfortada.

O túnel de árvores das cocheiras até a Praça era escuro e, embora eu nunca tivesse ficado com medo de estar sozinha, apressei o passo. Todas as outras garotas estavam em sala de aula. Que animais estariam à espreita nos bosques da Carolina do Norte, que tipos de plantas venenosas havia? Eu conhecia tudo aquilo na Flórida. Em Yonahlossee, eu era inocente.

Não havia tanto para se ter cautela, pelo menos no que dizia respeito ao mundo natural. O inverno vinha todos os anos e eliminava os animais, as plantas. Na Flórida, nada morria, nada retrocedia.

Quando estava suficientemente fresco, Sam e eu gostávamos de perambular sem rumo, além do pomar de laranjas, a quilômetros da casa. Um dia, quando tínhamos onze anos, levei Sasi conosco, porque era um dos últimos dias toleráveis antes do verão. Sasi também era novo na época, podia ser cavalgado por horas e horas e ainda assim não se cansar. Sam estava à minha frente, em busca de amoras; eu estava a cavalo, seguindo-o. Era abril, faltavam algumas semanas ainda para a época das amoras, mas Sam achava que podíamos dar sorte.

— Sasi está cansado? — gritou Sam.

— Não — respondi. — Ele gosta daqui.

— Você gosta daqui, Sasi? — perguntou Sam com um sotaque inglês, e dei uma risada.

Andamos mais um pouco. Sam desapareceu em um emaranhado de galhos.

— Mesmo se você achar algumas amoras, elas vão estar azedas — eu disse.

Sam reapareceu de mãos vazias.

— Porque ainda está muito cedo — expliquei.

Sam riu.

— Eu tinha entendido o que você quis dizer.

Eu me virei e apanhei meu alforje à procura de um cantil; uma depressão repentina no solo, uma sensação de leveza, e depois um zumbido. De início, não compreendi o barulho, mas, quando senti um ferrão no rosto, soube que Sasi havia pisado em um ninho subterrâneo de vespas.

— Sam! — gritei. Desmontei de Sasi, que estava batendo os cascos na terra, nuvens de poeira subindo em volta de suas pernas. — Sam!

— Thea — disse ele, e sua voz me enfureceu: estava tão calma, tão devagar.

— Socorro! — gritei, dando tapas no rosto. — Depressa!

— Thea, me escute. Escute — continuou Sam, enquanto vinha na minha direção.

Balancei a cabeça furiosamente; eu sentia minhas faces inchando, a garganta apertando. Eu podia ver círculos vermelhos surgindo em meu braço, sentia-os no pescoço. Senti gosto de bile.

— Thea — Sam repetiu meu nome e, quando me alcançou, tocou na minha testa. — Olhe para mim.

Mas eu não conseguia. Eu olhava para Sasi, que mordida furiosamente a pata onde havia sido picado; olhei além de Sam, nos quilômetros e quilômetros de arbustos e árvores de carvalho; olhei para o céu, que estava azul, nenhuma nuvem à vista. Eu podia ouvir as batidas do meu coração. Eu podia sentir o cheiro do meu suor.

— Não é um ninho completo — disse Sam, mas parecia que ele estava falando a uma grande distância. — Não há um número suficiente de vespas. Mas se você não ficar calma vai piorar.

Tudo bem, Thea? Veja — continuou —, já se foram.

Olhei para ele.

— E Sasi? — perguntei.

— Sasi vai ficar bem. Ele é muito grande — respondeu Sam, e entendi que eu não era bem grande, que minha respiração trabalhosa, meu rosto quente e coçando eram evidências da minha pequenez.

— Quantas picadas? — perguntei, a voz alta.

— Não muitas.

Mas eu sabia que ele estava mentindo. Sam nunca conseguiu mentir para mim.

— Ahh. — Arquejei, minha garganta apertando cada vez mais. — Ahh. — Estávamos a quilômetros de casa. Eu sabia o que acontecia se você fosse picado muitas vezes por vespas; sua garganta inchava, você parava de respirar, e tudo acontecia muito rapidamente.

Comecei a chorar e a enfiar as unhas no pescoço, e podia sentir as feridas que minhas unhas provocavam, e eu sabia que ia morrer.

— Thea! — disse Sam, quase gritando. — Você vai fazer piorar. Olhe para mim. — Ele colocou a mão em meu rosto e ela parecia tão gelada contra minha pele em chamas. Ele segurou minha face e me obrigou a olhar dentro dos seus olhos; não me deixou desviar o olhar, e, pouco a pouco, minha respiração tornou-se mais fácil. Como um encantador de cobras, sussurrei de forma quase inaudível.

— Apenas me escute — pediu Sam, e me ajudou a montar, e andou a meu lado e segurou minha mão enquanto Sasi caminhava com dificuldade, todo o tempo mantendo um fluxo estável de conversa; sobre amoras verdes, sobre um novo salto que eu e Sasi deveríamos tentar, sobre mamãe e papai, sobre Georgie, sobre nada. O som de sua voz é que era importante.

Quando chegamos em casa, tarde por causa da lentidão com que tínhamos andado, mamãe me viu e gritou; meu rosto estava inchado, meus lábios e pálpebras, saltados. Sam levou a mão à testa para afastar o cabelo e percebi que a mão dele tremia terrivelmente, prova de que ele também estivera assustado; seu medo demonstrava que eu estivera em perigo, que Sam havia me salvado com sua calma. Ele sempre fora assim, tranquilo quando eu me mostrava frenética.

Mas aqui eu nunca ficaria a quilômetros do acampamento. Eu seria observada, de uma maneira como nunca fora antes.

Bati à porta do alojamento antes de abrir, um hábito de que eu logo me esqueceria. Nosso alojamento nunca estava trancado, nenhuma das construções aqui estava. Talvez o do “diretor”, localizado depois da Praça. Ou talvez houvesse um cofre em algum lugar no Castelo, com itens valiosos do acampamento. Eu não me importava, Docey ou qualquer outra podia pegar qualquer coisa que quisesse, eu não havia trazido nada de muito valor.

— Alô — chamei, quando comecei a tirar as botas na porta.

Uma lufada de partículas de pó atravessou obliquamente a luz da manhã. Tudo estava em perfeita ordem, assim deixado por Docey. Eu nem precisava fazer minha cama.

Tirei as botas. As meias finas que eu usava enquanto cavalgava estavam ensopadas de suor, e senti o ar frio contra os pés e as panturrilhas. Eu precisava polvilhar o interior de minhas botas com talco. Sabia que haveria um suprimento na cocheira, mas não tinha verificado. De todo o tempo passado com um cavalo, cavalgar era uma parte bem pequena.

Fui primeiro ao armário de Sissy, e encontrei somente roupas. Metade do armário dela era

ocupado por vestidos de festa, a seda macia roçando a ponta dos meus dedos. Eu pensava que tinha muitas roupas, mas no guarda-roupa de Sissy havia o triplo do que havia no meu. E, no último ano, mamãe não comprara qualquer roupa nova para si mesma ou para mim. Ela dizia que seria de mau gosto, visto que todos estavam ficando tão pobres.

Na escrivadinha de Sissy, encontrei algumas canetas, uma carta da mãe dela, *recebida* escrito errado, o *i* no lugar do segundo *e*. A carta era curta, contava uma semana que ela e o pai de Sissy tinham passado “fazendo muito de nada”. Um livro que parecia novinho em folha, chamado *A arte da amizade*. Tracei com o dedo o lírio em alto relevo na capa vermelha. Bobagem, mamãe diria. Havia uma escova de cabelos no toucador, com um emaranhado de seus cabelos castanhos. Três vidros de perfume francês na gaveta, cheios. Eu não havia percebido nenhum cheiro nela. No fundo da gaveta, encontrei uma bolsa de veludo enrolada, com pequenos compartimentos para joias. Segurei um par de brincos de rubi na luz, pedras idênticas, de um profundo e perfeito tom rosado. Um medalhão oval, encravado com iniciais — não as de Sissy — e uma mecha de cabelo trançado atrás do vidro. Fiquei imaginando quem teria morrido. Eu não tinha nenhuma joia tão bonita. Mamãe dissera que eu herdaria suas joias um dia, mas eu imaginava se isso ainda seria verdade. Tudo estava guardado em um cofre. Como se alguém fosse mexer com isso, ou conosco, onde morávamos.

Os brincos de rubi machucavam para colocar. Encontrei resistência nas duas orelhas, principalmente na esquerda, que tinha o furo um pouco torto. Mamãe e Idella as haviam furado, com uma agulha quente e linha. Coloquei os brincos menos para ver como ficavam e mais para abrir os buracos em minhas orelhas, mas eles não caíram bem em mim mesmo, ficaram muito grandes e vistosos. Mamãe provavelmente teria dito que eles valorizavam o ruivo de meu cabelo. Apesar de morar tão longe da cidade, ela sabia o que estava na moda. Havia uma pilha de revistas na varanda envidraçada do andar de baixo, mas mamãe também lia livros, os mesmos que papai. De qualquer forma, eu não tinha vestidos como aquele e nunca havia ganhado uma joia tão bonita.

O que a mãe de Sissy teria lhe dito quando lhe dera os brincos? Talvez ela os tenha presenteado antes de uma festa, colocando-os nas mãos de Sissy e fechando as suas próprias em volta das mãos da filha. Os pinos teriam espetado a palma de sua mão, mas a sensação teria sido prazerosa. Eu nunca tinha ido a uma festa, somente a restaurantes. Eu podia imaginar Sissy em um baile, no vestido de seda azul-marinho pendurado no armário, os rubis realçando seu cabelo castanho, sua pele macia, bronzeada pelo sol de verão. Passando de garoto em garoto, flertando com sua voz rouca. Subitamente, fiquei zangada com meus pais por me mandarem para Yonahlossee despreparada. Eles haviam me mantido protegida a vida toda, e então me mandaram para essa escola, ignorante de tantas coisas.

A escrivadinha de Eva era perto da de Sissy, sob a janela. A Praça ainda estava vazia. Havia uma pilha grossa de fotografias em sua gaveta. Seu pai era bem gordo, ficando ainda mais gordo à medida que as fotos progrediam. A mãe era rechonchuda. Eva teria que tomar cuidado, algo que certamente já sabia. Podia perder completamente a boa forma depois de ter filhos, como eu presumia que tivesse ocorrido à Sra. Holmes. Isso acontecia com algumas mulheres — mamãe me dissera. As fotos estavam amarradas com uma fita, mas o restante estava uma bagunça — um emaranhado de papéis, joias, e potes de ruge e creme. Havia frases em francês. Os potes de

maquiagem estavam agrupados no centro. Fiquei pensando se ela era uma garota fácil no que se referia a rapazes. Eu conhecia as garotas fáceis dos livros.

A gaveta de Mary Abbott tinha espaço de sobra. Eu quase não dei atenção às coisas dela. O armário estava praticamente vazio, exceto por alguns vestidos caseiros e uniformes de Yonahlossee. As cartas grossas tinham sido escritas pelo pai. Os carimbos do correio eram de Raleigh, que não ficava longe da escola. Mary Abbott se vestia como a gente, então não tinha como saber, sem olhar para seu armário, que as coisas dela não eram tão boas quanto as nossas. A família de Mary Abbott devia ter dinheiro suficiente para mandá-la para cá, então talvez a pobreza de seu armário se devesse a algum fervor religioso. Espiei uma carta; de fato, Deus era mencionado algumas vezes. Eu gostava de juntar as peças dessa maneira. Devolvi as cartas e abri um pequeno estojo de pó de arroz; dentro, grudada ao espelho, havia a foto de um bebê. Reconheci as feições de Mary Abbott — os lábios finos, os olhos assustados. Toquei a fotografia, suavemente, e sorri. Ela tinha sido bonita.

Fiquei aterrorizada antes de saber o motivo; devo ter visto uma sombra pelo canto do olho; então me virei e vi o Sr. Holmes através da janela. O Sr. Holmes também se virou e olhou para dentro, direto para mim. Ele era mais bonito do que qualquer astro de cinema que eu já tivesse visto: o queixo anguloso, os olhos escuros, emoldurados por cílios escuros e sobrelhas ainda mais escuras. Encarei o Sr. Holmes por mais dez, quinze segundos, enquanto ele passava, e ele estava tão bonito que quase pensei: “Deixe que ele me encontre. Ele vai entender.” Mas ele não parou, e fiquei instantaneamente aliviada que o sol estivesse forte demais para ele conseguir ver o interior do alojamento. Claro que ele não teria entendido. Eu pareceria uma ladra. Ou pior, uma bisbilhoteira.

Fechei a gaveta de Mary Abbott com um acesso de alívio, e enquanto fazia isso, ouvi o bater de uma sola de sapato dura no chão.

— Olá?

Era Docey, com uma pilha de toalhas. Ela não falou nada. Eu não sabia para onde olhar por causa do seu olho errante.

— Eu estava procurando talco — expliquei. Andei até minha cama e peguei minhas botas. — Para polvilhar. — Meu rosto estava quente. Segurei as botas no peito, o couro ainda morno. Ela me observou pelo que pareceu ser um longo momento e vi como aquilo iria acabar: ela iria contar, eu seria considerada uma intrusa.

— Tudo bem — falou Docey, e levei um segundo para entender o que ela dissera, por causa do sotaque.

Ela virou as costas para mim e foi até o armário de cada garota, tirando a toalha suja e substituindo por uma limpa, acumulando um monte de roupa de cama e de banho suja nos braços. Quando acabou, pensei que talvez fosse sair sem dizer nada. Parecia ter minha idade, mas tinha um rosto pálido, sem idade definida. Não havia qualquer sinal de contornos sob o uniforme. Ela era magra e pequena. Eu tinha sido estúpida. Me permiti ser flagrada.

Quando chegou a meu armário, ela parou, como se pedisse permissão. Fiz um gesto de concordância com a cabeça; enquanto pegava minha toalha, ela falou:

— Vou deixar você pôr de volta.

Na porta, ela se virou brevemente e, em um gesto tão mínimo que talvez eu o tenha imaginado, levou a mão à orelha. Senti minhas próprias orelhas, os brincos que eu havia

esquecido de tirar. Ela não iria falar nada.

* * *

Eva e eu estávamos do lado de fora do alojamento, vestindo nossos roupões, esperando Sissy.

— Ela está sempre atrasada, seu único defeito — murmurou Eva.

O comentário me pareceu estranho, porque Eva não parecia ser do tipo de pessoas que fazia críticas, mas então ela sorriu. Quando Sissy apareceu, saímos. O sol se pusera havia uma hora e estava gelado, mas meu roupão era grosso e felpudo.

— Você vai se acostumar? — perguntou Sissy.

Eu ri.

— O Sr. Holmes me fez a mesma pergunta ontem.

— O que você disse a ele?

— Eu disse que sim. O que mais poderia dizer?

— Bem, o Sr. Holmes podia fazer você dizer qualquer coisa. — Ela sussurrou no meu ouvido. — Henry.

Dei risadinhas.

— Aqueles olhos — continuou ela, e extasiou-se. — Mas só para que você saiba, ele não flerta. Ele acha que é nosso pai.

— A Sra. Holmes iria bater na sua mão com uma régua se ouvisse você falar assim — comentou Eva. — Ela já fez o discurso dos fundadores para você? Sobre como devíamos ser gratas pela educação das mulheres?

— Ela contou que o nome Yonahlossee é por causa de um cavalo.

Eu gostava disso, de andar em grupo. Outras garotas olharam para nós com curiosidade, admiração.

— Ah. Ela não gosta de cavalos — disse Sissy. — Ela não gosta de nada.

Aparentemente, ela tinha gostado da minha mãe, mas nem em um milhão de anos eu diria isso.

— Yonahlossee é difícil a princípio — disse Eva. — Eu não conseguia sair da cama. Não conseguia acordar com o sino da manhã. Perdia o café, e até a primeira aula. Em casa, eu dormia até meio-dia.

Eu não conseguia imaginar dormir até meio-dia. Sam me acordava todos os dias antes de o sol nascer. Um tapinha no ombro bastava; eu estava pronta, ansiosa para começar meu dia. Sam se divertia com minha impaciência. Eu tinha que cavalgar cedo, em casa, para evitar o calor; Sasi ficava afetado com o nascer do sol.

— Você não tinha coisas para fazer?

— Não. Foi por isso que eles me mandaram para cá. Porque eu não tinha nada para fazer em casa. Mas eu estava bem, na verdade. Eu gostava de não ter o que fazer.

Eva era mais alta do que nós duas, e ela se movia languidamente. Sua pele sempre parecia um pouco úmida, de uma maneira bonita, como se ela tivesse acabado de sair do banho. Ela realmente parecia preguiçosa.

— Você não teve problemas por isso?

Ela levantou os ombros e deixou-os cair novamente, desleixadamente.

— Ninguém tem muitos problemas por aqui, Thea. A Sra. Holmes conversou comigo. E eu me acostumei a acordar cedo.

— Você pode ter problemas aqui — disse Sissy. — Eu não enfrentaria a Sra. Holmes.

— Quem tem problemas? — perguntei.

— No mês passado, a irmã de Gates e outra garota foram pegas fumando. No ano passado, uma garota estava se encontrando com um garoto de Asheville no bosque. As fumantes receberam uma advertência. A outra garota foi expulsa no dia seguinte. Ninguém soube o que aconteceu com ela até a Sra. Holmes anunciar depois da oração da manhã. Foi como se ela tivesse desaparecido.

Estávamos na casa de banhos agora, que não era nada mais do que um cômodo grande cheio de banheiras, dispostas a cerca de um metro e meio umas das outras, em fileiras. Docey abriu caminho entre garotas nuas, entregando-lhes toalhas.

— Ninguém olha — sussurrou Sissy enquanto entrávamos, mexendo nervosamente em uma delicada ferradura de diamante pendurada no pescoço.

O que não era verdade; eu olhei. Todas olhavam. A hora do banho era um exercício de evitar ser flagrada olhando para as outras garotas. Mary Abbott era a mais magra dentre nós, parecia que dava para soprá-la, leve como uma pena. Eu era magra, mas meus membros eram definidos pelas cavalgadas. A água quente era agradável e eu fechei meus olhos e afundei a cabeça. Esfreguei o couro cabeludo, o ponto mais oleoso no topo. O recinto estava embaçado com toda aquela água quente, perfumado pelos vários sabonetes e hidratantes.

Ficávamos em silêncio enquanto tomávamos banho, como se fingíssemos estar sozinhas.

Então Docey parou à minha frente com uma toalha e o banho acabou.

— Obrigada.

Mas ela já tinha se dirigido para outra garota. Percebi que ninguém agradecia. Tentei timidamente deslizar para dentro da camisola, o que se provou impossível. Avistei uma garota com cabelo de um louro-branco em uma banheira perto do canto, e a posição de seu rosto logo acima da linha d'água me deu um arrepio na espinha.

Docey estava com Mary Abbott. Gates e Victoria protegiam uma à outra com suas toalhas enquanto se vestiam, mas era possível ver perfeitamente a silhueta de seus corpos. Era bizarro, senti bastante intensamente. A coisa mais estranha até agora na semana mais estranha de minha vida. Eu sabia que estávamos em segurança, mas parecia uma coisa tola nos colocar todas juntas dessa maneira, todas no mesmo lugar, nuas.

Victoria passou apressada por nós voltando ao alojamento, e Sissy analisou sua figura batendo em retirada. Victoria tinha olhos muito juntos, e um rosto longo e estreito; parecia improvável, mas ela era bonita.

— Victoria — falou Sissy.

— Ela parece um macaco muito magro, muito bonito.

Sissy caiu na gargalhada, teve que parar e se apoiar em uma árvore de tanto rir. A única outra pessoa que eu conseguia fazer rir tanto assim era Sam. Fiquei parada, nervosa; o que eu diria quando ela parasse de rir? Ainda tínhamos muitos minutos para preencher.

— Parece mesmo! — exclamou Sissy, finalmente.

— Não se pode tomar banho sempre que se quiser, pode? — perguntei a Sissy, depois de um minuto ter passado.

Ela negou com um gesto de cabeça enquanto andávamos.

— Acho que dá para entrar escondida. Como uma bandida do banho. — Ela sorriu, os olhos azuis enrugando-se, e não consegui evitar sorrir de volta. Sissy era tão despreocupada...

— Fique parada — pediu ela, e se lançou atrás de mim. Senti meus cabelos sendo levantados do pescoço.

— O que... — comecei, surpresa, mas Sissy apenas torceu a água dos cabelos, pela segunda vez naquela noite.

— Pronto — murmurou ela, ainda atrás de mim, as mãos em meu cabelo. — Por que você chegou tão tarde, Thea?

Ela enxugou delicadamente a água do meu pescoço com uma toalha. Minha mãe mal tinha me abraçado quando parti. Fora doloroso para Sam olhar para mim. Então essa era a primeira vez em semanas que alguém me tocava sem estar zangado, e fiquei surpresa com quanto eu estava vulnerável e com como aquilo me fez sentir bem. Eu queria oferecer algo a Sissy.

— Me expulsaram.

Tão logo falei, me arrependi. O que eu estava pensando? Que essa garota iria me confortar? Essa garota que não sabia nada a meu respeito?

Sissy largou meus cabelos, que havia torcido como uma corda, em cima de meu pescoço. Achei que podia senti-la se decidindo.

— Ah! — disse, finalmente. — Bem, eu também fui, de certa maneira. Mandada embora para aprender a ser uma dama.

Ela engrossava a voz, tornava tudo uma piada. E eu me senti muito grata. As bochechas de Sissy estavam vermelhas por causa do vapor, e seus cabelos caíam úmidos. Ela não parecia a garota da escrivania no quarto, com todas aquelas joias e perfumes. Sissy era amiga de quase todas aqui, havia sempre uma garota acenando para ela, aproximando-se dela silenciosamente para comunicar alguma notícia. Fiquei pensando por que Sissy havia me escolhido, e esperava ser mais do que só novidade. Parecia que era.

— Saí uma garota, mas voltei uma dama — Sissy entoou, na mesma voz, e continuou fazendo isso até o alojamento, onde implorei que parasse, eu estava rindo demais.

Senti um pouco como se estivesse andando nas nuvens — e pensar que eu ficara nervosa sobre como iria preencher o tempo enquanto voltávamos para o alojamento. Não havia por que ficar nervosa quando se estava com Sissy.

Ao entrarmos na Casa Augusta, formávamos uma dupla. Nossas camas já estavam feitas por Docey, como se estivéssemos em um hotel. Eva sorriu para nós, despreocupada, mas Mary Abbott não gostou de nos ver juntas, deu para perceber. Nós nos preparamos para deitar: Sissy aplicou creme no rosto, Victoria escovou os cabelos. As pernas de Eva estavam penduradas no beliche, perto do meu rosto. As unhas dos pés, pintadas. Ela estava lendo o livro da mesa de Sissy.

Gates estava concentrada em sua escrivania, praticando caligrafia, e sua letra era horrível, redonda e confusa. A Srta. Lee, nossa professora de etiqueta e oratória, havia balançado a cabeça em desaprovação para o trabalho de Gates hoje. Gates fez uma pausa e balançou a mão dramaticamente.

— Dói! — gritou ela.

Seu cabelo louro-sujo tinha um corte chanel, e havia duas presilhas, adornadas com pérolas mínimas, uma sobre cada orelha. Ela parecia uma garota que não queria cabelo no rosto.

— Espere até a aula começar — falou Sissy. — Aí vai doer mesmo.

Gates fez uma careta, e todos riram, até Mary Abbott.

— Que outras aulas elas vão ter? — perguntei. — As estudantes — acrescentei, quando Sissy me olhou inexpressivamente.

Nossas manhãs eram dedicadas a aulas: oratória, depois etiqueta, francês, em seguida um instrumento musical (piano para mim). Depois vinha o almoço, então a hora do descanso, depois cavalgada, atividades de “lazer”: observação de passarinhos, botânica, pintura. Após isso, tempo livre até o jantar, que normalmente passávamos na Sala do Castelo, apelidada de Sala de Estudos, embora ninguém parecesse estudar ali. Eu não era boa na observação de pássaros: tudo o que eu avistara eram falcões e beija-flores, que eram os mais comuns.

— As estudantes? — perguntou Sissy.

Gates baixou o livro, cuidadosamente, certificando-se de marcar a página com um marcador de prata. Eu vi que tinha um monograma quando estava espionando.

— Algumas garotas vão embora — começou ela, devagar —, mas a maioria fica. — Sua voz estava aguda, entusiasmada. Ela me olhou de maneira solene. Senti meu pescoço quente, um sinal revelador de rubor.

— Entendi — falei.

— É que — continuou Sissy — somos todas estudantes. Este é um alojamento de meninas que ficam o ano todo.

Ela me olhou cautelosamente por um momento, e eu sorri. Sissy não entendeu que eu não era uma estudante, que eu só estava naquele alojamento porque não houvera outro lugar para me colocar.

Gates voltou à caligrafia, pressionando tão forte o papel que ele rasgou; ela gritou de novo em desespero. Sissy estava apoiada nos travesseiros e pegou seu trabalho de costura, um belo bordado de um riacho em uma montanha. Eu a observei pacientemente preencher o riacho, ponto azul por ponto azul. Esse lugar era muito estranho. Ontem uma dúzia de nós havíamos nos sentado do lado de fora atrás de cavaletes, encarando as montanhas e sendo orientadas a pintá-las. Henny caminhava atrás de nós, murmurando com aprovação diante de certas pinturas, estalando a língua tristemente para outras. Eu havia recebido um estalar de língua, claro; não era boa na observação de pássaros, ou em costurar linhas retas, ou em pintar uma folha que parecesse uma folha, atividades que nem conseguia imaginar que fosse praticar quando deixasse esse lugar.

Chamava-se Escola de Equitação, mas não era nem somente uma escola de equitação nem um lugar para moças. Supunha-se que nos transformássemos em damas. Pensei em onde isso me deixava. Eu ainda pensava em mim mesma como uma garota, mas não era como minhas colegas de alojamento. Eu nunca mais seria uma garota assim.

E será que algum dia eu tinha sido como elas? Em casa, eu era uma garota entre garotos e homens. Não havia ninguém mais bonita, ou mais rica, ou de maneira alguma melhor do que eu. Eu imaginava, claro, se tal pessoa existiria, e sabia que devia existir, mas então esse pensamento saía da minha cabeça. Meu lugar na família era tão bem definido que eu não tinha necessidade de pensar no que poderia ser por muito tempo.

Minha mãe era nosso padrão de beleza. Eu não sabia nada sobre enrolar o cabelo, porque mamãe ainda usava o dela preso. E ela nunca pintara as unhas; pensar nisso me fazia sorrir. Eu

sempre pensara nela como atemporal, como as mulheres que eu via nas pinturas que papai me mostrava durante nossas aulas. Mas agora podia ver que ela estava fora de moda, que era de um mundo diferente. Não menos bonita, mas talvez menos adequada.

Henny entrou apressadamente e apagou todas as luzes, nos desejando boa-noite.

Gates acendeu uma vela, para ler. Toquei no lenço sob meu travesseiro.

Uma carta de papai chegou no meu sétimo dia em Yonahlossee. O carimbo postal era de Atlanta. Beije a carta. A caligrafia dele era inclinada e floreada, como a de uma mulher. Eu nunca na vida tinha recebido uma carta. Um cartão-postal uma ou duas vezes de Georgie, quando ele fora ao Missouri visitar a família da mãe. Mas qualquer um podia ver um cartão-postal — era lido primeiro por mamãe antes que ela me entregasse. Ninguém no mundo sabia o que havia no interior da carta, exceto meu pai, e agora eu.

Querida Thea,

Fiquei com muita pena de ir embora do acampamento. Embora eu deva dizer que é um lugar lindo para se passar um tempo. Antes de a sua mãe me conhecer, ela adorava ficar com outras pessoas; sua apresentação à sociedade durou quase um ano. Vejo tanto dela em você...

Amamos muito você. Cuide-se no acampamento. Pense nisso como uma oportunidade para aprender mais, de diferentes (talvez melhores) professores. Não custa repetir que sua família é sua tribo; esta fase não passa de uma interrupção em nossas vidas. Nós mantivemos você isolada demais em casa. Devíamos tê-la feito sair antes. Ai, você vai aprender como se comportar entre outras moças, Thea. Espero que não estejamos pedindo muito. Sabemos o que é melhor para você, embora nesse momento você possa acreditar, muito fervorosamente, no contrário. É assim entre pais e filhos.

Com amor,

Papai.

Ele havia chamado de acampamento, não de escola — eu ficaria aqui até o final do verão, não mais. Devolvi a carta para o envelope e a enfiei sob o travesseiro, perto do lenço de Sam. Eu não era uma criança. *Era* um castigo, ser mandada para cá, embora ele e mamãe dissessem que não; ele praticamente admitira isso na carta. De qualquer modo, meu pai só estava repetindo o que mamãe tinha dito. Era ela que sempre decidia o que fazer conosco.

Mas, principalmente, eu sentia saudades do meu pai. Eu podia ouvir sua voz, suavemente lendo as palavras. A Srta. Lee teria dito para ele falar mais alto.

Minhas colegas de alojamento estavam cochichando sobre um anúncio que o Sr. Holmes fizera no almoço; Sissy me falou que eu era sortuda, chegara havia uma semana e já tinha um baile para ir. A maioria das garotas esperava meses e meses por um baile, a visão radiante de um rapaz para tornar os meses de inverno suportáveis.

Fechei os olhos, embora nenhuma garota usasse a hora do descanso para cochilar. Mas eu estava exausta: tinha ficado acordada a noite anterior decorando um poema de Robert Frost, “The Cow in Apple Time”, para a aula de oratória. Eu já havia lido Frost antes, em casa, mas a Srta. Lee só estava interessada em como nós pronunciávamos cada palavra, como impostávamos a voz, não no que o poema pudesse significar.

Embora Yonahlossee fosse um lugar estranho para mim, estava rapidamente se tornando

familiar. Não sentir saudade de casa pareceu no começo inconcebível, mas acabei entendendo como o coração humano operava, que ele era volúvel, caprichoso.

* * *

Nasci na casa de onde meus pais me expulsaram, construída por meu pai como um presente para sua noiva. A família da minha mãe era “Nova Flórida”, como eram chamadas as famílias que foram para lá depois da Guerra Civil, quando a Geórgia não era mais um lugar razoável para se viver. Meu bisavô, Theodore Fisk — cujo nome deu origem ao meu —, decidiu-se pela Flórida porque era perto, e ele ouvira falar que havia terra lá, sem valor comercial, à disposição.

No início, ele e a esposa eram pobres; mais tarde, ricos donos de terra. Quando a estrada de ferro foi construída — contam que Henry Flagler se divertiu e namorou na casa da família Fisk —, a fortuna da família da minha mãe se multiplicou exponencialmente. A Sra. Fisk serviu ao Sr. Flagler uma fatia de torta de limão, uma iguaria que o homem do Norte nunca havia provado. Desde então, os frutos cítricos foram transportados pela estrada de ferro, e nasceu uma indústria.

A família do meu pai era “Velha Flórida”, de ascendência espanhola. Não eram tão ricos quanto o lado da minha mãe: criavam gado em uma terra que não era de ninguém até que a Flórida começou a vender essa terra, e então tornou-se impossível levar o gado para o sul, atravessando residências e muros recém-construídos, de onde seriam embarcados para Cuba.

A Flórida era um lugar diferente na época. Meu pai e seu irmão mais velho, George, iriam precisar de um novo meio de vida. Meu pai, Felix, conseguiu uma bolsa para estudar na Faculdade de Medicina de Atlanta; George, na Escola de Direito em Illinois, mas ambos voltaram — cada um com uma nova esposa. Minha mãe, Elizabeth, cursava o segundo ano na Faculdade Agnes Scott e deveria encontrar um marido na Geórgia quando conheceu meu pai em um baile pouco formal. Ela tinha vinte anos; ele, cinco anos a mais. Era uma combinação perfeita.

George e a nova esposa, Carrie, se instalaram em Gainesville, cidade bem próxima de Emathla. Meu pai podia ter se instalado em qualquer lugar, mas queria ajudar as pessoas; por isso, escolheu um local onde era o único médico em quilômetros de distância. Pelo menos, foi assim que sempre explicaram para mim e Sam: poderíamos ter morado em qualquer lugar, mas morávamos onde morávamos por causa da bondade de papai. E no início, mamãe, acostumada à agitação de Miami, pensou que ficaria solitária em um lugar tão rural. Mas a magia da nossa casa era que ela destruía a solidão. Era possível ver outras pessoas — e mamãe fazia, uma vez a cada poucas semanas, um chá com uma vizinha, uma reunião da Camellia Society —, mas outras pessoas e lugares somente faziam com que você amasse ainda mais a sua casa, os seus parentes.

Estes eram os meus: Sam, minha mãe e meu pai; tio George e tia Carrie e o filho deles, George, meu primo.

Essa era nossa primeira história, a história de como acabamos nos estabelecendo nesse pequeno pedaço de paraíso encravado na interior da Flórida. Sorte, em parte, mas também amor: mamãe e papai ficaram noivos duas semanas depois de se conhecerem. George, Carrie e Georgie eram parte dessa história, claro, não o centro dela, mas agora era fácil ver como a história teria desmoronado sem eles. Precisávamos deles em Gainesville para iluminar nossa

vida.

* * *

O sino tocou, indicando o fim da hora de descanso, e acordei de um salto.

— Até que enfim! — exclamou Gates.

Ela gostava de montar tanto quanto eu. Todas as outras já estavam colocando os culotes de montaria e as botas. Era a primeira vez que cavalgaria com todas as outras e eu estava tão nervosa quanto entusiasmada, uma combinação que eu adorava. Enfiei minhas botas com o calçador e percebi Sissy observando de canto de olho. Ela sorriu, sorri de volta. Eu queria muito agradá-la.

Enfiei a camisa para dentro do culote. Usávamos culotes brancos em Yonahlossee; até o suede nos joelhos era branco. Nossas roupas eram lavadas pelas empregadas, então não nos importava o quanto elas ficavam sujas, mas me parecia uma tolice nos vestirmos exclusivamente de branco.

Quando saí do alojamento e senti o cheiro dos pinheiros e os raios de sol, vi Sissy me esperando.

— Uma carta?

— Da minha mãe.

Eu me lembrei de quando espiei as coisas delas, que os pais de Eva e Sissy não haviam escrito, somente as mães.

— Minha mãe me escreve — comentou Sissy — três vezes por semana. Mas as cartas são tão maçantes. Minha irmã, quase nunca, só quando é obrigada.

Outras garotas se agruparam ao nosso redor, todas vestidas de maneira idêntica. Elas acenaram para Sissy e, como eu estava com ela, para mim também. Sorri de volta. Eu nunca havia sorrido para tantas pessoas na vida.

— Odeio escrever cartas — retruquei —, demora tanto para escrever o que você poderia dizer em metade do tempo.

Eu sentia um frio na barriga; fiquei contente de Sissy me distrair.

Outra garota passou, tão perto que esbarrou no meu braço. Comecei a falar alguma coisa, mas parei. Era a garota com o cabelo quase branco que eu vira tomando banho. E, percebi com um leve, prazeroso choque de reconhecimento, a garota cuja fotografia com o cavalo eu vira no Castelo. Eu sabia antes mesmo de Sissy dizer seu nome.

— Aquela é Leona.

Nós duas observamos Leona desaparecer depois de uma curva. Havíamos passado das latrinas, e já estávamos quase nas cocheiras. Leona era imensa, a distância de suas passadas era o dobro das minhas. Seu cabelo louro-branco estava preso em um coque bem arrumado. Suas botas eram azul-marinho, a única garota entre nós que não tinha botas pretas.

— Ela é de Fort Worth — disse Sissy. Ela pronunciou *Fort Worth* como se estivesse falando de outro lugar, mais improvável... Constantinopla, Porto Príncipe. Sissy estava sussurrando, mesmo Leona tendo desaparecido. — O pai dela é um especulador de petróleo que prosperou, a mãe é da realeza. Ela tem o próprio cavalo, trazido de trem. Ela é treinada por mestres da equitação. Trazer o cavalo custou mais do que suas despesas de alojamento e alimentação. —

Leona não tinha cumprimentado Sissy. Fiquei imaginando se Sissy falou a verdade quando disse que a mãe de Leona era da realeza, e decidi que não. Eu não conhecia muito do mundo, mas não achava que houvesse princesas no Texas. — Ela ignora todo mundo, em geral.

Leona de Fort Worth, Thea de Emathla. De todos os lugares neste mundo, eu estava na Escola de Equitação Yonahlossee para Moças. Era uma e meia. Eu era uma entre dezenas de garotas a caminho da aula diária de equitação. Sissy havia unido seu braço ao meu; sua pele era macia, cheirava levemente a água de rosas. Em casa, mamãe estaria do lado de fora, no jardim, uma toalha em volta do pescoço para enxugar o suor, um chapéu frouxo e gasto na cabeça para proteger a pele clara. Meu pai estaria trabalhando. Quinta-feira era um dos dias que ele viajava, então estaria na casa de alguém, dando uma injeção, escutando alguma queixa de dor. E havia Sam.

Sam estaria alimentando seus esquilos. Eles tinham que ser alimentados frequentemente, mais do que um bebê humano — era o que mamãe sempre dizia, que Sam cuidava dos animais com mais dedicação do que a maioria dos pais fazia com os filhos. E ele era dedicado, meu irmão, dedicado e bom. Não era a primeira vez que Sam criava uma ninhada de esquilos — era muito comum as mães serem capturadas por guaxinins. Os ninhos estavam sempre escondidos em cantos que somente Sam tinha paciência suficiente para descobrir.

Quando tive que me despedir, depois de tudo ter acontecido, ele estava do lado fora, na varanda, segurando um deles.

— O filhote agora tem pelo — falei, porque não sabia mais o que dizer.

Era de manhã cedo, mas estava quente. O esquilo estava menos feio do que estivera uma semana antes. Ele parecia tão vulnerável; eu podia ver por que Sam o amava.

Ele usava as roupas do dia anterior. O cabelo estava desalinhado, espetado em todas as direções da cabeça. Isso me assustou um pouco. Eu queria abaixá-lo, mas sabia que não podia tocá-lo. Os contornos dos seus olhos estavam cor-de-rosa. Naquele momento, seus olhos cor de avelã estavam tão escuros que quase pareciam castanhos. Eu sabia que, em plena luz do sol, eles ficariam claros novamente, translúcidos. Nossos olhos eram diferentes. Os meus eram de um castanho puro, como os de papai.

— Você dormiu? — perguntei, embora soubesse a resposta.

Eu também não tinha dormido; na verdade, eu havia entrado no quarto de Sam, esperando encontrá-lo. Em vez disso, no cômodo pouco iluminado, consegui discernir vagamente o contorno da cama arrumada, que parecia tão perfeita e intocada que comecei a chorar, embora não soubesse dizer por quê. A visão da cama perfeita, arrumada primeiro por Sam, depois esticada mais tarde por mamãe, me perturbou. O ventilador elétrico estava voltado para o espaço onde ele teria dormido, e zumbia continuamente, sem refrescar nada.

Eu o desligneei e fui até a janela, que fornecia uma vista do nosso quintal. Mas chamar aquilo de quintal era falso; era o início dos nossos milhares de acres. Não havia cerca, nenhum limite. Os jardins de mamãe entravam pelo pomar de laranjas. Aquelas laranjas não estavam à venda, eram para minha mãe, que as adorava, dizia que não podia viver sem elas.

Sam estava sentado na grama, perto do jardim de rosas da mamãe, que estava florescendo. Eu não podia sentir o cheiro daqui, mas ele, sim. Eu o observei por um longo tempo; ele não se mexeu, permaneceu sentado, imóvel como uma estátua. Ele sempre fora capaz de se sentar e ficar parado por mais tempo do que eu; eu era inquieta, agitada.

Eu não conseguia ver seu rosto. Somente as costas estreitas, os braços magros. A voz dele estava começando a mudar. Eu sabia o que acontecia com a voz dos garotos; Georgie era dois anos mais velho e a voz dele havia mudado alguns anos antes. Eu podia ouvir a voz de Sam bem agora, uma voz infantil, tão bonita e leve. Eu desejava poder gravá-la antes de ela mudar.

Se Sam tivesse se virado para me encarar, eu teria visto seu olho machucado, o pequeno corte abaixo dele. Ferimentos menores, sarando rapidamente. Papai os chamou de superficiais. Pelo que eu me lembro, foi a primeira vez que vi Sam se machucar. Tentei muito me lembrar se houve outra vez, mas não consegui. Eu tinha quebrado o braço duas vezes, e me machucado mais do que podia contar. Era isso que acontecia quando você cavalgava. Mas Sam não cortejava o perigo. Não era de seu feitio.

Ele virou a cabeça como se tivesse ouvido algo, e provavelmente ouvira: o farfalhar de algum animal nos arbustos. Vi seu perfil à luz da lua. Nós dois tínhamos o nariz de papai, que era forte, mas bonito. Pensei por um segundo que ele podia me sentir observando-o. Coloquei a mão na janela.

— Sam — murmurei.

Ele baixou o olhar na direção de algo, e eu sabia que ele estava segurando um dos filhotes de esquilo; até que ponto ele estava desestabilizado, até que ponto eu o havia machucado, estava confirmado. Porque quantas vezes ele me dissera para não tocar em um filhote de animal selvagem, que, se eu tocasse, ele ficaria acostumado ao cheiro humano e, quando fosse solto na natureza, não teria medo dos homens. E animais selvagens precisavam ter medo de nós, para sobreviver.

— Thea? — perguntou Sissy. — Você está bem?

Olhei de lado para ela. Ela não conhecia os segredos obscuros do meu coração. Eu sabia que Sam pensava em mim com a mesma frequência com que eu pensava nele; que quando ele não estava dormindo, eu estava na cabeça dele. Dentro dela, ameaçando deslocar todo o restante como acontece com um peso jogado na água. Mas ele não conseguiria imaginar minha vida em Yonahlossee, o que podia ser uma benção ou uma maldição. Eu não sabia.

Logo chegamos nas cocheiras e cada uma seguiu seu caminho. Inspirei profundamente: o cheiro nas cocheiras era sempre o mesmo, um misto de feno e estrume. Ou você gostava dele ou não. Um cavalariço — o rapaz bonito que Eva havia mencionado em minha primeira noite aqui — me mostrou meu cavalo: Naari, uma égua cinza mosqueada de focinho rosa.

— Obrigada — disse ao cavalariço. — Vou prepará-la.

Estalei a língua, e Naari olhou por cima de seu monte de feno. Havia centenas de pintinhas marrons espalhadas por seu pelo branco, por isso o termo, que sempre achei uma maneira horrível de descrever um padrão tão bonito. Eu estava animada, embora tentasse não ficar. Não queria ficar muito apegada a Naari, porque teria que deixá-la quando fosse embora.

Depois de preparar a égua, entrei em uma fila com as outras garotas do grupo, os cavalos tão perto um do outro que o focinho de Naari quase tocava o rabo avermelhado do alazão à sua frente. Leona estava no início da fila, a líder de fato do meu grupo. Seu cavalo castrado era enorme, assim como a dona. Ele era lindo, um grande cavalo baio com patas brancas e uma mancha da mesma cor descendo pelo rosto. Também o reconheci da foto.

Sissy estava na turma intermediária; eu podia vê-la na pista seguinte em um apalusa magro, seus cabelos castanhos voando por cima do rosto enquanto ela trotava. Eu estava na turma

avançada, com cerca de vinte outras garotas, entre elas Gates, Leona e uma menina chamada Jettie, que se sentava à mesma mesa de jantar que eu. A turma avançada era a menor, e o privilégio de fazer parte dela era enorme: você não tinha que compartilhar seu cavalo. Todos os outros eram compartilhados, exceto os nossos.

Sissy era a amazona mais fraca do seu grupo. Percebi que seria mais fácil ser amiga dela porque eu era melhor, muito melhor, em cima de um cavalo.

Observei o Sr. Albrecht gritar as instruções de sua maneira calma e firme. Eu gostava dele. Com o passar dos anos, mamãe me ensinava cada vez menos sobre cavalgar e, embora agora ela ocasionalmente me desse algum conselho, eu era sobretudo autodidata. O Sr. Albrecht era um mestre de saltos treinado na Alemanha, ele ganhara uma medalha de bronze individual nas Olimpíadas da Bélgica em 1920, e uma de prata por equipe. Ele já me ajudara a sentar, me ensinara uma nova maneira de me encaixar na sela que eu achei mais eficaz. Os cavalos de Yonahlossee eram todos puros-sangues, nossas pistas, planejadas por um consultor em saltos, um amigo da Alemanha do Sr. Albrecht; as cocheiras eram tão agradáveis, para não dizer mais agradáveis, quanto nossos alojamentos, os corredores alinhados com tijolos, cada baia com duas janelas para ventilação e venezianas grossas e resistentes para o inverno. Apesar das boas intenções da Sra. Holmes, o restante da nossa educação era secundário em relação aos cavalos, como aprendi em meu primeiro dia, quando faltei às aulas da manhã para minha avaliação de montaria.

Em casa, papai nos ensinava das sete às dez da manhã, quando então saía para ver seus pacientes. Idella, nossa empregada, nos servia o café da manhã enquanto ele nos explicava ideias contidas em livros. As garotas do meu alojamento achavam estranho que eu nunca tivesse frequentado uma escola de verdade antes, mas elas não sabiam: tínhamos sorte de ter nosso pai como professor, pois ele era brilhante, certamente mais inteligente do que os professores de Emathla. Eu cavalgava a tarde toda, e Sam jogava tênis contra a parede da garagem, e cuidava dos terrários e de seus animais resgatados.

— Turma adiantada! — gritou o Sr. Albrecht. — Venham! — Ele bateu palmas.

Leona montou e, por um instante, ela e o cavalo pareceram um centauro: parte cavalo, parte menina. Então eu e o restante da turma adiantada subimos nas selas. Gates fazia uma figura bonita no cavalo, magra, elegante e empertigada. Jettie, baixa e forte, parecia poderosa na sela.

Ficamos em nossas montarias por um momento enquanto o primeiro grupo enfileirado passou por nós, os peitos dos cavalos salpicados de saliva branca. Era verão, começo da tarde. Em Emathla, era preciso ficar dentro de casa durante essa parte do dia, quando o sol estava alto. Seria perigoso cavalgar; você podia acabar matando seu cavalo. Durante o verão, eu acordava antes de todo mundo e cavalgava até amanhecer, antes das aulas, e mesmo então eu tinha que levar um lenço velho para enxugar o suor de Sasi das rédeas. Sam e eu saíamos de qualquer forma, às vezes à tarde, e então ficávamos tontos do calor e do perigo em si — mamãe ficaria furiosa se soubesse —, nossos cérebros fritando em nossas cabeças, o sol tão poderoso que parecíamos estar pegando fogo por dentro. Subíamos em carvalhos, eu encorajava Sam a ir cada vez mais alto, e depois nos deitávamos em um galho por horas, procurando algum sinal de vida lá embaixo — somente os répteis, insensíveis ao calor, se apresentavam: grossas cobras pretas, inofensivas, e lagartos verdes, brilhantes e velozes.

Aposto que nunca ficava tão quente em Yonahlossee. Essas garotas, elas não saberiam como

sobreviver com tanto calor. Então o enorme cavalo de Leona — ele devia ter mais de dezoito palmos — começou a andar, e Naari se moveu embaixo de mim. Circulamos o picadeiro em uma única fila e depois, um a um, como se fosse orquestrado, os cavalos se separaram e buscaram o próprio espaço; eu fui em direção ao finalzinho do picadeiro, mais perto das montanhas. Eu era uma garota da Flórida, acostumada a céus enevoados e planícies; as montanhas eram como nuvens para mim, tão grandes e expressivas que pareciam possíveis de se alcançar.

Naari era inquieta e rápida; percebi imediatamente que gostaria dela. Ela era muito inteligente, eu já podia ver pela maneira como ela me testou, torcendo o tronco para que pudesse carregar seu peso desigualmente, puxando para o lado esquerdo para ver se eu iria notar. Realmente notei, a corriji com veemência, puxei para trás a rédea esquerda, apertei as panturrilhas contra o corpo dela para que acelerasse e se endireitasse. Era um animal inteligente, porém medroso, duas características que pareciam sempre vir juntas em cavalos. Um esquilo subiu em uma estaca, e Naari deslizou de lado.

Pensei nas próximas semanas, quando nos conheceríamos e nos entenderíamos, e quase me levantei da sela de ansiedade. Às vezes, esse sentimento me afetava dessa maneira, como se eu pudesse senti-lo pulsando nas veias. Suponho que fosse coisa de meninas.

Observei Leona guiar King em uma figura de oito. Ele ficava abaixando o ombro na diagonal, e ela o corrigia. Ela olhava bem em frente, que é para onde se deve olhar, mamãe sempre me lembrava: “Olhe para onde você quer ir, e Sasi irá até lá.” Olhar para minhas mãos era um hábito que eu não conseguia perder; nem eu conseguia fingir que uma vassoura estava enganchada em meus braços, para manter minhas costas arqueadas e meus braços posicionados da maneira correta. Leona passou pela diagonal mais uma vez, e dessa vez King passou trotando suavemente. Leona o virou, de forma brusca, e encontrou meu olhar por um breve instante, e eu apertei Naari em um trote, envergonhada por ter sido flagrada observando.

Marchamos para fora do picadeiro quando o tempo de cavalgar terminou, Leona ainda liderando, mas tudo bem. Ela tinha mais experiência técnica do que eu, fora treinada por mestres, mas não era melhor. Eu não era uma amazona fisicamente tão forte quanto Jettie, ou tão bonita quanto Gates, mas tinha jeito com cavalos; conseguia levá-los a fazer qualquer coisa que eu quisesse. Senti-me estranhamente poderosa: uma garota de quinze anos, encarcerada nas montanhas, rodeada por estranhos. Mas eu ficaria bem; iria me destacar neste lugar.

* * *

Eu estava mexendo nervosamente em meus livros enquanto o Sr. Holmes liderava a oração da manhã. Conseguia perceber pelo canto do olho Henny me observando. Às vezes, eu olhava para cima e analisava o teto quando deveríamos estar rezando. Nunca vira nada assim antes, estanho impresso com um intrincado padrão de flores. Rododendro, Sissy me dissera, e mais tarde apontou um grupo de arbustos com bonitas flores cor-de-rosa que contornavam o caminho para as cocheiras. Imaginei, como frequentemente fazia, quem teria realizado aquele trabalho, e se teria levado horas ou dias, dias ou meses, e deixei a voz do Sr. Holmes sumir ao fundo. Ao que me parecia, ele pedia as mesmas coisas todas as manhãs: saúde, felicidade e prosperidade. Eu não conseguia me acostumar a ficar sentada por tanto tempo; primeiro no café da manhã, depois

aqui, depois em todas as aulas. Quando chegava a hora do almoço, sentia-me um animal enjaulado.

E apesar de ainda ter saudade de casa, muita, eu estava me acostumando a essa nova ordem de coisas. Estava aprendendo. Eu sabia, por exemplo, que, embora Yonahlossee a princípio tivesse parecido gigantesca, não era nem mesmo tão grande quanto nossa fazenda, apenas trezentos acres, e a maior parte era de terreno montanhoso, inabitável.

O Sr. Holmes remexeu uma pilha de papéis em seu púlpito. Todas nós prestávamos atenção, na maior parte do tempo. A Sra. Holmes captou meu olhar algumas vezes quando percebeu minha atenção divagando. Ela se sentava ao lado do marido, junto com as três filhas. Quando não estava olhando o teto, eu observava as garotas Holmes, que me fascinavam. Agora mesmo Sarabeth colocou a mão sobre Decca, para que ela parasse de se mexer. Sarabeth era a mais velha, de onze anos, e fazia lembrar a mãe. Rachel era a seguinte, com dez anos, e era geniosa, uma tempestade sempre passando por seu rosto, ou ameaçando passar, enquanto o pai falava. Eu as invejava. A diferença entre as garotas Holmes e todas as outras era clara: elas não estavam sozinhas.

Decca era alta e morena como o pai, e mesmo aos sete anos dava para ver que continuaria alta e morena, parecia quase certo que caminhava para ser linda. Era injusto que a natureza tivesse sido tão precisa: cada criança nascia mais bonita, Sarabeth fora a primeira tentativa, Decca era perfeita.

Decca captou meu olhar e olhei para o outro lado, mas não sem antes vê-la sorrir. Imaginei o que ela pensava de mim. Será que me achava bonita? Será que as outras garotas achavam? Eu não tinha certeza onde eu estava nesse quesito. Minha mãe era linda, isso eu sabia, tanto porque podia ver por mim mesma quanto porque era um fato em nossa família. Ela até havia sido modelo para um chapeleiro, por pouco tempo, antes de conhecer meu pai. Eu era parecida com ela, mas sempre soubera que não era linda. Eu tinha o cabelo da minha mãe, que era castanho-avermelhado e ondulado, selvagem. Uma vez vi uma foto de Amelia Earhart em uma revista; a manchete a chamava de vistosa. Eu achava que era isso que eu era. Vistosa.

— E mais uma coisa — disse o Sr. Holmes e fez uma pausa. Ele levantou o olhar e nos fitou. O diretor estava na frente da janela, o que permitia a vista mais perfeita das montanhas no acampamento inteiro. Quando ele olhava para nós dessa maneira, era como se a sala desaparecesse, como se estivéssemos todas no topo da montanha. Alice Hunt se esticou a meu lado. Todas ficamos apreensivas. — Algo muito sério. — As cabeças se ergueram. — Vocês conhecem Herbert Hoover? — Um riso nervoso se espalhou pela sala. — Ah, claro, não pessoalmente. — Ele sorriu, e me peguei sorrindo de volta. — Embora eu ouse dizer que algumas de vocês talvez já tenham se encontrado com ele. — De canto de olho, examinei Leona, que estava sentada perto de Sissy. Talvez Leona fosse uma das garotas que pudesse ter conhecido o presidente. — Nosso presidente falou recentemente sobre sua crença de que o país vá se recuperar dessa crise financeira. — Ele segurou um jornal, embora estivéssemos todas muito longe para enxergar. Uma garota na minha frente bocejou. — Esse é um pouco velho, claro.

Fez uma pausa, como se esperasse pela nossa risada, que, claro, foi o que se seguiu. Todas as revistas e jornais eram, no mínimo, “um pouco velhos”. O mais frequente era que fossem de meses e meses atrás, mandados para nós por mães e irmãs.

— Aqui o presidente declara que a Depressão acabou. — Ele deu tapinhas no papel, de leve, com a ponta dos dedos. — Ele pede o nosso esforço continuado para apoiar a economia.

Gates, que estava sentada em uma fila na frente, levantou a mão.

— Sim, Gates? — O Sr. Holmes dobrou o jornal cuidadosamente enquanto a moça falou.

— Como podemos ajudar? — perguntou ela.

Pensei que talvez ela estivesse sendo impertinente, mas o Sr. Holmes não achou.

— Boa pergunta — disse ele —, e uma das melhores respostas deve vir dos pais de vocês. Para colocar de forma clara, dinheiro gera dinheiro. — Até a Sra. Holmes sorriu um pouquinho, atrás do marido. — Encorajem seus pais a investir, a gastar, a confiar nos bancos.

De início, eu não entendi o que havia causado a alegre gargalhada que se seguiu à resposta do Sr. Holmes. Sissy estava dando risadas perto de mim, e enquanto eu olhava seus dedos bonitos cobrirem a boca, entendi completamente: não havia nada que pudéssemos fazer para ajudar. Não éramos nada além de filhas. A ideia de que pudéssemos oferecer conselhos financeiros a nossos pais era, sem dúvida, risível. Eu sorri, também, mas não porque havia achado engraçado; sorri para não parecer diferente das outras garotas.

— Vamos rezar para que, quando vocês deixarem Yonahlossee, entrem novamente em um mundo mais feliz — concluiu o Sr. Holmes, e deu um passo atrás para que sua mulher pudesse dar um passo à frente.

Eu não ouvia o nome Hoover desde que saíra de casa. Pensei no tio George, que havia retornado de Miami da última vez e disse que não voltaria, que era inútil, que o banco podia ficar com tudo. A forma como o presidente Hoover estava lidando com a crise era um ponto de discordância entre meu pai e o irmão dele: meu pai achava que ele estava lidando bem. O tio George achava que era necessário que se fizesse mais, e logo.

Todo mundo aqui parecia tão rico e sulista, insensível às reviravoltas do mundo... E lá estava eu, que havia aprendido a montar com minha mãe, em um pônei sem pedigree. Meu nome do meio não era um nome importante, minha família não tinha cinco propriedades nos Estados Unidos nem passava o Natal em Veneza. Estávamos bem por causa do dinheiro das laranjas, mas meu pai era médico, não um magnata do algodão ou um rei do petróleo.

Yonahlossee era o lugar para onde os homens importantes do Sul mandavam suas filhas. Posteriormente, eu aprenderia mais sobre o lugar: uma Astor, por casamento com os Langhorns da Virgínia, havia se formado um ano antes de eu chegar. Uma das garotas era parente de Robert E. Lee. Sua família possuía plantação de árvore-da-borracha na Malásia. Havia outras escolas para moças, mas Yonahlossee era a mais antiga, e deve ter fornecido certo conforto a esses homens, escondida como era nas montanhas; ninguém podia alcançar as filhas deles aqui. Ninguém podia tocá-las. Depois da Segunda Guerra Mundial, esses mesmos homens começariam a mandar suas filhas para as escolas do Norte, onde elas teriam acesso a mais experiências e conhecimento. Mas, neste momento, experiência e conhecimento não era o que ninguém procurava. O Sul ainda era uma terra em si mesma; de algumas maneiras, era uma terra que o tempo havia esquecido. Havia garotas que se recusavam a acreditar, ou pelo menos admitir, que o Norte havia alegado vitória na Guerra Civil.

— Obrigada, Sr. Holmes — começou a Sra. Holmes. Ainda havia um riso nervoso, vindo de algum lugar lá atrás, e a Sra. Holmes abruptamente parou de falar. — Garotas!

Os risos nervosos desapareceram.

— Nessa mesma nota, talvez de forma mais específica — aqui ela sorriu, quase imperceptivelmente —, permitam-me trazer a atenção de vocês para uma maneira em que façam mais pelos afortunados do que simplesmente mantê-los em suas orações. — Sua oratória era perfeita. A Srta. Lee teria aprovado. — No espírito da caridade cristã, por favor, considerem fazer um compromisso de contribuição ao Fundo para as Operárias, que moram a algumas horas de automóvel daqui e não desfrutam de nossas vantagens.

Jettie e Henny se levantaram e caminharam para a frente da sala, carregando uma caixa de papel com as palavras FUNDO PARA AS OPERÁRIAS cuidadosamente escritas em vermelho. Jettie colocou uma pilha de pequenos papéis perto dela, junto com um copo cheio de lápis, e as garotas começaram a se levantar e a rabiscar números nos papéis, depois dobrá-los e jogá-los na caixa. A caixa era do tipo da que mamãe pegara na Cruz Vermelha e levava para casa, quando éramos bem pequenos e ela fazia serviço voluntário lá.

— Agradeço antecipadamente por sua generosidade — disse a Sra. Holmes.

Eu não tinha dinheiro algum, nem um único centavo. Eu nunca tivera qualquer dinheiro, ou pelo menos nenhum em que pudesse mexer.

— Tudo bem, garotas — disse a Sra. Holmes.

Era o que ela falava sempre que terminava. Tratava-se de um ambiente mantido pela rotina. A Sra. Holmes era bastante gentil, eu imaginava. Mas não tão gentil assim, que era como você devia agir se ninguém estivesse escutando-o. Eu era assim quando cavalgava.

Henny se levantou. Estávamos indo para a aula — minhas disciplinas eram oratória e etiqueta, uma após a outra. Elas eram tão maçantes que dava vontade de chorar. Meus pais nunca pareceram interessados em uma filha que tivesse caligrafia perfeita, ou que fosse capaz de distinguir um garfo de azeitonas de um garfo de limão (o de azeitonas tinha dois dentes; o de limão, três), mas fiquei imaginando se mamãe sabia, ou se não se importava exatamente com o tipo de educação que eu estava tendo. Alguém beliscou meu braço.

— Ai! — gritei.

Era Eva.

— Desculpe. — Mas ela estava dando risadinhas. — Você parece sempre tão perdida em seu próprio mundo. Eu comi tanto! Adoro o dia dos bolinhos de batata. — Ela alisou a barriga.

Sorri.

— Eu me entupo como um porco assado em toda refeição.

E era verdade. Eu fazia isso. Meu apetite reaparecera após os primeiros poucos dias.

— Eva — comentei, enquanto subíamos as escadas para nossa sala de aula —, eu não trouxe nenhum dinheiro comigo.

Parecia uma palavra suja, *dinheiro*, mas Eva não deu sinais de que se importava. Eu nunca havia conhecido uma pessoa tão despreocupada.

— Ah, isso — disse ela. — Você tem que pedir a seu pai.

Concordei, e sabia que nunca pediria dinheiro a meu pai. Soaria como uma confissão de que eu gostava deste lugar.

— Meu pai — continuou Eva — diz que dá o suficiente com as mensalidades. E a Sra. Holmes vem bater à nossa porta todos os invernos, pessoalmente, pedindo doações para a escola. Meu pai diz que ela é muito persuasiva. — Ela sorriu, e percebi que havia colocado pó no rosto e

blush nas bochechas, mas muito sutilmente. — Ela deve visitar seus pais também. Mas talvez não, já que você é da Flórida. — Eva parou e mordeu o lábio. — Eu não quis dizer...

— Não — eu a interrompi. — Tudo bem. — Chegamos à sala de aula; eu podia ver as costas largas da Srta. Lee por trás, escrevendo em letra cursiva no quadro. — Eu sei que a Flórida é... — minha voz diminuiu, e Eva me olhou com expectativa — um lugar estranho — terminei. — Não é para qualquer um.

No dia do baile chegou outra carta, dessa vez da minha mãe. Era longa, mais de duas páginas do papel de carta com aroma de rosas de mamãe, suas iniciais gravadas no alto do grosso papel, cor de creme. *EAC*, o *E* e o *C* ladeando o enfeitado *A*. Elizabeth Collins Atwell.

Minha mãe tinha uma escrita surpreendente, irregular e cheia de curvas. *Querida Thea*, assim começava a carta, e continuava falando sobre nossa horta e os enxames de abelhas e borboletas que atraía, antes de concluir:

Sam está bem, tão bem quanto se podia esperar. Contudo, ninguém sabe exatamente o que esperar. Tudo está por decidir, e vai ficar assim por um tempo, eu imagino. Às vezes, fico tão zangada com você... Outras, fico muito triste. Uma coisa horrível. Que Deus possa trazer paz para eles e para nós.

Todo mundo aqui sente saudades de você. Será que as montanhas a fazem se sentir pequena, Thea?

Dei uma olhada em volta do quarto e vi que Mary Abbott estava me encarando. Encarei de volta. Os olhos dela me aborreciam, pálidos, quase sem cor. Mary Abbott cedeu, encolheu os pequenos ombros e, do outro lado do quarto, articulou a palavra *Desculpe* com os lábios, algo que naturalmente não correspondia a seus sentimentos.

Deitei de costas sobre o travesseiro fino (meus travesseiros em casa eram roliços e perfeitos, eu queria ter trazido um comigo) e corri as pontas dos dedos pelas tábuas de madeira macia de nosso chão, marcadas por um infinito número de arranhões. Garotas usando botas de montaria do lado de dentro, Docey arrastando as camas para arrumá-las, livros caindo. Ninguém tinha a permissão de entrar usando sapatos em nossa casa, apenas as visitas, e se algo caísse no chão e minha mãe ouvisse, haveria um preço a pagar.

Sissy girava em torno do quarto, cantarolando uma valsa. Quando ela se aproximou de nosso beliche, Eva desceu da cama e fez uma mesura, e pegou na mão dela. Sissy aceitou, e elas começaram a dançar, Eva fazendo o papel de rapaz. As duas usavam saias brancas. Eva era mais alta e mais robusta; só os cabelos dela já pareciam ser mais pesados do que Sissy. Elas pareciam mãe e filha dançando. Até eu sabia o quanto a valsa era antiquada, mas não havia jazz em Yonahlossee. Porque era hipnotizante, segundo explicara Mary Abbott.

Tanto Sissy quanto Eva vinham de famílias que costumavam dar festas. Eva, de um império de algodão da Carolina do Norte, e Sissy, de Monroeville, a que ela se referia como o centro do mundo, onde o pai dela fazia algo vago relacionado aos negócios da família e também ocupava o cargo de prefeito. Todas as suas joias vinham do lado da mãe; supus que a maior parte do dinheiro também.

Apenas Mary Abbott e eu não mostrávamos entusiasmo com o evento da noite, quando rapazes de um colégio interno de Asheville chegariam às oito horas, e todos esperavam que dançássemos a noite inteira. Eu, ao menos, fingi estar ansiosa; Mary Abbott não sabia fingir.

— Mais uma — pediu Mary Abbott, quando Eva inclinou a cabeça e Sissy fez uma mesura, ambas dando a valsa por encerrada.

Todas levamos um susto ao ouvirmos a voz de Mary Abbott. Nós respeitávamos as regras em Yonahlossee e, embora fosse pouco provável que uma monitora das casas passasse por ali durante a hora de descanso, todas sabíamos que isso poderia acontecer.

Mary Abbott se levantou e bateu palmas como uma criança que queria algo. Seus olhos semicerrados estavam brilhantes. Eva me contou que o pai de Mary Abbott era um pastor metodista e que a mãe dela tinha morrido quando ela era pequena.

— Shh — sussurrou Victoria, o dedo nos lábios.

Eva colocou uma das mãos nos quadris e analisou Mary Abbott, achando graça.

— Você vai ver muitas danças hoje à noite — sussurrou Sissy. — Não se preocupe.

Mary Abbott se deitou de costas na cama e dobrou os braços. Fiquei imaginando o que ela achava que estava perdendo agora que Eva e Sissy tinham parado de dançar. Ao observar minhas amigas rodopiando pelo quarto, vi duas pessoas inocentes.

* * *

A história favorita de minha mãe — mais estimada do que a de como ela conheceu papai — era a história de nossos nascimentos, que ela transformara em uma espécie de conto de fadas, a mãe que carregava gêmeos sem saber. Meu irmão e eu nascemos durante uma precoce tempestade de inverno: nevava, os passarinhos caíam do céu, mortos pelo frio inesperado, todas as plantas no jardim de mamãe murcharam e mudaram de verde para um avermelhado forte. Meus pais estavam esperando um menino grande, porque a barriga de minha mãe estava muito baixa. Dessa forma, eu fui a surpresa, não Sam. Eu fui a criança que ninguém esperava.

Não havia histórico de gêmeos em nossa família. Quando nascemos, as pessoas ficaram meio temerosas, especialmente por minha causa. Ou eu tinha extraído o vigor de Sam e era o gêmeo mais forte, ou Sam tinha me deixado debilitada. Ou eu era egoísta, ou inútil. Meu pai tentou afastar essas ideias, disse que não havia provas. Entretanto, mesmo ele estava preocupado, um menino e uma menina nascidos juntos, contrariamente à ordem natural das coisas.

Nós éramos bebês irritadiços, ambos tínhamos cólica. Minha mãe ficou de cama por semanas, meu pai cuidava dela e depois dos outros pacientes, que eram sempre responsabilidade dele, sempre, o único médico em Emathla. Uma mulher da cidade tomava conta dos recém-nascidos, Theodora e Samuel, nós dois. Minha mãe tinha acabado de pintar cenas dos contos de fada dos irmãos Grimm quando nós chegamos: uma mecha dos cabelos de Rapunzel adornava a parede de nosso quarto, apenas parcialmente pintada de dourado. O mural havia sido apagado anos antes, mas eu ainda me lembrava muito bem dele. Eu o adorava.

Eu falei primeiro, com nove meses; Sam esperou mais cinco, embora ele falasse comigo antes disso, na penumbra, na luz suave da manhã, quando o restante da casa dormia. Minha primeira palavra foi *laranja*, ou algo parecido com isso, mas meus pais compreenderam assim mesmo. Minha mãe gostava de atribuir minha primeira palavra a um conhecimento herdado sobre as frutas cítricas. Sam e eu só tivemos dente mais tarde, éramos carecas até os dois anos, detestávamos a hora da sesta, adorávamos pão e geleia de laranja.

No entanto, ainda havia a melancolia dos primeiros dias: a surpresa com o nosso nascimento, e depois a convalescença de minha mãe. Sempre havia a possibilidade de morte no parto, um risco difícil de evitar, então mesmo antes de a minha mãe entrar em trabalho de parto havia a

preocupação de que ela pudesse não suportar. A tempestade de inverno, neve cobrindo o chão pela primeira vez em uma década, minha mãe na cama tendo contrações. *Devia* significar alguma coisa, os bebês nascendo naquele dia, e não em qualquer outro dia, sem neve.

Primeiro eu: “Uma menina!”, papai gritou, de forma a que mamãe pudesse ouvir. Todo mundo teria preferido um menino como primogênito, isso era fato, uma pessoa para herdar tudo; então, enquanto meu pai me enxugava com uma toalha e prendia meu cordão umbilical bem apertado, de modo que não fosse sacudido pelas roupas, outra cabeça coroou e outro bebê nasceu rapidamente, mais rápido do que eu, e... “Um menino!” Papai não gritou dessa vez, envergonhado, confuso: ele quisera um menino e conseguira uma menina, mas agora um menino também? Algo estava errado; os deuses não atendiam a desejos desse modo, sem esperarem que algo fosse dado em troca, como prova de gratidão.

Minha mãe estava sofrendo dores demais para nos carregar adequadamente; então a mulher da cidade nos limpou, ajeitou nosso cabelo irregular, torceu chumaços de algodão e retirou o muco de nossos narizes e bocas, os fluidos de nossos ouvidos. Nós éramos pequeninos. Meu pai carregou cada um de nós, separadamente, e levou até os seios de minha mãe. Mamamos indiferentes enquanto ela se contorcía. Minha mãe decidira durante o resguardo que iria amamentar. Era costume na época trazer uma ama de leite, mas quem em Emathla seria adequada? Quem poderia alimentar seu filho tão bem quanto ela?

Passarinhos mortos sujavam o gramado do lado de fora. Mais tarde, com a ajuda de uma lanterna e da luz da lua, meu pai iria recolhê-los com um carrinho de mão e queimá-los em uma pilha de resíduos, e iria observar as penas flutuando na coluna de fumaça, penas azuis, vermelhas, marrons, brancas que não escondiam a sujeira. Ele observava e meditava. E se sentia vagamente esperançoso, à luz da lua, sua respiração formando uma fumaça no ar, seus bebês pequenos e pálidos, mas sadios, pelo menos a olho nu.

Mamãe nos dizia que éramos amados mesmo antes de nascer. Mas isso não era exatamente verdadeiro: um de nós era amado, o outro, desconhecido.

Nós nunca partiríamos. Eu sabia a respeito da Srta. Petit, a escola que mamãe tinha frequentado, mas eu nunca seria mandada para lá. Não havia necessidade. Logo, eu iria para uma escola de etiqueta em Orlando, mas apenas por algumas semanas, apenas por tempo suficiente para interagir com meninas da minha idade, ver como elas se comportavam. Mamãe me assegurava que eu não teria qualquer problema em entender como aquilo funcionava. Era para me preparar para debutar, o que aconteceria antes que eu me formasse na faculdade. Eu iria para Agnes Scott, como minha mãe, e Sam iria para Emory. Nós teríamos que completar nossos estudos. Nossas mentes eram afiadas, importantes... Mentis Atwell.

Sam se tornaria um médico ou um advogado. Isso não importava. Algo com que se ocupasse, enquanto administrava nossa fazenda. Nosso dinheiro vinha efetivamente das frutas cultivadas mais ao sul — lavouras e terras agora supervisionadas pelo irmão da minha mãe em nosso nome —, que Sam e eu também herdariamos, mas que, por enquanto, era gerido pelo irmão da minha mãe.

Eu viveria onde meu marido estivesse, mas em algum local próximo. Gainesville, talvez. Nem todo mundo tinha a sorte de viver em um local tão isolado; nem todo mundo tinha a sorte de tirar o sustento como meu pai, da forma que desejava. E ele tinha essa sorte por causa do

dinheiro de mamãe. Ele era um filantropo — era isso que mamãe dizia. Ele ajudava as pessoas, e muitas não podiam pagar.

Essa era a história de nossos futuros. E era sempre um futuro conjunto, um empreendimento combinado.

No entanto, era como se mamãe estivesse falando grego quando mencionava tais coisas — que Sam e eu iríamos nos casar e viver separados. O máximo que tínhamos ido ao sul era Orlando; ao norte, Gainesville. Eu nunca tinha visto uma universidade. Em minha imaginação, ela era como minha própria casa, só que cheia de gente. Era dessa mesma maneira que eu concebia Yonahlossee antes de entrar em seu mundo: minha adorada casa, com fileiras de moças. Obviamente, eu sabia que isso não seria verdade. Obviamente. Mas isso eu sabia na mente, não no coração.

E Georgie? Ele moraria em algum local próximo, era o que imaginávamos. O futuro dele, porém, não era tão delineado quanto o nosso. Ele não era filho da minha mãe. Eu diria que Georgie era como um irmão, só que sem ser; eu conseguia vê-lo com maior clareza porque ele estava separado de mim.

As pessoas podem mentir sobre suas infâncias, podem inventar qualquer tipo de história e você deveria acreditar nelas, a não ser que estivesse junto delas, a não ser que visse com os próprios olhos. Trata-se de um fardo conhecer uma pessoa tão bem. Às vezes um dom, mas sempre um fardo.

* * *

Foi um alívio que meu vestido cor de lavanda, o mesmo que eu tinha usado no jantar com meu pai no hotel, fosse suficientemente elegante.

Estremeci. Eram quase oito horas da noite, mas o sol ainda brilhava, um tipo de luz diferente daquela do dia, menos austera, mais azul. Chovera mais cedo, e o ar tinha um odor úmido, o caminho estava sujo e esponjoso sob nossos pés. Enxames de vaga-lumes disparavam entre as multidões de meninas. Eu ainda ficava encantada com a presença deles. Na Flórida, era quente demais, só havia mosquitos e enormes e barulhentas libélulas.

Eu tinha hesitado em usar a estola de visom de minha mãe, temerosa de que fosse boa demais para a ocasião, mas havia certa quantidade de peles. Alice Hunt esbarrou em mim, uma raposa enrolada no pescoço.

Levantei minha mão para acenar, mas ela não me encarou. Ela não era o tipo de menina que se dignasse a falar com qualquer um. Minhas bochechas queimavam. Era tão difícil lembrar com quem eu devia ser amigável e quem devia solenemente ignorar.

— Alice Hunt — chamou Sissy, e Alice Hunt parou e virou-se lentamente. Ninguém se recusava a falar com Sissy.

— Sissy — respondeu Alice Hunt, seus olhos cinzentos se movendo brusca e brevemente em minha direção. — Thea.

Então, ela continuou a seguir seu caminho, para se juntar ao restante das meninas de Memphis, que tinham, todas elas, um ar suave, falavam quase como em um sussurro e raramente a encaravam. Elas tinham uma maneira de olhar através de você. Eram facilmente reconhecidas como a panelinha mais esnobe do acampamento.

— O sol nunca se põe em Memphis — murmurou Sissy baixinho, e dei uma risada, embora na primeira vez que ouvi isso, eu tenha precisado adivinhar o que ela queria dizer.

Sissy era cheia de ditos assim: a Sra. Holmes era mais rígida do que espartilho; a família de Leona nadava em dinheiro, ao que eu havia rebatido, nadava mais em petróleo, e então fora a vez de Sissy rir.

As meninas se aglomeravam ao redor de Sissy e de mim, enquanto caminhávamos, vestidas em sedas coloridas, estolas de pele e xales cintilantes sobre os ombros, presilhas de brilhantes nos cabelos. Vi Katherine Hayes, de Atlanta, que era a maior fofoca do acampamento. Seu grupo de Atlanta a rodeava, todas as meninas rindo com estardalhaço. A mim parecia que todas se chamavam Katherine, mas apenas Katherine Hayes tinha a permissão de usar o nome todo. As outras eram chamadas de Kate. Katherine tinha cabelos castanhos selvagemmente encaracolados; usava um vestido sem mangas azul-marinho, o que era o mais próximo que se podia chegar do preto. Eu sabia pelas revistas que era moda as estrelas usarem preto. Mas isso era em Hollywood. As pessoas no Sul não usavam preto a não ser que alguém tivesse morrido.

As unhas das mãos de Katherine estavam pintadas de vermelho. As meninas de Atlanta eram típicas de cidade grande, andavam pelo acampamento com os cabelos em um corte chanel e unhas pintadas (a Sra. Holmes, sempre que as via, mandava que removessem o esmalte); elas estavam constantemente fazendo gestos e rindo como se todos as observassem. E, em geral, todos as estavam observando mesmo, como agora. Elas *removiam* o esmalte, e então davam alguns dias para a Sra. Holmes esquecer antes de aparecerem com as unhas recém-pintadas de novo, com o mesmo tom, como um bando de pássaros com garras exóticas.

Todas usávamos meias de seda, e assim nossas pernas cintilavam. A maioria das bainhas, incluindo a minha, era recatada, mas, se Eva se sentasse de uma determinada maneira, você vislumbrava os joelhos dela.

Havia tanta coisa no mundo para se ver, e a maioria de nós nunca tinha segurado a mão de um rapaz. Queríamos fazer mais do que isso, de qualquer forma, queríamos que os rapazes segurassem não apenas nossas mãos, mas todo nosso corpo, nos apertassem em seus braços musculosos e enrolassem nossos cachos em seus dedos grossos, mas ternos.

Porém, nada disso poderia acontecer, não para as boas e corretas filhas de homens ricos e poderosos, com nomes de família, conexões de família e deveres de família. Seríamos primeiramente debutantes, depois esposas. Todas nós nos casaríamos algum dia, se tudo desse certo após completarmos dezoito anos mas antes de chegarmos aos vinte e um, ainda que eu duvidasse que alguma de nós relacionasse casamento à paixão. Havíamos visto nossos pais, nossos tios e tias, nossas irmãs e seus maridos. Não éramos idiotas. Compreendíamos que o desejo era algo perigoso com o qual teríamos que lidar com zelo, como o antigo frasco de perfume de nossas mães, transferido para a filha mais velha quando esta atingia dezesseis anos.

No entanto, eu não tinha tanto a arriscar como outras garotas de Yonahlossee. Eu via isso agora. Minha família nunca estava nas colunas sociais; meu erro não poderia arruinar os negócios de meu pai. Eu apenas havia arriscado as conexões dentro de minha própria família.

— Já consigo ver os rapazes — cochichou Sissy.

Eu também cochichei:

— Eles não mordem.

Estávamos quase no Castelo, e os rapazes formavam uma fila, as costas contra as janelas. Eles vestiam ternos de verão em cores claras e gravatas-borboletas, como se estivessem fantasiados com a roupa do pai. Eu não conseguia me lembrar da última vez que havia visto Sam ou Georgie vestidos de terno, mesmo que meus pais tivessem dado um terno para Georgie no último aniversário. Eles disseram que em breve Georgie estaria procurando uma universidade; nessa época, isso ainda parecia possível.

Sissy deu uma risada. Ela estava bem espirituosa essa noite, e fiquei feliz com a distração, feliz em não ter que pensar em Georgie e no terno que ele ainda não tinha usado, pelo menos não em minha presença.

A escadaria para o Castelo era estreita, apenas três garotas podem passar ao mesmo tempo. Mary Abbott, os cabelos presos em um coque alto e antiquado, se juntou a nós no degrau de baixo. Sissy e eu demos os braços. Ofereci meu braço esquerdo para Mary Abbott, que preferiu apertar minha mão.

— Sua mão está fria — disse ela.

A voz dela estava mais alta do que o normal, os olhos, muito abertos.

— A sua está úmida.

Parecia que eu segurava algo molhado e morto.

— Vai arrumar um namorado hoje à noite, Mary Abbott? — provocou Sissy.

Seu vestido era verde-claro. O decote quadrado era bordado em um tom prata iridescente, que parecia iluminar o pescoço longo e delgado de Sissy. Ela tinha enrolado os cabelos naquela tarde, como os meus, mas, diferentemente dos meus, os dela não seguravam os cachos. Eva tinha passado pó em nosso rosto, menos no de Mary Abbott, e as sardas claras de Sissy haviam desaparecido. Ela passara brilho em nossos lábios também, mas muito sutilmente, de modo a que a Sra. Holmes não reparasse. Maquiagem era proibido, mas isso aparentemente era uma das regras mais flexíveis de Yonahlossee, já que a maioria das meninas que vi naquela noite parecia mais brilhante do que de costume, seus traços luminosos. Certamente a Sra. Holmes notou. Ela não era tola. É preciso escolher suas batalhas, pensei.

Sissy usava um colar de pérolas com um fecho de rubi brilhante, e um anel de turquesa, uma pedra do tamanho de uma moeda, ladeada por dois brilhantes redondos. Ela usava os brincos de rubi também, combinando com o colar. Eu nunca tinha visto ninguém, nem mesmo minha mãe, usar joias tão extravagantes. Ela era tão magra que as joias pareciam vesti-la — seu colar de todo dia, com a ferradura cravejada de brilhantes, lhe caía melhor —, mas, ainda assim, Sissy, se não era bonita, estava quase incandescente. Seus olhos arregalados — mais um pouco e ela teria uma aparência estranha — salientavam sua qualidade sobrenatural. Ela parecia uma das fadas de *Sonho de uma noite de verão*.

Sissy assustara Mary Abbott.

— Nenhuma de nós vai. Não temos idade.

— E quantos anos devemos ter? — perguntei.

— O suficiente para querer um namorado — respondeu Mary Abbott, e deixou minha mão cair, dando um aperto final forte o bastante para me fazer piscar.

Então, ela seguiu adiante rapidamente, puxou o vestido longo demais até a altura da canela e subiu a escada, de dois em dois degraus, até ficar presa atrás de um grupo de três garotas. Olhei

para Sissy.

— Ela é esquisita.

— Não seja maldosa — disse Sissy. — Não combina com você.

Fiquei surpresa, quis perguntar a Sissy o que ela queria dizer, mas tínhamos chegado quase ao topo da escadaria e estávamos nervosas. Os lampiões a gás na porta queimavam, como sempre, de manhã à noite, embora durante o dia fosse quase impossível notá-los. Então a porta foi aberta pelo Sr. Holmes, que sorria para nós. Ele abria a porta para cada grupo de meninas e depois a fechava novamente, em seguida a reabria — quando na verdade bastava que a mantivesse aberta, como fazia quando entrávamos juntas para as refeições ou as aulas.

Ainda que isso fosse arruinar todo o efeito, teríamos podido ver antecipadamente.

Nosso refeitório tinha sido completamente transformado. Provavelmente haviam despojado o jardim de Yonahlossee de todas as suas flores. Havia flores por todo lado, por mais longe que a vista alcançasse. Em vasos, dispostas por cor: ramalhetes de vermelho-sangue, laranja-queimado, amarelo-claro, rosa-shocking, branco-puro, creme com rajados. As rosas tradicionais, menores, que floresciaam em moitas fechadas, tinham sido entrelaçadas em uma corda grossa que pendia do teto, tão alta que não conseguíamos alcançá-la, nem mesmo a garota mais alta. Eu jamais vira tantas flores fora de um jardim. Minha mãe sempre achou uma pena cortá-las, e, quando ela fazia, nunca arrumava as flores por cor, como ali. A desagradável luz elétrica tinha sido apagada, para o evento da noite; em seu lugar, imensos candelabros de prata sustentavam velas tão grossas como meu antebraço. Os próprios candelabros eram mais altos do que eu, belos da mesma forma como uma arma pode ser bela: eu ficaria longe deles, para que uma das fantásticas chamas, tão espessas quanto um punho, não atingisse meu vestido.

Um grupo de homens grisalhos estava sentado no lado oposto do refeitório, parcialmente ocultos por um biombo oriental. Talvez eles não devessem nos observar. Eles estavam em seus bancos, compenetrados, cada um com seu instrumento: a banda.

Os meninos se sentavam em uma linha perfeita, que se estendia de uma ponta a outra do refeitório, percebidos apenas pelo brilho ocasional de uma pedra quando refletida pela luz, enquanto as meninas se amontoavam desordenadamente no lado oposto. Fiquei imaginando se os rapazes traziam cantis escondidos nos bolsos, como Eva dissera. Eu sabia, por meio dos anúncios da manhã, que a Sra. Holmes mantinha firmes proibições: beber era prejudicial e imoral. A Srta. Brooks estava sentada perto deles, como se para impedir que um rapaz erroneamente passasse para o outro lado. A Srta. Brooks nos guiava em nossas caminhadas de botânica e observação de pássaros à tarde e lecionava história durante o ano letivo e, embora parecesse ser estúpida, era simpática. Eu gostava dela, pelo menos em comparação com a Srta. Lee, que observava todo mundo como se fosse um falcão.

Docey e outra funcionária nos serviram ponche de uma gigantesca tigela de cristal. Inclinei a cabeça para Docey, que não pareceu notar. Em vez de seu uniforme usual, ela usava um traje formal para servir, como aqueles usados por camareiras de hotéis: avental preto engomado, com uma camisa branca por baixo.

— Docey está bem-vestida — sussurrei para Sissy quando nós duas recebemos nossa dose de ponche.

— Olhe — disse Sissy —, não, não olhe, vão notar.

Foi a primeira vez que vi Sissy nervosa. E foi a primeira vez que estive tão perto de um grupo

de rapazes. Eu sabia o que eles esperavam de nós. Eu também sabia o que devíamos esperar deles, o que era bem diferente — sermos conduzidas em uma porção de danças, rodopiando ao redor do salão sob os olhos atentos dos adultos. Queríamos que algum rapaz bonito caísse em nossas graças, para se tornar nosso par durante a noite. E então, talvez quase todas nós, queríamos que eles fossem embora, para que pudéssemos sofrer de saudades.

Não respondi a Sissy. Também estava nervosa, mas por um motivo diferente. Por mais tolo que soasse, eu nunca tinha ficado próxima de um rapaz com o qual não fosse aparentada. Certamente mamãe e papai não sabiam que haveria um baile, com a presença de uma grande quantidade de rapazes.

Henny, Jettie e outra estudante do último ano, Martha Ladue, entraram no refeitório, e havia algo estranho na aparência de Henny; levei um segundo para perceber que a verruga dela estava escondida sob a maquiagem. Martha era a moça mais bonita do acampamento. Ela se parecia com Louise Brooks, só que mais bonita, mais tranquila.

Sissy me cutucou. Leona estava na porta, vestida em uma discreta seda cinzenta, uma gargantilha de brilhante e pérola. Todas olharam para ela, era impossível não fazer isso, pois Leona era o tipo de garota que atraía a atenção de uma sala; era alta, quase um metro e oitenta, e seus cabelos loiro-brancos caíam até a cintura, o que era um estilo para moças mais jovens. Fiquei pensando se ela já tinha cortado o cabelo alguma vez na vida.

O Sr. Holmes então chamou nossa atenção. Ele estava no centro do salão, a Sra. Holmes próxima a ele, um buquê de rosas rajadas de vermelho e creme no pulso. O Sr. Holmes sobressaía ao lado da mulher, tão magro quanto ela era roliça. Ela usava os mesmos brincos de pérola e a saia antiquada arrastando no chão de todos os dias.

— Que o baile comece — ordenou o Sr. Holmes, fazendo um gesto em direção à banda, que iniciou uma música.

Nós nos espalhamos de modo que um rapaz pudesse se aproximar de nós de maneira clara, sem precisarmos imaginar se ele estaria interessado realmente em uma colega de alojamento, ou em nossa melhor amiga. Os rapazes dispararam em nossa direção; dei um passo para trás, impulsivamente, esbarrando em Leona.

— Desculpe.

— Desculpas aceitas — disse ela; esqueci-me de me preocupar com os rapazes e, em vez disso, olhei para cima, para Leona, que fitava um ponto alto, à frente, provavelmente esperando que algum rapaz alto viesse tirá-la para dançar.

Ela era ainda mais alta quando você ficava perto dela. Olhei para baixo e vi que Leona usava sapatos sem salto, tingidos de prateado para combinar com o vestido. Eu e todas as outras usávamos saltos altos quando nos arrumávamos. Suponho que ela era rica o suficiente para ter qualquer sapato feito sob medida, na cor que quisesse.

— Thea. — Olhei para cima, surpresa em ouvir meu nome. Eu não pensei que Leona soubesse quem eu era. — Alguém quer dançar com você — disse ela, impaciente; eu me virei e me vi diante de um rapaz pálido e muito magro.

— Pode me conceder o prazer desta dança? — perguntou, e aceitei o braço que me estendia, percebendo, à medida que caminhávamos, que estava tocando uma música lenta, o que significava que eu teria que ficar bem próxima deste rapaz.

A voz dele era pouco firme. Enquanto era levada para a pista de dança, olhei para trás, em

direção a Leona. Ela me observava, o que me deixou satisfeita por algum motivo.

— Thea, prazer em conhecê-lo — apresentei-me, inclinando a cabeça, uma vez que eu não podia fazer uma mesura, não enquanto estivéssemos andando.

Eu esperava estar me lembrando de minhas boas maneiras.

— Harry, prazer em conhecê-la.

Antes que eu percebesse, estávamos dançando, acompanhados pelos outros casais. Reconheci a canção — “Carolina Moon” — mesmo na ausência da letra. Era uma das canções preferidas de minha mãe, e parecia ridículo, agora, que eu tivesse acabado de pensar que a melodia era bonita, que nunca tivesse pensando nisso. Aqui estava eu, na Carolina, dançando em seu ritmo lento e triste.

— De onde você é? — perguntei.

— Basicamente daqui — respondeu ele, depois de uma pausa.

Ele não dançava particularmente bem. Conduzia, mas pouco. No entanto, tinha o mesmo cheiro que Sam e Georgie; eu tinha me esquecido do cheiro dos rapazes, que era tão diferente, mais acre, mais intenso, que o das moças.

— E quando você não está aqui?

— Na Louisiana. Minha família tem negócios no ramo madeireiro. — Ele estava ansioso para agradecer, o Harry. Suas respostas soavam como perguntas: Basicamente daqui? Louisiana? Negócios no ramo madeireiro?

Eu teria desmaiado por alguns rapazes — havia um alto, de cabelos pretos, vestido com um paletó azul-claro, e Sissy tinha agarrado um ruivo bonito —, mas Harry não era um deles. Molly, a estudante do primeiro ano da minha mesa, passou rodopiando por nós, seus cabelos rebeldes penteados. Mesmo a mais jovem de nós dançava. Sissy me dissera que esses bailes eram um progresso; antes do casal Holmes, cada garota era designada para fazer par com um rapaz, com quem ela dançaria a noite inteira. Ele a acompanharia até o Castelo, levando sob o braço os sapatos de dança de cetim branco da parceira. Houve membros do conselho — como o avô de Sissy — que lutaram contra as mudanças, que achavam que os bailes de Yonahlossee deveriam se pautar de acordo com os antigos bailes de debutantes do pré-guerra.

Quando a valsa terminou, fiz uma mesura, Harry se inclinou, e eu pedi licença para me dirigir à mesa de bebidas. Aceitei outra taça de ponche de Docey, cujos olhos encontraram os meus brevemente.

Senti uma mão se fechar sobre o meu ombro; por um momento, pensei que fosse um rapaz e corei, mas então me virei e me deparei com Sissy.

— Já acabou? — perguntou ela.

— Com um pouco de sede. — Levantei minha taça de ponche pela metade. — Você não está dançando?

— Você viu o rapaz com quem eu estava dançando? — Confirmei com um gesto de cabeça. — Boone. Gosto dele. — Ela abaixou a voz. — Eu *realmente* gosto dele.

Senti uma estranha ponta de ciúme. Ficamos imóveis por um segundo, embaladas pela música. Examinei meu ponche, que estranhamente era azul, quase preto. Na superfície, boiavam amoras silvestres inchadas, que as meninas mais jovens tinham apanhado no dia anterior com a Sra. Holmes durante a aula de oratória O ponche gelado de frutas cítricas que minha mãe fazia,

uma antiga receita de família, tinha um tom rosa-claro e um sabor gelado, doce e cremoso, ainda que ligeiramente ácido.

Sissy rompeu o silêncio.

— Eu a vi falando com Leona.

— Não exatamente. Por um segundo. Ela sabe meu nome.

— Fico surpresa. Achei que ela só soubesse o nome do cavalo dela.

— Você não gosta dela? — perguntei.

Sissy deu de ombros com impaciência.

— Não importa, no caso de Leona. Goste ou não, ela não dá a menor importância a qualquer um, com exceção do cavalo. Ela é tão rica, Thea. — Sissy me olhou. — Ela pode fazer o que quiser. Não tem que parar para se preocupar com as pessoas.

Na verdade, embora Sissy alegasse que Leona e Martha Ladue eram as meninas mais ricas de Yonahlossee, eu sabia que Sissy também estava entre elas. Todo mundo sabia. E a fortuna da família dela não era recente, como a de Leona; ela tinha perdido aquele lustro feio. Eva me contou que os fundos para a construção dos novos picadeiros tinham sido doados pelo avô de Sissy; a mãe e a tia dela eram ex-alunas, e o pai e avô faziam parte do conselho de administração do acampamento.

Ainda assim, fingir que a família não era rica, como Sissy fazia, parecia parte do jogo. Minha amiga jogava com perfeição, movia-se com extrema facilidade e naturalidade em Yonahlossee, era capaz de transitar sem esforço entre as hierarquias do acampamento. Ela sabia quem tinha bolsa de estudos (dez moças por ano, inclusive nossa Mary Abbott), quem era esperta (ela falou que eu tinha recebido a reputação de garota esperta, o que ao mesmo tempo me envaidecia e me aborrecia), e quem era parente de quem (muitas moças eram primas). Ela sabia quem poderia ser expulsa em breve, por causa de problemas financeiros do pai, apesar das declarações do Sr. Holmes de que a situação do país estava melhorando (a posição de Victoria no acampamento estava cada vez mais comprometida). Ela sabia quem importava, quem não importava, ainda que fosse gentil com qualquer pessoa, tanto no primeiro quanto no segundo caso. As garotas de Kentucky, por exemplo, não importavam, eram caipiras, embora eu não entendesse por quê. Molly se parecia com todas as outras garotas do primeiro ano; tire os penteados modernos das garotas de Atlanta, remova os medalhões dourados, decorados com as iniciais, das garotas de Memphis, e todas nós teríamos a mesma aparência.

Os olhos azuis de Sissy eram francos e perfeitamente redondos. Olhos de criança. Ela escolhera a mim, no meio de todas essas garotas. Eu estava tão agradecida. Quando eu saísse daqui, iria me lembrar dela para sempre. Talvez até nos visitássemos.

Compreendi, de repente, como minha mãe deve ter sido solitária em Emathla, apenas com minha tia para chamar de amiga. E eu estava zangada que ela nunca tivesse me permitido isso, que ela jamais tivesse admitido mais alguém.

As valsas continuaram. Dancei com mais três rapazes; um deles elogiou meu cabelo acobreado — ele chamou assim, acobreado — e as mãos de outro eram tão úmidas e viscosas que pareciam cobras. Depois de terminarmos, pedi licença e decidi não dançar mais pelo resto da noite. Eu me acomodei nas cadeiras dispostas ali — verifiquei anteriormente que os rapazes não podiam, ou não iriam, se aproximar de uma garota sentada — e fiquei conversando com Henny, que alegremente comentava sobre os vestidos de cada uma. Deixei-me sonhar acordada,

imaginar que meu pai apareceria a qualquer momento — após essa dança, antes daquela —, não, agora, no meio da valsa interminável, ele não se importaria em nos interromper: ele iria desesperadamente chegar perto de mim. Talvez meu irmão viesse — então todas as garotas veriam como ele era bonito —, ou talvez os três viessem, papai, mamãe e Sam, e eu os perdoaria imediatamente e terminaria com essa história de Yonahlossee para sempre.

Mary Abbott estava de pé perto da porta, sozinha, nervosamente batendo o sapato preto e gasto no chão, como se ela não conseguisse esperar para fugir. Senti pena dela. Iria me custar algo, eu sei, atravessar o salão e ficar na frente dela. Outro teste, para ver que tipo de garota eu era. Não importava se eu atravessasse o salão ou não; eu já tinha falhado, em casa, de tal forma que não seria perdoada.

Se há um instante eu estava cheia de esperanças, imaginando que minha família chegaria para me reaver, agora me sentia infeliz, com a visão de Mary Abbott, minha indecisão sobre ajudá-la ou não — os devaneios de meu pai interrompendo a dança não passavam disso. Uma fantasia, maquinada em meu cérebro inconsequente.

Olhei para o chão, para meus bonitos sapatos, que eu só usara uma vez antes, no jantar de Páscoa, quando me sentei entre Georgie e Sam. Quando voltei a olhar para cima, tinha decidido atravessar o salão, desviar-me dos dançarinos e ser amiga de Mary Abbott.

Mas não precisei fazer isso. O Sr. Holmes estava perto da porta, fazendo um gesto em direção à pista de dança, sorrindo. Mary Abbott falava, e o Sr. Holmes escutava com atenção. Ele era tão bonito, com seus bastos cabelos escuros, as sobrancelhas grossas. O nariz era torto, virado um bocadinho para a esquerda, e fiquei pensando se ele o teria quebrado praticando algum esporte.

Mary Abbott agora ria, e o Sr. Holmes apontou para um conjunto de cadeiras, e ofereceu o braço para Mary Abbott; ela aceitou e o seguiu, e eu observei o Sr. Holmes esperar Mary Abbott se sentar e depois se acomodar ele mesmo em um assento, e percebi que ele era generoso, que ele tinha notado como Mary Abbott estava pouco à vontade, mas que, ao contrário de mim, reagira. Ofereceu um conforto. Imaginei o que ele teria feito se estivesse no lugar de meu pai, se a generosidade do Sr. Holmes teria se despedaçado com o peso de uma má filha.

Sua generosidade me fez sentir saudades de casa. Relembrou-me que houve um tempo em que eu só conhecia a generosidade. Observei o Sr. Holmes murmurar algo para Mary Abbott e imaginei sobre que assunto eles estariam conversando — eu sabia por experiência própria que Mary Abbott não era boa em conversar trivialidades — e eu quis ser Mary Abbott, eu queria que o Sr. Holmes murmurasse algo para mim.

— Não acha, Thea?

Voltei-me para Henny relutantemente.

— Humm?

— Você não acha que o vestido de Sissy está exagerado? Ela sempre faz isso, desfila usando coisas refinadas demais. Parece tola. — A voz dela endurecera.

Todas nós parecemos tolas, pensei. Parecemos menos garotas em um evento dançante em um acampamento do que grandes damas em um baile. Acho que ela está linda, eu ia dizer, mas as palavras ficaram presas em minha garganta. Henny me encarou de perto, como se estivesse concluindo algo sobre mim. Eu tinha pensado que todos gostavam de Sissy; não, que adoravam Sissy. O que Henny poderia ter contra ela? Exatamente naquele momento, Sissy rodopiou perto de nós, ainda com o rapaz ruivo, como se tivesse sido chamada, e captou meu olhar e deu um

largo sorriso, como se fosse a garota mais feliz do mundo.

— Uma tola — murmurou Henny, e então o rapaz bonito de cabelos escuros apareceu na minha frente, e me lembrei de onde eu estava.

Ela estava com inveja de Sissy. E quem não estaria?

— Thea? — chamou ele, e ofereceu o braço.

Ele me conduziu à pista, e minha decisão de não dançar mais desapareceu. Ele era muito direto na maneira como me segurava e conduzia meu corpo; senti-me sortuda por ele ter me escolhido, mas também surpresa — ele havia rompido a regra implícita sobre as moças sentadas: será que eu era o tipo de garota de que os rapazes gostavam?

— Eu me chamo David.

— E você já sabe meu nome.

Ele sorriu. Seus ombros eram tão largos que ficavam justos no paletó. Seus cabelos pretos e fartos estavam penteados em estilo moderno, puxados para trás com pomada a partir da testa, e seus dentes eram muito grandes, brancos e retos. Ele era quase bonito demais.

— Quantos anos você tem? — perguntei.

Ele demorou um segundo para responder e o sangue correu para meu rosto. Eu já tinha cometido um erro. Mas então ele falou.

— Dezesete.

— Você é atleta?

— Futebol americano. Corrida. Sou mais forte do que veloz. Sinta — disse ele brincando, e toquei o músculo que ele oferecia.

A música ficou lenta, e David me puxou para mais perto. Ele tinha um suave odor de colônia. Em outro mundo, isso me teria deixado feliz demais, que David tivesse me escolhido entre tantas garotas. Eu podia sentir os olhares de inveja e admiração de minhas colegas de acampamento. E por que ele tinha me escolhido? Porque eu parecia não querer ser escolhida. Os costumes, no que se referia aos rapazes, estavam completamente errados. E, além disso, eu não queria David. Eu já tinha terminado com aquilo. Eu não queria me unir a mais ninguém, nunca mais.

Uma batida em meu ombro. Abri os olhos e vi a Sra. Holmes, e então os casais além dela, que tinham parado de dançar e nos observavam.

— Está perto demais, Thea.

Mas certamente não estávamos mais perto do que as outras garotas de seus pares. Ou será que estávamos mais colados do que eu pensava, e eu não tinha notado? Que eu não soubesse que distância significava estar perto demais me horrorizou.

— Desculpe-me — falei, suavemente.

Eu não sabia o que fazer, qual era a etiqueta nessas situações. Eu deveria ir embora, ou deveria ficar e suportar a desaprovação de todo mundo? A música continuava a tocar, mas poucas pessoas estavam dançando. David voltou o rosto para o chão, e subitamente pensei em meu pai, como ele tinha deixado de me defender. Meu pai gostaria que eu tivesse ficado, sei disso. Mas ele deixara minha mãe ganhar a batalha. No entanto, o mundo não tinha acabado, mesmo que assim parecesse.

A Sra. Holmes me observava. Não havia mudado muita coisa desde a época dos sapatos de cetim branco que não podiam encostar na terra. Ela não me mandou sair, ou ficar, então fiz um gesto com a cabeça para David e saí por conta própria, abrindo caminho por entre os corpos

quentes e brilhantes. Quando atingi o final do salão, vi que nem todo mundo estava me observando. Os casais tinham voltado a dançar. Henny tagarelava com um grupo de garotas. Talvez a meu respeito, talvez não. Preciso evitar essa situação, pensei. Tenho que fazer isso; não havia nenhum outro lugar para ir, pelo menos não imediatamente.

Meu caráter não era o que deveria ser. Ninguém tinha me dito isso, mas eu sabia. E talvez eu tivesse dançado de modo inapropriado; talvez não fosse mais a melhor pessoa para avaliar o que era apropriado ou não. *O que há de errado com você?* — perguntara minha mãe. E o que era? Senti minha testa quente e vermelha. E então eu me virei para encarar qualquer um que estivesse me observando — eu podia sentir os olhos sobre mim, como se me tocassem.

O Sr. Holmes. Ele me ofereceu um sorriso tímido, e sei que ele estava tentando ser gentil, como fora anteriormente com Mary Abbot. E no início tive uma sensação de náusea na garganta, porque eu não queria que sentissem pena de mim; mas então essa sensação foi substituída por certa esperança: o Sr. Holmes não achava que eu era má. Ele me observou por mais um segundo antes de desviar os olhos polidamente. Ele não me via da mesma forma como os outros adultos agora me viam: meus pais, a Sra. Holmes. Mas ele também não era um rapaz, como David. Ele não estava atraído por mim simplesmente porque eu era bonita e disponível: uma garota no baile. Ele gostava de mim, percebi. E eu gostava dele.

Eu ainda era mais criança do que adulta. Eu não era um monstro, mas uma menina confusa e injustiçada. No entanto, só depois de anos eu entenderia. Naquelas duas semanas em casa, minha mãe tinha ficado zangada, meu pai, principalmente mudo, como se não houvesse nada para dizer. Eles punham a culpa em mim. Então eu cheguei em Yonahlossee como alguém que sente que merece ser chamada de culpada.

Na maior parte do tempo, minha casa era muito calma e minha vida era estável naquilo que pode ser considerado uma infância feliz. Uma vez no inverno e uma vez no verão, mamãe levava a mim e Sam para Orlando, quando fazíamos compras e jantávamos em um restaurante, ou às vezes assistíamos a um filme ou passávamos a noite em um hotel. Essas excursões eram emocionantes, embora eu detestasse perder uma cavalgada, mas elas também faziam parte de nossos costumes.

Sam e eu acompanhávamos mamãe à cidade uma vez por mês e a seguíamos de loja em loja enquanto ela realizava suas tarefas. As pessoas nos conheciam, ela era a mulher do médico, e nós éramos os filhos do médico. Mamãe era encantadora nas lojas quando contava pequenas histórias, dizia coisas engraçadas enquanto passava os dedos nos tecidos simples que nunca iríamos comprar — comprávamos nossas roupas em Orlando ou de catálogos — e fazia seus pedidos.

Mamãe considerava a fofoca desprezível. Então, ela nunca dizia que as outras pessoas de Emathla estavam abaixo de nós. Mas nós sabíamos assim mesmo. Agora entendo que o status de minha mãe era complicado; meu pai era um médico do interior, não havia outra mulher que ocupasse a mesma posição que ela. Em Gainesville, onde havia outros médicos, e advogados, como meu tio, talvez mamãe pudesse ter amigas. Mas o que ela queria de verdade, era, e sempre seria, um mistério para mim. Não parecia possível que uma mulher tão encantadora e linda pudesse encontrar sua felicidade em três pessoas: eu, Sam e meu pai. E de tantas em tantas semanas, minha tia, meu tio e meu primo.

Mas naquela época eu não refletia sobre a felicidade da minha mãe. Eu era uma criança. Só queria que a viagem de carro acabasse, para que eu pudesse pegar o Sasi.

Eu cavalgava nele uma vez por dia, às vezes duas. Nunca deixava passar um dia. Se eu estivesse doente, eu cavalgava; se chovesse, eu cavalgava. Eu passava horas e horas na cocheira todos os dias, mas só me sentava em uma sela por uma pequena fração desse tempo. A maior parte era dedicada às tarefas, mas não se tratava de tarefas árduas para mim, não poderiam ser colocadas na mesma categoria de tirar as ervas daninhas do jardim de mamãe junto com Sam ou ajudar Idella a polir nossa infinita coleção de prataria. Eu limpava as rédeas diariamente, a sela semanalmente; esfregava o pelo de Sasi até ficar brilhante. Tirava a sujeira acumulada nos cascos e esguichava iodo nas delicadas ranilhas para evitar infecções. Eu retirava o estrume e espalhava feno fresco na baía, trocava a água e o alimentava com uma mistura de cereais e aveia às oito horas da manhã, e uma refeição mais leve, de grãos, às quatro da tarde. Eu fazia essas coisas todos os dias; e tinha prazer em fazê-las. Ninguém precisava me lembrar.

Minha mãe tinha cavalgado, na juventude. Montada de lado, uma posição com a qual ela dizia não se importar, e que eu tentara uma ou duas vezes e detestara. Sasi não dava um único passo sem que eu mandasse primeiro. E montar de lado, as duas pernas para um lado só, me deixava com uma sensação de impotência.

Com frequência Sam estava comigo no estábulo, principalmente durante as tardes. Ele não cavalgava, mas gostava de Sasi, e arranjava pistas para nós que incluíam combinações elaboradas, com distâncias exatas entre os obstáculos. Era só dar uma tarefa para ele; depois

disso, ele ficava profundamente interessado, um cachorro com um osso. Ele controlava nosso tempo e anotava em seu caderno nossos números e quantos obstáculos tínhamos derrubado. E, além disso, ele escrevia um número, de um a dez — sua própria pontuação de como nos saíramos.

E às vezes, embora não devêssemos fazer isso, porque mamãe não achava seguro, eu trazia Sasi e tirava a sela dele, e convenciamos Sam a se sentar na garupa. Eu adorava cavalgar em pelo, embora fosse doloroso, sem o acolchoamento da sela: mas essa era a beleza disso também — nada entre mim e Sasi, como os índios cavalgavam. Eu conseguia sentir cada movimento dos seus músculos, cada suave hesitação ou aumento de interesse. Sasi não pensava — ele apenas agia. E para cavalgar bem, era necessário parar de pensar, tinha que agir somente pelo instinto, e isso era algo que eu sempre fizera bem.

Sam tinha que se agarrar em mim, com força, para se manter em cima; Sasi, eufórico pelo novo peso nas costas, andava de lado e arqueava o pescoço, trotava elaboradamente. Ele sabia o que estava vindo, como eu o deixaria ir, daria-lhe espaço e ele galoparia até ficar cansado; será que ele podia ouvir Sam sussurrando, assustado, em meu cabelo, me implorando para parar? Será que ele podia sentir minha cabeça balançando e eu me fazendo de surda para meu irmão? E finalmente, será que ele podia sentir Sam relaxar contra mim, e, enquanto desviávamos para a direita a fim de evitar um galho, senti-lo ficar ofegante de medo, mas também de prazer?

O medo faz o cavalo ir mais rápido, então eu gostava que Sam estivesse lá em cima comigo, com medo, incitando Sasi. E isso era bom para Sam, eu pensava, eu sabia — ele precisava se deixar ficar assustado algumas vezes, a fim de experimentar o prazer que o risco trazia.

Papai normalmente não voltava até a noite, e mamãe cuidava do jardim e da casa a maior parte do dia.

Sam e eu esperávamos ansiosamente as visitas da família do nosso primo, quando mamãe e papai agiam despreocupadamente, quando Sam e eu passávamos incontáveis horas com Georgie. Mas eu gostava quando eles iam embora também, no final do fim de semana; eu gostava de ter minha família de volta para mim, gostava de passar horas ininterruptas na cocheira, para onde eu ia menos quando Georgie estava em nossa casa, porque ele tinha medo de cavalos.

Papai via seus pacientes todos os dias, mas, mesmo assim, ele nunca pareceu se preocupar particularmente com as pessoas. Além, é claro, de mantê-las com boa saúde, com o que ele se preocupava profundamente. Os Atwell em seus milhares de acres eram *quase uma ilha*, minha piada com Sam. Mas não era totalmente uma piada, porque um oceano realmente poderia ter nos rodeado.

— Thea?

Abri os olhos, devagar. Georgie estava debruçado sobre mim. Ele havia chegado no dia anterior com os pais.

— Acorde, Thea — sussurrou ele.

Sam estava roncando suavemente. Meu estômago doía, com força, e eu queria dormir. Dormíamos os três no meu quarto, Georgie na outra cama de solteiro e Sam no chão, embora eu tenha percebido como mamãe havia hesitado sobre as arrumações do modo de dormir desta vez.

— Thea — chamou ele novamente —, está quase de manhã.

— Está bem — concordei —, agora volte a dormir.

— E se eu não estiver cansado?

Fechei os olhos mesmo ouvindo a voz de Georgie.

— Desça comigo — sussurrou ele, pegando minha mão. — Por favor.

— Estou com sono.

— Venha assim mesmo.

Seus traços eram mais suaves com a pouca iluminação. Ele olhou para mim esperançoso e colocou a mão no meu rosto. O gesto pareceu estranhamente carinhoso, mas bom; percebi meu coração acelerar. Tirei as cobertas. Eu queria acordar Sam, mas Georgie balançou a cabeça. Sam e eu fazíamos o que Georgie queria, basicamente. Ele era mais velho e mais forte do que nós.

— Venha comigo — disse ele, e seguimos nosso caminho pela casa adormecida, que parecia morta de tão quieta.

— Eu devia ter colocado mais roupas — comentei, logo que saímos para o ar gelado.

Era outono, quase Dia de Ação de Graças, embora as folhas não mudassem aqui, em vez disso, morriam súbita e rapidamente. O outono era uma bênção mista: eu podia cavalgar durante o dia, por causa da temperatura fresca, mas não podia ficar lá fora até tão tarde, porque escurecia mais cedo.

— Você não está com sono?

Georgie negou com um gesto de cabeça.

— Não consigo dormir. Aqui. — Ele deu um tapinha no chão úmido. — Sente.

Hesitei.

— Acho que vou dizer oi ao Sasi.

— Não vá. Ele provavelmente está dormindo.

Eu ri e me sentei ao lado dele, dobrando a camisola por cima das pernas.

— Cavalos só dormem uma hora por dia.

— Talvez eu seja como um cavalo.

— Eles dormem em pé — continuei. — Para que possam estar prontos para correr, em um piscar de olhos.

— Os cavalos falam coisas assim? Em um piscar de olhos?

— Para mim, sim. Sasi fala todo tipo de coisas para mim.

Georgie anuiu, mas não sorriu. Eu podia ver que sua cabeça estava em outro lugar. Ele parecia pensativo, fato que notei por ser tão atípico. Normalmente, ele se movia pelo mundo de modo tão fácil, ele era uma companhia muito fácil, sempre de bom humor.

— Você acha que vai viver aqui para sempre? — perguntou ele.

Estávamos sentados atrás da casa, a vista que era a mais familiar para mim; a varanda onde todos iríamos ficar mais tarde, enquanto os adultos bebericavam seus drinques. As portas envidraçadas se abriam para a sala de estar menos formal, onde ficávamos à noite quando não tínhamos companhia.

— Nunca pensei sobre isso. — Eu estava deitada de costas na grama, ainda sonolenta. — Imagino que eu vá viver onde meu marido viver. — As palavras pareciam estranhas na minha boca. Mas era verdade; eu sabia que iria morar onde quer que ele morasse.

— E se ele levar você para a lua? — Ele piscou para mim e pensei: pronto.

Eu ri.

— Então vou levar você e o Sam comigo para que vocês também possam ver a lua. Mas antes vou dormir um pouco.

— Então também vou. — Ele se deitou ao meu lado. — Bons sonhos — disse ele, que era o que tia Carrie sempre dizia. Ele pegou minha mão, e embora eu esperasse que a soltasse depois de um segundo, como ele normalmente fazia, não o fez.

— Obrigada — murmurei.

Fechei os olhos. Eu estava quase dormindo quando senti os dedos de Georgie no meu braço, muito de leve, correndo pela sua extensão. Olhei para cima e ele estava me observando, sorrindo; fechei os olhos e tentei não cair no sono, tentei permanecer nesse estado de transe entre estar dormindo e acordada. O prazer do toque do meu primo era quase demais, mas eu não queria que parasse.

Então o sol estava brilhando sobre nossas cabeças, e minhas coxas estavam grudadas de suor. Mesmo quando o ar estava fresco, como agora, o sol estava sempre sobre nossas cabeças, nos seguindo.

— Georgie — chamei, e sacudi seu ombro inerte. — Dormimos.

Meu tio e meu pai estavam sentados na varanda, uma pilha de papéis na frente deles; normalmente meu pai estaria fazendo suas visitas, examinando os pacientes. Nós os vimos antes que eles nos vissem; meu pai delgado, as delicadas mãos de médico, e meu tio rechonchudo. Ambos tiveram filhos parecidos com eles.

O tio George me olhou sem expressão quando me aproximei; eu o beijei na bochecha mesmo assim.

— O que vocês estavam fazendo aqui fora? — perguntou meu pai.

Ele tirou do bolso o relógio de seu pai, que estava sempre com ele. O tio George o provocava por isso, chamando-o de nostálgico. E era verdade que quase todo homem que eu vira — não que eu houvesse visto muitos — usava relógio de pulso.

— Está muito cedo — completou meu pai.

— Caímos no sono — respondeu Georgie.

Eu ia elaborar, mas pude ver que meu pai não se importava. Quando lhe perguntei o que o tio George ganhara do pai deles que fosse correspondente ao relógio de bolso, ele apenas sorria.

— Por que vocês não entram? — sugeriu. — Ainda está cedo. Não acorde sua mãe.

Meu pai, quarenta anos em junho agora, começara a ficar grisalho, seu cabelo castanho-escuro estava salpicado de cinza. O tio George ficava careca. Os dois estavam envelhecendo, papai com melhor aparência.

Quando estávamos no andar de cima, senti o sangue na minha roupa de baixo. Eu me sentei na beirada da banheira e senti; meus dedos estavam cobertos com um brilho vermelho-amarronzado, mas esse sangue era diferente; ele era grosso, formava coágulos.

Ouvi o chão ranger do lado de fora da porta. Sam, se levantando. Havia apenas uma porta entre meu irmão e meu primo, que havia se deitado de novo na cama, e eu. E não havia tranca, também, e eu queria tanto uma naquele momento. Sam iria bater antes, mas ainda assim: só uma porta entre nós era algo inadequado. Pressionei uma toalha velha na minha roupa de baixo. Eu iria queimá-la, mais tarde. Eu diria a mamãe, depois. Minha família era liberal em certos aspectos, e eu sabia que isso era de se esperar. Mas ainda assim, pensar tanto em Georgie como

em Sam descobrindo me dava vontade de morrer.

* * *

Mais tarde naquele dia, Georgie, Sam e eu fomos caçar uma cobra para um dos terrários de Sam. Eu havia ajustado um dos cintos de mamãe para que coubesse em mim. Normalmente eu estaria cavalgando, mas havia anunciado no café da manhã que Sasi estava manco. Mamãe me olhara com curiosidade — Sasi era um põnei sadio — e eu virara a cabeça. O pensamento de usar culotes apertados com uma geringonça entre as pernas parecia impossível. A tia Carrie estava de volta à casa, com mamãe, e elas nos disseram para sermos cuidadosos, que era uma recomendação que davam não importava qual fosse a atividade, então não significava nada.

— O que vocês estavam fazendo ontem à noite? — perguntou Sam, e logo percebi que ele tinha ficado um pouco magoado de não o termos o chamado.

— O que você quer dizer? — O tom de voz de Georgie era brincalhão.

— Acordei e você não estava lá. Nem Thea.

— Georgie não conseguia dormir — respondi — e então ele me acordou! Não deixei que ele acordasse você.

— O que estamos procurando, exatamente? — perguntou Georgie, insensível à mágoa de Sam. Mas Sam pareceu aceitar minha explicação.

— Cobras.

— Aposto que vou encontrar uma — disse Georgie, e abriu um grande sorriso. — Eu sei onde elas se escondem.

— Lembre-se — advertiu Sam —, não as mate.

Georgie colocou a mão no peito.

— Prometo!

Sam riu. Georgie havia acidentalmente esmagado um dos três sapos de Sam no mês anterior, e ele sempre pegava os lagartos de maneira errada, de modo que os rabos se soltavam dos corpos. Sam era mais delicado: ele sabia como induzir um lagarto a escalar até suas mãos unidas, como pegar uma cobra pelo pescoço e enrolar seu corpo em volta do pulso.

— Pobre cobra — murmurei. — Você acha que ela realmente quer morar com você?

Sam ria.

— É melhor do que ser comida por uma cobra maior, ou por um pássaro.

Georgie parou e desenroscou a tampa do cantil, então o levou até a boca. Cada um de nós tinha um cantil amarrado em uma tira atravessada nas costas. Tomei um gole do meu, também; eu gostava de como a água ficava fresca, ligeiramente metálica. A tia Carrie deixava o cabelo de Georgie crescer mais do que minha mãe deixava o de Sam, então meu primo estava com uma aparência selvagem, os cabelos castanhos desgrenhados, com mechas mais claras por causa do sol. Meu irmão se ajoelhou e examinou um punhado de terra. Georgie estava mudando, em comparação com Sam; havia cabelo quando ele levantava os braços, e seu suor tinha um odor maduro e almiscarado. Desse ponto de vista, Georgie parecia quase um homem, encorpado e forte. Sam ainda era inacreditavelmente magro, da maneira infantil dos meninos, os ossos saltando por baixo da pele.

— Se tivermos sorte — disse Sam, levantando-se —, vamos encontrar uma cobra-coral. Elas

são tão lindas... Estou vendo alguns rastros de cobras, mas não sei de que tipo. Mas estamos perto da água.

As cobras-corais vivem perto da água; eu sabia disso por Sam. Ou talvez sempre tivesse sabido.

— Tomara que não tenhamos sorte — disse Georgie —, já que elas são mortais.

Sam e eu olhamos para ele. Cobras-corais eram venenosas, mas também eram tímidas. E elas tinham que mastigá-lo por um bom tempo antes de o veneno ser transmitido. Sabíamos o que temer na vida selvagem da Flórida, mas fomos ensinados a não ter medo do mundo natural. Quanto menor o animal, mais medo ele tinha de nós. E, quando eu estava em meu pônei, meu pai me dissera, eu era uma criatura aterrorizante — as cobras podiam sentir nossas pegadas a quilômetros de distância, e os ursos e as panteras podiam sentir nosso cheiro antes de nos ver.

Sam era um naturalista muito cauteloso. Seus terrários eram repletos de répteis que não eram venenosos. Ele queria apenas ver uma cobra-coral, não capturá-la.

— Você é um garoto de cidade — falei. — Tem mais chance de engasgar bebendo água do que de ser mordido por uma cobra-coral.

— Vou correr o risco com o cantil. — Georgie riu e bebeu outro gole de água.

Sam começou a se aprofundar sobre as especificidades da mordida de cobra-coral e depois mudou para a cascavel-pigmeia, para fornecer um contexto, e comecei a andar novamente, esperando acelerar as coisas. Eu não queria ficar ali por muito tempo. Eu não sabia quanto tempo o cinto iria durar.

— Quietos — sussurrei, quando vi a grama tremer levemente.

Apontei para o lugar.

— Pode ser um lagarto — disse Sam suavemente.

Ele caiu de joelhos e se arrastou para o limite do mato, que batia na nossa cintura.

Georgie e eu o observamos, tentando ficar tão imóveis quanto fosse possível. Sam conseguia se movimentar silenciosamente, como um índio. Nós não. Prendi a respiração e Sam enfiou a mão no meio do mato e puxou uma cobra preta e comprida, um círculo laranja envolvendo o pescoço. Senti um lampejo de orgulho; ele era rápido.

— Bom olho, Thea — ele elogiou, e nos mostrou a barriga da cobra, de um lindo tom vermelho-alaranjado. — Tem pelo menos trinta centímetros.

Observamos a cobra se debater na rede de Sam.

— *Diadophis p. punctatus* — explicou Sam.

— *Diadophis* — disse Georgie —, não foi seu dia de sorte.

— Mas foi o meu — retrucou Sam, feliz.

Observei a cobra, imóvel na rede, como se tivesse aceitado seu destino. Era totalmente crescida, uma adulta, e sem marcas. Uma cobra sortuda. Sam não a manteria para sempre em uma caixa de vidro, mas a cobra não sabia disso.

* * *

Mamãe estava em meu quarto quando voltei, sentada na ponta da minha cama desfeita.

— Tem sangue em seus lençóis — disse ela, e olhei para onde apontava.

— Eu ia contar para você hoje.

Ela se levantou, e pensei que ia sair, mas então chegou bem perto de mim e desabotoou minha blusa antes que eu pudesse impedi-la.

— Onde você pegou isso?

Passou a mão sobre o cinto. Olhei pela janela, para o grande carvalho que pairava sobre nossa casa como se fosse um guardião. Papai disse que ele nos mantinha frescos nos verões e aquecidos nos invernos.

— Desculpe-me — falei rapidamente. — Desculpe-me.

Ela concordou com um aceno da cabeça e pegou minha mão entre as suas, como se insistisse. Mas eu era a filha dela, não precisava daquilo.

— Você sabe o que isso significa?

— Que eu não posso cavalgar.

Ela riu.

— Não. Significa que agora você pode ter um filho.

Fiquei horrorizada. Minha mãe sorriu para mim muito, muito gentilmente e eu queria que ela ficasse com raiva de mim, qualquer coisa menos essa ternura. Em geral, eu recebia com ansiedade a afeição de minha mãe, mas eu não queria mais atenção voltada a essa coisa que havia acontecido comigo, com meu corpo. Eu não queria que acontecesse. Não pedi por isso.

— Claro que não agora — continuou ela —, mas algum dia. Isso não a deixa contente, Thea?

Neguei com a cabeça. Minha mãe me trouxe para mais perto e pressionou minha cabeça em seu peito.

— Ah, não chore. Eu não quis alarmá-la. Só quero que pense que não tem nada de que se envergonhar.

Pulei para trás.

— Você não vai contar para ninguém?

— Claro que não. Fica entre nós. Um assunto feminino. — Ela deu um sorriso esmaecido. — Não é nada de que se envergonhar, Thea. Nada.

Concordei com um aceno de cabeça. Eu não sabia o que dizer, então agradeci à minha mãe e ela respondeu do mesmo modo, meio fora do habitual, enquanto saía do quarto.

— De nada.

Eu era muito boa em manter minha mente focada. Era assim que meu pai chamava. Mamãe chamava de ignorar as consequências. Eu já havia sangrado duas vezes antes, a primeira vez tinha mais de um ano. E eu havia mantido em segredo porque estava confusa pelo que estava acontecendo comigo. Eu não entendia como algo que eu esperava pudesse me fazer sentir tanta vergonha. E sabia que falar sobre algo o tornava real. Lancei-me em minha cama, agora já arrumada, o que era algo que não tínhamos autorização para fazer, apertei meu rosto contra o travesseiro e desejei ouvir uma voz, de Georgie ou de Sam, ou até da tia Carrie — apenas um sinal de que a vida continuava sem mim, de que meu sangramento não era um fato importante ou particularmente empolgante. Eu era uma garota, a única garota em nosso mundo. O ponto em que eu era diferente de Georgie e Sam acabava de ser articulado pela voz de minha mãe. Eu me sentia, pela primeira vez na vida, isolada, sem rumo. Uma garota à deriva.

Agora eu entendo que o alívio que eu pude ver, uma sombra dele, no rosto da mamãe era alívio por eu ser normal. Ela devia estar preocupada, sua filha já com quatorze anos, quase quinze, ainda não menstruava. Ela simplesmente tem a puberdade tardia — tenho certeza de que

papai dizia isso, pronunciava essas palavras exatas ou algo do gênero, e mamãe concordava ou não com ele, mas ainda assim se afastava e continuava preocupada.

* * *

Meu pai chegou em casa mais tarde do que dissera que chegaria, e mamãe estava esperando por ele na porta da frente. Eu estava com medo de que ela contasse para meu pai que eu havia menstruado, então esperei na varanda onde eu podia ouvi-los.

— Eles estão esperando lá fora — disse minha mãe, e meu pai balançou a cabeça.

— Como eles estão? — Ele colocou no chão a maleta de médico, que estava sempre com ele.

— Como parecem estar?

— Bem — respondeu ela, e o ajudou a tirar o jaleco.

— Bem?

— Bem, Felix. — A voz dela estava suave, mas firme.

A conversa entre adultos era frequentemente cifrada, impenetrável. E embora eu normalmente me preocupasse muito pouco com os assuntos de adultos que minha mãe e meu pai discutiam, isso era outra coisa, algo que envolvia minha tia e meu tio e, por extensão, Georgie. E eu gostava de Georgie, profundamente.

Esperei um segundo e então os segui até o deque de trás, onde os adultos tomavam coquetéis antes do jantar. Fiquei surpresa com meu desapontamento por mamãe não ter dito nada a meu respeito a papai. Todos estavam sentados em suas cadeiras baixas, de metal pintado de verde, em volta de uma mesa com canapés e uma garrafa de champanhe para as damas e um decantador de uísque para os homens. Embora bebida alcoólica fosse tecnicamente ilegal, comprá-la era como um jogo de que todos participavam, e todos venciam. O tio George conhecia alguém em Gainesville que mantinha a ele, e a nós, abastecidos. Essa era normalmente a minha parte preferida das visitas, a hora em que os adultos estavam mais felizes.

Caminei por trás de papai, beijei o topo de sua cabeça. Ele sorriu para mim, e tio Georgie piscou para mim. Georgie e Sam estavam sentados no chão, um pouco atrás de todo mundo, observando a cobra. Sam enchera o terrário com terra, musgo e pedras; uma miniatura da antiga casa da cobra. Eu me sentei perto deles.

A tia Carrie captou meu olhar e sorriu.

— Seu pônei está melhor, Thea?

Olhei sem expressão para minha tia antes de me lembrar.

— Ah, sim — respondi. — Ele só precisa repousar por alguns dias.

— Ótimo. — Ela sorriu e alisou a saia sobre sua barriga roliça.

Meu pai observou minha mãe quando ela inclinou a garrafa de champanhe para servir-se, e a levantou assim que as bolhas ameaçaram sair pela boca da taça. Nós todos a observávamos e pensei no que ela dissera antes, sobre ser uma mulher. Parecia algo muito do universo feminino, que todos a observassem.

— Bem — começou tio George e parou. Ele segurava um cachimbo na mão, uma fina linha de fumaça rodopiando em direção aos céus. Eu adorava o cheiro. Nesse momento, Idella entrou na varanda, carregando uma travessa de pequenos biscoitos de cebolinha. Sam se levantou e pegou um punhado antes que ela os colocasse na mesa.

— Sam — repreendeu mamãe suavemente.

Ela parecia distraída. Todos os adultos pareciam distraídos.

— Está comendo. Foi cedo. A última não comeu por dias — falou Sam, ignorando mamãe, se ajoelhando e apontando para a cobra, que sem dúvida estava comendo uma minhoca. Encolhi os ombros.

— Você vai pegar toda a comida para ela? — perguntou Georgie. — Parece muito trabalho.

Sam engoliu o último de seus biscoitos. Dei um tapinha em meu próprio rosto, para mostrar a ele que havia uma migalha no dele, mas ele estava perdido no mundo da cobra. Ele podia fazer isso, dedicar-se completamente a um animal; eu também podia, com Sasi, mas parecia bem diferente. Sasi tinha sangue quente, como eu.

Sam gentilmente levantou a cobra do terrário e afagou-lhe a cabeça. A cobra parecia calma, apaziguada. Mamãe disse que era o dom de Sam, acalmar animais que amedrontavam a maioria das pessoas. Ele colocou a cobra no chão de madeira e ela começou a serpentear para longe, devagar.

— Ela precisa se exercitar — murmurou Sam, enquanto engatinhava para segui-la.

Georgie olhou para mim e revirou os olhos, e eu sorri. Eu não conseguia me imaginar gostando tanto de uma cobra quanto meu irmão.

— Ele é um encantador de serpentes — eu disse, e Georgie começou a falar algo mais, mas então nós dois nos viramos, atraídos pelo som estranho e inconfundível de alguém chorando.

Minha tia. Fiquei gelada. Eu não me lembrava de algum dia tê-la visto chorar. Na verdade, eu só presenciara minha mãe chorando uma vez, quando seu cavalo teve que ser sacrificado; meu pai, nunca.

Eu me virei para Georgie, mas ele estava observando a mãe.

— Não vale nada agora? — perguntou minha mãe baixinho. — Tudo?

Minha tia fechou os olhos e apertou os dedos contra os lábios. Meu tio olhou para o cachimbo, que ele segurava cuidadosamente, apertado entre o polegar e o indicador. Ele não olhava minha mãe nos olhos. Nenhum deles falava. Virei-me para meu primo de novo, e havia manchas vermelhas brilhantes em suas bochechas e em sua testa, a vermelhidão colonizando sua pele clara. Ele sabia.

— Miami — a tia Carrie lamentou com tristeza, e balançou a cabeça. — Miami.

Miami era aonde o tio George ia havia anos, desde quando eu podia me lembrar. Ele ia para lá uma vez por mês, para olhar sua propriedade, a propriedade que ele um dia venderia.

Meu pai não falou nada, ficou sentado, completamente imóvel, as mãos nos joelhos, o rosto inexpressivo. Mas entendi que essa falta de expressão significava uma coisa: meu pai estava aborrecido.

— Conte para ela, George — disse a tia Carrie. — Conte para ela.

O tio George olhou para a esposa, e ela incentivou.

— Vá em frente.

— Para explicar claramente, como eu relatei a meu irmão essa manhã, eu devo ao banco mais do que a propriedade vale. Foi um investimento estúpido desde o início — admitiu ele finalmente. — Mas parecia uma coisa certa. O próprio Bryan chamava de “Raio de Sol Divino”. Todos queriam um pedaço, Elizabeth. Havia tantas pessoas que queriam morar lá... — Ele baixou a voz. — Parecia uma coisa certa.

Quando meu pai falou, sua voz estava suave, mas clara.

— Nada nessa vida é certo, George.

Um cardeal vermelho-brilhante pousou no parapeito e fez um pequeno gorjeio. Meu pai virou a cabeça na direção do som, fitou o pássaro por um momento, e depois voltou-se novamente para o irmão.

— Nada.

— Principalmente especulação de terras — disse meu tio, e riu nervosamente.

Eu me senti enjoada. O ar estava pesado, os adultos estavam tão distraídos que não notaram a mim e ao George. Sam ainda estava seguindo a cobra.

Georgie se levantou e saiu da varanda para o jardim sem pedir licença. Esperei que um adulto o chamasse de volta, mas eles apenas o olharam se afastar, suas testas franzidas, e eu, de repente, fiquei com tanta raiva de todos — meu irmão tolo, meus pais tolos, meus tios tolos.

Corri atrás de Georgie. Minha mãe me chamou — “Thea!” —, mas eu a ignorei.

Quando o alcancei, toquei em seu ombro.

Ele se virou.

— O que você quer?

Não consegui falar nada. Eu não sabia o que falar. Sua rudeza me surpreendeu; Georgie nunca havia sido rude comigo.

— Vamos até a cocheira — falei calmamente.

Eu sabia que ele me seguiria. Quando Sasi me ouviu, relinçou e balançou a bonita cabeça por sobre a porta da baia. Estava quase na hora de ele comer. Eu dei tapinhas na cabeça larga dele e esperei. Senti que Georgie falaria quando estivesse pronto.

Murmurei algumas frases para Sasi, disse como ele era um bom garoto. Eu esperava que o sangramento não durasse muito dessa vez. Eu detestava ficar sem montar, detestava passar um dia ou dois reestabelecendo as coisas com Sasi antes que pudéssemos começar novamente de onde havíamos parado.

— Meu pai pensou que nós fôssemos ficar ricos — disse Georgie, de trás de mim —, como vocês.

Sasi mordiscou minha mão, de leve, efusivo porque estava com fome.

— Nós não somos ricos — retruquei.

Georgie deu uma risada curta, forte.

— Vocês têm as laranjas.

Era verdade. Nós tínhamos as laranjas.

— Você sabe o que significa hipotecar nossa casa, Thea? — perguntou. Ele deu um passo mais para perto de mim. Tocou a ponta da minha trança, e estremei. — Significa que meu pai pegou emprestado dinheiro de um banco dando como garantia nossa casa.

— Por quê? — Eu mal conseguia respirar.

O dedo de Georgie se demorou nas minhas costas, brincando com meu cabelo.

— Para comprar mais terras, em Miami — explicou Georgie. — Ele estava feliz de vender logo. — Quase sussurrava. — E agora o país está muito mal, e ele não consegue pagar de volta ao banco, e ele pediu dinheiro. Para seu pai.

Eu podia sentir a respiração de Georgie no meu pescoço. Eu podia sentir o cheiro dele: forte, oleoso, como se ele tivesse estado na floresta.

Muito mal. Essas tinham sido as palavras dos nossos pais. Papai dissera a mesma coisa sobre o país na semana anterior. Mas o mundo de nossos pais era separado do nosso, um lugar completamente diferente. Georgie não precisava se preocupar com os assuntos dos adultos. Eu me virei e fitei meu primo, que parecia triste, o oposto de como Deus o havia feito. Peguei a mão dele.

— Eles vão cuidar disso. Você vai ver.

Eu podia ver que Georgie queria acreditar em mim.

— Confie em mim — falei.

Eu mostraria a Georgie que eu não estava com medo. Dinheiro não significava nada para mim, então. Se o tio George pegasse emprestado dinheiro da minha família, tudo bem, porque tudo era compartilhado em família, e, além disso, sempre havia mais dinheiro. Sempre havia outro jogo de cortinas de seda de Orlando, outro pônei, outra faca com cabo de marfim.

— Tudo bem — cedeu ele. O velho Georgie voltara para mim. — Tudo bem. Eu confio em você, Thea.

Ele me beijou na bochecha. Eu corei, mas estava contente porque deixara meu primo contente, porque eu o animara, porque mostrara a ele que o dinheiro não importava.

Eu acreditava em todas essas coisas que disse a meu primo naquele dia. Eu tinha tudo o que eu amava no mundo em um raio de trinta metros: meus pais, minha tia e meu tio, meu irmão. Meu primo e meu pônei ao alcance dos braços. Meu entendimento do que era mundo, eu pensava, estava completo.

Chovia torrencialmente. Naari e eu estávamos paradas na cabeceira do picadeiro, perto do Sr. Albrecht, observando Leona completar a pista. Ela estava cavalgando muito mal hoje, talvez distraída pela chuva. Ela e King haviam batido em diversos obstáculos, derrubado dois.

— Segure a cabeça dele! — gritou o Sr. Albrecht, sua voz abafada pelo vento.

Ele segurava um guarda-chuva, para o qual Naari olhava com precaução. Nós estávamos para ser avaliadas individualmente; seria minha primeira vez, mas eu não estava nervosa.

Quando Leona terminou, guiei Naari para um trote a partir do nosso ponto de parada: ela estava distraída pela tempestade, e suas orelhas moviam-se para a frente e para trás. Sussurrei no ouvido dela, chutei-a duas vezes, e ela me deu atenção por um momento. Passamos por Leona, que resmungava furiosamente com King.

— Joelhos, Thea — gritou o Sr. Albrecht.

Meus joelhos tinham uma tendência a deslizar para cima durante os saltos.

— Um minuto.

O Sr. Albrecht marcou nossos percursos, como se estivéssemos sendo cronometradas em uma competição. Deslizei meu calcanhar direito para baixo e coloquei Naari em um meio galope.

— Tempo — gritou o Sr. Albrecht, e estávamos quase alinhadas com o primeiro obstáculo, mas não totalmente.

Eu havia aprendido, antes do Sr. Albrecht, a esquecer os erros. Lembrar-se deles podia facilmente arruinar um percurso.

— Agora — sibilei para Naari enquanto saltávamos o primeiro obstáculo, mas por pouco.

A chuva parecia apertar, ou talvez eu apenas estivesse indo mais rápido. O vento nos chicoteava. Não havia trovões nem relâmpagos — as regras do acampamento nos forçariam a nos abrigar se fosse esse o caso —, mas eu podia ouvir os galhos fracos nos carvalhos se quebrando.

Uma cortina de barba-de-velho voou em nosso caminho, e Naari escorregou. Dei um tapinha no ombro dela com o chicote e puxei as rédeas.

— Equilíbrio — ouvi o Sr. Albrecht gritar, mas ele mal estava lá.

Conduzi Naari em direção a um triplo, a combinação mais difícil da pista.

“Dois, dois, dois”, repeti para mim mesma. Havia espaço para dois passos entre cada obstáculo, nem mais, nem menos.

— Isso — gritou o Sr. Albrecht. — *Gut!* — Eu mal podia ouvi-lo. — Agora — eu o ouvi gritar, e passei perfeitamente pelo primeiro salto.

Um, dois — Naari elevou-se sobre o segundo obstáculo, eu mal podia senti-la embaixo de mim, ela era uma mola entre minhas pernas.

E então o último obstáculo. Já tínhamos quase terminado. O vento aumentou, então, entre o segundo e o terceiro saltos, e o guarda-chuva do Sr. Albrecht voou na nossa direção. Naari deu uma guinada para a direita, e eu perdi meu estribo direito, e depois ouvi o som inconfundível de couro quebrando, e minha sela deslizou para a esquerda. A cilha se rompeu, pensei, incrédula. Olhei na direção do Sr. Albrecht como quem dizia: “Você viu isso?”

Mas então a sela deslizou ainda mais para a esquerda, e eu não conseguia acreditar na minha má sorte — como eu podia me endireitar, mover a sela para a direita, quando havia perdido o estribo direito? Era impossível. De repente, me senti terrivelmente tonta, empoleirada em um ângulo quase paralelo ao chão.

— Ande em círculos! — gritou o Sr. Albrecht. — Círculos!

Mas eu estava tão desorientada que não sabia nem qual rédea era a direita e qual era a esquerda. Pressionei a perna direita no flanco de Naari o mais forte que consegui, a única pressão que estava evitando que eu caísse no chão. E não seria uma boa queda. Da posição em que estava, eu podia ver que a cilha não havia se rompido completamente, então, se eu caísse, ficaria presa por baixo de Naari, amarrada a ela pelo estribo que eu não havia perdido.

— Faça alguma coisa — gritou o Sr. Albrecht desesperadamente. — Alguma coisa!

Naari galopava a essa altura, e Leona passou por meu campo de visão inclinado; ela estava olhando para a própria mão, à frente dela na luva azul-marinho, os dedos abertos, a palma da mão virada para cima. A tinta escorria por seus antebraços.

Em uma explosão de força, de alguma maneira joguei meu braço em volta do pescoço de Naari, e me impulsionei para ficar ereta. O mundo estava de volta à sua ordem normal, e fui capaz de fazer Naari galopar em círculos até que ela diminuísse a velocidade.

O Sr. Albrecht se aproximou, estendendo a mão à Naari, que olhava para ele cautelosamente.

— Está tudo bem — murmurou ele, e depois para mim: — Você está bem, Thea?

Confirmei com a cabeça. Eu me sentia bem, estranhamente bem. Sabia que devia ter me sentido aliviada, ou até assustada, mas, em vez disso, eu me sentia impassível; relaxada, até. Estive tão perto de um acidente; mas não era um risco constante, sempre que eu estava em cima de um cavalo?

Leona estava parada no mesmo lugar de antes, nos observando, e eu entendi que havia testemunhado uma fraqueza: Leona não quis assistir. Ela ficara com medo.

— Ela é nervosa — disse Leona mais tarde, nas cocheiras, enquanto passávamos uma esponja com água quente nas costas dos nossos cavalos. O vapor subia. — King não é. Ele é estúpido. É assim que um cavalo deve ser, estúpido e obediente.

— Gosto que meus cavalos sejam espertos — meu tom de voz era descontraído.

— Espertos até demais, é assim que gosta? Você perdeu seu estribo, quase caiu. Ela a teria arrastado pelo picadeiro se você tivesse caído.

— Mas não caí.

Naari estava exausta, completamente imóvel amarrada com uma corda de cada lado.

— Mas podia ter caído — replicou Leona. Eu estava a ponto de argumentar, mas ela continuou: — Quanto mais estúpido o cavalo, melhor. — Ela bateu nas costas de King. — As pessoas morrem em acidentes quando estão montando, Thea. — Ela desamarrou as cordas de King; Naari levou um susto com o barulho do metal caindo no chão de concreto do espaço para lavagem. — Você devia pedir outro cavalo.

Ela prosseguiu, enquanto guiava King passando por nós:

— Mas você não vai fazer isso, porque é orgulhosa. Um cavalo é uma arma.

Parei e olhei para ela, e percebi que eu tinha uma vantagem sobre Leona. Eu não tinha medo. E isso contava para alguma coisa.

— Cavalos espertos vão trabalhar por você — falei. — Depois de serem conquistados.

Cavalos estúpidos — e então olhei para King —, não se importam.

Leona me encarou, depois virou o rosto rapidamente, sua longa trança loura batendo como um chicote; nós duas sabíamos que eu estava certa.

Eu esfregava as costas de Naari para tirar as marcas da sela quando Leona reapareceu.

— Quero dizer uma coisa para você — começou ela. Seu tom era neutro. — Eu venho de uma família de cavaleiros.

Bati a escova contra a parede. Um tufo de pelos com o formato da escova caiu no chão.

— Eu sei.

Todos sabíamos.

— Isso — continuou ela —, uma família em que todos montam. — Ela parou. — Minha irmã passou atrás de um cavalo, perto demais, e levou um coice na cabeça. Morreu.

Eu não disse nada.

— Faz tempo. Eu nasci depois disso. Ela morreu em três dias. — Leona mostrou três dedos. — Não foi culpa do cavalo. Foi culpa dela, ela andou onde não deveria. Nunca é o cavalo, Thea.

Ela se virou, então, e começou a sair em passos precisamente medidos.

— Leona — chamei.

Ela se virou.

— Sim?

— Sinto muito por sua irmã.

Dei um passo à frente, e embora eu estivesse a mais de seis metros dessa garota, dessa gigante requintada, ela deu um passo para trás.

Leona balançou a cabeça.

— Foi antes de mim.

Enquanto observava Leona indo embora, pude ver que sua revelação não significava que uma porta em sua alma havia se aberto ligeiramente e para sempre, como teria acontecido com Sissy. Mas eu gostava de Leona, apesar de sua altivez. Apesar do que Sissy dissera. Eu me sentia ligada a ela: nós éramos as melhores amazonas aqui.

* * *

Mary Abbott se ajoelhou do lado de meu beliche.

— Thea — sussurrou. — Thea.

Abri os olhos. Não havia lua, e o alojamento estava escuro como carvão. Vi Mary Abbott por causa da luz de sua pele clara. Meu peito se apertou.

Sim, eu queria dizer, mas minha voz não saía.

— Sua respiração — disse Mary Abbott —, ela me acordou.

Eu me sentei muito rápido e bati a cabeça no beliche de Eva, coisa que eu não fazia desde minha primeira manhã aqui. Meu cabelo prendeu, meu couro cabeludo queimou. Tentei falar novamente e minha voz saiu como um latido.

— Sua voz não está boa.

Balancei a cabeça e comeci a chorar. Eu não conseguia falar, eu mal conseguia respirar. Quando eu tinha ido dormir, só estava resfriada. Sentia-me um pouco dolorida, mas de modo geral, bem.

Então Sissy se aproximou de mim e empurrou Mary Abbott para o lado. Ela pegou minha mão e sentiu minha testa.

— Chame Henny.

Mary Abbott desapareceu.

Sissy soltou meu cabelo da rede de metal.

— Deite — sussurrou ela.

— Thea? — A cabeça de Eva estava pendurada por cima da cama.

Tentei falar. “Não é nada”, eu queria dizer, mas Sissy balançou a cabeça.

— Quieta.

Sissy não teve permissão para me acompanhar até o Castelo, onde passei a noite, na enfermaria sem janelas. A Sra. Holmes verificava minhas condições de hora em hora, enquanto eu dormia um sono agitado, sozinha pela primeira vez em meses, nada que me ninasse, a não ser o som do vento perturbando as árvores. Eu tinha me acostumado ao som que as garotas faziam: Gates roncava ligeiramente quando pegava no sono, e de vez em quando Sissy falava consigo mesma, coisas sem sentido, até Victoria baixar o braço e dar um tapinha nela. E sempre havia o som pesado de respiração para me reconfortar quando eu acordava e acreditava, por um mínimo instante, que eu estava em minha própria cama, onde eu costumava sentir que era meu lugar.

Comecei a delirar. A Sra. Holmes era cuidadosa em não me tocar quando deslizava o termômetro para dentro de minha boca, segurava-o pela ponta do dedo pressionando-o em minha língua.

— Deixe, Thea. — Mas eu não deixava, em uma resistência silenciosa.

— Mamãe — chamei.

— Ela não está aqui, Thea — disse ela, calmamente.

Minha respiração ficou mais difícil com o passar da noite; minha febre aumentou. Toda vez que eu acordava, pensava que estava em casa.

Outra figura seguiu a Sra. Holmes no cômodo — nessa hora, talvez, eu estivesse realmente delirando —, vi a silhueta magra, nítida de um homem alto.

— Sam — chamei.

— Shh — fez a Sra. Holmes.

Mamãe viria me ver, assim que soubesse que eu estava doente. Ela teria que vir.

* * *

Quando abri os olhos novamente, a Sra. Holmes e um homem — o médico, eu sabia — pairavam sobre mim.

— Posso examiná-la, Thea? — perguntou ele.

Coloquei a mão sobre o coração, envergonhada. Fiquei imaginando se ele havia levantado minha camisola para escutar. Até com meu nariz entupido, eu podia sentir que o médico tinha cheiro de mofo. Ele não usava um jaleco branco, como meu pai fazia quando visitava os pacientes. Usava um terno comum. Era domingo, ele fizera uma viagem especial para me ver. O médico era baixo e gordo, combinava mais com a Sra. Holmes do que o Sr. Holmes. Sua esposa provavelmente era alta e magra; era assim que o mundo funcionava.

Ele pegou meu braço e pressionou os dedos para sentir minha pulsação.

— Ela cavalgou na chuva durante horas na semana passada — falou a Sra. Holmes —, e pegou um frio de matar. E — acrescentou, baixando a voz — ela tem sentido muita saudade de casa.

— Uma amazona?

— Sim — confirmei.

A Sra. Holmes foi até o armário e tirou uma pilha de toalhas brancas; vi meu reflexo no espelho pregado na porta quando ela a fechou. Eu estava muito pálida.

— Todas as garotas montam — disse a Sra. Holmes, como se fosse uma atividade inevitável, ligeiramente decepcionante.

Fiquei pensando se ela estava zangada com o Sr. Albrecht — de quem ela parecia gostar, que se sentava à mesa principal com a família Holmes — por me deixar montar na chuva.

— Eu não fiquei doente de propósito — protestei.

Eu não era o tipo de garota que faria isso.

A Sra. Holmes não disse nada. O Sr. Holmes havia se tornado fácil de entender, para mim; o rosto dele sempre se alterava em reação às coisas que as garotas diziam, sempre expressando prazer, desânimo ou confusão, mas a Sra. Holmes era completamente autocrática, um traço que eu admirava mesmo sem querer. Eu gostaria de aprender a ser centrada assim. As roupas dela eram tão fora de moda, de outra época: a saia que caía até o chão, o camafeu que fechava a blusa na altura do pescoço para evitar deixar à mostra uma mínima porção de pele. O Sr. e a Sra. Holmes eram considerados liberais: eles haviam acabado com a prática de montar a cavalo de lado quando assumiram, providência pela qual eu, pelo menos, ficava agradecida. E sob a direção deles, muitas garotas se inscreveram em faculdades para moças no último ano; e, embora algumas se casassem antes de ir à faculdade, muitas realmente iam. Ainda assim, a Sra. Holmes se sentava como uma relíquia de uma época passada.

O médico pôs a mão em meu pescoço.

— Uma doença é um evento misterioso e frequentemente inexplicável, Sra. Holmes. Saber a causa significaria querer saber mais do que Deus. Saber mais do que a ciência.

A Sra. Holmes murmurou algo, mas o murmúrio não demonstrou nem concordância nem discordância, e o médico deu uma gargalhada e piscou para mim, me pediu para sentar de forma que ele pudesse colocar o frio estetoscópio, aquecido pela sua respiração, nas minhas costas. Eu usava apenas minha camisola, nenhuma roupa de baixo.

Eu estava quase nua na frente desse homem. Meu peito doía, e era doloroso respirar profundamente, mas ainda assim eu estava envergonhada.

Fechei os olhos e fiz respirações profundas quando o médico me pediu. Eu estava aliviada por não estar em casa, porque papai teria me examinado e me visto despida. Mas se eu estivesse em casa, estaria bem.

— Uma gripe forte — anunciou o médico quando terminou.

Gostei dele. Ele tinha ficado do meu lado.

* * *

Alguém bateu na porta e baixei o livro.

— Entre — chamei.

Era o Sr. Holmes. Ele estava usando terno; era quarta-feira, a vida no acampamento continuava sem mim. Todos aqui se vestiam de maneira formal; o Sr. Albrecht usava uma casaca de montaria preta com os culotes, e as professoras usavam vestidos bonitos, ainda que simples. Afofei as cobertas sobre meu colo.

Ele se acomodou na cadeira ao lado da minha cama, que parecia pequena demais para ele.

— Olá — disse ele, e sorriu.

Ele era muito alto para cavalgar, seria difícil para ele manter o equilíbrio. Talvez se ele tivesse aprendido quando criança, mas era quase impossível ensinar um adulto alto a montar. Devia ser muito estranho, eu sabia, estar sozinha em um quarto com um homem que não era da família pela primeira vez na vida. Mas não era.

— Olá. Como o senhor está hoje?

— Estou bem. Eu que deveria estar perguntando isso. Você está se sentindo melhor?

Confirmei.

— O que está lendo? — Ele gesticulou para meu livro.

— *Howards End*.

— Você gosta de ler?

— Eu adoro livros.

Ele pegou meu livro e examinou a capa.

— Também adoro. Há tanta crueldade e tanta bondade no mundo de Forster. Mas não quero estragar a história para você. Estou vendo que ainda está na metade.

— Isso pode ser dito de qualquer livro, não é? — perguntei timidamente. Mas eu sabia que tinha razão. — Se os personagens parecerem reais.

— Acho que sim.

Eu podia ver que tinha surpreendido e impressionado o Sr. Holmes. Permanecemos em silêncio por um momento.

— Estou preocupado, Thea. A Sra. Holmes acha que você está com saudade de casa... — Comecei a protestar, mas ele levantou a mão. — Não há nada para se envergonhar, Thea. A maioria das garotas tem saudade de casa. Sempre passa. Mas você está aqui há dois meses.

Mexi nervosamente em uma mecha do cabelo. Não o lavava havia quase uma semana. Eu devia parecer uma selvagem para o Sr. Holmes, pálida e desleixada.

— Mas eu não estou com saudade de casa — repliquei. — Vou voltar para lá em breve.

Ele inclinou a cabeça, e pude notar que tentava não parecer surpreso.

— Quando a temporada de verão acabar — continuei. — Na semana que vem.

O Sr. Holmes não falou por um momento.

— Thea — disse finalmente —, você não vai embora de Yonahlossee na semana que vem.

— Claro que vou — rebati. — Deve haver algum tipo de mal-entendido — Fora isso que mamãe falara no ano passado, quando um lojista de Emathla tinha feito o pedido errado de um tônico capilar para papai. Porém, mesmo enquanto eu protestava, sabia que o Sr. Holmes não mentiria para mim. Passei o dedo na capa do livro. — Por quanto tempo, então? — perguntei.

Eu não conseguia olhar para ele. Com certeza eles me levariam para casa no Dia de Ação de Graças. Nós nunca tínhamos passado um feriado separados.

— Seu pai reservou a vaga por um ano.

— Um ano — repeti. — Um ano.

A capa do meu livro ficou embaçada. Eu não conseguia entender. Papai não tinha me dito isso. Ele havia deixado para um estranho fazer seu trabalho. Meu pai era fraco. Eu via isso com muita clareza agora.

O Sr. Holmes falou novamente. Sua voz era gentil.

— Você é bem-vinda aqui. Este não é um lugar de castigo, independentemente das intenções dos seus pais. É um privilégio estar aqui. — Ele fez uma pausa, e o prazer que sua voz trouxera desapareceu. Olhei para ele e ofereci um pequeno sorriso, para que ele prosseguisse. — Você vai fazer disso o que quiser, mas, por favor, não fique com ódio. Imagino que vai acabar adorando.

Eu não disse nada. Não confiava na minha voz. Ele se levantou, como se fosse sair. Deve ter pensado que eu queria ficar sozinha. Não havia nada que eu quisesse menos do que isso.

— Eles sabem que eu estou doente? — perguntei.

Ele não queria responder, dava para ver que não queria, mas balançou a cabeça e apertou os lábios, e pude notar que ele pensou que meus pais eram horríveis. Ele pensava nas próprias filhas, como iria rapidamente até onde elas estavam, se caíssem doentes, e eu queria dizer que ele estava certo, que meus pais eram horríveis, mas eu também queria que ele soubesse que meus pais me amavam, que ele não sabia o que eu tinha feito. Que não devia julgá-los. E que nenhum de nós sabia como agiríamos, sob certas circunstâncias. Nenhum de nós, inclusive ele.

— Eles estão preocupados — falou, hesitante.

O som da minha risada o surpreendeu; ele me olhou, curioso.

— O senhor deve achar que eu sou uma boba — eu disse, antes que ele pudesse continuar. — Uma jeca. — Uma palavra que nunca me permitiram falar em casa. Uma gíria, ordinária.

— Thea. — Ele balançou a cabeça. Estava tão perto que eu podia ver a barba curta onde os pelos lutavam para crescer. — Eu nunca, nem por um instante, pensei que você era boba. Não me atrevo a entender as complexidades de outras famílias. — Fez uma pausa, e tornou a balançar a cabeça. — Desculpe-me. Vou falar com mais clareza. Não conheço seus pais, Thea. Eu não sei de que maneira sua família funciona. Mas sei que as coisas têm uma maneira de se resolverem, se não imediatamente, pelo menos no final.

Antes de sair, ele disse uma última coisa:

— Sempre foi um grande conforto para mim levar um livro aonde eu fosse, para qualquer lugar. Para qualquer parte da minha vida. Fico contente de ver que você está se valendo do mesmo conforto.

Quando ele fechou a porta e o quarto ficou vazio novamente, chorei de soluçar no travesseiro. A última vez que eu chorara assim tinha sido em casa. Eu devo significar tão pouco para eles não me contarem isso pessoalmente. Meu peito estava queimando, eu mal conseguia respirar. Consegui chegar até a cesta de lixo a tempo e vomitei dentro dela. Senti um gosto amargo na boca. Eu não havia comido nada, mas ainda assim meu corpo produzia o suficiente para expelir.

Abri o armário onde os suprimentos eram guardados e encarei meu reflexo. Eu já estava feia — pálida, suja e extremamente magra. Agora meus olhos estavam vermelhos e inchados. Meus lábios, rachados. Minha aparência era a de um monstro; parecia impossível que minha família pudesse chegar a me reconhecer. Eu nunca passara mais de uma noite longe de casa, e isso

acontecera somente em Gainesville, com Georgie.

Quando Sam e eu tínhamos dez anos, novos demais para que nos falassem diretamente o que havia acontecido, mas velhos o suficiente para que juntássemos as peças, uma mulher em Emathla se matou. Ela tinha colocado o filho pequeno na cama com um cobertor em uma noite fria; de manhã, quando voltou, encontrou a criança morta, o rosto enterrado na colcha. Ela a tinha sufocado tentando protegê-la, e depois de descobri-la morta, depois de o meu pai examinar o corpo, depois do funeral, das condolências, da enxurrada de ligações dos vizinhos e dos que desejavam que ela ficasse bem, a mulher bebeu uma garrafa de amônia. Meu pai foi chamado à casa dela novamente, embora já estivesse morta quando ele chegou, e Sam o ouviu dizer à minha mãe que a garganta dela estava extremamente queimada, que ela havia encontrado um meio de se punir mesmo na morte.

Sam me encontrou no quarto de guardar as selas, animado com as notícias, sem ter muita certeza do que tudo aquilo significava. Eu havia entendido. Não me assustava com quase nada, mas isso sim: que uma pessoa pudesse ser tão brutal consigo mesma.

Havia outras histórias de pessoas que buscaram a própria morte, algumas bem-sucedidas, outras não. Eu tinha um armário de suprimentos de enfermaria à minha disposição. Tesouras afiadas, uma diversidade de remédios, garrafas de álcool e desinfetantes. Parecia um desleixo pouco característico da Sra. Holmes que ela não tivesse trancado aquele armário.

A mulher era jovem, recém-casada, provavelmente não tinha mais do que vinte anos; não muito mais velha do que eu. Eu me observei ajeitar o cabelo, da maneira como minha mão enganchava e soltava tão facilmente, de novo e de novo até eu parar. Eu *iria* parar, eu iria fechar as portas dos armários e voltar para a cama, talvez recomençar a ler o livro de onde havia interrompido.

Eu queria estar viva. Queria viver. Eu não era fraca. E a fim de fazer isso, eu tornaria esse lugar a minha casa. Eu faria uma casa sem minha família.

* * *

Um feixe de luz apareceu sobre minha colcha, e eu senti alguém surgindo ao lado da cama. Sam, pensei, meio dormindo; está aqui para me tirar da cama como fazia quase toda manhã.

— Thea?

— Sissy — falei, e me sentei ereta.

— Parece que você viu um fantasma!

— Fiquei surpresa — falei, apertando as cobertas em volta de mim.

Sissy parecia um fantasma, pálida na penumbra.

— A Sra. Holmes me deixou vir. Eu sou a aluna favorita dela. — Sissy fez uma moldura no rosto com as mãos. Ela esperou que eu risse, mas não consegui.

Fiquei em silêncio por um momento, e ela também, então acendi a luminária, para nos iluminar melhor.

— Ela provavelmente pensa que você é uma boa influência — falei finalmente, evitando seu olhar incisivo.

— O que aconteceu, Thea?

Olhei para ela rapidamente. Ela parecia tão preocupada, tão aflita por meu bem-estar.

— Meus pais não vêm me ver. — Ela não pareceu surpresa. — Você sabia.

— Imaginei — confirmou ela. — Eu esperava que isso pudesse acontecer.

— Eu queria ir para casa.

Eu estava envergonhada pelo som da minha voz, grossa e exausta. Cobri o rosto.

— Mas por quê? — interrompeu ela, e delicadamente tirou minhas mãos do rosto. — O que tem de tão bom lá?

Olhei para ela com incredulidade.

— Tenho saudades. Sinto falta do meu irmão.

— Seu irmão, que não escreveu nem uma única carta para você?

— Mas — falei com a voz engasgada — não é culpa dele. Você não sabe o que eu fiz, Sissy.

Sissy não poderia entender. Senti pena dela, que ela nunca tivesse amado a irmã como eu amava Sam.

— Conte para mim.

Ela me olhou séria; eu nunca a vira tão firme.

— Não quero contar para você. — Eu estava me sentindo desesperada. Coloquei a mão no pescoço. — Quero ir para casa.

Ela fez uma pausa.

— O boato que corre é de que você foi expulsa por causa de um rapaz.

— Um boato? — repeti.

Ela deu uma risada curta.

— Sempre há um boato. Alguma garota conhece alguém que conhece alguém que conhece seus pais. Algo assim. — Ela inclinou a cabeça. — É verdade?

— É — confirmei, e as palavras que eram tanto verdade quanto mentira saltaram da minha garganta com tanta facilidade. — Eu fui expulsa por causa de um rapaz.

— Acredite em mim, você não é a primeira. — Ela procurou minha mão, por baixo das cobertas. Seu toque era surpreendentemente forte. — Sinto muito que você não possa ir para casa. Mas olhe o que você tem aqui: eu! — Sorri; não consegui evitar. — E pessoas que mandam chocolate para você. — Ela pegou uma caixa que estava em minha mesa de cabeceira. — O que tem de tão bom em casa? Eles expulsariam você de qualquer maneira, em alguns anos, com um marido. — Ela mexeu nervosamente no laço da caixa e, de repente, pareceu hesitante.

— Sissy?

Ela olhou para cima.

— Preciso da sua ajuda.

Algumas pessoas eram tão fáceis de entender. Qual seria a sensação de ser assim, permitir que sua vida seja como um livro aberto, da maneira como Sissy fazia? Minha vida poderia estar melhor agora, se eu não tivesse mantido o livro fechado tão cuidadosamente.

— Com o Boone? — perguntei. Todo o alojamento sabia que ele escrevia cartas para ela, e que ela escrevia de volta. Ela havia me mostrado partes das cartas. Eu conseguia mentalizar a caligrafia dele, masculina, atarracada.

— Estou apaixonada — disse ela muito séria.

Eu queria rir.

— Como você pode estar apaixonada por ele? — perguntei. — Você só passou uma noite na companhia dele. — Então me ocorreu que esse talvez não fosse necessariamente o caso. — Não

foi?

Sissy virou o rosto, e notei uma pequena cicatriz perto de sua orelha. De catapora, talvez. Pensei na minha própria carta, de David, que fora breve. Era uma carta perfeitamente razoável, que deveria ter me deixado contente. Mas rapazes representavam problemas. Rapazes não sabiam como se comportar. Eu levava a carta para o Castelo e a jogara no fogo quando ninguém estava olhando. Sabia pelas outras garotas que, a não ser que eu escrevesse de volta, David não me mandaria outra carta. Seria o cúmulo da falta de educação, escrever novamente para uma moça quando ela não respondera da primeira vez.

Bati no pulso de Sissy.

— Sissy?

— Só uma vez — disse ela finalmente.

— Sissy.

A decepção na minha voz me surpreendeu.

— Não me repreenda. — Ela pegou minha mão. — Não consigo evitar.

— Mas, se apanharem você, vai ser mandada para casa.

— Ah, essa seria a menor das minhas preocupações. Se meu avô me pegasse, ele me mataria. Ele me casaria com algum rapaz maçante de Monroeville em um segundo. — Ela estalou os dedos, e depois parou. Quando voltou a falar, sua voz estava mais suave. — Ele não pensaria duas vezes. — Ela estremeceu. — Se eu souber jogar direito, sou eu que vou decidir com quem me casar. E ninguém vai descobrir. Se você me ajudar.

Sissy apertou minha mão, como se estivesse suplicando, como se dependesse de mim que ela e Boone pudessem ficar juntos. E vi que Sissy era boa, que ela havia aprendido a se mover por esse mundo e amar as pessoas, e deixar-se ser amada de volta; que ela não amava tão intensamente, como eu, ou nem um pouco, como eu imaginava que Leona fizesse.

— Claro — falei —, claro que vou ajudar você.

Ela precisava de mim para ajudá-la a encontrá-lo no bosque à noite, quando o restante do acampamento estivesse dormindo. Minha cama era perto da janela, na qual Boone podia facilmente sinalizar sua chegada com uma batida. E eu dormiria na cama de Sissy assim que ela saísse, porque Mary Abbott, que era a pessoa com o sono mais leve do alojamento, ficava de frente para a cama dela. Isso tinha sido ideia minha — Sissy me dissera que eu era boa nisso. O fato de ela não parecer entender o risco que estava correndo me fazia ter mais vontade de ajudá-la. Um passo em falso e Sissy iria embora, retirada de Yonahlossee tão rapidamente como se nunca tivesse existido.

Havia algo em mim que demonstrava receptividade a algo desse tipo? Uma franqueza na minha natureza, alguma qualidade da qual eu não era consciente que me fazia ruim? Isso tudo era diversão para Sissy. E eu queria que fosse assim para ela, porque ela não era como eu.

Pensei na mulher em Emathla que havia sufocado o filho com amor. Pensei em mamãe, como ela nos mantivera isolados, como ela agora me dispensara completamente, me jogara aos lobos. Ela soube que eu estava doente, e nem mesmo telefonara. Papai: ele tinha deixado mamãe agir conosco da maneira dela. Mas saber de tudo isso, como eu tinha sido completamente banida, e como papai nem conseguia me dizer isso ele mesmo, tornava esse lugar mais fácil. Como eu podia ir para casa, agora? Que tipo de lar seria? Fiquei imaginando. Seria um lar mesmo? Ontem, a Sra. Holmes me dissera que eu podia usar o telefone. Ela sentiu pena de mim. Eu havia

considerado a oferta por um momento, considerado o som das vozes da minha família, que eu só ouvira pessoalmente. E então balancei a cabeça, negando.

Eles haviam mantido Sam, porque ele não havia feito nada de ruim. Mas meu pobre irmão gêmeo — havia este mundo aqui, entre outras pessoas, e ele não conhecia nada disso.

Quando, depois de três semanas, deixei a enfermaria sem janelas, a primeira coisa que notei foram as árvores, cobertas agora de uma palheta brilhante de vermelhos e laranja, luminosa e rica, indescritível, na verdade. As cores, pensei; na Flórida as folhas nunca mudavam de cor, nem mesmo morriam; pareciam eternas. Eu tinha lido sobre o outono em outros lugares, e Eva mencionara aquelas cores, mas havia acontecido tão rápido; enquanto eu estivera fora, o mundo virou uma pintura; quase doía em meus olhos ver aquilo.

Fechei os olhos para as cores elétricas. Por que deveria ser surpreendente que essa beleza significasse a morte? Eva havia me contado o mito indígena: quatro caçadores perseguiram um urso até o céu e o mataram; ele sangrou seu sangue vermelho lá do céu nas folhas de todas as árvores enquanto morria.

Minha doença tinha piorado antes de melhorar, e a Sra. Holmes havia me mantido confinada porque não queria prejudicar a saúde das outras garotas. Agradeça a Deus por saúde e felicidade, todos diziam, ou murmuravam, ou gritavam, dependendo de quem falasse. Um coro enquanto retornava à minha rotina do acampamento, refazendo o caminho da Casa Augusta até o refeitório, agarrada no braço de Sissy, por causa da fraqueza, mas também por causa da timidez: as garotas haviam se tornado estranhas em minha ausência. Henny ficara noiva de um rapaz da cidade dela. O tio de Katherine Hayes havia assassinado a esposa e dado um tiro na própria cabeça depois de descobrir que toda a sua fortuna oriunda de estrada de ferro desaparecera. Uma professora quase fora mordida por um guaxinim infectado com raiva; o Sr. Holmes ouvira os gritos e atirou no animal bem a tempo. A Sra. Holmes flagrara Jettie bebendo, pela segunda vez; a história verdadeira ali era que ela estivera bebendo sozinha. Como um homem. Ela fora proibida de cavalgar por uma semana, o que parecia um castigo pior do que bordar lenços. As fofocas abundavam. E a Casa Augusta estava com menos uma garota: Victoria havia ido embora, voltara para Jackson, Mississippi. As lojas de roupas de sua família haviam quebrado todas de uma vez só, como um castelo de cartas. O beliche acima de Sissy agora estava vazio, mas ela continuou embaixo, pois dizia que tinha medo de cair.

O acampamento também estava reduzido, a um terço do usual: as garotas do verão haviam ido para casa.

A Sra. Holmes saía todo inverno por três semanas para visitar a vasta trupe de ex-alunas do Yonahlossee, espalhadas pelo Sul. O Sr. Holmes não podia ir, aparentemente porque não era sulista, e, como Sissy esclareceu, os sulistas gostavam de dar dinheiro a outros sulistas. Sissy soubera pelo avô, que era membro do conselho de Yonahlossee, que a Sra. Holmes iria dobrar a extensão de sua viagem de levantamento de fundos este ano. Mas ninguém deveria saber, para que não pensassem que as fortunas de Yonahlossee estavam ruindo.

— Mas todo mundo não vai perceber quando ela partir? — perguntei.

— Você ficaria surpresa de ver como as garotas daqui percebem pouco as coisas — disse Sissy. — E todas vão ficar felizes de ver a Sra. Holmes partir. Os castigos do Sr. Holmes não são tão rígidos quanto os dela.

Eu ficaria contente de vê-la partir. Ela sabia tudo a meu respeito.

Eu não tinha permissão para cavalgar. Os músculos das minhas panturrilhas tinham atrofiado

durante o período de convalescença, meus braços tinham ficado flácidos, meus ombros, ossudos. Eu podia rodear minha cintura com as mãos se prendesse a respiração; eu tinha ficado fraca, pela primeira vez na vida, que pudesse me lembrar. Pela primeira vez desde minha infância.

Escapuli para as cocheiras uma tarde, quando todas as outras garotas estavam na Sala de Estudos. Agora, em vez de observação de pássaros, botânica e pintura, tínhamos história, literatura e economia doméstica; matemática e ciências pareciam não existir nesse enclave montanhoso. Não tínhamos muito dever de casa, também, ou nada que tomasse muito tempo. Eu gostava de literatura, o que não era de surpreender, ministrada pela insípida Srta. Brooks. Ela, no entanto, se mostrava apaixonada quando se referia aos livros que amava, e, observando-a, às vezes eu pensava, não é sempre assim? Uma garota desinteressante encantada por um livro?

Em geral, as garotas fofocavam na Sala de Estudos, ou liam revistas. Naari não pareceu satisfeita em me ver, como Sasi teria ficado; ela não me conhecia tão bem. Mas foi um conforto vê-la, de qualquer modo, era um conforto sentir cheiro de cavalo, alisar sua franja sobre a cabeça larga, acariciar seu focinho incredivelmente macio. Como seda, pensei, mas não, era mais macio.

Ouvi passos atrás de mim e me virei, esperando um cavaliário. Mas era a pequena Decca Holmes, segurando um chicote curto. Estendendo-o para mim, segundo me pareceu.

— Encontrei isso — disse ela.

Havia uma mancha de sujeira em sua bochecha. Ela era muito bonita, com os olhos amendoados da mãe e as feições morenas do pai. Estava sempre com tranças apertadas, presas em maria-chiquinha, mas agora seus cabelos estavam soltos, mechas de um castanho-escuro, quase preto, caindo em seu rosto.

Aceitei o chicote.

— Obrigada — agradei. E depois não soube o que dizer.

— Qual é o nome disso? — perguntou Decca.

— Chicote.

Ela parecia querer mais da resposta, então soletrei. Mas ela apenas olhou para mim com uma expressão interrogativa.

— Chicote — repetiu. — Chicote! — Ela estendeu a mão e o devolvi. — Para que serve? — perguntou ela.

— Para empurrar o cavalo, quando está preguiçoso — respondi. A expressão interrogativa, novamente. — Para bater nele. Para fazer com que ele vá mais rápido.

— Como uma surra? — perguntou Decca.

— Exatamente.

O cavaliário bonito entrou na cocheira, e Naari balançou a cabeça por cima da porta da baía ao som dos passos dele. Era hora da comida. Decca deu um pulo para trás, e fitou Naari nervosamente.

— Não fique assustada — eu a tranquilizei. — Ela só está com fome e fica empolgada, como você, por causa da sobremesa.

Pensei que era estranho uma garota criada entre os cavalos ter medo deles. Eles eram as criaturas mais dóceis do mundo. Mas eu não conseguia me lembrar de já ter visto uma garota Holmes cavalgando.

— Você quer dar um torrão de açúcar para ela? — perguntei.

Decca afastou o cabelo dos olhos e concordou.

Mostrei a ela como estender a mão aberta, para que Naari não pegasse seus dedos acidentalmente. A égua levantou o torrão de açúcar delicadamente da mão de Decca, e depois o mastigou ruidosamente entre os dentes de trás.

Decca deu uma risada.

— Fez cosquinha!

Voltamos juntas para o Castelo, a pequena e grudenta mão de Decca na minha. Acho que agora eu era amiga dela. Estar a seu lado não me fez sentir mais saudade da minha família, como pensei que pudesse acontecer; Decca me fazia sentir menos saudade da minha família. Ela me fazia lembrar de Sam, sua curiosidade, sua intensidade silenciosa. Era tão observadora, exatamente como meu irmão tinha sido, e ainda era: Sam observava todo mundo, e tudo em volta.

A Sra. Holmes ficou surpresa ao nos ver entrando no refeitório juntas, mas depois sorriu para a caçula, que correu para cumprimentá-la. A Sra. Holmes ajeitou o cabelo rebelde de Decca enquanto a menina falava. Era isso que as mães faziam: elas nunca simplesmente escutavam. Elas endireitavam, e consertavam; arrumavam os mundos dos filhos enquanto escutavam. E se fossem boas, com a Sra. Holmes agora, e como minha mãe tinha sido, os filhos nem percebiam. Decca se sentou para o jantar, o cabelo arrumado, sem ter se dado conta.

* * *

Perguntei ao Sr. Holmes se eu podia falar com ele no dia seguinte; então o segui até seu escritório, onde eu estivera pela última vez com meu pai. Passamos por Jettie, que captou meu olhar e sorriu. Eu gostava de Jettie. Havia algo de sincero nela.

O escritório do Sr. Holmes era repleto de couro, móveis enfeitados de tachas de metal, o canapé de veludo marrom em que eu me sentara quando viera da primeira vez — certamente onde as mulheres e as crianças se sentavam, atrás dos maridos e dos pais. Fiquei pensando se meu pai teria notado o ambiente, ou se ele estivera tão focado na tarefa em suas mãos — transferir a responsabilidade do meu bem-estar a um homem que ele nunca tinha visto — que a sala em volta dele tivesse desaparecido.

— Thea, você está se sentindo realmente melhor?

— Estou, obrigada.

Ele entrelaçou a mão embaixo do queixo. Parecia um pouco sensível demais para matar heroicamente um guaxinim.

— Tenho uma ideia — comecei, mas aquilo pareceu muito infantil. — Tenho uma proposta.

— Por favor — disse o Sr. Holmes, e fez um gesto de incentivo com a cabeça. — Continue. — Ele parecia estar se divertindo.

— Suas filhas. Eu gostaria de ensinar a elas.

— Ensinar, como assim, Thea?

Não havia cabelos grisalhos no Sr. Holmes, como no papai, e sua pele não tinha rugas. Ele tinha trinta ou trinta e um anos, ninguém sabia ao certo, e Sarabeth tinha onze, o que significava que ele era sem dúvida muito jovem quando se tornou pai. Alguns anos a mais do que minha idade de agora. Enquanto havia rumores de que a Sra. Holmes seria mais velha do que o marido,

apenas eu sabia sua idade, aproximadamente a mesma de minha mãe: trinta e seis. Era incomum naqueles tempos o marido ser mais jovem do que a esposa — meu pai mesmo era cinco anos mais velho do que minha mãe —, e eu gostava mais do Sr. Holmes por isso. Seu casamento havia feito com que ele parecesse generoso. Fazia total sentido que ele e a Sra. Holmes tivessem tido filhos assim que se casaram; a idade não era gentil com as mulheres.

— A cavalgar — respondi, me sentindo audaciosa; alguma coisa na maneira como ele me observava tão de perto, quase avidamente, me fazia querer continuar. Gesticulei para a fotografia emoldurada na mesa dele, as três garotas Holmes de branco. — Decca disse que ela e as irmãs não sabem cavalgar, mas que gostariam de aprender.

— Ela disse isso? — perguntou o Sr. Holmes.

Confirmei com um aceno de cabeça.

— E o Sr. Albrecht me ajudaria. Eu não ficaria sozinha com elas.

— Não fico preocupado de você ficar sozinha com elas, Thea. — Ele olhou para a fotografia. — Elas realmente precisam aprender a cavalgar, a mãe delas e eu concordamos. Principalmente Sarabeth e Rachel. Mas Decca parece muito nova.

Neguei com a cabeça e me movi aos poucos para a ponta da cadeira.

— Ah, não — discordei. — Quanto antes, melhor. Será algo natural, se ela aprender bem cedo.

Ele olhou para alguns papéis na mesa, sorriu, como se lembrasse de uma piada interna. Esperei; eu queria aquilo, eu queria muito aquilo. E estava tirando vantagem, ou pelo menos dependendo, da gentileza do Sr. Holmes. Se alguém iria me deixar levar isso adiante, seria ele.

— Por favor — pedi —, preciso ficar perto dos cavalos. E não posso cavalgar até estar mais forte. — Esperei que minha voz não soasse muito desesperada, mas sabia que provavelmente soaria, porque eu podia sentir o desespero crescer dentro de meu cérebro. E o que não falei foi que eu queria estar perto das filhas dele, que elas eram uma família e eu não tinha família em Yonahlossee. Que a presença dele me trazia conforto; que estar perto das filhas dele significava estar perto dele. Eu nunca poderia dizer aquilo.

— Tudo bem, Thea — concordou ele, após um momento. — Você me convenceu. E vou convencer a Sra. Holmes.

Será que ele adivinhou minhas razões, que tinham dois lados? Cavalos e garotas, garotas e cavalos. Eu queria estar cercada de crianças cercadas de cavalos; eu queria ver as garotas Holmes aprenderem a amar um animal. Eu queria que o pai delas me observasse.

Eu estava distraída durante a aula de história, não consegui me lembrar do lugar da derrota de Grant na grande Guerra Civil.

— Shiloh — respondeu Leona quando eu não consegui responder.

Sam teria ficado envergonhado, ele sabia de cor as datas daquelas batalhas.

História, depois francês, depois o dia estava na metade; finalmente, almoço.

— Já vou encontrá-la — falei para Sissy, que estava conversando com Eva.

Corri para alcançar Leona, que caminhava sozinha.

— Sem correr — uma monitora gritou, parecia Henny, mas não olhei.

Diminuí o passo e abri caminho entre as garotas em direção ao refeitório, uma multidão delas, tantas garotas! Eu havia me esquecido do volume quando nos movíamos de um lugar para outro. Passei um pouco perto demais de Alice Hunt e ela olhou para mim; pedi desculpas sem

emitir um som.

Leona não se virou, não deu sinal de ter me ouvido. Eu estava sem fôlego, os pés, pesados, e eu podia sentir um brilho de suor se formando em meu lábio superior. Eu me senti desesperada, de repente, indisposta e mal.

— Thea — cumprimentou-me Leona calmamente, quando a alcancei.

— Olá — ajustei meu passo ao dela. — Eu queria agradecer pelos chocolates — disse. — Estavam deliciosos. — Excelentes, eu quase dissera, com a aprovação máxima de mamãe, proferida em raras ocasiões.

— Não foi nada. Pedi para minha mãe e ela arrumou.

— Ela mandou do Texas?

Leona riu.

— Foi, do outro lado do país.

Eu estava tão perto dela que podia ver pequenos fios de cabelo louro-branco no seu lábio superior, arruinando seu rosto, que, não fosse isso, seria impecável. Leona virou a cabeça para me olhar, e me senti pega em flagrante, encarando-a.

Fiquei rubra.

— Não, não vieram do Texas. — Ela parecia achar engraçado. — Eles derreteriam. Mas são chocolates suíços. Você conseguiu notar a diferença?

— Sim, claro.

Estávamos nos aproximando da entrada do refeitório e Leona parou por um instante, segurou a porta aberta por outra garota, e fez um gesto para eu entrar como se fosse um cavalheiro.

Encontrei minha mesa e deslizei para meu lugar. Olhei para a refeição: galinha frita, um dos pratos preferidos do acampamento, ervilhas, batatas assadas. Eu não estava com apetite, mas o chá gelado ainda era convidativo. Henny, um anel de noivado de rubi e brilhante agora no dedo roliço, havia sido claramente orientada a observar meus hábitos alimentares, e todos os seus olhares de esquelha me deixavam nervosa. Peguei o menor pedaço de galinha frita que consegui encontrar, uma asa, e uma colherada extra de batatas assadas para compensar. Pensar em comer carne me deixou enjoada. Na enfermaria, eu havia começado a imaginar meus pulmões, pedaços enormes de carne vermelha, pulsando, como se cada um deles contivesse seu próprio coração, se tornando negros nas pontas. Nos dias em que me sentia pior, imaginava a parte negra se arrastando regularmente para o centro do pulmão, se aproximando. Nos dias em que eu me sentia melhor, a parte negra recuava.

Escutei Molly importunar Henny com perguntas sobre o guaxinim. Do outro lado do refeitório, vi Sissy anuindo solidariamente, murmurando algo para a delgada Katherine Hayes, que reconheci pelos cachos. Eu me perguntei se o tio dela tinha os mesmos cachos. Fiquei com pena dela, mas me coloquei a imaginar se ela tinha amado o tio tanto quanto eu amara o meu. Eu estava com inveja, também, porque ela não tinha culpa de nada.

Voltei minha atenção novamente para o prato. Henny captou meu olhar, e tentei sorrir para tranquilizá-la. Em mais uma semana, eu seria apenas outra garota de Yonahlossee. Eu estivera doente, me recuperara, e aqui estava novamente.

Querida Thea,

Fomos informados de que você está melhor. O ar das montanhas é melhor do que o daqui, tenho certeza. E todas essas garotas com você, todos esses cavalos. Seus professores estão ensinando bem?

Faz quase um mês que não recebemos nenhuma carta sua. Espero que seu silêncio seja um sinal de que está muito ocupada no acampamento.

Nada parece ter mudado — Sam e eu continuamos com as lições, sua mãe fica no jardim o dia todo, preparando sua preciosa flora para o inverno.

Tenha piedade de seus pais e nos mande uma carta. Seja misericordiosa, Thea; é uma capacidade que Deus garantiu apenas para nós.

Falta menos de uma semana para seu aniversário. Feliz Dia da Thea! (Vou gritar a outra metade para Sam!) Você achou que eu ia me esquecer? Aquele dia foi o mais feliz de minha vida, de todas as nossas vidas.

Com amor,

Papai.

Era verdade, eu não escrevia uma carta desde que estivera na enfermaria, desde que descobrira que não voltaria para casa no final do verão. Eu estava zangada — eles souberam que eu estava doente, e não tinham vindo me buscar — mas, enquanto minha raiva se dissipava, eu percebia que precisava parar de pensar neles a fim de sobreviver. Eu me treinaria para não querer minha família. Eu precisava viver minha vida em Yonahlossee sem pensar em como ajustá-la em uma carta para meus pais e meu irmão.

Guardei a carta na gaveta da penteadeira, junto com o lenço de Sam, que eu não pudera levar comigo para a enfermaria. Havia sentido falta dele, a princípio, mas depois esse sentimento havia desaparecido.

Se eu tivesse sido mais forte, não teria aberto as cartas deles, que chegavam uma vez por semana. Mamãe e papai alternavam a tarefa. Eles eram breves, mais breves agora que eu não respondia. Eu ficava mal-humorada depois de ler as cartas; Sissy percebeu. Mas eu não era forte o suficiente para não abri-las. Podia haver notícias de Sam nelas, ou mesmo de Georgie.

* * *

O Dia de Ação de Graças em Yonahlossee não era nada muito especial, apenas uma versão mais elaborada do jantar de domingo. Sissy havia viajado por uma semana, e se consumia de desgosto em Monroeville; o fato de que ela perderia seu encontro secreto semanal com Boone, que vinha toda quinta-feira, deixaria sua semana sombria. Mary Abbott era a única garota da Casa Augusta que não fora para casa, e a atmosfera no refeitório era quase solene.

— Thea! — chamou Decca quando entrei no refeitório com Mary Abbot.

Esquadrinhei o cômodo e vi as garotas sentadas fora de seus lugares. Senti pena de Mary

Abbott, que eu sabia que morreria por uma chance de me seguir, mas não era permitido sentarse à mesa principal sem um convite, e Decca enroscou a mão na minha, ignorando Mary Abbott completamente, como só uma criança podia fazer.

Decca me guiou até a mesa principal, onde algumas professoras estavam sentadas com Alice Hunt, que também devia ter sido convidada para estar ali. A Srta. Brooks sorriu para mim, e retribuí o sorriso. O Sr. e a Sra. Holmes estavam em cada cabeceira, como se oferecessem o jantar. O que realmente estavam, supus. O Sr. Albrecht se sentou próximo à Sra. Holmes; ele sorriu quando me viu. Sissy me dissera que o Sr. Albrecht e a Sra. Holmes eram amigos. Ninguém se importava, entretanto, porque o Sr. Albrecht não era atraente, e a Sra. Holmes não era bonita.

— Aqui — falou Decca —, e apontou para a cadeira ao lado da dela, sentando-se apenas depois de se certificar que eu estava acomodada, até mesmo levantando meu guardanapo do prato e jogando-o no meu colo.

O Sr. Holmes a observava com uma expressão de quem estava se divertindo.

— Thea — disse ele —, fico feliz que você pôde se juntar a nós. Você é um tanto famosa no lar dos Holmes. Decca, principalmente, é sua maior fã. — A menina confirmou com ar sério. Sarabeth sorriu para mim, mas Rachel parecia que tinha chorado, as bochechas rosadas e cheia de pintinhas.

— Fico lisonjeada — agradei, e era verdade.

Como esperado, Alice Hunt mal olhou para mim. Observei as garotas entrando em fila e vi Leona, o cabelo preso em um coque apertado. Ela olhou direto para mim, como se tivesse me apanhado pensando nela, mas sua expressão não revelou nada. Eu tinha ouvido rumores de que a família dela estava sofrendo financeiramente. Era assim que Sissy havia colocado — sofrendo, como se a falta de dinheiro fosse uma doença. O que era, do pior tipo. Mas Sissy não acreditara nos rumores, e eu também não — o porte de Leona, a maneira como ela se locomovia pelo refeitório —, parecia rica, mas fiquei imaginando por que ela não tinha ido para casa para o Dia de Ação de Graças.

A Sra. Holmes usava um camafeu de luto fora de moda no pescoço, o cabelo da pessoa morta em uma complicada trama preso dentro do vidro. Você precisava olhar bem de perto para perceber que era de fato cabelo; quase parecia um pedaço de tecido texturizado. Nas minhas aulas, eu havia aprendido que os vitorianos eram loucos por joias de luto, apenas outra maneira, além das sessões espirituais conhecidas como *séances*, de tentar — e falhar — alcançar os mortos. Ou talvez eles não tivessem falhado — papai não acreditava em espíritos, mas como ele podia ter certeza?

Mamãe tinha um medalhão de luto, que havia passado de geração em geração desde sua bisavó. Era de ouro puro, representando a perda de seu filho de cinco anos. Meus pais bem podiam estar mortos: esse pensamento surgiu de repente na minha cabeça, sem convite, e fiquei envergonhada. Eu era uma garota má, com pensamentos maus.

A Sra. Holmes percebeu que eu estava olhando e levou a mão até o pescoço. Era fácil ver como a Sra. Holmes poderia ter sido bonita antes de perder a boa forma.

Fiquei imaginando quem ela teria perdido, ou se ela usava a peça apenas por questões de moda. Fiquei imaginando como ela e o Sr. Holmes haviam se conhecido. Dizia-se no

acampamento que o Sr. Holmes havia desertado do Norte para o Sul, e embora ninguém pudesse dizer com certeza por quê, as especulações mais extravagantes incluíam dívidas de jogo e um amor perdido (não a Sra. Holmes).

Eu havia pensado que poderíamos vestir nossas próprias roupas no Dia de Ação de Graças, mas até as garotas Holmes usavam camisas brancas engomadas. Sarabeth em breve poderia fazer parte da turma do primeiro ano, mas eu duvidava de que algum dia ela fosse morar em um alojamento.

Eu havia começado a amar as garotas Holmes, principalmente Decca, que retribuía meu amor. Sarabeth, que lembrava muito a mãe, havia se tornado bonita para mim, sua corpulência hereditária transformada em uma gordura encantadora. Eu esperava ensinar a Rachel, que era quieta e tinha medo do mundo, a perder o medo, pelo menos no que dizia respeito a cavalos. E, finalmente, Decca; seu caminho já parecia iluminado por uma luz encantada. Das três, ela era a amazona natural, o que talvez fosse a razão por eu gostar mais dela.

De repente, senti que precisavam de mim, e gostei dessa sensação, ser necessária em vez de necessitar. Decca estendeu o braço, e notei uma pulseira de brilhantes e esmeraldas em seu fino pulso.

— É linda — elogiei, e observei as esmeraldas retangulares que se alternavam com os brilhantes redondos e cintilantes.

Era uma joia elegante demais para Decca usar; até mesmo Alice Hunt examinou a pulseira com atenção.

— As garotas pegaram minhas joias essa manhã — explicou a Sra. Holmes. — Decca escolheu se enfeitar da maneira mais primorosa. — Ela suspirou, mas não de uma maneira indelicada; o feriado devia tê-la deixado de bom humor.

Ocorreu-me que a Sra. Holmes estava em uma posição melhor do que a de minha mãe, pelo menos no que dizia respeito a joias. Mamãe deixava todas as melhores joias guardadas em um cofre.

Decca ficou radiante.

— Eu sou primorosa! — gritou ela, e Sarabeth colocou o dedo nos lábios.

O refeitório caiu em silêncio, como sempre acontecia, mas eu nunca havia observado tão de perto como funcionava. Antes de os joelhos do Sr. Holmes se esticarem, já estava silencioso.

— Sua mão — sussurrou Decca, pois eu mantivera as mãos entrelaçadas na saia, distraída.

Aparentemente, os ocupantes da mesa principal se davam as mãos.

O Sr. Holmes curvou a cabeça, mas ainda assim sua voz se projetou, profunda e melodiosa. Eu o observei o máximo que consegui com meu pescoço dobrado. Ele agradeceu a Deus por todas as coisas normais: por nós, saúde, felicidade e, por causa da Ação de Graças, o espírito de generosidade.

— E por favor lembrem-se dos que não são afortunados como nós, nesses tempos de grande instabilidade. Que Deus tenha misericórdia. — Ele parou, e pareceu querer dizer algo mais; no entanto, nada saiu. Algumas garotas se remexeram no lugar. Era difícil manter nossa atenção por muito tempo. — Não estamos insensíveis às últimas tragédias. As garotas que tiveram que voltar para casa... Orem por elas.

Agora, ele tinha captado nossa atenção. Nunca fora dito, nem por ele nem pela Sra. Holmes, que as garotas que precisaram ir embora o fizeram porque seus pais não mais podiam pagar as

mensalidades. Nós sabíamos, claro, mas não oficialmente. A Sra. Holmes franziu o cenho, mas a fonte de seu desprazer — a revelação do marido ou a tristeza pelas garotas perdidas — não estava clara, pelo menos para mim.

— Amém — falamos em coro.

Decca segurou minha mão e sorriu para mim. Havia um espaço entre seus dois dentes da frente, um espaço bem pequeno, e, embora soubesse que provavelmente sumiria quando ela perdesse os dentes de leite, eu meio que esperava que não sumissem. Ela apertou minha mão e riu, inexplicavelmente, antes de soltá-la. Estava sempre envolvida em um jogo, na maior parte do tempo jogado por ela mesma. As crianças *eram* despreocupadas e imprevisíveis, como eu havia temido, mas era isso que era divertido nelas.

— Qual é o recheio que sua mãe põe? — perguntou Sarabeth subitamente, enquanto a comida ainda estava sendo servida.

Suas intenções eram claras: por que você está aqui, e não lá? Sarabeth parecia ter herdado a astúcia da mãe.

— Ela não recheia — respondi.

— Nossa mãe faz recheio de pão de milho — disse Decca — para nosso próprio Dia de Ação de Graças.

— Tire o cotovelo da mesa, Decca — repreendeu a Sra. Holmes.

— Seu próprio Dia de Ação de Graças? — perguntei.

— Amanhã — respondeu a Sra. Holmes. — As garotas precisam aprender a cozinhar, a colocar uma mesa. Elas não serão servidas a vida inteira. Pode-se imaginar.

Ela estava servindo o molho enquanto falava, os olhos indo do prato dela para os das filhas. Onde todas as outras garotas aprenderiam essas coisas?, fiquei pensando. Eu sabia como enrolar uma massa de torta razoável, como limpar uma galinha; nesse ano, Idella teria me ensinado a fazer conservas. Mas eu não me interessava muito por cozinhar, nem por qualquer arte doméstica.

— Vocês comem cobras na Flórida? — perguntou Rachel. — Jacarés?

Ruborizei. Eva me dissera que meu rubor era a sina de um ruivo, embora meu cabelo não fosse verdadeiramente ruivo. Quase, Eva comentara.

A Sra. Holmes encarou Rachel.

— Rachel — ela repreendeu a filha —, essa não é uma pergunta apropriada para se fazer à mesa.

Rachel concordou com um gesto a cabeça. Ela não quis ser indelicada; era tão difícil saber, às vezes, o que era e o que não era.

— Tudo bem — eu disse, e sorri. — Cobras não, mas já comi muitos caranguejos. E langostins.

— Lagostins — corrigiu o Sr. Holmes, e piscou para as garotas. — Temos uma sulista entre nós.

Alice Hunt empertigou-se com essa referência, ansiosa, presumi, para defender o Sul.

Eu ri.

— Só um pouco.

Mas as filhas dele eram garotinhas sulistas, com seus vestidos de casinha de abelha, sotaques

do sul e grandes laços presos nos cabelos.

— Você é do estado mais ao sul. O que mais você seria senão uma sulista?

— Sou floridense. E somos uma raça diferente.

— Não afetada pelas regras da sociedade e da civilização, uma raça à parte?

Nós éramos as únicas pessoas falando à mesa, e me senti, subitamente, num palco. Eu estava chamando muita atenção para mim mesma. Alice Hunt deu tapinhas nos cantos da boca com um pequeno guardanapo branco de linho, bem delicadamente.

— Eu posso falar por todos do estado — disse, de modo inconsequente, mas, logo que falei, minha voz pareceu fria, séria. — Mas a Flórida é um lugar diferente. E, além disso, não acho que somos sulistas o suficiente para o restante do Sul.

Alice Hunt anuiu, e eu tive a sensação de que seria a primeira e a última vez que ela concordaria comigo. O Sr. Holmes olhou para mim por um longo segundo. Então Rachel, que não havia tocado na comida, começou a chorar. Seus braços estavam cruzados, e ela olhava furiosamente para o prato. Voltamos nossos olhares para ela, com um ar confuso, antes de o Sr. Holmes interromper o silêncio.

— Ah, Rachel — murmurou ele.

Então a Sra. Holmes se levantou.

— Venha comigo, querida.

Depois de elas terem saído, a mesa ficou em silêncio.

— A Rachel teve uma semana difícil — disse o Sr. Holmes para todos da mesa em geral, mas ninguém respondeu. Anuí, e ele pareceu agradecido. — Ela é bem sensível.

Leona foi ter comigo no final da refeição, enquanto eu saía devagar do refeitório.

— Thea — ela me chamou, e enlaçou o braço ao meu. Encarei-a, surpresa. — Lua cheia hoje.

Estávamos descendo as escadas, e eu olhei para cima e vi que a lua estava, sem dúvida, cheia.

Eu queria que ela dissesse alguma outra coisa, um “Não a acha linda? Me faz sentir saudade de casa”, alguma coisa para justificar seu braço enlaçado ao meu, pela ansiedade que fazia sua voz quase tremer, algo que nunca acontecia com a voz de Leona. Ela era firme em seu estoicismo. Seu comportamento era raro em Yonahlossee, onde sempre havia uma garota chorando, uma garota rindo, uma garota balançando a cabeça de um lado para outro em deleite ou histeria ou alguma combinação das duas coisas.

— Uma noite perfeita para uma cavalgada noturna — ela propôs, e me olhou; sua expressão revelava ansiedade, e percebi que esperava que eu fosse com ela.

As cocheiras estavam vazias, mas ficamos em silêncio assim mesmo. O Sr. Holmes ficaria desapontado comigo se soubesse que eu havia desobedecido às ordens médicas, mas havia pouca chance de ele vir até aqui à noite. Além disso, era mais emocionante dessa maneira, fingir que podíamos ser pegas, fingir que estávamos arriscando alguma coisa; havia tão poucas situações de risco em Yonahlossee. Podíamos faltar aulas, fumar no bosque, ser insolentes com os professores, e só recebíamos um aviso. Em Yonahlossee, somente os garotos constituíam um risco verdadeiro para a posição de alguém, a reputação de alguém. A julgar por toda a conversa da Sra. Holmes sobre educação, sobre cavar um lugar para as mulheres neste mundo, a pior coisa que podíamos fazer era nos entregarmos muito facilmente.

Leona e eu andamos na ponta dos pés, não deixamos as solas duras de nossas botas tocarem no chão, embora não houvesse ninguém para ouvir, exceto os cavalos — que nos olhavam curiosos, os olhos arregalados, orelhas voltadas para nós, os pescoços contra as portas das baias. Deslizei o freio de Naari para dentro de sua boca e a guiei para a frente da cocheira; ela bufou em meu ombro, nervosa, e murmurei algo para tranquilizá-la. Ela era uma bola de energia e, após eu montar nela, a égua dançou sob mim como algum duende exageradamente grande, de forma desajeitada, os cascos batendo uns contra os outros. Ela também estava fora de forma.

Leona foi por um caminho que só passava um cavalo por vez. Embora Naari não gostasse, ficasse tentando passar na frente de King, eu a segurei, deslizei o freio sobre a língua dela, troquei meu peso de lugar para chamar sua atenção.

Passamos rapidamente por aquele caminho até chegarmos a uma clareira extensa, onde, sem combinarmos nada, deixamos os cavalos se movimentarem, ficamos de pé nos nossos estribos e os deixamos voar embaixo de nós. Eu estava tão perto de Leona que nossas botas se esbarraram; era assim que os cavalos disputavam uma corrida, pescoço a pescoço. A lua era uma esfera sobre nós, iluminando nosso caminho; por um tempo, não se podia distinguir seu fim, apenas o espaço vazio do campo até onde a vista alcançava. Deixei Naari à vontade para ir aonde quisesse e senti o frio cortante em minhas orelhas, e o calor nas minhas panturrilhas onde elas tocavam o corpo de Naari. Meus cabelos, que eu não tivera a oportunidade de trançar, chicoteavam meu rosto. Eu podia fazer isso para sempre, era como eu me sentia; e o que mais se há para dizer sobre galopar? Uma sensação tão perto do medo. Um passo em falso e Naari poderia quebrar uma perna, e eu certamente cairia, e me chocaria contra o chão a uma velocidade impressionante.

Você não quer que acabe nunca. Eu sabia que Leona se sentia da mesma maneira. Naari se movia tão rápido embaixo de mim que eu mal conseguia senti-la. Meu pai nos contara que a história era uma lição, uma maneira de nunca esquecer o que acontecera antes de nós. E agora eu sabia, por experiência própria, que não era possível deixar o passado para trás. Porém, ao galopar naquela noite de Ação de Graças, o primeiro feriado de Ação de Graças que eu passava longe da minha família, eu *estava* deixando o passado para trás. E, por mais ilusória que fosse essa sensação, quanto mais rápido íamos, mais ela ficava para trás.

Naari e eu arrancamos na frente — ela era pequena e compacta, feita para ser mais rápida do que King —, mas então senti Leona de flanco, e mesmo sem olhar percebi que ela estava apostando corrida conosco. Antes, eu simplesmente deixara Naari correr, mas agora eu pressionava minhas pernas no seu tronco palpitante e a tocava bem levemente com minhas esporas, que era só o que bastava. Ela disparou na frente de King, a quem eu podia ouvir respirando furiosamente atrás de nós.

Mais tarde, Leona e eu andamos por toda a extensão do campo, nossas montarias esgotadas. Eu nunca havia apostado corrida antes, apenas galopado sozinha com meu pônei.

— Ela é rápida — disse Leona, o que eu sabia que era metade um elogio, metade uma insinuação de que eu não tinha nada a ver com a velocidade de Naari. Mas cavalos não corriam sem jôqueis.

Ela prosseguiu:

— Outras garotas não gostam de mim. — Ela fez uma pausa. — Elas acham que sou fria. —

E eu sabia agora que ela estava falando de Sissy, que usara exatamente aquela palavra. — Eu não me importo com o que elas pensam. Só me importo com os cavalos.

Eu olhava seu perfil enquanto ela falava, sua mandíbula quadrada belamente compensada pelo nariz empinado. Olhei para minhas mãos, vermelhas e enrugadas por segurar as rédeas tão apertadas no frio.

— Eu sei...

Eu pretendia continuar, mas não consegui encontrar as palavras, deixei minha voz sumir na noite. Eu sabia como era, amar os cavalos. Mas eu também sabia como era amar os humanos. Eu sabia como era querer, desejar tão intensamente a ponto de ter vontade de jogar tudo o mais para o ar. Havia uma razão para eu não estar em casa para o Dia de Ação de Graças este ano. E Leona? Seriam verdadeiros os boatos? Não parecia — ela agia da mesma maneira de sempre. Quieta, impenetrável, forte.

* * *

Eu me deitei na cama naquela noite e pensei em mamãe. A primeira vez em que me sentei em cima de um cavalo eu ainda era um bebê, amarrada na sela na frente de minha mãe, no velho cavalo dela, Chikee. Ele morreu quando eu tinha sete anos, e foi então que mamãe parou de montar de vez. Eu costumava sentir pena dela, silenciosamente, por não montar. Certamente ela sentia falta, eu pensava. Certamente era uma perda.

Eu não me lembrava de me contarem exatamente o motivo pelo qual mamãe parou de montar, mas tinha uma vaga ideia de que estava relacionado à dor que às vezes a atormentava, a dor que era resultado de nossos nascimentos. Mas mamãe não reclamava.

Mamãe trouxe Chikee quando se casou. Ele tinha quase vinte e um anos quando morreu, era idoso para um cavalo. Foi enterrado onde caiu, no pasto; papai teve que contratar vários homens para cavar um buraco grande o suficiente para acomodá-lo. Nas fotos, ele é bonito e escuro, com olhos gentis. Mamãe o adorava. É algo simples, amar um cavalo.

Mamãe dizia que eu cavalgava com a cabeça, não com o coração. E que cavalgar com a cabeça me serviria bem em várias situações, mas não ganharia a lealdade duradoura de Sasi. Sempre considerei essa uma visão romântica.

Virei-me e fitei a janela. Era como olhar para nada, a noite estava muito escura. Eu havia desejado que ela estivesse comigo. Eu havia desejado que ela visse como eu flutuava sobre a terra. Será que ela teria me amado, então? Poderia ter me observado, reconhecendo em seu coração que eu era filha dela, a filha que podia cavalgar de maneira tão bonita, que se sentava na sela e não interferia no galope de um cavalo, tão rápido quanto o tempo e o espaço permitissem. Mãe, era como se estivéssemos flutuando. Mãe, se você não puder me amar com o coração, então pelo menos o faça com a cabeça.

E então um rosto apareceu, e a princípio pensei que havia invocado o espírito de mamãe com meus pensamentos. Mas não, era um rapaz. Sentei-me, o coração disparado, embora já tivesse percebido que era Boone. Corri para fora, aliviada pelo ronco de Mary Abbott.

Boone olhou para mim com expectativa, e percebi que ele não devia ter recebido a carta da Sissy.

— Ela não está aqui — eu disse. — Está em Monroeville.

Eu nunca havia estado tão perto dele. Em geral eu o via rapidamente, reconhecível apenas pelo cabelo vermelho, antes de eu acordar Sissy.

Mas agora eu estava tão perto que pude ver sua expressão mudar, devagar, enquanto eu dava a notícia. Eu sabia que ele tinha que pegar um carro emprestado e dirigir mais de uma hora para chegar em Yonahlossee. Ficamos parados no limite do bosque. Ele pegou um estojo fino e me ofereceu um cigarro com a segurança de que eu pegaria um, o que me levou a fazer exatamente isso. Depois fechou as mãos em volta da ponta enquanto o acendia, com um isqueiro prateado, e pude ver por que Sissy gostava dele. Ele era tranquilo e completamente à vontade consigo mesmo.

Ele se apoiou na árvore e me estudou com seu ar tranquilo. Enquanto isso, percebi que a ponta do cigarro estava recuando rapidamente e tentei dar uma tragada como as estrelas de cinema faziam. Ninguém na minha família fumava.

Boone sorriu.

— Você nunca fez isso antes? — perguntou delicadamente.

Balancei a cabeça, envergonhada.

— Aja como se estivesse respirando — ele disse, e demonstrou.

— Mas com um cigarro — respondi, e ele riu.

Suas roupas lhe caíam de uma forma descontraída: uma camisa que estava passada, mas não demais; um cinto que estava afivelado em volta da cintura estreita, mas não apertado.

Senti de repente como se estivéssemos fazendo algo pelas costas de Sissy. Ela não gostaria disso; eu com ele.

— Tenho que ir — falei e deixei meu cigarro cair no chão.

Boone se moveu para a frente e pensei por um segundo que ele ia me beijar; ele amassou o cigarro nas folhas com o sapato e depois recuou, e eu era uma garota tão boba, vendo coisas onde não existiam, acreditando, sempre, que eu era um objeto de desejo.

— Thea — falou Boone, e me chocou um pouco que ele soubesse meu nome. — Sissy...

Duas garotas passaram pela Casa Augusta. Reconheci uma das vozes como sendo de Jettie.

Virei-me novamente para Boone.

— Sissy...?

— Ela fala alguma coisa?

— Muitas coisas — respondi, e Boone sorriu.

Ele parecia sério.

— Ela gosta de você — continuei. — E você?

Ele confirmou com um gesto de cabeça devagar.

— Quero ter certeza de que estou fazendo tudo certo.

Sorri. Isso era impossível.

— Eu não me preocuparia... Mas você deve ir embora agora. Alguém pode nos ver.

Dei meia-volta, e ele me chamou pelo nome novamente. Olhei para trás.

— David? — perguntou ele. — É meu amigo.

Eu não imaginei que eles conversassem sobre nós como conversávamos sobre eles. Mas era claro que sim. Encolhi os ombros.

— Vamos ver.

Boone não era o tipo de garoto que pressionava. Ele parecia muito gentil. Qualquer que fosse

a situação em que Boone e Sissy tivessem se metido — e quem iria saber, na verdade? — pelo menos ele era gentil. Talvez ela não fosse se arrepender.

Querido Sam,

Estou escrevendo no escuro (exceto por uma lua que mais parece um sol, mais brilhante que a da Flórida). Todas as outras garotas estão dormindo.

Você comeu bolo de laranja? Tinha velas?

Eu descreveria como é aqui, como é diferente de casa, mas nem sei por onde começar. É exatamente o oposto de casa. Há tantas garotas.

Fui cavalgar à noite na semana passada. Foi pura diversão, Sam. Às vezes, até esqueço por que estou aqui, às vezes tudo aquilo simplesmente desaparece.

Eu nunca tinha escrito uma carta para você. Nem recebi nenhuma carta sua. Nunca. Ainda pareço comigo mesma, Sam? Como seriam suas palavras, fico imaginando. Suponho que você não vá ler isso. Você pode gostar de fingir que eu não existo, que nunca vou voltar para casa, e não posso culpar você, Sam, eu não posso de maneira alguma.

Penso em você em casa e imagino se tem feito as mesmas coisas que fazia enquanto eu estava aí. Fico pensando se você, mamãe e papai têm piadas novas, ou se Idella fez alguma comida nova. Você não vai saber como é até ir embora também, mas é impossível pensar que a vida continua sem mim. Isso parece presunçoso? Não é minha intenção. Acho que você sabe o que eu quero dizer.

Quando você for embora, vai ver que existem outras pessoas no mundo além de mim. E de mamãe e papai. Convivo com tantas garotas aqui... Centenas delas. Elas têm nomes que eu nunca tinha ouvido antes: Harper, Roberta, Mary Abbott, Leona. Gosto delas. Não de todas, mas de muitas. Acho que, quando você vir quantas outras pessoas existem no mundo, não vai me odiar tanto. Embora eu saiba que você não me odeia — você foi muito claro nesse ponto. Você odeia o que eu fiz. Mas faz diferença, Sam?

Estou ensinando três meninas a montar. Bem, uma não é tão menina — acabou de fazer doze anos. Mas a minha preferida, Decca, tem sete anos. Ela me lembra você — Decca tem jeito com animais, todos os cavalos gostam dela de imediato. Ela é tão nova e não conhece nada. Ela me faz as perguntas mais estranhas. Ontem me perguntou por que eu era uma garota e não um garoto, como se eu tivesse alguma chance de escolha nesse assunto. Eu não me lembro muito de mim mesma quando tínhamos seis anos. Mas me lembro de você.

Você não pode imaginar como eu me sinto sozinha às vezes.

Vou parar antes que fique muito triste. Mas antes, preciso perguntar: nosso primo continua se recuperando?

Sua irmã,

Thea

Eu sabia que havia uma boa chance de mamãe ler qualquer carta que eu escrevesse. Ela talvez nem desse para Sam. Eu achava que ela daria, mas não tinha certeza; ela sempre nos permitiu ter privacidade, chamava de nossa autonomia, como se tivéssemos qualquer ideia do que aquilo significava. Mamãe lia livros sobre a educação de crianças e marcava algumas passagens para papai ler. Ela se considerava liberal. Permitir que eu e Sam perambulássemos livremente na maior parte do dia era uma evidência dessa característica, de seu desejo de educar crianças que pensassem e agissem com independência.

Mamãe havia me mandado um presente de aniversário, em nome de todos de casa, embora eu duvidasse que Sam tivesse alguma participação, e um sinal da parte dele era tudo o que eu desejava. Um par de brincos pendurados de pérolas, com filigrana de brilhantes. Eram pequenos, mas lindos. Eu os enfiei na gaveta de meu toucador sem mostrar para ninguém. Os brincos eram de mamãe, que os usava em ocasiões especiais. Era um mistério, por que ela os havia mandado para mim. Será que achava que eu teria uma oportunidade de usá-los aqui? Eu teria, provavelmente, em um baile, mas ela não tinha como saber. O presente tinha o valor de um gesto, um gesto extravagante, mas eu o via como era na verdade: uma maneira de não me ver. Eram apenas brincos, brincos que ela nunca usava mesmo.

“Seu dia!”, mamãe exclamava logo que nos via, na mesa de café da manhã, beijando a têmpora de Sam e depois a minha. “Feliz aniversário para você e para você.”

No ano passado, por nosso aniversário, Idella fez um bolo de especiarias com cobertura de laranja. Ela fazia a própria essência de laranja todo ano, a receita de minha bisavó. No ano passado, meu presente havia sido um vestido novo e dois livros de meu pai. Eu queria um perfume francês, que eu vira em uma revista, e fiquei decepcionada por não ter ganhado. Mas para quem você iria usar, mamãe havia perguntado, achando graça. Sasi?

No ano passado, as coisas começaram a ficar sérias. Sam e Georgie ganharam um rifle de caça, mesmo que não fosse aniversário do meu primo. Sam tinha desejado um estojo de química que vira em uma revista, não um rifle, e ele havia ficado bastante decepcionado quando lhe entregaram a caixa comprida, claramente uma arma.

Meus pais sempre faziam aquilo, dar a Georgie um presente que combinasse com o de Sam. E meu primo e minha tia e meu tio estavam sempre lá, haviam comemorado todos os aniversários conosco. Assim como nós havíamos celebrado todos os de Georgie com ele. Até mesmo as comemorações de aniversário dele eram feitas em nossa casa, com um bolo que Idella preparava, embora tia Carrie fosse uma cozinheira maravilhosa. Nunca parecera estranho. Nossa casa era, claro, onde todos queriam estar. Apenas a presença dos vizinhos do tio George e da tia Carrie parecia intrusa. E tínhamos todo o quintal para brincarmos.

Não contei para ninguém sobre meu aniversário, nem mesmo para Sissy, que estava satisfeita por Boone ter revelado a mim quanto gostava dela.

— Viu? — disse ela. — Ele me ama.

E tive que concordar, realmente parecia que sim.

Fiquei pensando no que Sam teria recebido de aniversário. Eu devia ter lhe mandado um livro junto com a carta; um livro onde alguém comete um erro e arca com as consequências. Mas esse podia ser qualquer um dos livros que eu adorava: *Retrato de uma senhora*, *A casa da felicidade*, *A idade da inocência*. E Sam não leria um livro mandado por mim.

Em Yonahlossee, nós fazíamos as comemorações depois do jantar, cada garota ganhava uma fatia de um enorme bolo retangular; mas, felizmente, meu aniversário havia passado despercebido. Talvez, nas preparações do Dia de Ação de Graças, tenha ficado de lado. Ou talvez a Sra. Holmes não tenha querido que eu tivesse uma comemoração. De uma maneira ou de outra, eu estava agradecida.

No último Dia de Ação de Graças, passei a manhã no quarto de hóspedes da casa do tio George e da tia Carrie, dormindo e correndo para o vaso sanitário para vomitar. Eu podia ouvir minha tia e minha mãe na cozinha, fazendo a comida; Sam e Georgie subindo e descendo as escadas. Eu adorava essa preparação caótica, e amaldiçoei a doença e meu pai, que não conseguia curá-la mesmo sendo médico.

Eu estava cochilando, semidesperta; abri os olhos e vi Georgie, sentado a meu lado, na ponta da cama.

— Você veio me visitar.

— É. — Ele sorriu. — É, eu vim.

Talvez porque eu estivesse dormindo há pouco, tivesse acordado e meu cérebro ainda não tivesse se recomposto; talvez porque eu tinha ficado enjoada e agora estava me sentindo um pouco melhor — não sei dizer por quê, mas meu primo estar sentado perto de mim me trouxe um intenso prazer. Eu me senti quase flutuando; minhas mãos formigavam. O sorriso dele parecia um tipo de caminho para outro mundo.

— Estou contente — falei, e minha voz soou estranha. Toquei sua mão, por cima das cobertas. — Obrigada.

— Sam também veio — disse ele, e percebi que meu irmão estava lá, sentado no canto do quarto. Os dois tinham vindo me ver, me acordar do cochilo. Então o tio George bateu à porta e nos disse para descer, e, embora eu tenha certeza de que todos fomos, também tenho certeza de que vagueei em uma espécie de sonho, ainda entorpecida, sem entender completamente o prazer que eu sentira com Georgie, mas ávida por aquela sensação, com vontade de que não desaparecesse.

* * *

A tia Carrie era uma cozinheira maravilhosa, um elogio que meu pai costumava lhe fazer. Minha mãe, não; ela não tinha tanto interesse em comida — beliscava nas refeições, comia metade do prato — a ponto de querer saber prepará-la. Sua magreza era parte de sua beleza; seus ângulos acentuados abriam um espaço para ela onde quer que fosse — minha mãe era uma mulher para quem se precisava olhar. A beleza de mamãe era delicada, frágil; pescoço de cisne, maçãs do rosto pronunciadas, olhos que nunca se decidiam entre castanho-claro e verde.

A tia Carrie era comum. Eu imaginava que, na juventude, ela tivesse uma aparência robusta típica do meio-oeste: cabelo louro-palha, olhos azul-escuros, tinha um formato que funcionava. Quando a conheci, a tia Carrie era o que mamãe chamava de forte, em uma constante batalha com a balança, e eu ficava pensando o que tinha acontecido com sua silhueta depois do problema, se ela abdicara da comida por se sentir triste ou se fizera dela um conforto. Em Yonahlossee, quando eu pensava nela, eu a via de duas maneiras: delgada e atormentada, com braços escuros no lugar das bochechas cheias; ou obesa e desleixada, o pescoço com dobras, os braços envoltos em gordura. Mas parecia impossível que ela tivesse a mesma aparência de quando eu a vi pela última vez.

Acordei cedo no dia seguinte ao de Ação de Graças, minha noção da hora desregulada como acontece no caso de doenças. Sentia-me completamente bem. Dormi na cama, Georgie e Sam no chão; sentei-me e vi que Georgie tinha saído. Meu irmão era um calombo embaixo de uma velha colcha azul.

A tia Carrie tinha pouco talento no que dizia respeito à decoração. O quarto de hóspedes ficaria melhor se fosse mais simples, com cores lisas em vez de estampas florais exageradas. Passei o dedo no edredom, de algodão vinho bordado com medalhões dourados. Pomposo e feio, o quarto todo era de variações de vinho — as cortinas, as cadeiras, o tapete oriental. A mobília do quarto, pesada, de mogno. Mamãe ia adquirindo cada vez mais móveis de *art déco*, que tinham linhas despojadas e geometria simples. A casa da tia Carrie parecia pertencer ao século passado.

Ainda assim, a casa tinha certo encanto, minha família morava lá.

A porta se abriu, e uma fresta de luz brilhou por entre as cortinas e lançou uma sombra no rosto do meu primo. Eu havia desejado que ele estivesse aqui e ele viera; fiquei nervosa, de repente, quando o observei entrar no quarto, quando o observei fechar a porta de maneira um pouco firme demais, uma batida forte, e certamente mamãe viria ver como eu estava. Mas ninguém veio.

Georgie estava perdendo o corpo de criança, desenvolvendo uma postura atlética, subitamente larga em vez de estranha. Eu ainda era pele e ossos.

— Você já acordou? — perguntou ele.

— Quase.

Levantei as cobertas e ele entrou na cama, a meu lado.

— Comi um pouco de torta de café da manhã.

— Você não podia esperar até o almoço?

— Vou comer de novo — disse Georgie —, não se preocupe.

Ele mudou de posição, ficando de lado, e pude senti-lo me encarando. Fechei os olhos. A coberta farfalhou, e Georgie pôs o dedo na parte superior de meu nariz, e o deslizou até a ponta.

— Um nariz tão bonito — disse ele, de maneira meio séria.

Eu dei uma risadinha, e puxei o lençol por cima do rosto. A mão de Georgie ficou presa, ele a deslizou para meu pescoço e minha respiração ficou mais rápida, mas não era incomum para Georgie e para mim nos colocarmos em situações de intimidade. Sempre tivéramos uma afeição fácil um pelo outro, consequência de termos sido criados juntos. Mas naquele momento — e eu sabia disso na época —, foi diferente. Eu não conseguia vê-lo, sua mão repousava quente no meu pescoço. Seus dedos se moveram, levemente, e estremeci. Rolei para o lado e o fitei, e puxei o lençol por cima de nós dois. A mão dele estava na minha bochecha, agora, seus olhos, fechados. Estávamos tão próximos que dava para sentir a respiração dele em meu rosto, úmida e picante. Eu ouvia perfeitamente cada inspiração. Coloquei a mão no ombro de Georgie; ele não se mexeu. Mudei de posição e senti que meus mamilos haviam enrijecido por baixo da camisola. Arqueei as costas, para ficar mais perto dele, e naquele instante houve uma batida na porta, e mamãe entrou.

— Bom dia, crianças — disse ela, e me sentei, ruborizada, revelando Georgie também, que havia se enrolado como uma bola e fingia dormir.

Mamãe fez uma pausa aos pés da cama, seus olhos viajando de mim para meu primo, e

cruzei os braços por cima do peito, embora eu soubesse que ela não conseguia ver nada.

— Está se sentindo melhor, Thea?

Seu rosto estava calmo e indecifrável.

Georgie e eu havíamos dormido na mesma cama no mês passado. Não tínhamos feito nada errado.

— Estou, obrigada. Pronta para o *brunch*.

— Tudo bem — disse ela. — Georgie, por que você não acorda e desce comigo? Acho que sua mãe está precisando de você.

Minha mãe sempre mentira muito mal. A voz dela ficava fina, mais aguda no final das palavras.

Fiquei sentada na cama depois de eles terem saído, um pouco atordoada.

— Bom dia, flor do dia — disse Sam, e dei um pulo.

Eu havia me esquecido que ele estava lá, deitado na cama dele, a cabeça apoiada no cotovelo dobrado.

— Você está acordado?

— É claro!

A voz dele soava estranha, e ele não me olhava nos olhos, fitava algum ponto perto da porta. Sua visão da cama era total. Fiquei imaginando há quanto tempo ele estava acordado. O tom da sua voz — sombria, pesada — fez com que eu me sentisse flagrada pela segunda vez.

Comemos o *brunch*, e observei, aliviada, o humor azedo de Sam se dissipando, enquanto ele e Georgie competiam para ver quem conseguia comer mais panquecas.

— Sam — falou tia Carrie —, é hora de *você* crescer.

Mamãe havia lançado um olhar de rabo de olho para a tia Carrie com esse comentário, mas fora o único sinal de tensão que notei. Ninguém havia mencionado a palavra *Miami*, e fiquei contente com isso. Era um lugar de que eu só ouvira falar por causa de nossas plantações de laranjas, mas que eu nunca visitara; agora era o lugar onde o tio George tinha agido com imprudência.

Papai me fez tomar um gole do seu champanhe para acalmar meu estômago. Acenei para Georgie me despedindo da janela traseira do carro, parando somente quando Sam agarrou a manga de minha camisa, me puxando para perto dele. Sentei-me de bom grado. Eu me sentia culpada, embora não soubesse por quê; como se tivesse feito alguma coisa errada, embora não conseguisse dizer o quê.

* * *

No dia seguinte à comemoração de Ação de Graças, mamãe e Idella desapareceram dentro do porão e emergiram com os enfeites de Natal: alguns de vidro, tão frágeis que não tínhamos permissão para tocar; quatro renas de madeira entalhadas à mão, compradas de um catálogo; um Papai Noel comprido e esguio esculpido em um único pedaço de madeira. Um presépio de prata passava de geração em geração pela família do meu pai, com nomes em espanhol gravados na parte de baixo de cada figura: *José, María, Jesús*.

Na semana seguinte, enquanto estávamos com papai na varanda envidraçada para as aulas,

ouvimos pancadas e batidas enquanto minha mãe e Idella colocavam tudo nos seus devidos lugares.

— Você acha que elas precisam de ajuda? — perguntou Sam, o dedo enfiado em um lugar do livro para não perder o ponto em que estava.

Papai o ignorou, e eu continuei lendo: estávamos no meio da aula de mitologia, que eu amava. Tão expansivos e amáveis, esses deuses e seus céus. Devíamos ficar quietos enquanto liamos. Papai era rigoroso com relação a essa regra, pelo menos tão rigoroso quanto sempre fora.

Levantei o rosto e encontrei o olhar de Sam; ele me olhava impassível; baixei os olhos e voltei ao conto de Narciso.

Eu estava usando um vestido antigo de mamãe, de algodão, reto e sem mangas, com um decote quadrado. O vestido ficava largo em mim. Eu tinha a altura média para uma garota da minha idade, mas era um pouco magra. Como eu raramente via outras garotas da minha idade, tinha apenas mamãe como referência, e não percebia que as garotas não se tornavam mulheres imediatamente após atingirem certa idade, que havia um desajeitado período de transição. Talvez eu estivesse muito à vontade comigo mesma. Eu usava os antigos vestidos casuais de mamãe porque eles me faziam sentir mais adulta.

Papai fechou o livro, sinalizando que nossa aula havia terminado.

— Tudo bem — disse ele —, vocês podem tratar dos seus outros assuntos, mais urgentes, como ajudar sua mãe.

Ele sorriu. Sam e eu nos levantamos; fui até meu pai e o beijei na testa antes de sair da sala, segurando meu vestido contra o peito com a palma da mão enquanto me abaixava sobre ele. Metade garota, metade mulher.

* * *

Mais tarde ajudei mamãe a enroscar as guirlandas de Natal no corrimão da escada do portão da frente, e em cima das janelas. Naquele dia o sol brilhava diretamente sobre nossas cabeças, realmente cruel; eu estava com calor, minha pele parecia fina, minhas axilas e minha testa estavam salpicadas de suor. Mamãe trabalhava com afincos, e rápido. Papai dizia que ela era mais eficiente do que qualquer homem. Cada vez mais, mamãe gostava que eu a ajudasse com as tarefas de casa. Quando eu reclamava, ela me dizia que eu devia aprender, que cuidar da casa era uma arte. E, claro, eu reclamava indiretamente: nós nunca desafiávamos mamãe ou papai, sobretudo mamãe.

Quando terminamos, ficamos paradas na frente da casa e a admiramos. Mamãe sempre gostava dessa parte — depois de colocar a mesa para um feriado, ela a observava por alguns minutos, tomada por sua beleza, admirando a louça delicada e a toalha de mesa engomada.

— Parece sobranceiras — eu disse, me referindo às guirlandas natalinas em cima da janela. — Sobranceiras grossas. Como se a casa estivesse nos observando.

Eu não estava feliz aqui do lado de fora, fazendo esse trabalho maçante enquanto Sam estava fazendo o que lhe desse vontade.

Esperei minha mãe parar de olhar. Ela começou a falar algo, mas pareceu hesitar, o que era incomum: minha mãe nunca hesitava.

— Georgie está vindo ficar conosco por uns tempos — disse ela, finalmente.

Não comentei nada. Era comum Georgie ficar conosco. Mesmo assim, pude ver o desconforto dela. Pensei que fosse falar no dinheiro. Eu não me importava com o dinheiro. “Maldito tolo”, meu pai dissera à minha mãe, quando achavam que não estávamos escutando. Mas nós estávamos, eu e Sam. Era fácil entreouvir as conversas — eles nunca pareceram notar que a porta do quarto deles não bloqueava nenhum som —, mas normalmente não havia necessidade, o que eles falavam na hora de dormir não eram do nosso interesse.

— A mãe da tia Carrie está doente. Ela vai até lá para ficar com a mãe.

“Lá” significava algum lugar do Missouri, a cidade mínima no meio-oeste que sempre soara horrorosa: pequena, plana, simples.

— Georgie vai ficar aqui por algumas semanas, então — continuou mamãe —, e vai dormir no quarto de Sam desta vez. Com Sam.

— Por que ele não pode ficar na casa dele? Com o tio George?

Embora, na verdade, eu quisesse ver o Georgie, sentia um pouco de raiva. O que ela queria dizer? Que Georgie e Sam dormiriam separados de mim? Nós sempre havíamos dormido no mesmo quarto. O feitiço pode ser virar contra o feiticeiro, falei a mim mesma.

Mamãe não me repreendeu por meu tom, que foi atravessado; em vez disso, olhou pensativa.

Mas então o rosto dela assumiu um ar sério, e baixei o olhar em direção a meus sapatos.

— O tio George tem que ir para Miami.

Isso era suficiente. Eu havia entendido — ela podia parar. Mas não ia.

— Para ter uma reunião com o banco. Então Georgie vem para cá, porque um garoto de dezesseis anos não pode ficar sozinho por uma semana. Ele vai trazer as tarefas escolares dele.

Levantei a cabeça e encontrei o olhar firme da minha mãe, sua expressão severa. Era assim que ela olhava para você quando queria aquiescência. Se Sam estivesse aqui, ele teria chutado um monte de terra, ou encolhido os ombros, teria disfarçado colocando as mãos nos bolsos. Mas eu sempre sabia como sustentar o olhar da minha mãe.

Mudei a direção do olhar e mirei para além dela: que vista minha casa proporcionava! Grupos de gigantescos carvalhos, interrompidos ocasionalmente pelas plantações regulares de laranjeiras. Quilômetros de um cultivo verde e denso. Nada parecia distante, havia tão pouca oportunidade de perspectiva naquela região plana. Essa falta de um horizonte distante sempre fora reconfortante para mim, desde que eu era criança, tudo tão perto mesmo quando não estava.

— Por que não podemos dormir no mesmo quarto? — perguntei.

Senti as lágrimas chegando.

Ela me puxou para perto antes que eu tivesse chance de reagir.

— Não chore — disse.

Afagou meu cabelo, o que ela sabia que eu adorava. Cedi.

— Thea — murmurou ela —, você está crescendo.

— Não estou.

— É natural. É assim que as coisas acontecem. Você entende? — Ela pegou meu queixo com a mão e levantou meu rosto.

— Eu me sinto igual.

— Mas não está igual. Vocês vão continuar próximos, você, seu irmão e Georgie. Mas há

certas coisas que não pode mais fazer. Entendeu?

Confirmei com a cabeça.

— Diga, por favor. — A voz dela era gentil, mas firme.

— Entendi.

— Ah, Thea... — Ela deu um tapinha em meu rosto. — Tudo vai ficar bem. É só a hora de dormir.

Deslizei para fora do seu abraço e corri para longe.

— Fique bem — gritou ela de trás de mim, uma frase proferida tão frequentemente que não queria dizer nada.

* * *

Fui cruel com Sasi naquele dia. Ele estava lento ao saltar cada obstáculo, no aquecimento, e estendi os dedos dos pés e bati em seus flancos com as esporas. Esse era um problema que estávamos tendo nas últimas semanas: a falta de jeito dele ao ultrapassar aquele tipo de obstáculo. Sempre havia um problema, uma dificuldade, quando alguém cavalgava: era por isso que existia o empenho, a batalha constante. E atingir o que se queria dependia tanto de mim quanto da minha montaria e, geralmente, de nossas naturezas. Eu era obcecada, como papai dizia, no mínimo, perfeccionista. E um cavalo era um animal estúpido, claramente não podia querer as mesmas coisas que eu, mas podia querer me satisfazer, e hoje eu não estava sentindo esse desejo nele.

E então tudo acabou, rapidamente, como em geral acontecia com minhas batalhas contra Sasi: nós brigávamos intensa mas brevemente.

Quando me virei na sela, examinando as feridas que meu chicote fizera nos flancos de Sasi, vi Sam empoleirado na cerca, uma perna para cima, o queixo apoiado nela. Fiquei me perguntando há quanto tempo estava ali; fiquei imaginando se ele teria me visto virar o chicote na mão para poder manuseá-lo com mais vigor. Será que ele saberia que aquilo estava errado? Mamãe saberia. Ela teria me feito parar, imediatamente, não, não, não, sua voz se elevando.

Incitei Sasi a seguir em frente. A cabeça dele pendia. Eu o havia exaurido. Ele esqueceria; talvez já tivesse esquecido. Mas não esqueceria o medo, e a memória da dor seria substituída por um instinto de desconfiança. Este era o problema com cavalos: eles eram estúpidos demais para lembrar direito, mas ainda assim havia uma memória para combater, uma memória com a qual não era possível racionalizar.

— Georgie vai chegar amanhã.

— Já sei — eu disse.

Tentei sorrir, mas o esforço pareceu grande demais. Observei Sam enquanto ele ficava ali sentado, com a perna para cima. Eu nunca poderia colocar minha perna para cima daquele jeito; mesmo de culote, aquela postura indicaria falta de boas maneiras, não era feminina. Eu sabia que outros gêmeos, os gêmeos a respeito de quem eu lia nos livros, eram idênticos; fiquei pensando como seria se Sam fosse menina, como eu. Foi a primeira vez em que pensei nisso. Nós dois teríamos que dormir separados de Georgie, então. Nós dois teríamos começado a menstruar.

Sam inclinou a cabeça, tentando ler meus pensamentos, e sorri. Imaginar Sam como garota

era impossível. Eu era a única garota da casa.

— Tenho que dormir separada de você e de Georgie — falei, puxando a rédea para Sasi parar, o que ele fez de bom grado.

Sam confirmou com um gesto de cabeça.

— Eu sei. Mamãe me disse. — Ele fez uma pausa. — Mas vai ser só na hora de dormir, Thea.

Levei Sasi para outra caminhada, de modo que Sam não visse meu rosto vermelho. Eu estava furiosa com mamãe por ter contado a Sam. Afinal, nós não éramos a mesma pessoa.

— Thea? — chamou Sam, mas eu o ignorei.

Sasi ficou parado, imóvel e cansado, preso, enquanto eu passava água morna em seus músculos tensos. Tracei com o dedo as marcas em relevo, como um bordado em ponto de cruz, que o chicote tinha deixado em suas ancas. Fiquei envergonhada. Pus os braços em volta do pescoço úmido de Sasi e ele baixou a cabeça. Ele me amava. Eu podia sentir seu enorme coração, batendo no rechonchudo peito de pônei. Quase todos os meus cadernos tinham desenhos de seu belo rosto. Desculpe-me, eu queria dizer, desculpe-me, mas eu sabia que era inútil.

Eu também sentia muito por Sam.

Normalmente, eu era calma e justa quando montava, mesmo quando estava frustrada. Prometi a mim mesma que não deixaria isso acontecer de novo. Que eu não ficaria descontrolada tão facilmente. Disse a mim mesma que agiria diferente da próxima vez. Mas de que valiam aquelas promessas, feitas na calma que se segue a um desastre?

* * *

— Vão — disse Georgie, e cobriu os olhos com os dedos entrelaçados.

Sam e eu corremos em direções opostas, silenciosamente, o ar revigorante e frio, o sol brilhando, um dos perfeitos dias de inverno da Flórida.

Entrei na cocheira na ponta dos pés, para que meus calcanhares não fizessem barulho contra o chão de cimento. Brincávamos havia horas, e eu estava cansada, pronta para jantar, mas não seria eu a sugerir que parássemos.

— Olá — sussurrei a Sasi, que estava parado em seu monte de feno, mascando impassivelmente.

Esse era um esconderijo fácil, um lugar que eu já havia usado antes; eu esperava que Georgie tivesse esquecido. Ou que viesse para a cocheira por último, como normalmente fazia. Eu estava perdendo. Nossa pontuação era configurada de acordo com um sistema complexo. Quanto mais perigoso o esconderijo, mais valioso. As regras antigas nunca mudavam, mas nós estávamos sempre adicionando algumas novas, até que, ao longo dos anos, o objetivo do jogo havia se tornado, extraoficialmente, que nunca se estivesse seguro.

Estávamos muito velhos para brincar disso, Georgie tinha quase dezessete anos, Sam e eu, quase quinze. Mas meu primo havia sugerido a brincadeira, e os olhos de Sam se iluminaram.

Agachei-me no canto da frente da baia, embaixo do cocho de comida. Não era um esconderijo que valesse muito, Sam provavelmente estava em cima do carvalho. Observei as pernas delgadas e nodosas de Sasi; toda vez que ele engolia, seu pescoço inteira saltava como uma onda.

Georgie apareceu na janela da baía. Ele se arrastou em volta da cocheira tão silenciosamente que eu não suspeitei. Pressionei minhas costas contra a parede fria e rezei para que Sasi não saísse do lugar.

— Ei, você — disse Georgie, e fez um som incerto de beijo com a boca.

Sasi virou a cabeça.

Georgie esperou um instante mais e logo saiu. Esgueirei-me para fora da baía, andando na ponta dos pés, da mesma maneira como havia entrado. Quando cheguei à extremidade da cocheira, surgi dando a volta em vez de correr de pronto, e esse foi meu erro tático.

Georgie, rastejando ao longo da parede de fora dos estábulos, me viu e sorriu.

— Eu sabia que você estaria aqui — disse ele.

Dei um passo para trás, fora da vista dele.

— Nem tente — disse ele. — Eu não quero correr.

Corri mesmo assim, em direção à outra ponta da cocheira, mas mesmo que nós dois corrêssemos na mesma velocidade (eu era rápida, para uma garota), Georgie estava em vantagem, e me encurralou, já que eu estava do lado de dentro e ele, não.

— Eu disse que não queria correr — falou ele, quando me encontrou na outra ponta; virei-me para mudar de direção, mas era tarde demais.

Ele agarrou meu vestido, fazendo-me escorregar, e parei. Achei que ele fosse me soltar imediatamente para continuar a procurar Sam, mas ele segurou meu vestido e me empurrou com força contra a parede.

— O que eu disse?

Olhei para ele. Não era assim que costumávamos brincar.

— Vá pegar o Sam — falei.

— Eu disse para você não tentar — repetiu ele.

Ele colocou as mãos em meus ombros, de repente, e me pressionou contra a parede. Eu podia ouvir Sasi mastigando o feno ritmadamente.

Relaxei com o toque das mãos de Georgie me apertando; o rosto dele estava tão perto do meu que dava para ver a sombra tênue e espaçada de seu bigode raspado. Eu não sabia que ele havia começado a se barbear.

— Muito má, Thea — disse ele, e sorriu, e sorri de volta, e depois ele foi procurar o Sam.

* * *

Eu estava agitada, agitada. Fui para a cama na mesma hora em que Sam e Georgie, e depois que tudo ficou em silêncio os ouvi conversar através de nossas portas fechadas. Senti a curva do seio sob a camisola, o bico inchado, a pele macia, macia.

Normalmente, eu ficava na cama até que o sono viesse, mas hoje à noite eu queria sair. Fiquei parada do lado de fora da porta dos garotos e tentei ouvir roncoss, sinais de que estavam dormindo.

As portas envidraçadas que separavam a sala de estar do lance inferior da escada eram frágeis, toda de painéis de vidro e estrutura de metal, mas eu sabia como abri-las silenciosamente. A árvore de Natal ia até o teto e nós tivemos que cortar o topo para que o anjo coubesse: sem rosto, sem cabelo, vestido com uma roupa comprida dourada brilhante. O primo

de Idella entregava uma árvore para nós todos os anos. Apertei mais meu cobertor ao redor dos ombros, estremecendo.

Sempre que vejo uma árvore de Natal agora, adornada com uma coleção de enfeites que não combinam, fico envergonhada por ela. A árvore de mamãe era linda: bolas de vidro roxas e vermelhas, sopradas artesanalmente, e por causa disso levemente irregulares — era possível ver o lugar, em cada uma, onde o artesão dobrara o vidro quente, fechando a esfera. Os enfeites eram tão finos que pareciam quase líquidos quando a árvore estava acesa.

Mamãe usava velas para iluminar a árvore, dúzias delas, presas em suportes de vidro especiais. Era perigoso, mas lindo. A moda na época era usar luzes elétricas e coloridas, vermelhas, azuis, laranja e verdes — mas mamãe detestava todas aquelas cores, achava vulgar.

Alguém estava no patamar da escada, depois desceu os degraus, então o sétimo degrau rangeu e eu soube que era o Georgie; todos nós sabíamos que era para pular aquele degrau.

— Shh — eu fiz, quando ele chegou perto, mas ele segurou a lingueta afiada da fechadura com o quadril.

Inspirei rapidamente: a porta chacoalhou, um som oco e familiar, capaz de acordar mamãe. Se ela nos encontrasse, eu sabia que ela acharia que não tinha me comportado bem. E minha explicação — que eu não estava fazendo nada, que Georgie havia me seguido —, bem, ela não acreditaria em mim. Eu vi tudo isso claramente enquanto observava Georgie passar por mim, em direção à porta da frente, e eu gelada, depois furiosa com meu primo.

— Pare — sibilei, mas Georgie já estava fora de casa; ele olhou para trás na minha direção e acenou. Corri para a porta, precisando alcançá-la antes de Georgie fechá-la grosseiramente.

— O que você está fazendo? — sussurrei, enquanto puxava a porta até quase a fechar atrás de mim.

— Estou olhando a lua — respondeu, em seu tom normal.

— Olhe de dentro de casa.

Ele deu de ombros, e se virou para mim:

— Não.

A voz dele estava pastosa, sonolenta. Quando ele olhou para mim, seus olhos estavam desfocados, distraídos.

Então eu também olhei a lua, cheia e gorda.

— Por quanto tempo você vai ficar parado aqui? — perguntei.

— Por quê?

— Estou com frio.

— Você me acordou — disse ele.

Ele parecia ranzinza, nessa visita, passava mais tempo no quarto de Sam, sozinho. Ele dizia que estava lendo, mas Georgie nunca lia.

— Como eu o acordei?

Eu tinha sido muito silenciosa.

— Eu sempre sei onde você está, Thea — disse ele.

— Somente Deus sempre sabe onde eu estou — respondi suavemente.

— E Ele está olhando agora? — perguntou Georgie, também suavemente.

Ele aproximou-se um passo. Mais um. E então ficou a três ou cinco centímetros do meu rosto, sua respiração leitosa e grossa.

— Claro — falei, mas já tinha perdido o fio da meada sobre o que estávamos falando.

Ele tocou no meu cabelo, e depois deixou a mão cair para meu pescoço.

Nós nos observamos: meu cobertor havia caído dos ombros, eu estava nua e com frio sob a camisola. Meus olhos estavam grandes pela exaustão. O rosto de Georgie estava inchado de sono, suas feições como as de um bebê. Doce — ele parecia doce. O cabelo dele havia crescido ainda mais na ausência da tia Carrie, caindo sobre os olhos e lhe dando um ar que era igualmente desordeiro e tímido.

Ele aproximou mais o rosto e me beijou nos lábios. Depois tocou no meu rosto, e me beijou novamente, e abriu meus lábios com os dele.

Eu sabia que estávamos nos beijando, mas eu nunca vira ninguém beijar dessa maneira. Papai beijava mamãe no rosto, na nossa presença. As pessoas nos livros que eu lia se beijavam, mas nunca fora descrito daquele jeito. Como a língua do Georgie era quente na minha boca, como aquilo era estranho e ótimo, em iguais medidas, como se a estranheza o tornasse ótimo.

Eu não fora criada em uma casa onde o prazer significava culpa. E isso — a língua de Georgie na minha boca, como uma coisa viva, o rosto que eu conhecia desde que nasci tão perto, mais perto do que nunca antes: isso era êxtase.

As garotas Holmes esperavam na porta do meu alojamento.

— Olá — disseram elas, quase em coro, e procuraram minhas mãos.

Elas haviam parado de fazer reverência após a primeira semana. O Sr. Holmes estava com elas, observando com uma expressão de quem achava graça. As mãos dele estavam nos bolsos, e ele inclinou a cabeça quando sorriu. Eu não falava com ele desde o Dia de Ação de Graças, algumas semanas antes.

Percebi os olhares das outras garotas. Thea Atwell e as garotas Holmes, com o Sr. Holmes.

As garotas acenavam para ele enquanto passávamos, garotas com quem eu nunca falara: Roberta, Laura Bonnell, Hattie. O Sr. Holmes as cumprimentava com um menear de cabeça, mas não tirava as mãos dos bolsos.

Nas cocheiras, prendi Luther e Bright com cordas, e as garotas os esfregaram freneticamente, parando apenas para bater os pentes na parede. Bright era um pônei velho e negro, com olhos inteligentes: muitas, muitas crianças haviam se sentado em sua garupa. Eu olhava e mostrava os pontos que elas tinham deixado passar. O Sr. Holmes mantinha uma distância dos cavalos, principalmente de Luther, o que era engraçado: pôneis eram notoriamente ariscos; cavalos, dóceis. Todas estavam ansiosas hoje: Decca levantou o casco de Bright e apontou para sua ranilha macia, depois mostrou ao pai como tirar a sujeira com uma rineta. O pelo sobre a testa de Bright estava embaraçado, e Rachel desfez os nós delicadamente.

Depois que havíamos selado os cavalos, nós os guiamos ao picadeiro onde cavalgávamos; o Sr. Holmes ficou parado do lado de fora, observando, em uma pose que todos os homens pareciam adotar — os braços descansando na estaca mais alta da cerca; uma perna para o alto apoiada na tábua central, o joelho dobrado.

O Sr. Holmes observou Decca fazer sua série — a mesma que eu fazia quando era uma menininha, que minha mãe me ensinara —, inclinando-se para dentro do picadeiro como se ele o dominasse, como se ele não tivesse medo de cavalos.

— Suas pernas estão bem fortes, Decca — gritou ele, e Decca aquiesceu, satisfeita.

O amigo alemão do meu pai, o Sr. Buch, certa vez me disse que eu parecia turca, de perfil. Fiquei encantada com o comentário; eu gostava de pensar que parecia alguém de outro lugar. Tive o cuidado de não deixar transparecer, a fim de que Sam não pensasse que eu era vaidosa. Você deveria ser bonita, você deveria ser linda, mas não deveria se importar com isso.

Fiquei pensando sobre o que o Sr. Holmes pensaria do meu perfil, se ele já havia visto uma garota turca. Provavelmente não.

— Mude o ritmo — gritei para Decca, que estava dominando a técnica do trote elevado. — Bom — gritei novamente.

Nós havíamos desenvolvido nossa própria linguagem, ou melhor, as garotas haviam se tornado fluentes em minha língua. Ninguém havia caído ainda, nem mesmo chegado perto disso. Eu caía o tempo todo quando era pequena, e por sorte nunca sofrera mais do que uma torção no tornozelo. Mas eu caía porque era audaciosa, e ninguém tomava conta de mim. As garotas Holmes eram sempre observadas.

Mais tarde, depois que elas haviam desmontado, o Sr. Holmes elogiou o desempenho delas.

— Muito bom, garotas — disse ele, e, embora Decca e Sarabeth tenham sorrido para ele, Rachel se apertou entre Decca e o pai e pegou a mão dele.

Ela olhou ofendida, mas então o Sr. Holmes estendeu a outra mão.

— Tenho duas — disse o Sr. Holmes, e Decca aceitou a mão dele, e pensei como eu e Sam éramos diferentes das garotas Holmes, que competiam entre si, que sempre, pelo menos na minha presença, tentavam ganhar a atenção do pai, tentavam andar um pouco à frente das outras irmãs.

Mais tarde, as garotas estavam paradas no largo corredor das cocheiras, Bright e Luther presos com cordas, e elas os esfregavam para tirar as marcas das selas. Eu estava no cômodo onde se guardavam os arreios, de onde eu podia ficar de olho nelas, e limpava os apetrechos, retirando o suor das cabeçadas, a grama dos bridões.

— As garotas fazem isso? — perguntou o Sr. Holmes.

Dei um pulo.

— Perdão?

— Desculpe-me. Entrei sem avisar. — Ele se moveu para mais perto, examinando meu trabalho braçal. — As garotas normalmente fazem isso?

— Elas sabem fazer e Sarabeth faz direito, mas Rachel e Decca são pequenas demais.

— Pequenas demais para limpar?

— Muito descoordenadas.

O Sr. Holmes anuiu e examinou meu trabalho. Ele tinha um cheiro forte, de óleo. Eu tinha experiência em limpar os equipamentos de montaria, as fivelas das minhas cabeçadas brilhavam, as testeiras reluziam. Ele emitiu um som — um suspiro? — e se abaixou cuidadosamente em cima de um baú. Esfreguei um creme nas rédeas e esperei que ele dissesse algo. Mas nenhum de nós falou. Eu podia vê-lo com o canto do olho, e parecia que ele estava me observando atentamente, e comecei a apreciar nosso silêncio, que pareceu sociável, mas não completamente neutro: nós dois estávamos conscientes da presença um do outro.

Mamãe havia me ensinado como limpar os arreios, como fazer o couro rígido se tornar flexível, como prolongar a vida dos equipamentos que eram necessários para a montaria. Eu havia sempre cuidado muito bem de meus arreios, tinha orgulho dessa tarefa, o que satisfazia à mamãe. Eu era bem filha dela, de muitas maneiras. Nós duas apreciávamos a ordem.

As garotas entravam e saíam com suas selas. Leona entrou, trazendo embaixo dos braços uma manta de sela ensopada com o suor do King, e inclinou a cabeça na minha direção. Ela estava mais calorosa comigo desde nossa cavalgada noturna, mas quase imperceptivelmente; trocava olhares comigo mais frequentemente, acenava com a cabeça quando passávamos uma pela outra no Castelo; na casa de banhos ela havia até mesmo murmurado algo sobre como a cavalgada noturna fizera bem a King. Depois que terminamos com os cavalos, o Sr. Holmes nos escoltou de volta à Praça.

— Vou vê-la em breve, tenho certeza — disse ele, e as garotas me agradeceram, um coro atrás de mim.

Começou a chover, de leve.

Acenei.

— Que ótima oportunidade — disse ele, quando me virei — para as garotas aprenderem a lidar com os cavalos.

— O prazer é todo meu.

Lembrei-me do meu primeiro dia aqui, meses atrás, papai a meu lado, o Sr. Holmes, um estranho.

Eu não era uma professora tão boa para as garotas quanto minha mãe fora para mim. Ela sempre havia sido capaz de prever o que eu faria depois — como eu mudaria o peso do corpo na sela, como eu puxaria a rédea direita em vez da esquerda —, o que Sasi tentaria em seguida, e essa presciência a havia tornado uma professora assustadoramente boa. Eu via isso agora. Eu não era tão boa em prever o que essas garotas fariam, mas claro que mamãe me conhecia melhor do que eu conhecia as garotas Holmes. Sua presciência se estendia para além do picadeiro: ela sabia quando Sam tinha se apressado com a lição de aritmética, quando eu havia usado uma toalha boa para limpar uma bagunça. Mamãe sabia tudo. Mas ela não soubera de Georgie. Tudo aconteceu debaixo do seu lindo nariz.

Eu saí da Casa do Diretor — um chalé charmoso, de verdade, coberto com telhas de vidoeiro — e me juntei à massa de garotas que também retornavam do picadeiro. Talvez mamãe tivesse me mandado para cá em parte porque ela estava zangada consigo mesma, por não ter percebido o que estava acontecendo na sua própria casa. Por não me conhecer tão bem quanto pensava; por não ter interrompido aquilo.

Sissy correu para meu lado, ansiosa para saber como era ensinar com o diretor me olhando. Eu sorri para ela, a multidão de garotas se movimentando à nossa volta. Eu era uma delas. Nós parariamos em nossos alojamentos primeiro e trocaríamos rapidamente de roupa, mas não nos seria dado tempo suficiente para tirar o cheiro dos cavalos.

* * *

Na véspera do Natal, eu era a única garota na Casa Augusta. Até a família de Mary Abbott havia juntado dinheiro para que ela fosse para casa. A maior parte das garotas que ficaram era bolsista. E então as garotas davam as mais variadas desculpas: a família delas estava viajando este ano; era uma viagem longa demais para um período tão curto. Eu dera essa desculpa, exatamente, e para mim pareceu pelo menos um pouco concebível: Emathla, na Flórida, era muito longe de Yonahlossee.

O sino noturno havia soado horas antes, mas eu não conseguia dormir. Nem era uma questão na minha cabeça, se eu voltaria ou não para casa para as festas de final de ano; claro que eu não voltaria. Nós havíamos cantado músicas natalinas no Castelo aquela noite, havíamos decorado uma árvore gigantesca. Eu fora poupada de um interrogatório das garotas Holmes, porque todo mundo que não havia ido para casa tinha sentado junto, em uma mesa comprida; a família Holmes se sentou na ponta oposta à minha. Decca dera um jeito de se sentar em meu colo no final do jantar, mas ela era nova demais para se preocupar com o porquê de eu não ter ido para casa.

Ouvi um barulho do lado de fora e pensei que pudesse ser Boone novamente, ignorante da ausência de Sissy. Mas claro que não seria ele — que certamente estava em casa com sua família perfeita, trocando presentes perfeitos.

Alguém riu, mas o som era assustador. Parecia vir de bem debaixo da minha janela.

Ouvi o mesmo barulho novamente, a mesma risada, aguda. Fez com que eu me arrepiasse

até os ossos — uma das expressões de mamãe. Olhei para fora da janela, com muito cuidado. Vi as costas de uma garota, vestida com sua camisola branca, sem casaco, os cabelos rebeldes. Ela se virou e reconheci o perfil agachado: Jettie.

Levantei, me agasalhei e corri para fora, um dos casacos extras de Sissy na mão.

— Jettie — sussurrei —, por que você está aí fora?

Entrequei o casaco a ela, que balançou a cabeça. Seus olhos estavam apáticos, e ela levantou uma garrafa cor de âmbar.

— Já estou muito aquecida — disse ela. — Não preciso de casaco.

Coloquei o dedo nos lábios.

— Por quê? — perguntou ela, ainda mais alto. — O que poderia acontecer?

Coloquei o casaco de Sissy em volta dos ombros dela e peguei a garrafa. Ela estava se movendo devagar demais para me impedir.

— Se a Sra. Holmes visse você — falei —, ela teria um ataque.

Jettie sorriu.

— Eu acabei de fazer com que Henny me salvasse. Ela é a queridinha da Sra. Holmes. Elas são farinha do mesmo saco. Pode me devolver minha garrafa, por favor?

Sentei-me ao lado dela.

— Contanto que você fique de casaco — respondi.

— Fechado. — Ela tomou um grande gole da garrafa, como um homem. — Thea Atwell. Você foi o assunto do dia quando chegou. Katherine Hayes disse para todos que aconteceu algum problema com um rapaz. — Jettie me olhou de cima a baixo, sem disfarçar. Puxei meu casaco mais apertado em volta de mim. — Mas ninguém mais se importa com você. É assim que o mundo funciona.

— Você está bêbada — falei.

— Você está certa. — Ela deu sua risada estranha. — Eu sei por que você não foi para casa, mas você sabe por que eu não fui? Vou contar — continuou ela. — Se você puder guardar um segredo.

— Posso — eu disse, cautelosamente.

Não tinha certeza se queria saber os segredos de Jettie.

— Meu pai perdeu o emprego. Então agora eu tenho que me casar. E não quero. — A voz dela se tornou furiosa. — Essa é a última coisa no mundo que eu quero. Mas mamãe diz que preciso. E Henny diz que sou egoísta. O que você acha?

Ela aproximou bem o rosto do meu, e pude notar uma cicatriz esmaecida em sua têmpora.

— O rapaz com quem você vai se casar, ele é legal?

— Não é um rapaz. É um homem. É velho. Rico. Do ramo de tabaco. E ele é até simpático, mas não gosto deles. Dos homens. Tem alguma coisa errada comigo. Eu preferia ficar sozinha.

Parecia que ela ia chorar. Tomei a garrafa de suas mãos e a virei na minha boca. Quase cuspi, o gosto era forte demais.

— Vou dizer outra coisa. — Ela então começou a chorar, intensamente. — Eu não quero ir embora — disse ela. — Eu não quero sair de perto dela. Daqui. Eu não entendo. Não estamos passando fome. Não somos miseráveis. — Seu olhar estava perdido ao longe.

Yonahlossee, uma ilha de garotas ricas no meio da pobreza. Pensei em Docey, na família dela. Nós tínhamos montado uma cesta para as operárias: presunto, torta, batatas. A Sra. Holmes

dissera que seria entregue a tempo da ceia de Natal.

— Thea — murmurou Jettie —, a vida é tão difícil depois que você cresce.

— Talvez seja melhor — falei, finalmente.

— O quê?

— Não gostar de rapazes. Homens. Eles só trazem problemas.

Ela me olhou por um longo instante.

— Não seja boba, Thea.

Sorri, depois derramei o conteúdo da garrafa no chão enquanto Jettie olhava. Mais álcool a deixaria mais triste. Ela se levantou então, e foi embora desequilibradamente. Ela parecia um pônei: baixa e robusta.

— Lembre-se — ela falou. — É um segredo.

Passei o dedo pelos lábios, e fiz um gesto como se jogasse uma chave fora.

* * *

Acordei na manhã seguinte e o mundo estava branco.

Deslizei para dentro das minhas botas e saí sem casaco para encarar trinta centímetros de neve.

— Olá — alguém chamou, e vi o Sr. Holmes, atravessando a Praça, carregando uma chave inglesa.

Acenei e cruzei os braços. Eu devia ter me agasalhado mais antes de sair. Minhas mãos estavam rachadas. Precisava de luvas, mas não queria escrever para mamãe pedindo.

— Feliz Natal — desejou-me ele. — Uma das tubulações estourou. — Exibiu a chave inglesa.

— O Castelo está sem água, e nosso faz-tudo foi para casa para as festas de fim de ano.

Parou quando chegou perto de mim, uma única linha de pegadas atrás dele.

— Eu nunca tinha visto neve antes — falei. — Não assim.

— Não? — Ele olhou em volta, na extensão de branco, branco em todos os lugares, nos telhados, nas árvores, nas montanhas. — Eu adoro o frio — disse.

Ele usava um casaco velho, o botão de cima faltando.

— Imagino que faça você sentir saudade de casa — sugeri.

— Você se lembrou. — Ele parecia satisfeito. — Sim, me lembra Boston.

— Eu só conhecia o calor. Mas isso — continuei —, isso é lindo.

E Sam não estava aqui para ver.

— Minha mãe costumava dizer que Deus estava zangado quando nevava, mas nunca considerei dessa forma.

— E como Ele está então, senão zangado?

O Sr. Holmes riu; uma baforada branca.

— Contemplativo. — Fez uma pausa. — Parece que você está gostando de Yonahlossee, Thea.

Confirmei com um aceno da cabeça. Eu estava ficando cada vez com mais frio, mas não queria ir embora. Comecei a falar, mas parei.

— O que você ia dizer? — perguntou ele.

Havia um pequeno risco vermelho em cima do lábio do Sr. Holmes, no local onde ele havia

se cortado, do se barbear. Ele e a família celebrariam o próprio Natal, antes de nos juntarmos para ceiar no Castelo. Eu queria estar lá, com ele. Queria que ele me convidasse. De repente, eu queria muito. Por favor, convide-me, pensei, enquanto ele me olhava com expectativa; convide-me.

Mas é claro que ele não convidaria. Eu não era uma Holmes. Fiquei imaginando se esse seria meu último Natal sem minha família, e entendi nesse instante que não: eu podia ver vários Natais em meu futuro, desenrolando-se à minha frente, vazios. Eu não sabia onde estaria, mas sabia que minha família não estaria lá.

O Sr. Holmes ainda me olhava, curioso.

— Gosto daqui — eu disse, afinal, e fiz uma pausa. Eu não confiava em minha voz — Mas também sinto saudades de casa.

Ele não pareceu surpreso.

— É claro que sim, Thea. Claro que sim.

* * *

Meu presente de Natal vindo de casa: um casaco de caxemira, cor de vinho escuro, com botões prateados. *Alegre, alegre, feliz, feliz*, o cartão dizia, a caligrafia de outra pessoa, palavras ditadas por minha mãe. A etiqueta tinha o nome de uma loja de roupas de Asheville. Segurando na frente de meu corpo, no espelho, o casaco fazia meu cabelo brilhar contra o vermelho. Desfiz minha trança e peguei um punhado: meu cabelo crescia rápido, estava ficando comprido, grosso. Que estranho retrato eu formava no espelho preciado, os olhos inchados de sono, os lábios ressecados por causa do frio, o casaco ousado e opulento. Toquei o espelho. Mamãe nunca havia visto o casaco, a cor. Era um presente extravagante — diferente dela, diferente de mim. Ela deve ter se sentido culpada, não me levando para casa nem para o Natal. Ela não sabia que eu não iria se eles tivessem convidado.

Enfie o casaco em uma de minhas gavetas vazias.

* * *

No Natal passado, não trocamos presentes. Mamãe alertara a mim e a Sam sobre isso com antecedência e, apesar de eu ter reclamado a princípio, mamãe me lembrara que a família de Georgie estava com problemas — ela usou essa palavra exata, problemas — e nós não queríamos trazer outros para eles. E, além disso, ela acrescentou, nós não precisamos de presentes de Natal; temos tudo o que precisamos, não temos? E o que mais dizer senão concordar, embora eu tivesse apreciado uma cabeçada nova ou um par de culotes mais elegante.

Alguns dias antes do Natal, fizemos uma fogueira ao ar livre. A tia Carrie estava de volta do Missouri, a mãe dela estava melhor. Ficamos parados em frente ao fogo por um tempo que pareceu longo demais. Papai colocou o braço delicadamente em volta dos meus ombros. Mamãe e Idella vieram com canecas de chocolate quente.

— Ah, não — disse tia Carrie, apalpando a barriga roliça.

Observei meu primo enquanto eu comia e tentei fingir com muito empenho que não estava observando ou interessada em qualquer coisa em especial. Ele ficou perto de Sam, fazendo a

vontade dele, aparentemente. Nós nunca bebíamos chocolate. Era muito forte; senti-me pesada com a bebida e derramei minha caneca no fogo. Percebi que mamãe me observava; por isso, voltei meu foco para as chamas, as cinzas e o crepitar do fogo.

Estávamos quietos naquela noite. É tentador presumir que todos sabíamos que estávamos no limite de algo.

Georgie ficou longe de mim até que o fogo começou a diminuir e os homens decidiram não acrescentar lenha. Eu tinha ficado com calor, e me sentei a uns trinta ou sessenta centímetros mais longe da fogueira do que os outros. Georgie saiu do lado da mãe e se ajoelhou perto de mim, mas permaneceu em silêncio e fiquei contente. Descruzei os braços — o ar estava cortante — e descansei as palmas das mãos na grama fria; Georgie inclinou-se para trás e pousou a mão seca em cima da minha. Estávamos fora do ângulo de visão dos outros, não era um gesto corajoso. Ficamos sentados assim por dez, quinze minutos, e o que senti nesse pouco tempo, a ansiedade, o prazer, a sensação assustadora de felicidade — bem, isso tudo ainda era novo para mim. Passara-se uma semana desde que meu primo havia me beijado, e eu era outra pessoa. Ou talvez não outra pessoa, mas, de repente, eu me importava com questões completamente diferentes, o que parecia a mesma coisa.

Nós não havíamos nos beijado de novo, ou mesmo falado sobre o assunto. Mas Georgie me tocava, agora, o tempo todo, segurava minha mão na coqueira como se não fosse nada. Nós havíamos entrado nesse jogo de maneira tão fácil; e agora eu queria mais.

* * *

No dia seguinte, senti-me sozinha nos degraus da varanda da frente, observando nosso quintal silencioso. Georgie havia substituído Sasi em meus devaneios. Eu pensava nele agora mais do que podia imaginar ser possível pensar em algo — o que queria dizer: sempre.

A porta da frente rangeu. Virei-me, e Georgie apareceu no batente. Tudo parecia mágica. Eu estava esperando que ele me encontrasse, e ele tinha encontrado; havia algo de delicioso na maneira como ele me cortejava na minha própria casa, parecia que sempre conseguia me encontrar. Quando eu o via agora, quando ficava perto dele, minha virilha pulsava e eu sentia uma sensação molhada entre as pernas, que parecia vir quase imediatamente. Ele sorriu de volta, mas a cabeça dele estava inclinada que não consegui saber se tinha um ar tímido ou convencido.

Ele se sentou a meu lado e colocou a mão sobre a minha.

— Nós não devíamos — sussurrei.

— Todo mundo está lá atrás.

Ele beijou minha testa, e me retraí, atordoada, e não consegui saber por quê: se era pelo fato de ele ser tão atrevido, me beijando onde qualquer um pudesse ver, mas também pelo prazer dos lábios dele na minha testa.

— Georgie.

— Eu não posso beijar minha prima na testa? — perguntou.

Era um desafio. Ele parecia tão grande perto de mim; se fosse um estranho que eu tivesse encontrado na cidade, pensaria que era um homem jovem.

Toquei no rosto dele. Eu gostava de ver como minha mão era pequena perto do rosto dele.

— Você fez a barba hoje de manhã?

Pareceu emocionante, ter o direito de fazer essa pergunta.

— Fiz.

Ele agarrou a minha mão e a pressionou contra o rosto dele, depois beijou a base do meu polegar. Fiquei imaginando onde ele aprendera a fazer tudo isso. Esse Georgie era um estranho para mim.

Passei meu polegar pelos lábios dele; ele o mordeu, delicadamente, e preendi a respiração. Virei a cabeça porque isso tudo, de repente, parecia demais, bom demais, e fiquei tonta com tal prazer. O grande canteiro de hera na frente da casa pareceu borrado, mas então um ponto claro na extremidade pouco a pouco entrou em foco: meu irmão. Enxuguei a mão na saia e me levantei; Georgie pulou e ficou de pé do meu lado. Acenei para Sam, que dera a volta pela casa sem eu notar. Ele inclinou a cabeça em nossa direção, as mãos nos bolsos. Tire uma, pensei, tire uma mão do bolso e me deixe saber que você não viu nada.

Coloquei a mão sobre a boca e me virei para Georgie.

— Não se preocupe — disse Georgie —, ele não viu nada.

Mas era tudo uma suposição, se Sam tinha ou não visto.

* * *

Na véspera de Natal, eu me sentei entre Georgie e Sam na mesa de jantar.

Eu usava um vestido de seda dourado que mamãe disse que realçava o vermelho do meu cabelo. Era a última vez que eu iria usá-lo — o corpete ficara desconfortavelmente apertado, e até que tivesse outra ocasião para usar um vestido tão claramente feito para uma festa, reluzente e pouco sério, eu estaria alta e larga demais. Mas eu queria usá-lo uma vez mais, e ignorei a sugestão de mamãe de escolher outro vestido.

Eu também usava a estola de visom de mamãe. Ela me emprestava como se eu estivesse brincando de me arrumar para uma festa, o que era verdade, mas agora a estola parecia mais minha do que dela. No Natal passado, eu tinha quatorze anos, e as mesmas pessoas estavam lá.

Papai fez a prece. Georgie pegou minha mão embaixo da mesa e a segurou, brevemente. Em meu rápido inventário pela mesa, as cabeças de todos ainda estavam abaixadas. A última parte da prece de papai foi pelo pomar de laranjas. Isso não era incomum. Mamãe exalou de forma audível.

— Amém — o tio George acrescentou —, vamos todos rezar pelas frutas cítricas.

Meu pai olhou para a taça de vinho. Eu sabia que ele estava considerando como responder, que a taça simplesmente estava lhe dando tempo. Parecia que papai sempre buscava um tempo para si mesmo, ele tinha milhares de pequenos truques que costumava usar antes de falar.

— Você está gracejando? — perguntou ele.

Era uma palavra tão formal, como ele estivesse lendo Shakespeare, e senti-me totalmente desconfortável.

Georgie observava os adultos, cauteloso; eu queria que ele prestasse atenção em mim, não neles. Toquei na mão dele, por baixo da mesa.

— Um homem pode rezar por qualquer coisa que queira, não pode, Felix? — perguntou o tio Georgie.

Meu tio parecia tenso naquela noite, como todo mundo. O ar estava pesado e você poderia

cortá-lo com uma faca — essa frase ficou em minha cabeça.

Então a mão de Georgie estava em meu colo, em meu joelho. Pude sentir o calor da mão dele, mesmo através do vestido.

— Por favor — disse mamãe.

— Pode, sim — afinal meu pai respondeu. — Suponho que sim.

Georgie movia os dedos para cima e para baixo em meu joelho tão delicadamente, tão ritmadamente, que me dava vontade de gemer. Ele fez isso por tanto tempo — três minutos, quatro — que fiquei fora do ar. Estava na parte de cima da coxa, não, estava mais embaixo, estava subindo demais, não estava subindo o suficiente.

Coloquei minha mão em cima da dele e o interrompi. Era loucura, nos tocarmos na frente de todos, principalmente na frente do meu irmão. Minhas coxas estavam tremendo. Os adultos conversavam sobre a apresentação de Natal de Gainesville, sobre a qual minha mãe havia lido um artigo no jornal; um assunto ameno, escolhido para diminuir a sensação pesada que se instalara sobre a mesa, e, embora não estivesse funcionando, embora a tia Carrie ainda parecesse que fosse cair em prantos, agradei a Deus que algo desviasse a atenção de todos. Graças a Deus pelas apresentações de Natal, murmurei, e Georgie riu, baixinho, mas Sam me olhou de forma esquisita.

* * *

Eu nunca valorizava muito os sonhos. Sam costumava acordar com pesadelos, angustiado e com falta de ar, e tudo o que ele me dizia enquanto eu segurava sua mão era que estava caindo de um grande precipício, que um segundo antes de atingir o chão ele acordava.

Nunca acreditei muito nele, porque não conseguia acreditar em um sentimento tão irreal, fora de propósito, tudo na cabeça do meu irmão. Depois da fogueira, adormeci rapidamente e sonhei com Georgie, me tocando. Ele me tocava por baixo da roupa de baixo, delicadamente, depois mais forte, e depois colocava um dedo dentro de mim. Depois dois. Acordei sem saber onde estava, o prazer tão intenso que pensei que ainda estivesse sonhando. Eu estava no auge; coloquei meus dedos onde Georgie havia colocado, fiquei surpresa em ver como estava firme contra a pressão da ponta dos dedos, a pressão que era sentida mais profundamente aqui. Depois toquei do lado de fora da calcinha, como Georgie havia feito. Eu estava molhada, ensopada. Faiscas brilhantes reluziram contra minhas pálpebras. Mais, e mais, depois nada além da pulsação forte, rápida entre as pernas. Esfreguei minha testa com o pulso, as mãos precisavam ser lavadas.

Esse tipo de prazer ainda não era um segredo, como se tornaria mais tarde. Não, era algo que nunca havia existido, então não havia a vergonha como consequência.

* * *

Sam me acordou na manhã de Natal, deu um tapinha suave no meu ombro. Primeiro, pensei que fosse Georgie.

— Se você quiser cavalgar — disse ele —, é melhor ir agora.

— Tudo bem — murmurei.

— Feliz Natal — acrescentou, depois de pensar um pouco.

— Feliz Natal — retribuí.

Ele me observou enquanto eu me sentava na cama e esfregava os olhos para espantar o sono. Sorri, e ele sorriu de volta, mas seu sorriso estava distante, de alguma forma. Por um instante, parecia que Sam estava dentro da minha mente, que sabia a respeito de Georgie.

Sam inclinou a cabeça, e senti uma incrível onda de alívio: ele não sabia.

Balancei a cabeça, e sorri novamente, para que ele soubesse que estava tudo bem, e, apesar de Sam ter ouvido, eu sabia que ele não tinha acreditado em mim.

Eu queria tentar um novo salto que vinha treinando. No picadeiro, os comandos eram quase invisíveis, deveria parecer que você e o cavalo estavam em completo e silencioso acordo. Mas aqui fora, com o picadeiro atrás de nós, Sasi me escutaria se eu sacudisse meu corpo e jogasse meu peso, batesse as pernas contra o corpo dele, gritasse. Era uma maneira feia de montar, mas parecia mais genuína.

Eu havia deixado minhas esporas na cocheira. Quando apertei as pernas contra os flancos de Sasi, geralmente um comando que ignorava, ele explodiu em um trote elaborado, o pescoço arqueado, as orelhas para a frente, prestando atenção em tudo, menos em mim.

Eu tinha vindo aqui fora exatamente por essa razão: precisava de poder, precisava que ele saltasse o mais alto que já conseguira, não por mim, mas porque o salto estava apontando para o grande e misterioso além.

Assim que virei, percebi que dera mais espaço do que deveria — uma linha reta comprida demais, tempo e razão demais para que ele corresse para longe, para que eu perdesse o controle. Mas senti, por baixo de mim, que ele unia as pernas, em nítida expectativa pelo salto.

— Sim, sim, sim — murmurei, no ritmo de seu meio galope.

Minha trança pulava nas costas, minha visão se estreitou, e eu só estava consciente da maneira particular como os cascos de Sasi tocavam no chão — o som forte que fazia — e a distância diminuindo entre nós e o obstáculo. Era tudo instinto agora, não havia nada que ninguém pudesse ensinar sobre aquele instante antes de sair do chão.

— Agora — eu disse, e nós voamos.

Desejei que Georgie estivesse aqui, olhando. Então o ombro esquerdo de Sasi se abaixou e caí, na grama úmida, mas eu ainda estava com as rédeas, não as tinha soltado.

— Tudo bem — eu o tranquilizei —, tudo bem.

Ele meio que me puxou, meio me arrastou, andando para trás, assustado, mas também consciente da oportunidade: se ele conseguisse se livrar de mim, poderia correr para longe, ouvir seu cérebro, a parte profunda que lhe dizia para ir, a qualquer custo.

Mas eu segurei. Eu amava esse pônei; não o deixaria ir por nada. Depois que ele se acalmou, montei novamente. Coloquei-o na linha do obstáculo pela segunda vez, e saltamos sem qualquer incidente, como eu sabia que faríamos. Era assim que minha mente trabalhava, era por isso que eu era corajosa em situações em que outros não teriam montado outra vez. As estrelas não se alinhariam para tirar Sasi do equilíbrio de novo, não duas vezes no mesmo dia. Caía-se de vez em quando porque era esperado, você montava em um cavalo e esperava que ele fizesse coisas que ele não faria naturalmente. Caía-se uma vez a cada centena de saltos limpos.

Subi sorratamente depois de ter refrescado Sasi e o alimentado com sua ração matutina de aveia. Parei na porta do quarto do meu irmão e abri uma fresta.

Sam havia voltado para cama, Georgie dormia em um estrado com colchão no chão. Eu fiquei surpresa por eles estarem dormindo separados — a cama de Sam era grande, havia espaço suficiente para os dois.

Os braços e as pernas de Sam estavam dobrados em ângulos estranhos, e seu cabelo estava colado ao rosto por causa do suor. A colcha marrom havia caído no chão, e o lençol estava enrolado entre suas pernas.

Olhei para ele primeiro, quase sem vê-lo. Olhei porque ele estava lá. E então Georgie, o edredom de Sam drapejado por cima do seu torso. Ele não estava suando. Talvez fosse mais frio no chão. Ele dormia de forma quase meticulosa, os braços em linhas retas, os pés descalços alinhados, os dedos dos pés para cima.

Georgie mudou de posição, e vi um lampejo marrom quando ele tirou o edredom. Ele murmurou algo, quase um gemido, e então vi o pênis dele, ereto por entre a abertura do pijama. Era mais escuro do que o restante de sua pele, tinha um tom arroxeadado. Eu nunca havia visto um homem nu, nem conversado com ninguém sobre anatomia masculina, mas de alguma forma eu sabia que o pênis do meu primo estava ereto.

Virei-me e fechei a porta atrás de mim. Senti-me envergonhada, mas de uma maneira difícil de explicar: não devia ter me mostrado aquilo, eu não devia ter visto, mas ele estava dormindo, não teve a intenção.

Então senti o oposto de vergonha: eu me senti um pouco poderosa, como se conhecesse um segredo, um momento só meu.

— Boone vem esta noite — sussurrou Sissy. — Você pode me ajudar?

— É claro.

O risco era menor agora que a Sra. Holmes estava fora; todo mundo sabia que ela era a responsável pela disciplina. Ela tinha partido no último domingo, depois do culto, e ficaria fora por seis semanas. Quando voltasse, seria primavera, o que parecia impossível: tudo estava morto agora, exceto pelas sempre-vivas.

Pela janela, a noite estava um breu. Tínhamos acabado de entrar naquilo que Sissy chamava de calmária: o mês de fevereiro. O sol se punha lá pelas cinco horas; nós agora nos encaminhávamos para o jantar em completa escuridão. Sissy dizia que era a parte mais monótona do ano, quando nada acontecia. Mas eu gostava daquela tranquilidade.

Eu tinha voltado a montar. Precisei recuperar quase quatro quilos antes que a Sra. Holmes me deixasse subir em uma sela novamente; eu teria protestado mais se não estivesse montando escondida.

Eu ainda dava aulas às meninas Holmes, a meu próprio pedido, pelo menos por um tempo curto, até elas se juntarem à Sra. Holmes na casa da mãe dela em Nova Orleans. O Sr. Holmes nos disse para escrevermos para nossas mães e as incentivarmos a participar dos encontros do Clube de Jardinagem ou da Liga Júnior, onde sua esposa faria apresentações. Nem preciso dizer que todas as mães eram membros do Clube, exceto a minha. Ela frequentava a Camellia Society de Emathla, mas por causa das flores.

Observando o Sr. Holmes, constatei que ele não aparentava estar pior em relação aos seus trajes, dada a ausência da esposa.

O Sr. Holmes aparecia em nossas aulas uma ou duas vezes por semana, eu nunca sabia quando ele ia surgir, um espectro empoleirado na lateral do picadeiro. Sem perceber, comecei a ficar ansiosa pela presença dele.

Permaneci acordada naquela noite até ouvir as pedras jogadas por Boone. Ele as lançava de forma suave, mas precisa: pelo som, parecia que Boone atingia exatamente o mesmo local todas as vezes.

Na terceira pedra, levantei-me.

— Sissy — sussurrei. Balancei seu ombro fino. — Sissy — repeti e apertei o braço dela.

Minha amiga estava dormindo já com as roupas.

Ela abriu os olhos e, quando me viu, assustou-se.

— Sou eu — coloquei um dedo nos lábios.

Sua respiração noturna, quente e ácida, aumentou. Seria razoável pensar que uma garota tão delicada em uma situação tão delicada teria um sono leve, ou nem chegaria a dormir. Ela se levantou e saiu.

Nós nos amamos, ela me contou quando explicou a gravidade da situação: não podemos ficar muito tempo sem nos vermos. Sorri — ela deixava até o amor da vida dela à espera. Aquela menina estava sempre atrasada.

— Sissy?

Rapidamente deslizei para a cama de Sissy: não havia luar esta noite.

— O que você está fazendo?

A voz de Mary Abbott soou sonolenta. Escutei até me certificar de que ela tinha voltado a dormir. Dentre todas as garotas, ela seria a que contaria. Não por maldade, mas porque era esquisita, tinha uma concepção estranha de homens, rapazes, o sexo oposto, qualquer que fosse o nome que se quisesse dar a eles.

Eles não representavam um mistério para mim. Adormeci pensando, meio sonhando, que eu era Sissy. Até agora, eles só tinham trocado beijos. Mas fariam mais, não conseguiriam se controlar. É evidente que Boone iria querer, e era compreensível: ele era um rapaz, tinha necessidades, não podia evitar.

Quando acordei, Sissy estava debruçada em cima de mim, os cabelos molhados. A chuva batia no telhado. Trocamos de cama, mas tive dificuldade em voltar a dormir, não conseguia deixar de imaginar Sissy e Boone se abraçando.

Naquela noite carregada, insone, a ameaça não realizada: Mary Abbott não fez menção ao fato de ter ouvido algo.

* * *

No caminho para as cocheiras na manhã seguinte, os pescoços das meninas Holmes enrolados em xales, Sarabeth falou:

— Papai virá hoje — disse alegremente — para me ver.

Apertei a mão de Decca, que eu estava segurando, e ela me olhou curiosa. Eu me sentia tonta, por ter dormido pouco, e agora feliz. Eu deveria ser mais cuidadosa. Mas cuidadosa com o quê? Eu não estava apaixonada por ele; metade do acampamento estava, pois ele era o único homem em quilômetros, com exceção dos cavaleiros, e esses não contavam. Porém, eu gostava que ele falasse comigo como se eu fosse adulta.

— Nós três — corrigiu rapidamente Sarabeth, mas Rachel já tinha ficado ofendida, olhava para a irmã estreitando os olhos.

Sarabeth podia se dar ao luxo de ser agradável agora, já tendo revelado a verdadeira intenção do pai. Havia momentos em que Rachel parecia malvada, mas, em relação a Sarabeth, eu nunca tinha certeza. Eram crianças, irmãs que disputavam coisas pequenas. Sam e eu nunca tínhamos brigado; mais uma prova, segundo nossa mãe, de como tínhamos sorte na vida. Ela tinha brigado com os irmãos, e papai com o tio George. Mas Sam e eu éramos gêmeos, dois lados da mesma moeda.

Eu estava colocando o freio na boca de Luther quando o Sr. Albrecht nos contou que uma árvore tinha caído no nosso picadeiro na noite anterior e se espatifado contra a grade durante a tempestade. Fiz uma pausa e o freio bateu contra os dentes de Luther, que balançou a cabeça.

— Está tudo bem — o Sr. Albrecht me tranquilizou, afagando o focinho de Luther. — É uma árvore pequena. A maior parte do picadeiro ainda está boa para uso.

Sarabeth guiava Luther, Decca guiava Bright, e passaram pela árvore caída.

— Faça festa no pescoço dele — eu disse para Decca, enquanto ela fazia Bright passar ao lado da árvore —, fale com ele.

Subitamente, Bright puxou a cabeça para cima, as rédeas estalando.

— Olhe, um pássaro. — Rachel apontou. Notei um leve arranhão vermelho no pulso dela. —

Acho que está machucado.

Eu me ajoelhei no chão. Uma coruja, com a cabeça de um formato estranho, estava aninhada entre os ramos, tão castanha que se mesclava às folhas. Claramente estava apavorada, e se limitara a ficar imóvel porque não conseguia voar. Se Sam estivesse aqui, ele teria sabido o que fazer, teria verificado se era possível curar o machucado na asa da coruja. Achei que não era.

— O que vamos fazer? — perguntou Rachel, a voz chorosa.

— Deixe-a em paz — eu disse, talvez áspera demais.

Eu tinha perdido o bom humor. O Sr. Holmes viria observar a aula, e agora isso. Se a coruja tentasse deixar a árvore, os cavalos levariam um susto.

Tomei uma decisão rápida. Sarabeth já estava montando Luther. Decca já estava pegando os estribos.

— Meninas — avisei —, não cheguem perto da árvore. A coruja está machucada. Ela pode assustar os cavalos. Então, fiquem longe.

Todas concordaram obedientemente, até Rachel.

Fiquei de pé no centro do picadeiro enquanto as meninas se aqueciam. Eu observava Sarabeth com o canto do olho, mas mantinha o foco em Decca, que agora estava aprendendo o trote elevado.

Rachel se sentou na cerca, as pernas esbeltas enroscadas nas ripas de madeira. No início, ela permanecia sentada ali, quieta como sempre, o rosto pálido tranquilo. Seus cabelos caíam em duas tranças, o que a fazia parecer mais nova. Todas as três meninas Holmes tinham os cabelos do pai: escuros e brilhantes.

Então, de novo com o canto do olho, percebi que Rachel desceu da cerca e caminhou ao redor do picadeiro, timidamente, como era o estilo dela, mas também com velocidade.

— Rachel?

— Vou dar uma olhada na árvore.

A voz dela era lamuriosa novamente.

— Você não se lembra do que eu disse? Vai assustar os cavalos. — Balancei a cabeça, sem acreditar.

— Só quero dar uma espiada.

Fiz um sinal para que Decca reduzisse a velocidade de Bright.

— Rachel! — chamei, tentando pôr um tom de aviso na voz.

Ela agiu como se não tivesse ouvido, a silhueta esbelta inclinada para a frente. Sarabeth tinha feito Luther parar e ficou sentada ereta na sela, observando a irmã.

— Só estou olhando — disse Rachel. — Estou muito entediada.

— Em breve será sua vez.

Rachel continuou a caminhar.

— Rachel! — Minha voz estava alta. Ela me fitou, a cabeça erguida, e vi que estava me desafiando. Minha visão estava borrada por causa do frio. — Rachel, sente-se. Agora.

Ela sorriu, e por um momento fiquei aliviada — ela iria fingir que estava brincando —, mas então deu mais um passo.

— Papai está chegando — murmurou Sarabeth, e Rachel saltou para a cerca, reassumindo sua posição de espera.

O Sr. Holmes sorriu; ele estava pensando em alguma outra coisa, estendendo a mão como se estivesse espantando as palavras.

Voltei-me para Decca, meu humor arruinado. Eu queria que o Sr. Holmes ficasse contente.

— Faça-o trotar — ordenei.

Decca bateu as pernas.

— Suavemente — lembrei-lhe. — Delicadamente. O que você pede a ele deve ser um segredo. Ninguém mais pode saber.

— Estou entediada — murmurou Rachel, mas baixinho, para que o pai não a ouvisse.

Decca completou todos os exercícios, e voltei minha atenção para Sarabeth. Quase me esqueci de que Rachel estava lá.

— Aperte os joelhos com mais força! — gritei. — Relaxe os ombros.

— Decca só fica sentada lá em cima! — gritou Rachel também.

— Rachel — disse o Sr. Holmes —, agora chega.

Ela parecia que ia chorar. Fiquei contente com o tom dele. Rachel merecia.

— Venha, Decca.

Guiei Bright para a lateral do picadeiro, perto do Sr. Holmes, de forma que Sarabeth pudesse praticar na diagonal.

— Rachel — eu disse, quando passamos por ela —, só mais um instante. E você vai ganhar dez minutos a mais. Quero que seu pai veja isso.

Ela me ignorou. Eu sentia um prazer maldoso em fazê-la esperar.

— Ela está aprendendo a trocar de mão. Está vendo como mexe com as pernas? A direita para trás, a esquerda para a frente? — Trocar de mão era uma técnica avançada, e Sarabeth não estava realmente preparada para realizá-la, mas Luther era um cavalo tão bem treinado, um verdadeiro instrutor, que até um macaco teria conseguido que ele fizesse.

— E ele troca.

— Isso — concordei.

— Como se estivesse saltando.

O Sr. Holmes tamborilava na cerca acompanhando o ritmo do meio galope de Luther. Trocar de mão era algo que mesmo uma pessoa com poucos conhecimentos em cavalos poderia apreciar: de fato, era quase como saltar. Ele roía as unhas, reparei. Os homens não usavam aliança na época, assim não havia nada que eu pudesse falar das mãos dele, exceto que a pele não era áspera por causa da equitação, de outro esporte ou do trabalho árduo.

— Ela é boa — comentei.

O Sr. Holmes concordou com um gesto de cabeça. Eu queria que ele se sentisse contente com as técnicas da filha, com as coisas que ela já conseguia levar Luther a realizar, mas ele parecia distraído.

Soltei as rédeas longas do freio de Bright.

— Para baixo? — perguntei a Decca.

Então, tudo aconteceu de uma vez só. Para baixo?, perguntei, mas era mais uma ordem do que uma sugestão. Eu havia ensinado Decca a deslizar os dois pés para fora dos estribos antes de jogar uma perna sobre a sela; foi a sorte.

— Rachel! — disse o Sr. Holmes, quase berrando, a voz profunda parecendo rachar o ar frio.

— Já chega com isso! Basta!

Agora eu tinha certeza que o Sr. Holmes estava se referindo a algum erro passado cometido por Rachel. Ela tinha estado difícil hoje e por vários dias.

Quando olhei para eles, vi que Rachel não estava mais na cerca, e o Sr. Holmes andava a passos largos na direção dela. Meu impulso foi rir: nunca vira o Sr. Holmes zangado, e aquilo me assustou. Rachel parou nos galhos da árvore, observando o pai, e começou a falar.

— Não! — disse ela, a princípio em tom baixo, e depois mais alto e mais alto até sua voz ficar bem aguda. — Não, não, não, não, não, não!

Parecia possessa. Ela estava velha demais para ter um ataque de birra.

— A coruja! — gritou Decca quando a ave voou para cima, deixando a árvore, e depois vacilou, mergulhando desequilibradamente na direção de Luther, que deu um passo para trás, rapidamente, o pescoço arqueado, as orelhas apontadas para a frente.

— Thea — gritou Sarabeth, a voz tremendo. Eu mal podia ouvi-la, com o barulho que Rachel fazia. — O que eu faço?

Larguei as rédeas de Bright e corri na direção de Luther, falando de forma baixa e calma. Com o canto do olho, vi que o Sr. Holmes se ajoelhou na frente de Rachel, as mãos nos ombros dela.

— Está tudo bem — murmurei —, tudo bem.

Porém, quando me aproximei, a coruja voou, passando tão perto de mim que quase a toquei. Sua asa estava envergada.

— Thea.

Eu me virei, e Sarabeth estava apontando para a direção oposta, para o portão que eu havia deixado aberto. Bright tinha retrocedido e saído, e eu podia ver o vermelho líquido de suas narinas alargadas, o branco de seus olhos. Suas orelhas estavam baixas contra a cabeça. Ele empinou rapidamente, e Decca caiu contra seu pescoço.

— Escorregue para sair! — gritei. — Escorregue e saia!

Rachel ainda estava berrando, e tive que gritar o mais alto que consegui para ser ouvida, e ainda assim não foi alto o suficiente.

Bright disparou então, como eu sabia que ele faria, e correu para as cocheiras. Era o pior tipo de erro, o erro de um novato, deixar o portão com o trinco aberto. E eu me lembrava, com toda a clareza, de não tê-lo fechado: um minuto de descuido, na mesma categoria de deixar uma cilha frouxa demais.

— Thea — disse o Sr. Holmes, e ele soava quase calmo. — Faça o cavalo parar.

Saí correndo à medida que Bright desaparecia. Quando virei a esquina, eu o vi correndo a toda velocidade agora, muito rápido, como os cavalos fazem quando estão apavorados. Decca grudou na sela. Ela não tombaria agora a não ser que provocasse a queda. Mas estava paralisada.

Os grupos de montaria tinham todos parado em suas pistas, uma dúzia de cavalos imóveis, as orelhas empinadas, esperando para reconhecer a causa do alarme. Alice Hunt observava a mim, não a Bright, seu rosto, uma máscara de horror. O fato de que eu provoquei uma reação até mesmo em Alice Hunt, que nunca parecia reagir a nada, me apavorou. Leona me encarava fixamente, o rosto largo impassível: ela balançou a cabeça uma vez, como se soubesse que as aulas que eu dava para as meninas iriam acabar em uma catástrofe.

O Sr. Albrecht subiu na cerca, gritando:

— Vire agora, vire agora, agora, agora.

As palavras dele ganharam um ritmo particular, até que pareceu que o Sr. Albrecht estava dizendo: “Ora, ora, ora”, as vogais eram entoadas em pânico.

— Faça o cavalo parar — ouvi atrás de mim —, faça o cavalo parar agora!

A instrução era inútil. Decca gritava, um som horrível, como se fosse um gemido, e tapei os ouvidos com as mãos. Foi então que Bright deu uma guinada para a esquerda na cabeceira da pista: Decca caiu para o outro lado, para a direita. A cabeça dela não bateu: foi um golpe de sorte. Poderia facilmente ter batido. Ela fez uma queda limpa, escorregou da sela de maneira quase graciosa.

O Sr. Holmes tocou meu ombro quando passou por mim correndo, e caiu no chão.

— Chame o médico — gritou o Sr. Holmes. — Imediatamente.

Os olhos de Decca estavam fechados, como se ela estivesse dormindo.

Eu me levantei e comecei a correr, em um movimento único. Olhei para trás, uma vez, e as meninas continuavam em suas montarias, imóveis como estátuas. Sarabeth havia desmontado, estava chorando silenciosamente perto de Luther, não virou a cabeça quando o Sr. Albrecht correu na frente dela perseguindo Bright, que poderia se perder nas montanhas para sempre se não fosse rapidamente alcançado.

Saí da cobertura da mata até a Praça e gritei:

— Henny! — berrei repetidas vezes até que ela aparecesse, com ar zangado, do alojamento das monitoras.

— Decca se machucou — consegui dizer, e Henny gritou mandando Docey, que a havia acompanhado, chamar o médico imediatamente.

Corremos de volta à mata, Henny tão distante de mim, na frente, que perdi de vista sua saia marrom. A velocidade dela me surpreendeu. Meu peito parecia estar fervendo, eu era capaz de sentir o barulho de água borbulhando quando inalava. Diminuí a velocidade até caminhar novamente, tentei me acalmar. Eu queria que chovesse, ou nevasse, ou ventasse. Algo que fizesse com que eu não me sentisse tão sozinha. Abracei a mim mesma.

Ninguém reparou em mim quando me materializei saindo da mata. As garotas e seus cavalos haviam desaparecido. O Sr. Holmes estava ajoelhado perto de Decca, abaixando-se para ficar na altura da filha; o Sr. Albrecht mantinha a mão na testa de Decca. O estojo de primeiros socorros estava aberto próximo a ele, com o iodo entornado e escorrendo aos borbotões. Sarabeth estava agachada ali perto, balançando para a frente e para trás sobre os calcanhares.

Concentrei no padrão desenhado pelo iodo na areia bege-escura. Um padrão intricado, improvável e aleatório. Mas eu não vira qualquer vestígio de sangue.

Fui até onde estava Sarabeth e alisei seus cabelos escuros, retirando uma folha que havia ficado presa em sua trança. Alguém tinha levado Luther de volta para as cocheiras. Sarabeth tinha os lábios cobertos com muco, e chorava em silêncio. Eu nunca havia consolado ninguém a não ser Sam. E isso era natural para mim; ou costumava ser, quando éramos novos e quase parte um do outro. Aproximei-me de Sarabeth com a presença de Sam marcada em minha mente e a abracei, e fiquei surpresa com como ela estava ansiosa por ser consolada: ela apoiou o rosto em meu ombro e apertou minha cintura.

— Vai ficar tudo bem — sussurrei.

Não acho que Sarabeth tenha me ouvido, mas talvez no futuro a lembrança das palavras fossem repercutir. Ela iria acreditar em mim. Era uma criança. Meu pai me dizia que tudo iria

ficar bem, e eu acreditava nele.

Rachel não estava à vista. Eu também teria me escondido. Ela tinha ferido a irmã caçula. Rachel era a irmã que precisava que lhe dissessem que tudo acabaria bem, que seu mundo e sua família não haviam desmoronado. No entanto, qualquer um que lhe dissesse isso estaria mentindo. E eu não seria essa pessoa — meu coração não aguentaria isso.

Logo correu no acampamento a notícia sobre a caçula da família Holmes. Um automóvel desconhecido estava estacionado atrás da Casa do Diretor, em um local onde nenhuma garota repararia, a não ser que procurasse. O carro do médico, eu sabia. Decca estava machucada, era só uma questão de avaliar a gravidade da situação. Ela havia perdido a consciência, o que eu sabia ser um mau sinal.

Em meu caminho de volta da casa de banhos — pois eu estava imunda, coberta de sujeira e areia —, vi um bando barulhento de garotas jovens, Molly entre elas, cochichando dramaticamente. Ela acenou para mim, com vigor, e, quando acenei de volta com pouco entusiasmo, ela disparou em minha direção. Ela ainda era toda braços e pernas, como uma potranca. Suas bochechas estavam com um tom vermelho-vivo por causa do frio, seus cabelos presos em uma espécie de nó. Se a Sra. Holmes estivesse aqui e visse isso, mandaria Molly voltar ao alojamento para se arrumar de forma apropriada.

— Thea! Estão dizendo que Rachel perdeu a cabeça! Que ela tentou matar Decca! — A voz dela era praticamente um guincho.

Eu não era mais alta do que muita gente, mas era mais alta do que Molly. Inclinei-me e segurei seu punho. Eu era capaz de sentir os ossos dela como se fosse um pássaro por baixo daquela pele.

— Molly — repliquei —, isso é um absurdo. Entendeu?

Ela concordou com um lento gesto da cabeça, e vi um brilho nos olhos dela que não estava ali antes. Eu tinha lidado da maneira mais inapropriada com a história — eu deveria ter rido daquele boato, espanado-o como se não fosse mais que um grão de areia.

Soltei o pulso de Molly. Ela me encarou, os olhos arregalados de ansiedade. O que será que eu lhe diria em seguida? O que ela levaria para contar para o bando de amigas que estavam bem ali esperando? Molly não fazia parte de um grupo de garotas que importasse, mas, ainda assim... Os rumores se multiplicavam tão rápido em Yonahlossee, espalhando-se por todas as alas. Katherine Hayes caminhou ali por perto, com ar indiferente, mas ouvia cada palavra que era dita. Ela iria correr de volta para o alojamento e espalharia as notícias de maneira completa e fria. Fitei Katherine, que se escondia atrás de uma cortina formada por seus cachos. Ela, que havia tão pouco tempo fora objeto do escrutínio, deveria demonstrar solidariedade em relação a Rachel. Agora, porém, já fazia dois meses que seu tio tinha morrido, e se extinguiu toda conversa a respeito dele e dos modos inadequados da família Hayes. Vi a Srta. Brooks do outro lado da Praça, o nariz enfiado em um livro. Os adultos em Yonahlossee eram inúteis.

E sempre havia algo de verdade nos rumores, algumas vezes apenas um naco dela, mas ainda assim. Todo mundo deve ter ouvido Rachel gritando. E eu, que havia prejudicado a menina que eu mais adorava, porque queria que o pai dela prestasse atenção a mim? Virei-me para Molly:

— Foi um acidente — disse alto, um comentário inútil.

Da última vez que algo terrível acontecera, eu tinha tentado me explicar, também falando alto e de maneira inútil. Agora, porém, eu estava mais esperta, ou pelo menos não era mais tão tola. Retornei para a Casa Augusta e fingi dormir, ignorei até mesmo Sissy, que pude perceber

atrás de mim uma ou duas vezes, esperando que eu me virasse, que desse algum sinal para que ela pudesse se aproximar. Afinal, ela saiu, assim como todas as outras garotas, para o jantar. A vida seguia seu curso, como sempre acontecia, e Decca poderia estar diante da morte, mas Yonahlossee continuaria a alimentar as garotas com três refeições diárias. Parecia cruel que, em casa, minha mãe continuasse a esticar minha cama toda manhã, que meu pai ainda saísse depois do desjejum para visitar seus pacientes.

Eu não conseguia afastar a imagem de meu primo da cabeça, e em geral eu era muito eficiente precisamente nisso, em viver uma vida em Yonahlossee que não tivesse nada a ver com Georgie, ou Sam, ou qualquer um deles. Eu via Georgie quando abria os olhos, quando os fechava: não como ele estava quando o deixei, mas como ele tinha sido quando o conheci melhor. Mamãe ficaria tão decepcionada comigo... Percebi que parte do conforto que eu sentia em Yonahlossee era por ser um mundo completamente separado do de casa, e agora parecia que os dois mundos estavam se mesclando de forma assustadora, e por quê? Por minha causa. Thea Atwell: se existiu uma garota errada no mundo, era ela.

— Thea — dissera Sam e repetira, e repetira, e repetira. — Thea, Thea, Thea.

Sentei-me na cama e cravei as unhas na testa. Eu queria poder penetrar minha própria pele e meu crânio, até chegar ao cérebro, e dali extrair todas as lembranças de Georgie, daquele dia, inteiramente. Mas, o que dizer de minha alma? Pelo que meu pai me dizia, eu sabia que, apesar de nossos cérebros memorizarem, as nossas almas eram, em primeiro lugar, o motivo por que nos lembrávamos. E não havia uma maneira de se atingir a alma. A dor que minhas unhas me infligiam, ainda que diminuta, me distraiu, me trouxe alívio.

Eu ainda estava na cama quando Mary Abbott me trouxe um pãozinho do jantar, se ajoelhou a meu lado e o desenrolou de um lenço bordado.

— Aqui — sussurrou ela.

As outras garotas se aproximaram: Eva, Gates, e depois Sissy, que levantou as sobrancelhas por trás de Mary Abbott.

— Obrigada.

O pãozinho estava frio e mole na palma da minha mão. Quando estavam quentes, esses pãezinhos derretiam na boca. O ar os arruinava.

— De nada.

Mary Abbott ficou a meu lado, enroscou uma mecha de cabelo em volta do dedo, evitou meu olhar. Havia uma alergia leve espalhada por sua testa, no local onde o chapéu de lã atritava com a pele. Vê-la assim, tão próxima, me deixou com raiva.

— Você precisa de alguma coisa?

Ela me olhou, sem se surpreender.

— Você não vai comer o pãozinho?

Neguei com um aceno de cabeça.

— Tudo bem — murmurou Mary Abbott.

As outras garotas estavam se preparando para dormir; os ombros amarelados de Eva, as costas salpicadas de pintas escuras; os cabelos bonitos e embaraçados de Sissy, recém-escovados, uma bela pulseira de ouro no pulso, o que significava que Boone viria novamente, duas noites seguidas. Eu sentia como se alguma coisa horrível estivesse prestes a acontecer. Podia sentir o cheiro disso no ar.

— O Sr. Holmes apareceu e fez um discurso. Achei que você ia querer saber. Certo? — perguntou Mary Abbott, repentinamente ousada, a mão fria e pegajosa na minha.

Deslizei minha mão, tirando-a de debaixo da dela, fiz que sim com a cabeça.

— Eu sabia. — Ela sorriu, mas para si mesma; ela tinha feito uma aposta e ganhara. — Ele apareceu na hora da oração. Pediu que rezássemos por Decca e pela família dele. E depois pediu que rezássemos por você, Thea. — Mary Abbott fez uma pausa. — Por você e por Decca.

Sissy nos observava, da cama. Mas agora a palavra estava toda com Mary Abbott.

— Você ficou contente que ele nos pediu para rezar por você?

— Lisonjeada — respondi, e fechei os olhos — e cansada.

Embora não seja incomum alguém ser mencionado nas preces do Sr. Holmes, neste momento o pedido pareceu uma traição. Ele me odiava. Por que ele afinal tinha concordado em me deixar responsável por suas filhas? Ele sabia algo sobre a minha vida da Flórida. Sabia o suficiente para entender que eu não era confiável. Mas agora ele me odiava, tinha que me odiar — eu havia machucado uma das filhas dele, então que opção ele teria?

— Achei que você ia ficar contente, quando eu estava vindo para cá, achei que você ficaria feliz — Mary Abbott se inclinou, em um ar de conspiração. A respiração dela estava seca e quente. — Porque ele não está zangado.

— Quero ficar sozinha. — Minha voz estava fria como gelo.

Mary Abbott retrocedeu, mas não antes de se inclinar para a frente, tão rápido que não consegui me proteger. Eu me virei, e ela tocou os lábios nos meus.

* * *

Dormi um sono sem sonhos, quente e coçando, acordei dezenas de vezes, com um medo sem motivo, achando o beliche alto e as garotas cobertas de branco deitadas neles pouco familiares, assustadoras. Depois me acalmei, às vezes era uma tática, permanecer lúcida, convencer-se de que o mundo não havia conspirado integralmente para se opor — a você, contra você. Digo que me acalmei, mas na verdade minha mente foi misericordiosa ao optar por não se perturbar, como acontecera nos dias que antecederam minha vinda, quando chorei até meus olhos se transformarem em duas bolsas horrendas em meu rosto.

— Thea.

Eu me sentei, assustada.

— Tudo bem, tudo bem — acalmou-me Sissy —, você está bem.

— Estou com calor.

— Está com febre? — Ela colocou as costas da mão em minha testa para sentir a temperatura. — Não. Você estava falando dormindo.

— O que eu disse?

— Nada, balbucios. Você está se sentindo bem?

Aquiesci e perguntei:

— Teve notícias de Decca?

Ela negou com um aceno de cabeça.

— Rezei ontem à noite. Eu não rezava há tanto tempo... — Sua voz morreu. — O que aconteceu? Todo mundo está dizendo que Rachel tentou matar Decca, que ela perdeu a cabeça.

— Uma coruja — sussurrei.

— Uma coruja? — repetiu ela. Como não respondi, ela continuou: — O médico está aqui. O Sr. Holmes deve estar morto de preocupação.

— O Sr. Holmes está sozinho — murmurei. Acima de nós, Eva se mexeu. — Eu tinha me esquecido — eu disse, baixando a voz. Levei a mão até a boca. Meus dedos cheiravam a couro.

— Thea, tenho que ir. Boone está aqui.

— Não vá — pedi —, por favor.

— Ah, Thea — sussurrou ela, e beijou minha testa. — Tenho que ir. Mas eu volto.

Ela estava de pé. Seus cabelos, enfiados na parte de trás do casaco, as luvas, presas no bolso, como se fossem mãos. Senti a mordida desagradável da inveja: eu queria tremendamente ser Sissy, indo me encontrar com um rapaz que me amava.

Ela aguardou por um segundo, e depois apontou para a própria cama, impaciente.

— Ah! — murmurei, e fui para a cama dela, um pouco magoada.

Depois de tudo que tinha acontecido comigo hoje, e um rapaz ainda era mais importante.

Depois que ela se foi, eu me levantei, coloquei o casaco e saí. Então, nervosa e com medo de ter acordado Mary Abbott, espiei o alojamento pela janela. Mary Abbott dormia quase em paz. O braço e a cabeça de Eva estavam jogados sobre a lateral da cama, pendurados, inertes. Não consegui avistar Gates, mas eu sabia que ela estava dormindo enroscada como uma bola, como de hábito.

Nenhuma das minhas colegas de alojamento, que agora dormiam, precisavam se preocupar com o perigo do lado de fora — até onde eu tinha conhecimento, nunca houvera um bisbilhoteiro em Yonahlossee. Todas as garotas sabiam que o perigo estava presente na própria família — a amante do pai; a relação conflituosa entre a mãe e a sogra, sua avó; o primo que tentara se suicidar. Mas nós não éramos ninguém, nada, sem nossas famílias.

Se algo acontecesse a Decca, a caçula, a melhor e a preferida da família, Rachel teria arruinado a própria vida junto com a da irmã.

Com um choque breve e distante, notei uma luz além da Praça, na direção da Casa do Diretor, não em uma parte da Praça, mas tampouco completamente distante; à vista de todos, no caso de algo acontecer, no caso de uma garota precisar de algo.

Minhas botas ficavam presas na lama à medida que eu caminhava, as solas provocando um som rápido, de sucção, cada vez que eu levantava um pé; o barulho era desagradável, e era o único som que eu ouvia, estando a noite quieta, tão inteiramente silenciosa: as noites da Flórida nunca eram assim. Sempre havia um chilreio, umas passadas, um uivo.

Estava frio, o ar estava parado, o céu, escuro, mas é preciso explicar essa escuridão. As estrelas quase não apareciam, os lampiões duplos a gás que circundavam o Castelo tinham uma chama constante, sempre, mesmo à luz do dia, mas não adiantavam nada diante de tamanha escuridão. Assim, a diminuta luz, iluminando a janela da família Holmes, me pareceu *significar* alguma coisa: a luz ficou mais forte, acendia a porção vil do meu cérebro, e eu queria me mover em sua direção, queria entrar naquela casa, naquele lar, queria tanto que era capaz de sentir o desejo subir por minha garganta.

Comecei a correr pela lama, desajeitada, parando a uns seis metros da Casa do Diretor. Eu estava fora de mim, eu sabia que não podia confiar em mim mesma, mas também sabia que

precisava falar com ele.

Dei meia-volta e vomitei na lama. De repente, eu estava enjoada, à deriva. Além da Casa do Diretor ficava o bosque, que levava até as montanhas; eu poderia desaparecer naquela mata. E quem sentiria minha falta, se eu fosse? E por quanto tempo, antes que minha ausência trouxesse alívio? Eu já estava quase fora da vida da minha família. Como já tinha feito isso antes, estava displicente. Tinha deixado o desejo ditar minhas ações. Fechei os olhos, tentei fazer o mundo parar de rodar. Se Decca estivesse irremediavelmente machucada, então eu iria desaparecer na mata. Se o Sr. Holmes me odiasse, se eu tivesse arruinado outra família, iria me afastar de Yonahlossee.

— Achei que nós nos conhecêssemos — dissera mamãe, no quarto em que ela e meu pai dormiam, onde eu tinha ido procurá-la naquele outro dia terrível; ela estava deitada sobre a cama arrumada, a luz amarela do fim de tarde iluminando seus traços delicados, sua cabeça escorada em um ângulo estranho. — Você não é a garota que eu pensei que fosse.

E quem eu era, então? Quando senti o corpo de Georgie contra o meu, perdi toda a razão. Agi com ele de forma perigosa e não teria me importado se minhas duas falecidas avós estivessem ouvindo atrás da porta. Toda a pressão de um rapaz contra meu corpo, a pressão de suas mãos, insistentes, apertando com firmeza; a pressão suave e vívida de sua língua; a pressão quase imperceptível de seu pênis empurrando o tecido de suas calças.

— Basta. — Agora fui eu que falei, me assustando, uma de minhas táticas.

E já que eu estava agindo de maneira perigosa, cruzei a distância que havia entre o ponto em que eu estava e a porta da frente da casa da família Holmes, reparando como a Sra. Holmes ou uma das meninas havia tomado o cuidado de cobrir os vasos de alecrim que ladeavam a porta com lençóis velhos, amarrando-os com uma fita cuidadosamente atada. A porta estava destrancada, conforme eu esperava; abri-a devagar e entrei; estava totalmente escuro, uma escuridão quente e densa.

A escada da casa era impecável, as paredes tinham fotografias da família penduradas, com molduras prateadas limpas e brilhantes. Os retratos me surpreenderam: para mim, os Holmes formavam uma família sem um local de proveniência ou um passado, mesmo que eu soubesse que todo mundo tinha um passado e mesmo que eu soubesse detalhes específicos do passado deles: minha mãe, Boston.

A luz vinha do andar de cima.

Já fazia meses, eu me dei conta, que não subia as escadas de uma casa — havia me esquecido de como elas eram barulhentas, e ainda estava de botas. Eu meio que esperava que as escadas rangentes me anunciassem. Quando cheguei em cima, tirei o casaco me sacudindo.

Percebi a luz no final do corredor, claramente se esparramando no chão de pinho.

Passei por portas fechadas. Fiquei imaginando onde estariam Decca e as irmãs.

Primeiro notei todos os livros, tantos que o cômodo lembrava uma biblioteca, onde eu estivera apenas uma vez, em Gainesville, com Georgie e Sam. Os rapazes estavam na superfície do meu cérebro essa noite; tudo o que eu via me fazia recordar deles.

O Sr. Holmes estava de pé ao lado de uma mesa de frente para a janela, lendo um jornal. Ele virou a página, e vi uma fotografia granulada, mas não consegui distinguir o que era. Era um lugar pouco prático para a mesa, de onde ele não podia ver ninguém entrar, onde o sol poderia desbotar suas coisas, seus livros, suas cartas, suas fotografias. Mas eu entendia por que a mesa

estava ali: ele podia ver tudo embaixo, todas nós, garotas, indo e vindo pela Praça; e além de nós, as montanhas. Sempre as montanhas. Toquei o marco da porta.

— Quem ...

Ele se virou e me avistou, surpreso. Estava completamente vestido, uma camisa branca e calças com padrão espinha de peixe. Nos pés, chinelos com monograma.

— Você não deveria estar aqui, Thea — disse.

Depositou o jornal na mesa, e pensei em como aquele homem era diferente do meu pai, ou do tio George. Ou de Sam e Georgie, aliás. Ele não me conhecia — era por isso, e dessa maneira, que ele era diferente.

— Como Decca está? — perguntei.

O Sr. Holmes inclinou a cabeça, como se estivesse tentando me avaliar. Baixei a cabeça; há muito tempo que alguém não me olhava tão de perto.

— Está preocupada, Thea? Desculpe. Eu deveria ter mandado notícias mais cedo. Decca quebrou a clavícula. O outro ferimento é superficial, um corte na mão. A cabeça não foi afetada; o médico ficou muito satisfeito com isso.

O iodo fora para a mão dela. Meus olhos ficaram embaçados.

— Thea?

Mas eu não conseguira levantar o olhar. A cabeça dela.

— Thea? Por favor, olhe para mim.

A voz dele era firme; ainda era meu diretor. E assim levantei a cabeça e reparei que o Sr. Holmes segurava um copo na mão. Uísque.

— A personalidade dela está intacta — murmurei.

Ele confirmou com a cabeça, lentamente.

— Deixei o portão aberto — eu disse. — Eu me distraí.

Ele colocou o copo na mesa e fez sinal para eu me sentar em uma cadeira de braço excessivamente estofada próxima a sua mesa. Puxou sua cadeira para ficar de frente para mim — parecia tão pequena em sua mão, tão leve — e se sentou.

— Thea — disse ele —, Decca vai ficar bem. Foi apenas um susto, mas nada que não possa ser curado.

— Ela podia ter se machucado muito — eu disse. Pensei em Rachel.

— É verdade. Mas não aconteceu.

Comecei a falar novamente, mas ele levantou a mão.

— Não aconteceu — repetiu ele. — Foi uma série de circunstâncias, Thea. Graças a Deus, tudo acabou bem, e ponto final.

Uma porta se fechou em meu cérebro, inesperadamente. Minha compreensão do nosso mundo se transformou: foi uma série de circunstâncias, pensei, apenas isso.

— Não consegui falar com Beth. Ela está em algum lugar do Alabama, mas não sei exatamente onde. Já estava sendo um dia ruim, para começar. Nossos patrocinadores não estão cooperando. Nossos doadores não estão doando.

Ele sorriu, e tomou mais um gole de sua bebida. Ele estava menos cauteloso, como eu jamais o vira; devia ser assim que ele se comportava com a esposa. Mas talvez não. Talvez Henry Holmes raramente estivesse tão aberto.

— E o pior de tudo é que não os culpo. — Balançou a cabeça. Havia uma nota amarga em

sua voz — Perdoe-me, Thea. Você sempre me parece mais velha do que sua idade real.

— E Rachel? — perguntei.

— Rachel — repetiu ele e fez uma pausa. — Rachel está fora de si.

— O senhor está bravo com ela?

— Estou — respondeu ele. — É claro que sim.

— Não fique.

— Mas como ela vai aprender, Thea, se eu não ficar bravo?

— Ela cometeu um erro — falei.

Inclinei-me para a frente, ainda em minha cadeira. Eu podia sentir um rubor crescer em meu peito, em minha face.

— Um erro! — Pensei em meu irmão e meu primo quando eu os tinha visto pela última vez. Tudo não passou de um erro. — Se foi uma série de circunstâncias, então deixe para lá. Ela aprendeu a lição.

O Sr. Holmes pareceu surpreso. Terminou o drinque e depositou o copo no chão, perto dos pés.

— Aprendeu? — perguntou. Sua fala estava mais solta. O álcool, combinado à ausência da esposa. — Gostaria de pensar assim. Mas, como pai, posso dizer que nunca se sabe o que o filho está aprendendo.

O Sr. Holmes virou a cabeça ao ouvir o som de uma porta se fechando. Ele começou a se levantar, e agarrei a ponta de sua manga. Ele me olhou.

— Não odeie Rachel.

— Não se odeia um filho jamais, Thea.

Ele baixou o olhar, me fitando. Eu me obriguei a sustentar o olhar.

O Sr. Holmes não desviou, mas eu sim. Então, levantei-me e vesti o casaco. Percebi de repente como era inadequado, eu estar na frente de um homem que não era meu parente sem nem mesmo um roupão para cobrir a camisola. No entanto, eu não queria sair. Queria permanecer ali, ficar com ele, ir aonde quer que ele fosse, ser envolvida pelo Sr. Holmes e seus livros.

— Tenho que ir embora — falei —, desculpe-me ter aparecido dessa maneira.

Ele concordou com um gesto de cabeça e deu um passo à frente, e estava tão próximo que eu podia sentir seu cheiro, a pomada em seu cabelo, e me fez pensar sobre a época que ele fora me visitar na enfermaria e dissera que eu acabaria por adorar Yonahlossee. Ele tinha sido gentil. Somente agora, meses depois, eu era capaz de perceber como ele tinha sido gentil.

— Rachel não é má. Ela cometeu um erro. Há uma... — então ele olhou para o teto, como se estivesse decidindo a maneira de formular a frase — uma diferença.

Então ele saiu, balbuciando algo sobre verificar como Decca estava, deixando-me observar em silêncio o escritório dele e todos os seus livros: cuidadosamente organizados, em prateleiras; empilhados na mesa dele, com pequenas tiras de papel sobressaindo das páginas; um deles aberto, em cima do sofá.

Fui até o sofá e levantei o livro. Toquei as páginas que ele tinha tocado, a lombada. Eu podia ver como o Sr. Holmes se perdia em outros mundos.

Querida Thea,

Você gostou do casaco? Como foi o Natal na escola? Seu pai diz que precisamos nos afastar, ir para algum lugar por um tempo, mas para onde? Aqui é o lugar onde quero estar. Não estou solitária. Seu pai está trabalhando mais do que nunca, mesmo que tudo mude, sempre haverá doentes e moribundos. E parece existir mais doentes e moribundos agora. Gostaria de vê-la, Thea. Gostaria que as coisas não fossem como são. Você deveria ter sido minha criança durante mais tempo. Vocês três deveriam ter sido crianças durante mais tempo. Vou parar com isso. Por acaso você se surpreende de ler uma carta assim, sua mãe tão sentimental?

Podei todas as roseiras, adubei todos os canteiros, extirpei tudo o que estava morto. Trabalhei durante dias, talvez tenha sido excessivo. Sam ajudou. Seu irmão ainda é seu irmão. Tenho mais coisas para contar, sem dívida, mas não consigo pensar no quê. Sei que você escreveu para ele. Sei que ele não escreveu de volta. Ele ainda está oscilando, Thea; espero estar agindo certo ao contar isso para você. Não quero magoá-la, apenas explicar os sentimentos dele.

Georgie está bem. Sam disse que você perguntou.

Agasalhe-se bem nessas montanhas. Não cavalgue demais ou por muito tempo. Lembre-se de sua saúde.

Com amor,

Mamãe

Eu estava sentada na Sala de Estudos com Sissy, em nosso lugar costumeiro, um sofá de veludo vermelho gasto, e li a carta de minha mãe. Estava exausta. Vinha dormido mal desde minha visita noturna à Casa do Diretor, três dias antes.

Não era para termos rosas em Emathla, naquele clima quente, úmido, mas mamãe adorava rosas. Preocupava-se com elas e, quando floresciam na primavera, eram lindas; não dava para perceber que não eram nativas dali.

Eu estava magoada. Ela sabia que isso aconteceria; eu me sentia atormentada, machucada. Uma coisa era pensar em minha família separadamente, seguindo com a própria vida; outra, inteiramente diferente, era pensar que tinha se formado uma aliança contra mim.

Katherine Hayes começou a tocar uma peça alegre no piano. O acidente de Decca tinha deixado Yonahlossee em silêncio — as garotas choraram nos ombros umas das outras, exibiram expressões sérias e olharam com tristeza na direção da Casa do Diretor —, mas apenas por um dia. Jettie, junto a um cavalete, pintava uma aquarela que retratava a vista das montanhas pela janela. Do ponto de onde eu estava, podia ver que Martha Ladue, sentada perto dela, folheava descuidadamente as páginas de uma revista e que a pintura de Jettie era muito ruim. Martha Ladue parecia só ter interesse em duas coisas: falar francês e estar sempre linda.

No dia seguinte à minha ida à Casa do Diretor, o Sr. Holmes contou para todo mundo durante

a oração da manhã que Decca tinha quebrado a clavícula, mas que estava se recuperando bem. Ele parecia exausto enquanto falava conosco. Seus olhos estavam cansados. Desde então ele tinha aparecido na maioria das refeições. Na ausência dele, a Srta. Metcalfe, a professora de francês, ocupava a cabeceira. Foi a primeira vez que prestei atenção na Srta. Metcalfe. Ela se encaixava na categoria da maior parte das professoras e garotas de Yonahlossee: comum, mas não feia; boazinha, mas pouco interessante. Eu sabia que ela devia ir até a Casa do Diretor para conversar com o Sr. Holmes. Sabia que ela devia emprestar a ele seu ouvido solidário. Eu queria fazer isso. Queria consolá-lo. Agora eu sentia um pouco como se ele pertencesse a mim. Ele tinha me deixado entrar no escritório dele no meio da noite; tinha me consolado, e eu queria mais ainda: entrar mais lá, ser mais consolada.

Henny partira com Sarabeth e Rachel na noite anterior, para acompanhá-las no trem para Nova Orleans, até a casa da avó delas, onde se encontrariam com a mãe. Decca ficara, por causa dos ferimentos. Antes de partirem, porém, as duas garotas tinham feito as refeições na mesa principal quando o pai estava lá, e, embora eu procurasse meticulosamente por sinais de pesar, Rachel parecia inalterada. Ela parecia feliz, até, e compreendi que sua felicidade era um acidente: poderia facilmente ter terminado de maneira muito pior. Tentei ficar contente pela feliz família Holmes. Tentei engolir a inveja que amargava em minha garganta como alcatrão.

Eu estava contente com o fato de Sarabeth e Rachel terem partido. Sabia que era um sentimento vil, egoísta, mas eu queria ficar mais perto do Sr. Holmes, e a ausência delas facilitaria as coisas. Ele pensava que eu era boa. Ou, pelo menos, não pensava que eu era má. E, como ele pensava assim, me pus a imaginar: eu não devia ser tão má quanto pensava.

Era tão fácil estar entre essas garotas, que não sabiam nada sobre minha visita à Casa do Diretor, que não sabiam nada sobre a intensidade de meus pensamentos, que eu podia sentir se movendo rápida e perigosamente para se transformar em uma obsessão.

— Estou entediada — disse Sissy, e puxou uma pilha de cartas escritas por Boone de sua pasta escolar; era o que ela fazia quando ficava entediada.

Havia algumas garotas que estudavam na Sala de Estudos — Gates, do nosso alojamento —, mas a maioria não; nossas aulas não exigiam isso. Nós sabíamos que os rapazes de colégio interno recebiam notas, o que tinha significado na vida deles, embora permanecesse vago o que significavam essas notas. Nós aprendíamos em sala de aula, nos ensinavam sobre guerras e períodos de penúria, rainhas e reis antigos, os hábitos dos presidentes. Porém, as aulas eram superficiais. Precisávamos saber *o que* havia acontecido, porque éramos as filhas bem-nascidas de homens que tinham condições financeiras de nos proporcionar educação — mas não o *porquê* ou *como*. Nada em relação ao que tornava os fatos interessantes.

Éramos classificadas de acordo com nossas habilidades equestres, mas nenhuma de nós iria competir profissionalmente, ou fazer qualquer coisa além de montar como um hobby depois que deixássemos Yonahlossee. E muitas garotas daqui iriam voltar para lugares onde só era possível montar com as duas pernas para o mesmo lado.

As poucas garotas que estavam genuinamente interessadas em aprender — Gates, de nosso alojamento — não eram populares. Significava que você estava com uma fome excessiva, que procurava por algo vago e desagradável. Era melhor ser considerada encantadora e graciosa, como Sissy, do que ser vista como interessada em livros.

Observei Sissy levar a carta até o rosto, depois abri-la novamente, como se estivesse tentando iludir a mente e fazê-la acreditar estar vendo a carta pela primeira vez. Fiquei imaginando como ela seria quando adulta, se ainda pareceria tão jovem. O encanto de Sissy, seus pulsos finos, seus cabelos facilmente trançados, seu pescoço comprido, esquisito — tudo parecia tão clara e profundamente infantil para mim. Ela era adorável, Sissy, todo mundo podia ver isso. Mas ela era adorável porque parecia inofensiva.

Como era ser Sissy? Pensei em Boone massageando os seios dela com delicadeza e ansiedade. Sissy sorriu para si mesma, serena, e vi as mãos de Boone e senti uma conhecida sensação na barriga. Virei a cabeça e observei Jettie pintando uma cena desfigurada do pico de uma montanha até a sensação passar.

Sissy nunca teria ido ver o Sr. Holmes no meio da noite. Essa ideia nem mesmo teria lhe ocorrido. Ela tinha escolhido um namorado normal. Boone pertencia a uma boa família; a palavra *boa* implicava que a família dele era abastada. O maior obstáculo aos dois seria que ambos eram jovens demais, que Boone não tinha raízes suficientemente sulistas, não era da realeza do Alabama. Ele era de Asheville, que Sissy me dissera ser um lugar razoável, mas não maravilhoso. Percebi, porém, que ele tinha dinheiro suficiente para suavizar esse deslize específico. Tudo isso parecia tão ridículo, as nuances de hierarquia, as sutilezas de posição, e, embora Sissy às vezes ridicularizasse toda essa história, comigo, eu notava que ela levava a sério.

* * *

Lá fora, abracei a mim mesma para afugentar o frio, meu casaco velho pequeno demais. Estreitei os olhos por causa do sol até entrar na mata, e então ficou escuro, a luz salpicando sobre o chão da floresta, em um efeito assustadoramente bonito, um padrão sarapintado engendrado pelo acaso.

Não havia vestígios de que Decca tinha caído. O iodo tinha sido absorvido pelo solo fazia muito tempo: Bright estava de volta à baía dele, mascando feno; a árvore caída tinha sido retirada. Fiquei durante um tempo na baía de Bright e ele bufou em minha mão, curioso. Ele não tinha memória do que tinha acontecido, absolutamente nenhuma ideia. Invejei a estupidez de um cavalo, não pela primeira vez na vida.

Nós nos revezamos saltando a combinação que o Sr. Albrecht havia idealizado. Eu era a penúltima, e observei todas as garotas, uma a uma, falharem, chegarem ou rápido ou devagar demais entre o segundo e o terceiro saltos, e depois resvalar em uma barra.

— Bom trabalho, Thea — murmurou o Sr. Albrecht quando passei por ele.

Foi só então que vi o Sr. Holmes caminhando ao longo do picadeiro, na minha direção, e entrei em pânico e fiquei quente, mas também terrivelmente ansiosa.

— Olá, Thea — disse ele e sorriu.

— Sr. Holmes.

— Bem — continuou ele depois de uma pausa, e descansou os braços em cima da grade, numa postura que me era tão familiar —, Decca está se sentindo melhor.

Ele olhou para além de mim, na direção do outro picadeiro, e eu sabia que ele ficaria na minha frente apenas um breve instante, antes de continuar seu circuito pelos picadeiros, antes que passasse e começasse a conversar com outras garotas. A inveja ainda era um sentimento tão

estranho... Em casa, não havia nada para invejar, nada que eu quisesse que não possuísse ou conseguisse obter.

— Decca está solitária? — Deixei escapar, e depois tentei falar mais pausadamente. — Quer dizer, ela sente falta das irmãs?

— Deve sentir. É a caçula. Nunca ficou sozinha antes.

— Sei como é — eu disse.

— Você é a caçula? — perguntou o Sr. Holmes.

— Não.

Balancei a cabeça. Eu estava aliviada que ele não soubesse tanto a meu respeito quanto eu pensava; e em seguida também decepcionada exatamente pelo mesmo motivo. Ele me olhou, curioso, esperando por uma resposta.

— Tenho um irmão gêmeo — continuei. — Fraterno.

— Ah — fez ele.

Não parecia nem interessado nem surpreso. Ele deve ouvir tantas coisas a respeito de todas nós, o tempo todo. Retirou as mãos da grade, preparando-se para sair.

— Posso visitar Decca? — perguntei, antes que não tivesse mais chance. — Distraí-la um pouco?

O Sr. Holmes fez uma pausa. Eu podia sentir que ele tinha apreciado minha proposta. Os pais gostam quando você se interessa pelos filhos deles. Fiquei pensando se minha mãe e meu pai sentiam o mesmo contentamento quando alguém elogiava a mim e a Sam. Mas ninguém fazia isso, a não ser de vez em quando, na cidade.

— Ela iria gostar de vê-la, Thea. Obrigado. — Ele começou a se virar, mas parou. — Quase ia me esquecendo: queria lhe dizer que Rachel está bem. Que todo mundo ficou feliz de saber que Decca não se machucou gravemente.

Fiquei pensando qual seria a lembrança dele daquela noite. Eu tinha sido ousada, e ele não parecia se importar.

Observei-o se afastar, as mãos longas e irrequietas balançando ao lado do corpo, depois às costas, depois nos bolsos. Eu identificava a sensação, agora que ela estava entranhada em meu cérebro. Saber disso fazia com que me sentisse menos terrível. Eu tinha o que muitas garotas têm: uma queda por ele. Era simples e inofensivo assim. Nunca me sentira dessa forma antes. Com Georgie, as coisas simplesmente tinham acontecido, uma após a outra; eu nunca tivera nenhum controle. Dessa vez, porém, eu tinha o controle. Era apenas uma quedinha.

Fiz Naari girar e vi que Leona estava perto do portão, observando, e me liberei do sorriso estúpido estampado em meu rosto.

* * *

A empregada da família Holmes me encontrou na porta da casa, naquela tarde, quando todo mundo estava na Sala de Estudos, estudando ou fingindo estudar. Entrei na casa e descalcei as botas.

— Não precisa — disse a empregada.

Era jovem, com cabelos dourados enrolados em uma trança. Uma boa quantidade de sardas salpicava suas faces. Enquanto ela falava, pude notar seus dentes terrivelmente tortos. Ainda

assim, era bonita. Tinha uma aparência dos habitantes da região dos Apalaches, pálida, magra. As famílias das montanhas eram numerosas, disso eu sabia, e se casavam entre si. Sissy me contou que eles não viam nada demais em se casarem com os primos. Mas com quem mais eles poderiam se casar, eu gostaria de assinalar, isolados em buracos e vales inatingíveis por automóveis e trens, locais por onde estranhos nunca passavam? Quando o único rapaz disponível para você acontecia de ser seu primo?

— Acabaria fazendo uma bagunça.

Retirei as botas e as entreguei para ela, que voltou um instante depois e me guiou até a escada.

O quarto de Decca estava gélido. Fiquei contente de ter mantido o cachecol e o casaco. Senti as luvas que Sissy me emprestara para o inverno no bolso, mas colocá-las seria indelicado, mesmo eu estando apenas na presença de uma empregada e de uma criança.

— Ela está bem aquecida? — sussurrei, porque Decca estava dormindo.

A empregada fez uma pausa por um momento, como se estivesse considerando se iria me responder ou não.

— Bolsas de água quente — disse afinal.

Depois, saiu do quarto.

Sentei-me perto de uma cama em uma cadeira claramente colocada ali para aquele propósito: o Sr. Holmes devia se sentar aqui também, eu sabia, durante horas, dias, caso se somassem as horas.

Decca estava embrulhada em cobertores cor-de-rosa. Seus longos cílios descansavam acintosamente sobre a pele pálida. Seu cabelo — bem escuro, quase preto — estava brilhante pela oleosidade. Fiquei pensando se o Sr. Holmes sabia alguma coisa sobre como lavar o cabelo de uma menina, sobre como cuidar de uma criança da idade de Decca. Toquei sua testa macia e, embora tenha estremecido, não acordou.

Se ele entrasse no quarto enquanto eu estava ao lado de sua filha seria um golpe de sorte. Ninguém poderia me acusar de ser má. Ninguém poderia me acusar de ser atirada. Seria meramente um encontro engendrado pela sorte. Eu queria estar perto dele de novo, queria que ele falasse comigo, me fizesse perguntas, respondesse às minhas.

Eu retornaria no dia seguinte, e no outro. Calcei as luvas e pousei a cabeça no encosto da cadeira de couro. Era grande e confortável, adequada para uma pessoa maior, um homem. O mobiliário no quarto era o mesmo do nosso: lavatório, mesa e toucador.

Um bordado feito em casa estava pendurado na parede, entre as camas, o pai-nosso bordado em linha verde. Mamãe teria detestado esse quarto. Era limpo, impecável, mas medíocre. Retirei uma das luvas e toquei na colcha da Decca — feita de um tipo de linho grosso, com uma beirada larga vermelho-escura. Havia uma qualidade atemporal no quarto, talvez devido à sua frugalidade; a não ser pelo lustre, eu poderia estar em um quarto de uns cem anos atrás. Será que essa casa representava com precisão o gosto da Sra. Holmes, ou será que tinha sido sempre assim, e a Sra. Holmes só mudara coisas pequenas, pormenores? Quadros, talvez travessas. Isso aniquilaria minha mãe, morar em um local que não fosse dela.

Ao fim de uma hora, a empregada me levou até a porta da frente e me mostrou a saída, tendo conseguido me guiar pela casa e me entregar as botas ao mesmo tempo que me ignorava totalmente. Decca tinha passado o tempo todo da visita dormindo.

Olhei para cima, em direção à casa, esperando algum sinal do Sr. Holmes. As cortinas estavam fechadas por causa do frio, e, mesmo que não estivessem, era impossível ver através de uma janela iluminada pela luz do dia.

* * *

O Sr. Holmes ainda não tinha aparecido. Perguntei à empregada onde ele poderia estar — fazia três dias que visitava Decca e não havia nem sombra dele. Ela encolheu os ombros.

— Você tem que perguntar ao Sr. Holmes.

Pensei ouvir uma nota de desafio na voz dela. Insolência. Ou uma nota de satisfação — evidentemente que eu não podia perguntar, porque ele já estava fora quando eu chegava na casa. Porque ele estava distante quando nos encontrávamos no refeitório — ou não nos encontrávamos, o Sr. Holmes fazia questão de assegurar isso. Ele se mantinha afastado, não era minha imaginação. E assim comecei a imaginar que ele também queria me ver, que havia algo entre nós. Eu ainda não podia dizer o que era — eu não sabia. Se eu fosse uma garota melhor, uma garota de acordo com o que minha mãe esperava, interromperia toda essa história, me reintegraria à vida de Yonahlossee, iria à Sala de Estudos com Sissy em vez de vir aqui todos os dias. Porém, eu não sabia mais que tipo de garota eu era.

Eu brincava com Decca, ou lia, ou cantava para ela. Desde aquela primeira visita, ela nunca mais ficara dormindo. Eu acordava à noite quando Boone jogava a pedra, me levantava e sacudia Sissy forte, para ela acordar. Boone, tão atraente e simpático; ele esperava lá fora como uma armadilha, esperava que Sissy caísse. Eu me deitava na cama de Sissy e a ouvia sair na ponta dos pés — ela fazia tanto barulho! — e a odiava, odiava Boone por fazê-la agir dessa maneira furtiva.

Eu odiava as garotas da Casa Augusta, que achavam estranhas minhas visitas.

— Você só fica sentada lá? — perguntou-me Mary Abbott à noite, esgueirando-se a meu lado a caminho da casa de banho. — Por que faz isso?

Não estava tão aparente assim? Dolorosamente transparente? Mas não, não estava. Apenas para mim, apenas eu sabia.

Agora eu estava acordada e sabia que não voltaria a dormir, e me senti tão quente, tão pronta...

“Você me ama?”, imaginava Sissy perguntando. “Você me ama? A mim?”

“Você me ama?” Ele poderia me perguntar o mesmo.

“Por que você ficou afastado durante todo esse tempo?”

“Porque eu amo você?”, ele diria. E colocaria a mão em meu seio, por baixo do meu vestido. Aqueles dedos longos e finos dentro de mim, me tocando, me apalpando, as estranhas pressões, a proximidade.

Ah. Mordi o travesseiro e vi as faíscas por trás das pálpebras. Se ao menos essa sensação pudesse durar — mais tempo, mais tempo. Se ao menos... mas nunca acontecia.

Minha respiração estava rápida, mas profunda. Meus membros estavam pesados sob o lençol. Usei meu lenço para me limpar entre as pernas e o deixei lá.

Agora eu podia adormecer. Fechei os olhos e não senti vergonha. Sr. Holmes, Sr. Holmes, Sr. Holmes. Quando fechava os olhos, era só ele que eu via.

Querida Mamãe,

Gostei do casaco, sim — obrigada. É tão bonito que nem sei quando vou usar. Aqui é frio, mas bem agradável. Acho que prefiro o frio ao calor. No frio, pode-se montar o tempo todo. Estou montando de novo, sabia? Não sei mais o que tenho para contar. Acho que não tenho nada para contar. Está frio e voltei a montar e a vida por aqui permanece igual. Fazemos as mesmas coisas todos os dias, exatamente as mesmas coisas, a não ser pelos domingos, mas nossos domingos são exatamente iguais, então tudo aqui segue o mesmo padrão.

Você não ia gostar daqui, acho que não. Não existe muita vegetação no inverno, com exceção das sempre-vivas, mas elas não contam, não é? Todo o restante morre e o mundo só tem uma cor — branco — até chegar a primavera. Eu nunca tinha conhecido nada que não fosse a úmida e colorida Flórida, e pensava que eu preferia daquele jeito, mas na realidade era a única coisa que eu conhecia. Fico imaginando como deve ser o deserto, ou o extremo norte. Quem sabe o que vou preferir?

A Sra. Holmes era sua amiga? Não sabia. Não sabia que você tinha amigas. Eu podia escrever mais, mas estamos sempre tão ocupadas. Não se preocupe comigo. Nem mesmo pense em mim.

— Meu pai falou ao telefone — disse Decca. — Com mamãe.

Eu estava lendo para ela, um livro que ela adorava, *O ursinho Puff*, ela deveria ficar quieta, segundo me advertira a empregada. Mas Decca tinha voltado a seu antigo jeito, sendo a única evidência do acidente uma tipoia que precisava usar para manter o braço direito imóvel de modo que a clavícula se curasse. Não havia necessidade para eu vir assim, sabia disso, e apesar de dizer para mim mesma, e para todo mundo, que eu vinha por causa de Decca, vinha mais por minha causa. Queria ver o Sr. Holmes.

— Ah, é? — perguntei.

— É. Papai parecia zangado.

Tentei esconder a surpresa. O Sr. Holmes deveria ter mais cuidado ao falar certas coisas. Mas claramente Decca não sabia o que tudo isso significava.

— Por que ele estava zangado, Decca?

— Quando minhas irmãs vêm?

A voz dela soava como uma queixa. Ela sentia falta das irmãs, dava para perceber. Ela não compreendia a ausência delas. Eu, sim. Boone tinha contado a Sissy o que tinha acontecido com um rapaz da Academia Harris: ele fora mandado de volta para a escola com uma mala cheia de dinheiro, e com a recomendação de escondê-la. Ele tinha optado pelo colchão. Era um esconderijo tão idiota que eu não sabia se a história era verdadeira, mas os bancos *estavam* falindo, todo mundo tinha conhecimento disso. O tio de uma garota era presidente do First National, o banco de Charlotte que fechara em dezembro. Ainda assim, a família do rapaz da Academia Harris tinha dinheiro — afinal, ele frequentava a Harris, não embaixo da terra em alguma mina. No entanto, o pai dele não sabia o que fazer com o dinheiro, como guardá-lo em segurança, como garantir que o montante pudesse proteger sua família.

Havia dinheiro suficiente no mundo para que todas nós estivéssemos em Yonahlossee,

cavalcando, usando nossas roupas brancas. Eu imaginava se a fortuna de frutas cítricas de minha mãe estava em um banco. Certamente estaria. Não conseguia imaginar minha mãe escondendo dinheiro nos móveis, em seus pertences. Mas eu não sabia — percebi —, não tinha a menor ideia de como minha família estava lidando com as questões financeiras. Nunca soubera disso. A renda proveniente das laranjas sempre nos protegera, durante toda a minha vida; era impossível imaginar os Atwell sem ela: eu via que ela nos dava uma vantagem, um pequeno pretexto para nos sentirmos os melhores do que as pessoas que não tinham a riqueza vinda de uma fonte distante, exótica.

Mamãe nunca teria usado a palavra *melhores*. Éramos diferentes. Únicos.

— Thea?

Fitei Decca, que me olhava curiosa.

— Elas vão voltar logo — respondi.

Detestei o tom vago que imprimi à voz, mas não sabia que tom empregar.

O Sr. Holmes parecia zangado no telefone. Eu teria dado meu braço esquerdo para saber por quê. Mas Decca não passava de uma criança — ela poderia ter ouvido mal. Talvez o Sr. Holmes tivesse soado aborrecido, não zangado.

Eu ficava imaginando o quanto ela lembrava acerca do acidente. Parecia uma bênção que fosse nova demais para entender a participação de Rachel.

Decca levantou a boneca — que tinha os cabelos remendados, as roupas manchadas. Provavelmente pertencera a Sarabeth, e depois a Rachel; finalmente, a Decca. Eu nunca tivera que dividir nada com Sam. Eu nunca gostara de bonecas, mas assim mesmo tinha pelo menos meia dúzia delas.

Decca sussurrava para a boneca. Tentei escutar o que ela dizia, mas depois me afastei, envergonhada, uma garota de dezesseis anos se esforçando para ouvir os cochichos de uma criança. Eu deveria deixar Decca ter os próprios segredos.

Se nossas vidas não tivessem sido abençoadas, se não tivéssemos o dinheiro de minha mãe — se, se, se... Porém, essa linha específica de possibilidades nunca me ocorrera. Então, meu pai teria que morar em uma cidade grande, onde ele tivesse mais pacientes que pudessem pagar. Então, minha mãe não poderia se manter, nem a nós, tão distantes de todas as outras pessoas. Poderíamos ter morado a horas de Gainesville. Poderíamos nos ver apenas uma vez por ano, na época de Natal.

Não teríamos o dinheiro para dar. Não seríamos capazes de ajudar. Não seríamos melhores. Não teríamos tanta sorte.

Será que meus pais esperavam que eu tivesse aprendido uma lição? Eles pensavam que tinham me enviado para um local seguro. Longe dos homens, longe dos primos. Georgie, Georgie devia estar... eu tentava não pensar nele aqui. Levantei-me; Decca ainda brincava com a boneca, o quarto ainda era feio e impessoal, eu ainda estava sozinha nessa casa com a filha dele.

Pensei que nos conhecêssemos, minha mãe dissera, e mais tarde: tudo vai ficar bem, faça o que mandarem, faça o que mandarmos e tudo vai acabar bem.

Se meus pais me tivessem mantido em casa, talvez eu houvesse aprendido a lição, talvez eu tivesse querido agradecer a eles mais do que a mim. Se eu pudesse fazer com que o Sr. Holmes me

amasse, pensei, tudo ficaria bem.

Estava extremamente frio na vez seguinte em que fomos a Gainesville. A mãe da tia Carrie havia piorado e morrera de repente, e nós estávamos indo dar nossos pêsames. Eu tinha um cachecol cobrindo toda a cabeça, deixando espaço apenas para os olhos. Fiquei observando a paisagem, que passava rapidamente, pontuada por casas: todas pareciam iguais para mim, pedaços de árvores, janelas de quadrados pretos sem vidro.

Desde o Natal, eu só vira Georgie três vezes, o que foi, pensei, menos frequente do que em geral víamos os Atwell de Gainesville. Mas a regularidade com que nos víamos nunca havia sido uma coisa a que eu tivesse prestado atenção antes. Agora, porém... agora eu queria ver meu primo mais do que jamais pudesse me lembrar de querer qualquer coisa.

Mamãe estava concentrada em dirigir, o que era uma novidade para ela. Não havia muitas coisas que mamãe não fizesse bem, mas dirigir era uma delas. O carro novo tinha um banco traseiro, que eu pensava ser o auge do luxo; Sam estava sentado na frente com mamãe e eu estava esticada atrás no banco de pelo de cabra. Sam estava tenso. Ele ficava com um pouco de medo com a velocidade dos carros.

Naquela manhã, eu havia examinado a bolsa de mamãe, procurando o pequeno frasco de perfume que ela guardava ali. Encontrei um envelope em branco, sem selo, e dentro um cheque nominal a George Atwell com a maior quantia que eu já havia visto. A assinatura quase ilegível de papai estava marcada no papel fino.

Apliquei o perfume atrás das orelhas, como mamãe sempre fazia. Georgie seria George Atwell um dia, perderia o apelido, e o que ele faria então? Será que eu seria a esposa dele? Acho que não queria ser esposa dele. Mas sabia pelos livros que era isso o que acontecia, quando você beijava alguém.

Não havia casas na parte final de nosso percurso, já que elas seriam engolidas pelo pântano. Parecia tão perto de cada um dos lados: se parássemos, os animais poderiam emergir do bosque de palmeiras e do capinzal. Os lincês se escondiam — quase nunca os víamos — mas os jacarés frequentemente tomavam sol na beira da estrada quando estava quente, a pele lamacenta e enrugada, quase negra, os dentes impressionantemente brancos, visíveis quando mexia preguiçosamente as mandíbulas, como se desse — o que mais poderia significar? — um aviso.

Talvez fosse só minha imaginação, mas mamãe parecia acelerar nesse trecho, o automóvel balançava violentamente, ela não diminuía a velocidade como em geral fazia por causa das curvas da estrada. Papai adorava essa parte da estrada; ele achava que a Flórida central possuía a paisagem mais bonita do mundo; um tanto de pântano, um tanto de floresta.

Na casa de Georgie, saltamos do carro e esperamos mamãe pegar suas coisas — um livro para a tia Carrie, um grande caixote de comida: feijão, o pão de Idella, conservas. Será que a família de Georgie precisava da nossa comida? Toquei o saco de feijão, e olhei para mamãe, curiosa.

— Apenas algumas coisas extras que tínhamos — disse ela.

Caminhei em direção à casa: seria minha imaginação que a casa parecesse sinistra, precisando de reforma? Era verdade que a pintura estava descascando das molduras da janela, que uma calha estava pendurada por um fio. Mas as coisas não se deterioravam tão rapidamente.

— Georgie está na casa de um vizinho — disse-nos a tia Carrie depois de haver nos acompanhado até a sala. — Ele volta logo — continuou, quando viu meu rosto, ao qual tentei dar um ar de felicidade novamente. Mas eu me sentia arrasada. Havia esperado por semanas!

— Sinto muito por sua perda — eu disse; mamãe havia me ensinado.

Tia Carrie colocou o braço em volta de meus ombros e me apertou contra si. Ela parecia robusta perto de mamãe, que era toda angulosa.

— Meus dois pais se foram — disse ela, a voz aumentando como se estivesse me fazendo uma pergunta, e percebi que ela estava quase chorando.

— Carrie — disse mamãe, e guiou minha tia até uma cadeira —, vai ficar tudo bem.

— Será que vai mesmo, Elizabeth? — Ela ofereceu a mamãe um sorriso tímido. — Você parece nosso presidente falando.

Percebi que tudo isso tinha transformado a tia Carrie em uma pessoa cruel.

Mamãe riu nervosamente, e Sam e eu conseguimos fugir.

— Quer ir lá para fora? — perguntou ele, mas eu não queria.

Eu não queria observar o mundo natural hoje. Não queria seguir Sam por aí.

— Estou cansada — respondi, embora não estivesse.

Sam olhou para mim por um segundo — eu sempre ia com ele — e não retribuí seu olhar.

— Tudo bem — disse, magoado. — Vou sozinho.

Lamentei, mas não o suficiente para ir com ele. Fui até o quarto dos meus tios, onde eu podia pensar. A cama deles estava desarrumada. Era tão raro as camas ficarem desarrumadas no meu mundo.

Pressionei a testa contra a janela e olhei Sam até que ele desaparecesse entre as árvores. Na noite anterior, tínhamos ficado acordados muito além do nosso horário de dormir e nos revezamos lendo um para o outro um livro de mistério de Agatha Christie, que já havíamos lido mil vezes antes. Eu passava praticamente todo meu tempo com Sam — ele não devia ficar magoado agora. Olhei para as mãos, para as unhas que eu havia aparado cuidadosamente na noite anterior, pintado com esmalte. Não eram mãos de criança. Levantei-me e juntei meus cabelos em um nó. Então soltei-o, penteei de dez maneiras diferentes, decidi por deixar partido de lado.

Adormeci na cama da tia Carrie e do tio George; abri os olhos e Georgie estava lá, e senti como se tivesse convocado meu primo por intermédio de um sonho.

Estendi a mão. Dormir havia me acalmado. Meus dedos brilhavam na luz suave.

— Onde está Sam?

— Lá fora. Mamãe está mostrando a Sam e a sua mãe as primeiras azaleias da estação. — Ele fez uma pausa. — Vamos ouvir quando voltarem.

Ele esfregava minha mão, eu o observava, ele esfregava minha mão delicadamente com o polegar e eu tinha vontade de gemer.

Ele desenhrou minha sobancelha com o dedo, de leve.

— Tão bonita.

— Você acha que Sam sabe?

Ele negou com um gesto de cabeça.

— Tenho quase certeza que não.

Isso era suficiente naquele momento. Olhei pela janela e fiquei surpresa de ver que havia

ficado escuro enquanto eu dormia.

— Você parece tão mais velho — eu disse, e ele parecia mesmo, parado lá com uma mão no bolso da calça, a outra sobre a minha, massageando-a devagar, mas insistentemente.

Eu me sentei e o beijei, ele se inclinou e abriu a boca, colocando a língua na minha.

— Abra a boca, Thea, assim.

Fiz o que ele falou. Ele virou a cabeça e eu não sabia o que Georgie estava fazendo, mas então eu vi que estava tirando o casaco. Estremeci com a ideia: ele estava tirando a roupa, ia ficar. Ele me encarou novamente. Eu o observei por um momento. Ele estava respirando pesado, o rosto vermelho. Eu sabia que estava calma — mais calma, certamente, do que Georgie.

— Venha aqui — pedi.

— Sim — disse ele —, sim, sim — e montou em cima de mim, apoiando-se nos cotovelos.

Eu queria que ele se aproximasse, apertei com força as costas dele, e a princípio ele resistiu, mas depois relaxou e pressionou o corpo contra o meu, e eu queria, ele pressionou-se contra mim e eu levei a mão para baixo, entre nossos corpos, e senti a pressão rija do seu pênis. Eu sabia que estaria ali. Não era como eu esperava que seria, parecia inchado e muito macio. Alcancei...

— Não, não — sussurrou ele —, ainda não. Apenas me sinta por fora. — Então o toquei como ele queria, cuidadosamente a princípio, mas ele continuava se impulsionando contra minha mão, cada vez mais forte, e então eu o toquei mais forte, corri os dedos firmemente por toda a extensão, e Georgie gemia enquanto me beijava, gemia e gemia.

Eu estava tomada de desejo. Puxe-o, apertando-o no ponto onde eu desejava ser tocada, mudei de posição para que ele me tocasse mais, mais forte, e pressionei e pressionei e, quando aconteceu, foi diferente, foi mais rápido, e, quando terminei, Georgie ainda estava se movendo em cima de mim, me beijando, beijando meu pescoço, meu peito.

— Ah.

— O quê? — perguntou ele.

Balancei a cabeça. Ele não sabia o que eu tinha acabado de fazer. Georgie se levantou bruscamente. Sua calça estava grudada na virilha. Eu fizera aquilo também.

— Nós deveríamos descer — sussurrou ele —, eles vão se perguntar onde estamos.

Sentei-me e soltei o cabelo.

— Você é tão bonita — disse ele, e se ajoelhou na minha frente, colocou a cabeça no meu colo. Ajeitei o cabelo dele com os dedos. Ouvimos a porta batendo e depois passos. — E se nos pegarem?

— Está preocupado? — perguntei. — Achei que não.

— Não estou — respondeu ele —, na verdade, não.

— Eu também não.

Naquele momento, eu estava totalmente certa de que não nos pegariam. Isso não era nada que eles pudessem conceber, eu sentia. Que nós estivéssemos no quarto dos pais dele parecia provar a força de nosso segredo.

E era verdade, nem minha mãe nem a dele parecia ter notado qualquer coisa quando descemos, Georgie primeiro, e eu cerca de dez minutos mais tarde, contando os segundos alto porque o relógio do tio George e da tia Carrie estava quebrado.

Quando descí, minha mãe estava juntando as coisas dela. Sam parecia entediado. Mas captei o olhar dele e sorri, e ele sorriu de volta.

A caminho de casa, fingi que estava dormindo no banco de trás; assim eu podia pensar livremente em meu primo.

— Você está bem, Sam? — perguntou minha mãe.

Então ela também percebia: Sam estava quieto demais.

— Sam? — repetiu mamãe. Ela se virou para olhar para ele, e o carro deu uma guinada. — Odeio essa geringonça — murmurou mamãe, abalada. — Sam, por que você está tão quieto? Se não me contar, vou ter que olhar para você de novo.

Sorri. Quando Sam falou, sabia que ele estava sorrindo também, por seu tom de voz.

— Georgie...

Mordi o lábio, com força. Ele podia contar a mamãe bem agora, e tudo terminaria. E naquele instante, tanto mamãe quanto eu aguardando, na expectativa pelo que Sam nosalaria, eu quase quis que ele contasse para ela.

— Ele me ignorou hoje.

A voz de meu irmão estava queixosa. Senti-me aliviada pelo mal-estar dele não ter nada a ver comigo; e depois culpada. Tanto Georgie quanto eu o tínhamos ignorado hoje.

— As coisas estão um pouco tensas agora, na família do seu primo — disse mamãe finalmente.

Eu podia notar que ela estava pensando em como explicar de forma que Sam pudesse entender.

— Por quê?

— Eles podem perder a casa, Sam.

Meus olhos se arregalaram. Eu queria tanto falar, mas não queria entrar nessa conversa. Fazer isso seria como uma traição a Georgie.

— Eles não vão perder a casa — continuou minha mãe —, porque essa família é generosa e ficamos felizes em ajudar. É o que as famílias fazem. Mas é difícil para seu tio aceitar caridade. É difícil para Georgie saber de tudo isso. Ele não deveria ignorar você, mas ponha-se no lugar dele. Deve ser difícil para ele, ver você.

Fez sentido, subitamente, por que não os víamos havia quase um mês.

Pelo que eu podia me lembrar, nós tínhamos mais do que a família do meu tio. Éramos dois filhos; um filho, naqueles tempos, era algo que chamava atenção. Meu pai era mais inteligente. E minha mãe ganhava, em todos os quesitos, se disputasse com minha tia. Minha mãe era de uma família rica, com contatos. E era linda; minha tia era comum. Eu sentia tudo isso, mas não pensava muito no assunto. E eu não tinha uma prima com quem competir. Eu não precisava ser a mais bonita, ou a mais graciosa, ou a mais inteligente.

Mas é claro que eu sabia que minha mãe estava errada: Georgie tinha ignorado Sam não porque estivesse envergonhado ou se sentindo inferior, mas porque ele queria somente a mim.

— Sim, bem — disse Sam. — Ele não ignorou Thea.

E eu sorri: Sam tinha razão. Mas então mamãe falou:

— Thea é menina.

Por um instante, pensei que ela queria dizer que eu era bonita demais para um rapaz como Georgie ignorar. Mas então ela completou:

— Ela não é tão importante quanto você.

Senti como se o ar tivesse me escapado. Meu coração bateu tão alto que tive certeza de que mamãe ouviria. Mas me acalmei: eu sabia como fazer aquilo, por causa de Sasi. Cavalos conseguem sentir o cheiro do medo.

As casinhas pelas quais havíamos passado na ida estavam iluminadas pelas lareiras agora. Tentei achar algum sinal de pobreza, mas não sabia o que procurar. Fiquei zangada, de repente, pelo fato de meus pais terem me mantido longe de tudo o que era real.

Mamãe estava errada. Eu era importante, pensei, e tentei deixar o som do vento contra o carro me embalar para dormir. Eu era importante. Meu nome era Theodora Atwell e eu era importante para Georgie Atwell.

A notícia chegou por intermédio de uma antiga monitora, que vivia em Dallas e era amiga de Henny. A família de Leona tinha perdido tudo. O petróleo do pai dela estava ácido, ouvimos dizer, embora ninguém soubesse o que isso significava. Agora valia menos do que água potável. Isso nós sabíamos o que significava. *Tudo*, Henny dissera, mas mesmo ela não parecia sentir prazer com essa notícia.

— Onde eles vão morar? — perguntei a Sissy, a caminho da casa de banho, nós duas enroladas em nossos roupões.

Ela olhou de lado para mim.

— Eles ainda vão ter a casa, Thea. Mas não o padrão de vida que tinham.

Quando chegamos à casa de banho, esquadrinhei o lugar em busca de Leona, que às vezes eu via por volta daquela hora, mas avistei apenas um grupo barulhento de calouras, Molly entre elas. Era obrigatório que tomássemos banho dia sim, dia não durante o verão, mas, durante o inverno, apenas um a cada três dias. O padrão de higiene da Sra. Holmes era alto.

Enquanto eu esperava Docey preparar meu banho, fiquei imaginando que tipo de padrão de vida havia restado para Leona. Ela não fizera nada errado, nada imperdoável. Ela iria embora daqui. Desistiria dos cavalos, ou pelo menos de cavalos como o King, que havia custado uma pequena fortuna. Possivelmente, ela não iria para uma faculdade de moças.

Docey fez sinal de que o banho estava pronto e tirou meu roupão enquanto eu entrava. Eu havia descartado quaisquer resquícios de pudor depois das primeiras semanas aqui. As mãos de Docey estavam vermelhas, por testar a água tantas vezes. A vida de Leona podia ficar limitada, agora, de uma maneira que não era antes, mas ela não seria uma empregada, como Docey. Ela nunca passaria fome. Certamente haveria algum parente rico que a ajudaria.

Victoria, Leona, todas as garotas que haviam sido mandadas para casa — a vida delas mudaria de maneiras sutis. Não afluiriam pretendentes ricos. Elas teriam que fazer escolhas com mais cuidado. Todas as edições da revista *Ladies' Home Journals* que as mães mandavam estavam cheias de artigos sobre pequenos trabalhos que as mulheres podiam fazer para ajudar no sustento da casa: lavagem de roupas, costura. Eu quase ri. Como se a mãe de Leona pudesse salvar a fortuna da família. Como se a tia Carrie pudesse dobrar o tamanho do jardim e pagar a dívida no banco. Que as esposas pudessem ganhar nem que fosse uma fração do que os maridos haviam perdido era uma fantasia.

Eu entendi que nossas professoras, de quem anteriormente sentíamos pena, por não terem nenhum de nossos benefícios, eram mulheres de sorte. A Srta. Brooks tinha um salário, além de quarto e comida; falava sobre livros o dia inteiro em vez de se preocupar em manter a família sem dívidas. Devia ser um alívio, não ser responsável por uma família agora.

Nos dias que se seguiram, todos observaram Leona, procurando sinais de que ela tinha vacilado, iria vacilar. Mas ela não mudara sua forma de agir. E, gradativamente, as garotas, como sempre acontece, perderam o interesse por ela. Se havia alguma mudança, é que ela agia com ainda mais arrogância. Observá-la conduzir King nos obstáculos como se fosse brincados, completar a pista sem cometer nenhuma falta, de maneira bonita, perfeita, depois passar por nós saindo do picadeiro sem nada além de um aceno com a cabeça — bem, nos fazia

pensar se aquilo tudo era realmente verdade. Mas ela ainda nos lembrava do nosso próprio precário equilíbrio na teia do destino. Se o pai de Leona podia perder tudo, o que dizer de nossos pais? E de nós? A pergunta flutuava sobre nós, agora, como uma nuvem.

* * *

Na Casa Augusta, certa noite, Eva apagou as luzes e acendeu velas; ela trouxe uma tábua Ouija, que havia tomado emprestada de garotas do primeiro ano. As calouras usavam-na excessivamente. Nós havíamos ficado presas do lado de dentro quase o dia todo, sem poder cavalgar por causa da chuva. O clima parecia quase típico de um de furacão.

— Isso — disse Gates, assim que viu — é proibido. Além de ser uma tolice.

Mas, mesmo assim, ela se juntou a nós no círculo, colocou a ponta dos dedos muito de leve no pedaço de madeira em forma de coração. Nós nos sentamos no tapete oriental desbotado que ficava no centro do alojamento. Eu penteava as franjas do tapete distraidamente. Eles cobriam o chão de todos os alojamentos; eu sabia como eram caros. O Sr. Holmes devia vender tudo isso, pensei, e pagar a anuidade de alguma das garotas.

— Meu pai diz que isso aí é coisa do demônio — falou Mary Abbott, da cama. — Vocês não deveriam jogar.

— Ah, Mary Abbott — disse Eva. — Não seja tão rígida. É só um pouco de diversão.

— Com quem vocês estão tentando contato? — perguntou Sissy.

— Minha avó — sugeriu Eva. — Mas ela era tão maçante na vida real... Não consigo imaginar que a morte tenha feito com que ela ficasse mais interessante.

— Eva! — Gates a repreendeu.

Eva levantou as sobrancelhas, preguiçosamente, e sorriu. Abafei uma risada.

— E você, Thea? — perguntou Sissy. — Tem alguém que queira contatar? Conhece alguém que morreu?

A pergunta soou como um sino, tilintando claramente em minha cabeça. Será que Georgie estava morto? Fiquei com os olhos cheios de lágrimas, aquela velha e conhecida umidade. Mas não: mãe dissera na última carta que ele estava bem.

— Não — respondi, e sorri, levemente —, não consigo pensar em ninguém.

Sissy tentou encontrar meu olhar.

— E alguma antiga estudante de Yonahlossee? — perguntei, para interromper o silêncio dela.

— Qual? — perguntou Gates.

Ela estava sentada empertigada, as pernas dobradas por baixo dela, da maneira como haviam nos ensinado na aula de etiqueta caso não houvesse cadeira.

— Lettie Sims — sugeriu Eva. — Ela é a razão por não podermos mais nadar no rio. Afogada — acrescentou.

— Quando? — perguntei.

— Nos anos mil e oitocentos — respondeu Sissy. — Há muito tempo. — Ela sorriu de maneira tranquilizadora. — Há muito tempo mesmo.

Sorri de volta, para mostrar a ela que eu estava bem. Mas Sissy parecia um pouco do outro mundo à luz da vela; todas nós parecíamos. Eu não era tão frágil a ponto de ficar assustada por causa de uma garota afogada no século anterior.

Todas nós tocamos no coração de madeira, de leve. Mary Abbott apagou as luzes elétricas, e assim só tínhamos a iluminação das velas.

— Espírito do lado oculto — começou Eva, e Sissy deu uma risadinha. — Espírito do lado oculto — recomeçou —, por favor, deixe-nos falar com a Srta. Lettie Sims, a quem sabemos que as garotas chamavam de Simsy. Queremos fazer uma pergunta a ela. Com todo respeito.

O coração se moveu, claro que sim, uma de nós estava empurrando. Observei o rosto das garotas brilhando suavemente e fiquei imaginando o que eu perguntaria se pudesse fazer qualquer pergunta e soubesse que a resposta seria verdadeira.

“F-A-Ç-A-U-M-A-P-E-R-G-U-N-T-A-S-E-Q-U-I-S-E-R-M-A-S-U-M-A-S-Ó.”

Os dedos sardentos de Gates, pensei; ela queria que isso funcionasse.

Mary Abbott choramingou, da cama:

— Estou com medo.

— Shh — sussurrou Eva. — Ela não quer nos machucar.

As mãos de Sissy estavam tremendo. Será que as garotas realmente acreditavam nisso? Nós tivéramos uma aula sobre ocultismo com papai, como era simplesmente uma maneira de não acreditar que todos os soldados da Grande Guerra estavam mortos. Tentei encontrar o olhar de Gates, mas seus olhos estavam fixos na tábua.

— Isso é besteira — eu disse. — Uma de nós está mexendo.

Comecei a tirar minha mão, mas Sissy balançou a cabeça.

— Por favor, Thea — sussurrou. — Espere.

— Depressa, então. Faça uma pergunta.

O vento chicoteava nosso alojamento, que de repente pareceu pouco resistente, como se fosse feita de papel. Um galho atingiu a janela e Eva engasgou. Durante algum tempo, quando tinha sete anos, Sam teve medo de Kate, que, segundo uma lenda americana, era uma bruxa que assombrava a família Bell no Sul dos Estados Unidos; ele disse que ela podia se disfarçar de qualquer pessoa ou qualquer coisa, reconhecível apenas pelos olhos verdes. Uma cobra, um pássaro, uma garotinha. Georgie havia contado a lenda para ele, e deixou o tolo do Sam assustado. Mamãe pôs a culpa nele, pois havia deixado o mundo de fora entrar. Durante anos Sam reparava cautelosamente nos rostos das pessoas que encontrava. Mas não encontrávamos muitas pessoas, e nenhum daqueles olhos, para alívio dele, era verde.

— Alguém tem alguma pergunta? — indaguei.

— Eu tenho — pronunciou-se Gates, o que nos surpreendeu a todas.

Ela fechou os olhos e respirou profundamente.

— Nós vamos ficar bem? — A voz dela vacilou, tão de leve, de maneira que nunca havia vacilado antes e nunca vacilaria novamente, pelo menos não na minha presença.

* * *

Naquele inverno, minha performance em cima de um cavalo ficou cada vez melhor. O frio parecia ter um acordo comigo. Pelo menos, podia-se cavalgar por mais tempo sem medo de a temperatura do cavalo aumentar muito. Mais rápida e mais forte, eu saltava com perfeição qualquer pista que o Sr. Albrecht arrumasse, normalmente na primeira tentativa. Minhas pernas já não doíam depois de eu terminar os exercícios. Meus braços estavam musculosos e definidos.

Eva havia cortado meus cabelos; estavam na altura dos ombros, o que me dava um ar menos infantil. Quando eu me analisava no espelho sobre o lavatório, gostava do que via, gostava do que me tornara: talvez fosse minha imaginação, mas eu olhava no espelho e via que era superior à antiga Thea, mais poderosa do que ela jamais havia sido.

Eu limpava o prato na maioria das refeições. Henny observava e bebericava copo atrás de copo de água gelada. Não era gorda, não ainda — era roliça, muito redonda, mas qualquer um podia ver que ela logo ficaria gorda. Era seu destino.

Às vezes, eu perguntava a ela sobre o casamento. Ela então ficava satisfeita — ah, como era fácil cair nas graças de Henny! Ela falava menos do noivo do que das flores, do carrinho de sobremesas, do vestido que viria de Nova York Martha e Jettie seriam as madrinhas. Fiquei imaginando se era doloroso para Henny pensar na linda Martha ao lado dela. A Srta. Metcalfe ficava em silêncio enquanto Henny falava da sua alegria matrimonial iminente, e percebi, chocada, que ela estava com inveja.

Fiz uma pergunta sobre a casa nova, para onde eles se mudariam depois que se casassem, e Henny se virou para mim, excluindo todas as outras garotas da mesa.

— Você vai saber como é, Thea, você vai saber quanta alegria há nisso.

O hálito quente dela cheirava levemente a chocolate. Que maneira estranha de se expressar, a alegria fluando em algum lugar, uma quantidade infinita dela, como se você tivesse apenas que estar no lugar certo para conseguir alcançá-la.

* * *

Quando o Sr. Holmes apareceu, uma semana após minha visita a Decca, não foi nada extraordinário. Tantas coisas eram assim: você esperava, esperava e esperava, e, quando acontecia, você continuava a mesma. Eu não tinha certeza se isso era uma decepção ou um alívio. Parecia um pouco de cada.

Nós estávamos no andar de baixo, jogando dominó na mesa de centro. Eu bebia chá e observava Decca tomando seu leite — o copo dela estava muito perto da beira da mesa e eu estava com medo de ela esbarrar com o cotovelo. Já tinha dito para a menina tomar cuidado duas vezes, e havia um limite, eu aprendera após passar tantas horas com Decca, de quantas vezes você podia chamar atenção de uma criança.

Havia enfeites caros na sala: uma coleção de pequenas peças de porcelana de Limoges em uma cristaleira, seis porta-cartões de prata em uma mesa lateral, todos gravados com iniciais variadas. Uma pintura a óleo de uma garota sentada em um campo, um carneiro a distância, que me fazia lembrar de *Tess of the D'Urbervilles*. Não havia nada de pessoal, exceto porta-cartões com iniciais; mais uma vez fiquei imaginando se alguma dessas coisas pertencia à família Holmes. Haveria um fundo discricionário que permitia que cada diretora retirasse um tanto? Mas aquele fundo certamente acabaria agora, com os problemas. Mesmo se o dinheiro do fundo não tivesse sido afetado, seria de mau gosto usá-lo.

— Sua vez.

— Desculpe — eu disse. — Desculpe, vamos ver...

Mas não vi. Nunca tinha jogado dominó antes e aparentemente as meninas Holmes jogavam desde que nasceram. Era um jogo maçante, sem fim.

Decca usava um vestido de verão, evidência da mão do pai. Decca podia ser obstinada e era exigente com as roupas. Eu imaginava que ela tivesse insistido nesse vestido, e o Sr. Holmes permitira à filha um capricho inapropriado para a estação.

Eu usava o uniforme de Yonahlossee, mas não me importava. Eu tinha me acostumado à nossa aparência, todas iguais à primeira vista. Eu não estava usando nenhuma joia.

Decca se levantou; interrompi o afago em meu cabelo.

Eu era vaidosa, tinha dezesseis anos e nunca mais me sentiria tão observada.

— Papai chegou — anunciou ela, e rodopiou.

— Decca — repreendi —, comporte-se.

Sempre havia alguma tragédia acompanhando a chegada dele: o leite, dessa vez.

— Decca! — fiquei furiosa.

Toda essa espera, todos os meus ajustes, e agora o leite havia derramado e Emmy não estava disponível; como chamá-la sem parecer grosseira?

Decca correu até o pai e me ocupei enxugando o leite com a saia.

— Um acidente? — perguntou o Sr. Holmes, e pegou Decca no colo. Ele ofereceu a mão livre para mim e aceitei, levantando-me.

— Emmy — chamou ele, e ela apareceu tão rapidamente que percebi que devia estar esperando.

— Nós estávamos apenas...

— Jogando?

Confirmei, olhei para a direita e para fora da janela. Tudo estava branco, imóvel e frio.

— Jogando — eu me senti derrotada.

Decca se sentou encolhida e pequena no colo do pai, Emmy se apressou com a limpeza do tapete, dando tapinhas e tateando.

— Está bom, Emmy.

E embora parecesse distraído, ele falou delicadamente com Emmy, que se levantou, fez uma mesura e saiu da sala sem olhar para ele uma única vez.

Eu não ia falar nada, queria que ele fosse o próximo a falar, depois de eu esperar e esperar.

Mas foi Decca quem falou:

— Estou ganhando no dominó.

— Não fique se gabando.

— Ela não está se gabando. É verdade. — Sorri para Decca, que retribuiu o sorriso.

O Sr. Holmes colocou a filha no chão, mas ela se agarrou à perna dele. Ele descansou a mão no topo do couro cabeludo dela e cuidadosamente livrou a perna.

— É isso mesmo? — Ele sorriu.

Decca anuiu, incerta; os adultos riam e às vezes aquilo era bom, às vezes não.

— Suba agora — disse ele a Decca. — Por favor — pediu, antecipando a recusa dela. — Vou subir em um segundo.

Ficáramos sozinhos! Fiquei imaginando se ele me achava bonita. Eu ansiava que ele me olhasse, me notasse, mas o Sr. Holmes parecia distraído.

Decca me beijou na bochecha e meu rosto ficou vermelho, ela estava tão perto de mim, o cheiro de seu couro cabeludo e seus ombros finos.

O Sr. Holmes deu um tapinha na cabeça da filha quando ela passou e sorriu para ela, e eu

sabia que, se Decca não era a preferida dele antes, seria agora.

Havia algo nesta sala que não pertencia ao lugar, pensei, e era eu: eu era uma intrusa; é claro que o Sr. Holmes achava que eu era um estorvo. Às vezes, as monitoras se encontravam aqui com a Sra. Holmes, mas, em geral, a casa dos Holmes era privada, da família, não um lugar para as garotas do acampamento. Como o Sr. Holmes se acomodou em uma cadeira, percebi que não queria que eu ficasse aqui.

— Bem — disse eu, pronta para dar uma desculpa.

O que eu estava pensando? Que o Sr. Holmes se apaixonaria por mim? Era assim que as paixões pelos homens tornavam as garotas tão bobas! Decidi nunca mais gostar de ninguém, nunca amar alguém até que ele me amasse primeiro: a controlar meu coração.

— Sente-se, sente-se — disse ele —, por favor.

E gesticulou em direção a uma cadeira, e eu estava errada. Ele me queria lá. Parecia sincero. Não era apenas minha imaginação.

Nesse momento, Emmy entrou de novo na sala, carregando uma bandeja, que pousou na mesa de centro. Ela encheu minha xícara de chá com passos medidos, cuidadosos: primeiro pegar a chaleira, apoiá-la tanto por baixo quanto pela asa. Dobrar o punho, não permitir que o braço trema. Servir. Endireitar o pulso agora, rapidamente, para interromper o fluxo de chá de forma decidida, para que nenhuma gota de água fervente pule do líquido que jorra cada vez menos e aterrisse na bandeja de porcelana — ou, Deus perdoe, de prata, que mostra tudo ou mais — ou ainda pior, da dama a quem você está servindo.

Emmy não ergueu a cabeça nenhuma vez nem olhou para mim. A mão dela estava perfeitamente firme. Não era à toa que ela estava aqui na Casa do Diretor.

Ela entregou ao Sr. Holmes um copo alto e transparente e saiu. Eu estava com um gosto de giz na boca. Tomar mais chá era o que eu menos queria.

O Sr. Holmes tomou um grande gole de seu copo fino, já pela metade. Ele estava pálido, mas podia ser a claridade que diminuía rapidamente e nos enviando para dentro da escuridão.

Um sino tocou. Todo mundo ainda estava na Sala de Estudos; pensei em Sissy, que provavelmente estaria me esperando. Eu não iria a lugar nenhum.

— Hora da aula — disse o Sr. Holmes, mas de maneira tão informal, como se eu não precisasse me preocupar.

Ele engoliu o resto da bebida.

Ouvi água correndo lá em cima, Emmy dando um banho em Decca.

— Dê-me licença por um momento, Thea — disse calmamente, e saiu da sala.

O Sr. Holmes voltou com um decantador de vidro. Tínhamos alguns similares em nossa sala formal.

Eu criei um mau hábito desde que a Sra. Holmes partiu, eu o imaginava falando.

Ele parecia muito distante, do outro lado da sala, mexendo uma bebida em cima do piano, o copo suado na madeira crua — aquilo deixaria uma marca, ele era um homem e não pensava em marcas —, mas não, ele levantou o copo e enxugou o local molhado com a manga do casaco.

Ele se sentou e examinou a bebida. Ouvimos um barulho vindo do andar de cima e olhamos para o alto da escada. Captei o olhar dele e sorri, ele retribuiu o sorriso, era assim que se fazia para agir fácil e naturalmente com um homem. Olhei para cima novamente, mas o Sr. Holmes

estava olhando para baixo, mexendo a bebida com o dedo.

— Thea — começou o Sr. Holmes, e depois parou.

Ele dobrou o dedo molhado da bebida e então o cheirou, e fiquei súbita e insuportavelmente constrangida — esses gestos eram privados, eu não deveria vê-los. Ele tomou um grande gole da bebida.

E como eu estava nervosa, a primeira coisa que me veio à cabeça eu soltei, como um dos três sapos de Sam.

— A Sra. Holmes ainda está viajando?

E era precisamente a pior coisa que eu podia falar. Pareceu que eu estava julgando a ausência da Sra. Holmes, quando na verdade estava agradecida: se ela estivesse aqui, eu não estaria, isso era certo.

Ele aquiesceu lentamente.

— Estou meio inclinado a mandar Decca para lá, com atadura e tudo, mas acho que vou ficar muito sozinho.

Sorri — não parecia possível que a solidão de um adulto pudesse ser aliviada por uma criança. Mas suponho que nós aliviássemos a solidão de mamãe.

— Falta apenas um mês para ela retornar — continuou ele. — Espero conseguir manter o acampamento por mais um mês.

Ele tomou um gole da bebida e fez uma careta, daquelas que os adultos fazem quando tomam uma bebida forte. A careta significava que o gosto era prazeroso. Eu sabia disso por observar o tio George.

— E houve mais doações?

Ele me olhou, surpreso.

— O senhor falou antes — expliquei — que as pessoas não estavam doando tanto quanto esperava.

— Sim, sim. Você tem uma memória excelente, Thea.

— Na verdade, não — eu disse. — Meu irmão é que tem a memória excelente. Ele sabe os nomes de todas as plantas e animais, centenas e centenas deles.

— Seu irmão gêmeo — disse ele. — Eu me lembro de algumas coisas.

Eu podia sentir meu rosto ruborizar de prazer. Ele se lembrava de um detalhe da minha vida e me fez tão, tão feliz, mais feliz do que eu conseguia me lembrar em anos.

Ele terminou a bebida e colocou o copo no colo.

— Beth está tendo mais sorte, sim. Melhor ela do que eu. Eu não sou bom em separar as pessoas do dinheiro delas. Sabe o que está fazendo as pessoas quererem contribuir mais?

Neguei com um gesto de cabeça.

— Cavalos. — Ele riu em descrédito. — Para as mulheres, pelo menos, esse parece ser o ponto fraco. O acampamento está cheio de garotas, garotas com bolsas de estudo, garotas que vão ser mandadas para casa se as bolsas não tiverem fundos. As mulheres não se comovem com a situação dessas garotas. Mas mencione a situação dos cavalos e — ele estalou os dedos — o cheque está assinado.

— A situação dos cavalos?

Eu não queria me alinhar às mulheres que ele tão obviamente desprezava, mas queria saber o que ele queria dizer. Se eu não pudesse montar, não sabia o que faria.

— Ah, não quis alarmá-la, Thea. Os cavalos não correm perigo algum de serem levados embora. — Ele suspirou. — Ninguém compraria um cavalo mesmo. O custo de mantê-los é que assusta. Os preços dos grãos foram parar nos céus, graças à estiagem. Nunca pensei que fosse ficar tão a par da economia da agricultura. Os cavalos comem muito, tenho certeza de que você sabe muito bem.

— Sei. São animais grandes.

Entendi o impulso de proteger os animais que não tinham voz, nem pais para olhar por eles. Eu certamente teria mais vontade de doar para um fundo que ajudasse cavalos do que para um fundo que ajudasse garotas.

— Eu não deveria mais entediá-la com tudo isso — disse ele.

— Não estou entediada.

E não estava. Nunca estivera tão pouco entediada, eu queria dizer, porque este mundo adulto, onde eu não era a filha ou sobrinha de alguém... bem, isso era inteiramente novo para mim.

— Thea Atwell, da Flórida. Tão sóbria. Você foi uma criança séria?

— Não sei. — Normalmente, o Sr. Holmes se mantinha reservado; a sociabilidade atual parecia um ato incomum, influenciado pela bebida.

Ele riu.

— Não sei o que deu em mim. Olhe aqui — disse ele, se inclinando para a frente, girando o copo sem parar —, obrigado por toda a ajuda. Você tem sido uma bênção.

— Disfarçada — acrescentei, e o Sr. Holmes não riu, como era minha intenção, mas assentiu, como se concordasse.

Voltando ao alojamento, apreciei o silêncio do acampamento. Apreciei a mão dele que havia tocado no meu ombro quando saí, durante um tempo prolongado — foi minha imaginação? Não, ela ficou um tempo a mais ali, não queria me deixar ir embora. Ele se inclinou para a frente e me agradeceu e foi tanta emoção que senti-me em estado de graça.

* * *

Depois do jantar naquela noite — um ensopado grosso, sem graça, era surpreendente que algo tão insípido saísse da cozinha de Yonahlossee, mas eu o comi assim mesmo —, o Sr. Albrecht ficou parado enquanto terminávamos a sobremesa de biscoitos amanteigados (saborosos, mas também um pouco sem graça) e nos disse para nos juntarmos a nossos grupos de montaria. O Sr. Holmes estava sentado perto dele.

— Mas por quê? — perguntei.

— O Show da Primavera — Molly respondeu — vai acontecer logo.

— Ainda estamos em fevereiro.

— Há muito para planejar. E então vem a Despedida da Primavera, logo depois.

— Você nunca ouviu falar? — perguntou Henny. — Todo mundo compete, todo mundo assiste. É esplêndido! As monitoras bebericam champanhe com os adultos e assistem às disputas.

— É esplêndido! — confirmou Molly. — Fazemos piquenique no almoço e depois nos arrumamos para o baile.

O refeitório virou um enxame de garotas enquanto cada uma tentava localizar o próprio grupo. Vi Leona do outro lado do cômodo, andando em linha reta. As garotas desviavam do

caminho dela, fazendo claramente uma espécie de curva quando a viam se aproximando, como se Leona fosse um debulhador e elas fossem o trigo. Os problemas da família de Leona só nos tornaram mais cuidadosas com ela. Eu me lembrei da fotografia de Leona na parede do lado de fora do escritório do Sr. Holmes. A maioria das pessoas não se parecia com elas mesmas em fotografias: a câmera as deixava solenes demais, com a fisionomia rígida demais, praticamente irreconhecíveis. Sam costumava dizer que a maneira como as pessoas encaravam a câmera fazia com que parecesse que elas estavam olhando para uma coisa horrível. Mas Leona não era mais discernível em carne e osso. Ela passou por mim sem me notar e entrei na fila atrás dela.

Encontramos uma mesa e nos sentamos. Meu grupo, o da turma avançada, ficou responsável por desenhar a pista para o grupo intermediário. Gates esboçou um triplo, e todas nós nos inclinamos para a frente para observar, sua mão pálida refletindo o branco do papel. Jettie olhava mais de perto, soltando murmúrios de aprovação.

A cena era perfeita: o Sr. Albrecht estava sentado com o Sr. Holmes na mesa principal; o Sr. Holmes estava tão perto que eu podia ver todos os detalhes da sua figura — o colarinho enrugado, o relógio, as pontas retas do cabelo —, mas nós estávamos dispostas em um ângulo tal que ele não podia me ver.

O Sr. Albrecht desenhava algo no ar, o Sr. Holmes concordou, os cotovelos apoiados na mesa, mas não havia qualquer problema nisso, tudo já tinha sido retirado da mesa e os homens às vezes agiam assim. O Sr. Albrecht cruzou os braços na frente do peito e escutou o que o Sr. Holmes dizia; então eles acabaram de falar, pois o Sr. Albrecht não era o tipo de homem que era bom em falar sobre nada. Tanto a cadeira de um quanto a de outro tinham braços e as nossas não tinham, porque éramos garotas, não diretores, não homens. Observei o rosto deles, mas pareciam máscaras, não olhavam para um ponto específico, ambos encarando além do outro, para o espaço profundo marcado pelas garotas de Yonahlossee.

Não me ocorreu na época que devia ser difícil ser um homem adulto cercado de centenas de garotas, tão obviamente fora do alcance deles que podíamos flertar, podíamos de brincadeira pegar o cotovelo do Sr. Albrecht no quarto de guardar as selas, deixar nossa mão segurar a dele por mais tempo quando ele nos ajudava a desmontar, e ele não podia fazer nada. O Sr. Albrecht não se configurava como homem, não para qualquer uma de nós, eu não achava, porque ele não era bonito, rico ou jovem. Mas flertávamos com ele porque ele estava lá e nós também. Provavelmente ele se tocava à noite, quando estávamos ocultas nos nossos alojamentos, e ele em sua casa na cidade. Ele se tocava e pensaria no cabelo muito claro de Leona contra suas costas nuas, as curvas dos seios de Eva, contidos pela blusa branca — ele cobriria um deles com a mão, depois o outro, ela desejaria desabotoar a camisa, mas ele não deixaria, ele gostava de sentir como os mamilos dela se enrijeciam contra o algodão. Ela não estaria usando uma roupa de baixo grossa, não haveria nada além do algodão fino e esticado entre a mão dele e o seio dela.

— Thea? — chamou Leona.

— Sim — respondi, com uma intenção autoritária, embora não tivesse ideia do que elas queriam.

— Um obstáculo triplo tem sua aprovação?

Dei de ombros, depois tentei parar os ombros, e concordei. Na semana anterior, eu havia tido problemas com um triplo.

— Tem — disse, e fiquei pensando na serenidade de Leona.

O mundo dela havia mudado drasticamente, a família não era mais o que era antes, e ela não deixava transparecer nada.

Então Martha passou por nossa mesa, segurando o desenho do grupo dela (ela estava na turma de Sissy, e, apesar de ser uma amazona melhor do que minha amiga, a tranquilidade de Martha não a ajudava em nada em cima de um cavalo). Ela estava usando pequenos brilhantes nas orelhas, e eu a observei e ela era uma faisca, um vislumbre, um lampejo — algo que não pertencia a este mundo.

O Sr. Holmes também parecia estar estudando Martha. O rosto dele estava muito tranquilo. Eu não queria admitir para mim mesma que Martha era mais bonita do que eu, embora soubesse que era, eu sabia que quase todos no acampamento, se perguntados, apontariam Martha como a garota mais bonita. Mas eu também sabia que não havia nenhuma maneira verdadeira de medir a beleza, e talvez algum detalhe específico em meu rosto fosse algo que o Sr. Holmes pudesse gostar.

O Sr. Holmes virou a cabeça, e foi um segundo antes de eu perceber que ele havia me flagrado olhando. Virei o rosto, rapidamente, constrangida.

— O que você está achando de tudo isso, Thea? — perguntou Leona novamente.

— Eu acho... — respondi, e olhei para os desenhos em cima da mesa — acho que está perfeito.

Leona sorriu.

— Nós a estamos distraindo?

Meu rosto ardeu. Todos me olhavam. Leona se virou e olhou acintosamente para a mesa onde o Sr. Holmes e o Sr. Albrecht estavam. Balancei a cabeça, negando. Eu não queria me submeter tão facilmente a Leona, mas parecia a maneira mais rápida de pará-la.

— Então, que bom — disse ela. — Não gostaríamos que isso acontecesse.

Gates se postou a meu lado quando juntamos nossas coisas e saímos, seu caderno enfiado cuidadosamente embaixo do braço.

— Thea. — A voz dela estava baixa. As bochechas estavam vermelhas por baixo da grande quantidade de sardas. — Leona venceu no ano passado. Ela foi a garota mais jovem a vencer.

— Eu sei — respondi.

Aquilo não era de conhecimento geral?

Gates aquiesceu lentamente.

— Então você deve saber como ela quer vencer novamente a qualquer custo. — Ela tocou meu braço. — Apenas tome cuidado — sussurrou.

Fiquei surpresa com o fato de Gates se importar. Normalmente ela não se envolvia nos assuntos mesquinhos do acampamento.

Observamos Leona, que estava sentada sozinha na mesa, revisando o desenho de Gates. Ela parecia estar dando ao pedaço de papel toda a sua atenção, que era como Leona se movia pelo mundo: ela dava atenção integral para o que quer que estivesse fazendo.

— Quem sabe se ela vai estar aqui para o torneio — disse Gates, e o que senti foi decepção, não alívio. Leona era minha única concorrente real.

Naquela noite, abri uma carta de mamãe. Sissy tinha saído com Boone. Eu havia sido insolente em minha última carta, eu sabia; dirigindo-me à minha mãe como se ela fosse igual a mim, quando obviamente não era.

Querida Thea,

Você pareceu zangada na última carta. Eu entendo, claro. Sim, eu era amiga de Beth Holmes. Ela era Beth Babineaux, na época. Ela era de uma boa família de Nova Orleans. Tão ricos quanto possível. Suponho que não estejam tão ricos agora, mas quem sabe? Perdi contato com ela; perdi contato com todo mundo, e você quer saber por quê? Eu tinha tudo de que precisava com você, Sam e seu pai. Eu poderia ter tido vinte amigos; eu poderia ter tido trinta. Mas sua família é seu maior amigo, Thea. Eu não contei que conhecia Beth antes de você partir porque havia muitas outras coisas em minha cabeça. Não tramei nada, Thea. Sinceramente, não imaginei que você fosse se importar com isso.

Vendemos a casa. Surpreendentemente, alguém quis comprar; não achei que haveria interessados, mas seu pai estava certo: ainda há gente com dinheiro. Nós estamos entre eles, por sorte. Estou encaixotando todas as nossas coisas agora. Vamos nos mudar para Orlando, onde seu pai vai trabalhar. Talvez depois nos mudemos mais para o sul, para Miami. Tudo está incerto. Precisávamos levar Sam para longe. Precisávamos de um novo começo, como você está tendo aí, em Yonahlossee.

Com amor,

Mamãe.

Rasguei a carta em pedacinhos assim que terminei de ler. Não fiquei surpresa por outra pessoa querer comprar minha casa; ela era linda, perfeita. O que me chocou foi que meus pais a tivessem vendido. Que a casa houvesse acabado para nós. Nunca pensei realmente que mamãe um dia sairia dali.

Eu sabia mesmo quando estava rasgando a carta que era uma tolice; um gesto que ninguém a não ser eu mesma veria. Eu teria que ficar de quatro no dia seguinte para juntar quaisquer pedacinhos que tivessem ido parar embaixo da cama. E as outras garotas podiam perceber, podiam ficar imaginando o que é que eu estava fazendo, e então eu teria que mentir, de novo, para fazer minha família parecer diferente do que era.

Meu pensamento seguinte foi Sasi. Eu sabia que ele seria vendido, já que, de qualquer maneira, eu estava ficando grande demais para ele, mas afastei esse pensamento da cabeça. Será que moraríamos em uma fazenda em Orlando? Ou em um lugar onde se podia avistar a casa do vizinho, ou de ambos os vizinhos, dos dois lados? Eles venderiam Sasi para uma garota ou para um garoto? Sam iria para a escola em Orlando? E será que ela pensava que eu era idiota? Que Yonahlossee não era nada além de um lugar para se livrar de mim? Se isso era um novo começo, eu era uma macaca de circo.

Há um ano, eu não acreditaria em nada disso: papai deixando seus pacientes, mamãe deixando a casa. Mas acreditava agora. Eu sabia que a pior coisa que eu podia fazer, a coisa que mais a magoaria, seria não escrever uma carta em resposta.

* * *

Eu tinha medo de ele não voltar, mas ele voltou, no dia seguinte, mandou Decca subir como da

última vez, e fiquei tão agradecida quanto assustada.

— Decca está indo bem?

Aquiesci. Ele estava procurando uma bebida, já tinha terminado a primeira. Esperei a voz dele vacilar um pouco, seus gestos ficarem menos precisos. O álcool tornava o Sr. Holmes um rapaz.

O que eu notava nele pessoalmente — que sua junta rosada estava inchada, ralada, que havia um trecho seco de pele em seu antebraço — não era o que eu notava quando o imaginava. O mesmo acontecia com Georgie. Eu sonhava com como seria bom quando ele me tocasse, mas então, quando ele me tocava, eu notava coisas estranhas: como seu cotovelo era ossudo, e que ele tinha um pouco de cheiro de feno estragado.

— Você soube sobre a família de Leona? — perguntou ele.

Fiquei surpresa. Ele nunca mencionara outra garota de Yonahlossee; o diretor estava quebrando uma regra.

— Soube — respondi —, todo mundo ouviu falar.

— Verdade? — O Sr. Holmes sorriu. Ele estava brincando com uma abotoadura. Parecia velha. Do pai, do avô. — E o que todo mundo ouviu falar?

Seu tom de voz me desestabilizou.

— Não é da minha conta — respondi.

Eu não queria que ele pensasse que eu era intrometida.

— E isso já parou alguém antes? Seria pouco natural, em um lugar como este, não se importar com os assuntos das outras pessoas.

Tudo estava acontecendo tão rápido, essa mudança de ótimo para horrível.

— Eu não sei o que o senhor quer dizer — eu disse, mas sabia.

Tentei manter a voz calma, para que pudéssemos conversar sobre outra coisa, mas o som contido da minha voz o irritou e ele balançou a cabeça.

— Ah, claro que sabe. Você está sempre observando, não é? Todas essas garotas tolas, você as observa, não é? Elas vêm a você com as preocupações e você as escuta e não diz nada.

— Elas não me procuram com frequência.

— Você observa, eu sei, porque eu observo *você* , às vezes, vejo como você passa despercebida, como se move entre as outras garotas e repara as coisas... — Ele parou. — Seu rosto não se mexe, Thea. Você se mantém alheia. O que as outras garotas devem pensar de você?

Esforcei-me para não chorar.

— Não acho que elas pensem, não muito.

Senti-me frágil, eu havia recebido a carta de mamãe fazia uma semana, mas ainda sentia cada palavra fresca e dura; se algum dia visse minha casa de novo, eu a veria como uma estranha. Estava perdida para mim. Será que o próximo dono de Sasi, fosse um garoto ou uma garota, o amaria tanto quanto eu? Não parecia possível. Eu havia passado mais tempo com Sasi do que com Sam. Eu sabia pela maneira como ele baixava as orelhas se estava assustado ou simplesmente empolgado; sabia pela maneira como ele mordiscava meu ombro se estava zangado ou brincando.

— E não acho que você realmente acredite nisso.

Se ele fosse meu amigo, perguntaria a ele: por que o senhor está sendo tão mau? Tão cruel? Mas ele não era meu amigo.

Fiquei de pé.

— Tenho que ir agora.

Eu tinha sido tão, tão tola. Eu não era a confidente do Sr. Holmes. Não era amiga dele. Não era nem mais nem menos do que uma garota fofoqueira de Yonahlossee. Mas eu era ainda pior do que isso: o Sr. Holmes acreditava que eu pensava ser melhor do que qualquer outra. Nada podia ser mais distante da realidade — esse foi meu primeiro pensamento. E o segundo, que chegou tão rapidamente que pensei se não era o pensamento mais verdadeiro, era que eu *era* melhor. Eu não me permitia envolver demais com o acampamento porque sentia, em algum lugar bem no fundo de mim, que era melhor do que todas aquelas garotas. Que eu sabia mais, havia entendido mais, estava destinada a um tipo diferente de vida.

Passei por ele a caminho do armário de casacos, mexi nervosamente na maçaneta, não sabia como abri-lo, nunca o havia aberto antes. Onde estava Emmy? Ela devia estar aqui, devia ter nos interrompido, interrompido a ele. Eu queria dizer ao diretor que o tipo diferente de vida para a qual eu estava destinada não era um tipo melhor de vida. Que em alguns momentos sombrios, daria tudo para voltar atrás em tudo o que eu havia feito.

Meus ouvidos zumbiam e só o ouvi quando ele estava bem atrás de mim. Permaneci onde estava; não me viraria e o encararia por nada neste mundo. Ele passou um dedo por minha coluna.

— Você está sempre tão reta... mesmo quando está escapulindo. Eu já lhe disse que essa foi a primeira coisa que notei em você, quando seu pai veio aqui? Que sua postura era perfeita. — O dedo dele desceu por minhas costas, parando no cóccix. — Acho que eu não teria falado isso para você, não é? Não teria tido oportunidade. Leona vai ter que ir embora, Thea. Tudo ruiu, tudo está ruindo. Não consigo manter meus nervos calmos.

A voz dele havia se tornado suave.

Virei-me para fitá-lo, e ele tocou meu rosto.

— Desculpe-me, Thea. Tenho uma veia cruel, parece. Está tudo errado — disse ele, e então se foi.

Não abri o armário dos casacos até escutá-lo no andar superior, acima de mim, no quarto de Decca. Tentei abotoar meu casaco, mas minhas mãos tremiam, terrivelmente. E minhas mãos nunca tremiam.

Saí e fui para meu alojamento. Eu estava sozinha e, embora soubesse que todas as outras garotas estavam na Sala de Estudos, ainda assim fiquei agradecida por isso. Tudo estava em ordem, nossas camisolas dobradas e guardadas nas gavetas, nossas loções e perfumes cuidadosamente tampados e alinhados nos lavatórios, nossas camas feitas de manhã e depois esticadas por Docey após a hora de descanso. Havia detalhes pessoais: fotografias emolduradas, retratos de revistas, caixas de joias de veludo roxo. Fantasmas viviam aqui, nós assombrávamos o alojamento, nunca nos apossamos dele.

Eu estava intrigada. Gostava da gentileza dele, e agora a gentileza dele havia desaparecido, mas eu ainda o queria. Eu o queria ainda mais, se é que isso era possível.

Não me preocupei em me cobrir. Ninguém estava lá, ninguém veria que eu havia levantado

a saia até a cintura, colocado os sapatos sujos em cima da colcha, movido minha mão tão rudemente que cheguei a me machucar. Ninguém me ouviu. Ninguém viu a mancha de sangue, ninguém perguntou por que eu fiquei olhando pela janela por tanto tempo, o que possivelmente eu estava olhando por tanto tempo? Nada, nada.

* * *

Quando me sentei no toucador, montei na cadeira como se fosse um cavalo. Eu cavalgava, mesmo quando não estava de fato em cima de uma sela, os cavalos estavam sempre na minha mente. Eu passava no máximo duas horas por dia em cima de um cavalo, o restante do tempo no chão como uma garota, mas, mesmo assim, quando eu andava com os meus próprios pés, meus passos eram vagos, constantemente desestabilizados, como se eu estivesse sempre saindo de um navio para terra firme.

Eu estava em uma fase boa, saltava cada obstáculo com três centímetros de folga. Com cinco centímetros. O Sr. Albrecht me pedira para fazer demonstrações para as outras turmas. Era assim. Você não é uma amazona bonita, ele me disse uma vez, não é graciosa, mas é tecnicamente impecável.

Eu queria vencer. Leona estava tornando isso fácil, querer vencê-la. Eu via agora que a afabilidade dela comigo coincidia com minha convalescença. E agora que eu era uma ameaça, sua única ameaça real, ela me ignorava quando me via no Castelo. Na Sala de Estudos, na semana passada, eu a vira dando risadinhas com Jettie. Sorri para Jettie, mas ela virou as costas, e Leona olhou por cima do ombro de Jettie por um longo instante, me avaliando, até que sussurrou alguma outra coisa em seu ouvido e as costas robustas de Jettie tremeram de tanto gargalhar. Olhei para baixo rapidamente e me avaliei, mas nada parecia errado; meu rosto queimava e me virei para Eva, fiz uma pergunta idiota a ela, e tentei parecer que não me importava.

Percebi que as outras garotas provavelmente ficavam imaginando o que era dito sobre elas o tempo todo. Mas eu nunca antes tivera a sensação peculiar de querer tanto saber e depois nunca querer saber o que outra pessoa pensava de você.

Ser próxima de Sissy havia me servido bem; gostavam de mim porque gostavam dela, eu absorvia um tanto do brilho dela e o passava como se fosse meu. Em geral, pensei, eu não era muito conhecida.

No jantar, Molly uma vez me provocara por eu ser muito séria. Quando eu dissera alguma coisa engraçada na Sala de Estudos, o grupo de garotas com as quais Sissy e eu estávamos sentadas riu e se entreolharam, um pouco perplexas, por perceberem que eu tinha senso de humor. Agora o Sr. Holmes me dissera que eu escapulia. Quem mais agia assim? Animais, criminosos.

Será que Leona e Jettie estavam zombando de mim por eu ser muito séria? Será que elas pensavam que eu era orgulhosa?

Durante o treino, Leona me cortou, duas vezes. E então fiz uma coisa estranha: trotei com Naari diretamente na frente de King, passando tão perto deles que o cavalo deixou um rastro de saliva na minha bota. Limpei depois, ainda surpresa.

Era incomum duas garotas do terceiro ano serem as melhores. E deve ter sido ainda mais

incomum que Leona tivesse sido a melhor no ano anterior, estando no segundo ano. Além de mim, havia Gates e Leona, e as demais garotas de nossa turma eram veteranas. E embora Gates fosse uma amazona elegante, era muito inquieta, calculista demais em cima de um cavalo para ser excelente.

Mas agora eu queria fazer parte da história de Yonahlossee. Eu queria ser admirada, queria minha fotografia pendurada na parede do lado de fora do escritório do Sr. Holmes. Queria que ele passasse por mim uma dúzia de vezes por dia, sempre que entrasse ou saísse. Queria que as pessoas me vissem e pensassem que eu era bonita, sim, mas que era mais do que bonita: que eu era boa em alguma coisa de uma maneira como poucas pessoas eram boas em algo na vida.

Era muito para se querer? Era muito querê-lo? Sim e sim. No fundo da mente, sempre me pairava o pensamento desagradável de que eu seria mais feliz se não quisesse tanto.

— Quando vamos para Gainesville? — perguntei a mamãe, enquanto estávamos desfazendo minha cama.

— Não sei. Vamos arrumar um pouco mais rápido, hein?

Puxei os lençóis de mamãe e os joguei no chão, adicionando-os à pilha dos sujos.

— Tudo bem — eu disse —, mas você acha que iremos logo?

Mamãe olhou para mim, mas pareceu distraída.

— Talvez Georgie possa vir aqui?

Ela abriu um lençol, o enfiou embaixo do queixo e alisou as rugas com a palma da mão. Tudo em um só movimento — ela era tão hábil nessas tarefas que podia dobrar uma blusa complicada em um segundo, passar uma camisa de meu pai em menos de um minuto. Não víamos a família de Georgie fazia três semanas, quase um mês. Eu entendia que havia uma razão para não nos vermos por tanto tempo; mamãe tinha esclarecido essa razão para Sam. Mas eu queria ver meu primo. Queria muito vê-lo.

— Por que Idella não está fazendo isso?

Eu tinha certo rancor de ver as mãos rápidas e hábeis de minha mãe, alisando apressadamente minha cama, minha cama particular, enfiando nos cantos e tirando fiapos, poeiras invisíveis, ou algo do tipo.

Ela me ignorou.

— Aí está, muito bem.

— Papai vai jantar conosco hoje?

Ela se virou, tirando a atenção das cortinas, as quais estava balançando — partículas de poeira brilhante ficaram suspensas no ar.

— Também não sei.

— Acho que ninguém quer nos ver.

Ela se virou novamente para as cortinas.

— O que quer dizer?

— Estou me sentindo sozinha.

Ela se sentou a meu lado; o hálito cheirava a café e a pasta dental de lavanda que costumava usar. Olhou em volta do quarto, depois finalmente falou:

— Essa casa encanta as pessoas. Sempre achei isso. Ela é tão linda. É tão... adorável. Você nunca mais vai viver em um lugar assim, Thea. Você devia amar essa casa.

— Eu amo — disse.

— Um dia você vai conhecer um homem, apaixonar-se por ele e querer ir para onde ele for — continuou ela, como se estivesse lendo em voz alta um conto de fadas, como se mal estivesse me escutando. — E você terá que construir um novo lar.

— Mamãe!

Agarrei meu cabelo. Eu detestava quando ela fazia isso, mudava o que você havia falado que queria. Pensei nas mãos grossas e fortes de meu primo. *Aquilo* era o que eu queria. Não um marido. Mas ela prosseguiu, como se estivesse em transe.

— Você vai encontrar um marido, Thea.

Mamãe se levantou, e vi os pés de galinha que emolduravam seus olhos, as linhas de preocupação que enrugavam sua testa. Não falei nada. Não dei qualquer informação a ela.

— E você terá que ter cuidado para escolher o homem certo. Vai parecer divertido, como um jogo, mas não é. Não é mesmo.

— Foi assim para você? — perguntei. — Indivertido?

Ela sorriu e balançou a cabeça.

— *Indivertido* não é uma palavra, Thea. Foi bom para mim: olhe o resultado.

Ela gesticulou mostrando o quarto em volta e parou em mim, como se dissesse “Você, você é o que eu tenho”. O que eu suponho que era.

* * *

Mas então a família de Georgie veio, logo na semana seguinte. Mamãe nos deu a notícia no café da manhã, como se fosse algo banal. E talvez fosse. O dinheiro que tio George havia pedido emprestado havia resolvido o que quer que precisasse ser resolvido, como uma massa, como o feno que eu enfiava em uma rachadura na parede da cocheira.

Trocamos cumprimentos no portão da frente — eles me beijaram, soltaram exclamações.

— Clima perfeito — anunciou mamãe.

O clima estava perfeito, o finzinho de primavera antes do calor enlouquecedor do verão. Mas mamãe achava maçante conversar sobre o clima. Ela estava tentando ser animada, eu vi, tentando distrair.

Mantive os olhos longe de Georgie enquanto falava com meus tios.

Os adultos nos deixaram e então ficamos só nós três, como normalmente acontecia. Passei a mão no traseiro para ter certeza de que não tinha sangrado além da roupa, um movimento tão praticado que era inconsciente. Eu não estava menstruada no momento, mas meu ciclo menstrual não era regular, como mamãe dissera, e então podia começar a qualquer momento, na verdade. Fiquei imaginando se as outras mães se mantinham tão atualizadas sobre os corpos das filhas.

— Vamos lá para fora — começou Sam. — Vou trazer minha tenda, e Idella embrulha o almoço para nós e...

Enquanto Sam explicava seu plano, encontrei o olhar de Georgie pela primeira vez. Ele encontrou o meu, devo acrescentar. Procurei um vislumbre de algo.

Tive uma sensação quase louca de desejo. Será que eu podia chamar assim? Lascívia. Um desejo ardente específico. Eu não sabia como isso seria.

— Sam — disse Georgie, desviando o olhar —, não. Hoje não farei nada disso. Vou ficar aqui dentro e fazer meu dever de casa.

A voz do Georgie estava cruelmente casual. Por um instante, me arrependi de tudo; eu queria que Georgie fosse gentil, não queria que Sam se magoasse, queria que tudo fosse da maneira como sempre fora.

— Por quê? — perguntou meu irmão, arrasado.

Ele olhou para mim, depois para Georgie, como se estivesse tentando juntar as peças. Mas eu não queria ser uma peça do seu quebra-cabeça. De repente, fiquei furiosa com Georgie. Ele não devia instigar Sam. Não devia tentar fazê-lo imaginar coisas.

Nós dois esperamos que Georgie falasse. Eu não queria dizer nada; falar seria escolher um lado, e que lado eu escolheria? Olhei para Sam, seu cabelo castanho-avermelhado recém-cortado pela mamãe. Depois para Georgie, que fitava Sam calmamente.

— Por quê? — disse Georgie, imitando Sam. Meu estômago se revirou, de verdade, uma sacudida sob minha pele. — Porque não quero brincar de acampar, não quero brincar de nada, hoje.

— Georgie! — repreendi, e ambos olharam para mim, meu irmão e meu primo. Balancei a cabeça. — Bem... eu vou com você, Sam. — Fiquei de pé.

Sam negou com um gesto de cabeça. Era tarde demais.

— Não — disse ele —, eu vou sozinho.

— Thea — chamou Georgie, depois que Sam entrou, mas eu estava tão zangada que me sentia enjoada.

— Por que você fez aquilo? — perguntei. — Por quê?

Ele começou a responder, mas eu não queria escutar. Deslizei para dentro de casa, silenciosamente, no caso de os adultos estarem por perto; eu tinha a intenção de seguir Sam, mas ele já havia desaparecido. Eu podia tê-lo encontrado se quisesse, eu sabia todos os lugares prováveis aonde ele iria. Mas se ele não queria ser encontrado, não havia sentido em procurar.

* * *

Beberiquei o champanhe de mamãe enquanto os adultos conversavam. O tio George dissera que eram quatro da tarde, hora de coquetel em algum lugar. A irmã da tia Carrie estava passando por um período ruim; a outra irmã havia reagido à morte da mãe melhor do que qualquer um previra. Não era sempre uma surpresa, mamãe perguntava, como cada pessoa agia depois de perder alguém?

— Onde estão os rapazes? — perguntou o tio George.

— Lá atrás, acho — respondi, apesar de não saber.

Os dois haviam desaparecido depois da briga da manhã.

— Caçando — disse papai.

Ele fitava o copo, segurando-o com as duas mãos, como se fosse uma criança.

— Mutilando os inocentes e indefesos — disse o tio George, e depois pousou a tampa do decantador de vidro que ele segurava em cima da mesa de centro de mogno, aquela que era particularmente difícil de manter sem manchas.

A superfície da mesa tinha sido polida e lustrada até que se pudesse ver um reflexo embaçado de si mesmo na madeira avermelhada. Não era isso que papai quisera dizer. Ele quisera dizer que eles estavam caçando animais para os terrários de Sam, não caçando animais para matar. Mas eles não estavam fazendo nem uma coisa nem outra.

— Opa — murmurou o tio George, e derramou um pouco de uísque no tapete.

Mamãe se mexeu para ajudar, mas ele a afastou com um gesto. Ele foi rápido com o guardanapo, secou o álcool derramado em vez de esfregar, o que mancharia as cores.

— O senhor é bom nisso — eu disse.

— Thea — repreendeu papai ríspidamente.

Virei o rosto. Eu não era eu mesma naquele momento, e era difícil ser gentil com o tio

George, tão parecido com o filho dele. Não achava que isso era possível, mas, em algum lugar no fundo da minha cabeça, uma ideia me assombrava: Georgie iria encontrar Sam, contar-lhe sobre nós, e tudo terminaria.

Tio George riu.

— Tudo bem. Acho que vou me servir de outro enquanto estou aqui. — Serviu-se em um copo limpo.

Ficamos todos em silêncio por um momento. Meu pai fitava sua bebida. Mamãe observava o tapete; eu sabia que o que ela mais queria no mundo era poder limpá-lo apropriadamente. Eu conhecia bem a ideia de autopreservação, por causa de Sam e seus animais. Georgie não contaria, porque contar significaria algo ruim para ele também.

— Thea — disse o tio George, e o copo do meu pai tremeu quando seu irmão falou. — Thea, você está ficando incrivelmente bonita.

— Obrigada.

— Ela parece exatamente com a mãe com essa idade. Está a cara dela. Você não concorda? Meu pai olhou para mim brevemente e deu de ombros.

— Não, não tenho como saber. Eu não conhecia Elizabeth nessa idade, está lembrado? Nem você.

— Ela parece — confirmou minha mãe, e tocou a ponta da minha trança. Eu sabia que ela estava tentando distrair meu pai, mas não queria que ela me tocasse. E, além disso, não me parecia com ela. Nunca seria bonita como ela. O que não importava... o que ela tinha conseguido com isso? Uma casa no meio do nada. — Meu cabelo, principalmente. Ela tem a testa do Felix.

Papai sorriu, como se fosse uma piada interna.

— É interessante — continuou ela — olhar para fotografias e ver como você muda ano após ano.

— É? — perguntou a tia Carrie. — Eu sempre pensei que olhar fotografias minhas fosse um exercício de vaidade. E monótono, além do mais.

Olhei para a tia Carrie, chocada. Eu nunca a ouvira falar com minha mãe daquela maneira.

Mamãe franziu o cenho e olhou para a borda da taça de champanhe como se fosse a coisa mais interessante do mundo. Ela estava quase chorando. A tia Carrie fitava atentamente a lareira, vazia, limpa, e os homens não faziam nada.

Meu pai rompeu o silêncio.

— Você é bem bonita, Thea — disse ele. — Uma garota bonita e inteligente.

— Tem o mundo inteiro aos pés dela — acrescentou o tio George, a voz dele se elevando novamente, ansioso para ajudar o irmão a reduzir a atmosfera pesada que havia se instalado na sala.

— Aposto que você vai ter vinte pretendentes no ano que vem — continuou o tio George. — Trinta.

— Acho que não — disse meu pai, rindo. — Não em minha casa.

— Não quero nenhum pretendente — protestei.

— Isso vai mudar — disse a tia Carrie. A voz dela estava estranha. Fiquei pensando o quanto ela tinha bebido.

— Vai sim! — confirmou o tio George. — Claro.

Ouvi uma batida distante na porta de tela.

Sam entrou primeiro. Caminhou até a mesa de centro e pegou um punhado de biscoitos de queijo, depois sacudiu a ponta da minha trança, e o alívio que senti — parecia uma nova chance.

— Um de cada vez — disse mamãe, e Sam balançou a cabeça, concordando, mas continuou se entupindo de biscoitos.

Georgie entrou, encontrou meu olhar e sorriu, depois se sentou ao lado de Sam — aos seus pés, porque não havia outra cadeira — e continuaram a conversa que haviam começado em algum outro lugar, a respeito de uma piscina natural em Gainesville. E então os adultos começaram a própria conversa, sobre nada, sobre tudo, e fiquei tão contente por Georgie não ter contado que tive vontade de chorar.

Mas a qualidade da conversa dos adultos havia terminado; eles soavam tensos, distraídos. Percebi que, enquanto Georgie fingia ouvir meu irmão, a atenção dele estava em outro lugar. Ele observava os adultos, com muito cuidado. Ele me pegou encarando-o, e sorriu de uma maneira que me arrepiou. Algo na maneira como ele havia voltado sua atenção, dos adultos para mim, como se estivéssemos conectados.

Entendi então que minha família nunca poderia saber do meu segredo. O dinheiro, dinheiro colocado onde não deveria estar, quase nos havia arruinado. Entendi que o amor, colocado onde não deveria estar, seria bem pior. Não, eles simplesmente não podiam saber. Mas isso não significava que eu iria parar.

* * *

Depois de eu ter ficado deitada por cima das cobertas por uma hora, todo o restante da casa dormindo, depois que parei de me sentir impaciente e entrei em desespero, minha porta abriu, e Georgie fez um sinal para que eu o seguisse. Ele estava usando suas roupas normais, por imprudência; meu irmão teria percebido. Felizmente, as escadas estavam silenciosas. Os restos de uma torta de limão haviam sido transportados da sala de jantar para a mesa da cozinha, agora uma confusão grotesca e grudenta.

Ele quase deixou a porta de tela bater, e senti um lampejo de raiva. Eu a segurei e a fechei com cuidado.

Uma neblina havia caído e tornou o mundo lá fora impenetrável. Eu diminuí o passo, andei com mais cautela; Georgie abriu o caminho à frente, quase desaparecendo no branco.

Nós dois estávamos descalços, e enquanto andávamos em direção à cocheira, sem ver um palmo à frente, tive um pouco de medo de pisar em alguma coisa pontuda. Mas não era medo suficiente para voltar e pegar meus sapatos, ou para ter feito uma pausa quando estávamos saindo da casa e os calçado. Não com medo suficiente para fazer Georgie esperar.

Ele entrava e saía da neblina, em lampejos; eu via uma mão, um cotovelo, depois mais nada. Ele era um estranho para mim, era assim que eu podia fazer isso, me comportar como uma garota que iria envergonhar sua família tão facilmente.

Quando alcançamos a cocheira, fui primeiro até Sasi. Antes que meu cérebro se alinhasse a meu coração, pensei que ele não estivesse lá. Mas depois vi que ele estava deitado, dormindo, as pernas finas e cobertas de nós dobradas cuidadosamente embaixo dele.

— Thea?

Virei-me e coloquei o dedo nos lábios, mas Sasi já tinha se levantado, ilustrando em um

segundo como o corpo de um cavalo tinha habilidades improváveis, como suas pernas eram delicadas e inadequadas.

— Por que você fez aquilo? — perguntei.

— Fiz o quê?

— Não se faça de bobo.

Coloquei a mão espalmada contra o peito dele, e pude sentir seu coração batendo contra o osso, seu sangue.

— Ah, aquilo. — Ele tocou meu dedo. Fiquei pensando se ele também podia sentir o próprio coração, por meio da minha mão. — Ele é tão criança, às vezes. — Comecei a falar e ele tocou meus lábios, depois colocou o dedo dentro da minha boca. Tinha sabor de terra, e eu gostei. — Vou ser legal com ele, não se preocupe.

E eu não me preocupava. Tinha outras coisas para pensar, agora. Sasi inclinou as orelhas na nossa direção, curioso, e então Georgie estava beijando meu pescoço, depois lambendo-o, e houve um ronco nos meus ouvidos, e ele passeou por meus seios com as mãos grossas, e o ronco cessou, se transformou em um ruído distante. Georgie passou os dedos pelos meus cabelos, ternamente, e pensei na minha mãe, que era a única pessoa que fazia aquilo.

— Você é sem dúvida... — disse ele, e então parou, e abriu o botão de cima da minha camisola e enfiou a mão ali — ... muito bonita.

Ele me guiou para uma baia, abriu a fechadura e me empurrou para dentro. Havia uma manta da minha casa já dobrada em cima do chão de terra batida; uma manta boa, das pilhas de mamãe.

Aponte para a manta.

— Não deixe isso aqui. Mamãe vai perceber.

Ele balançou a cabeça e trancou novamente a fechadura da baia, o som familiar de metal contra metal. Virou-se para mim, sua ereção empurrando as calças, como um tumor, uma protuberância. Ele me encostou em um canto e pressionou a virilha contra mim. As calças dele eram grossas, de lã — calças de inverno. Minha camisola era de algodão fino. Eu sentia tudo, as sensações dele estavam embotadas. Fechei os olhos e desabotei as calças de Georgie na segunda tentativa, coloquei a mão dentro e fiquei surpresa novamente como seu pênis era macio e tenro.

Houve pequenos lampejos de onde meu cérebro deve ter estado, como se ele tivesse retrocedido para isso. Estávamos em cima da manta, Georgie em cima de mim, minha camisola levantada até a cintura, e o pênis de Georgie estava me tocando, escorregadio, porque eu estava molhada e ele havia aberto minhas pernas e colocado o pênis em minha pele molhada. Então o pênis pareceu muito grande entre minhas pernas, quase doloroso, e eu não queria que isso acontecesse, não ainda, não dessa maneira, então eu o virei com um movimento suave, e ele ficou surpreso. Também fiquei surpresa, mas envolvi a coxa dele com as pernas e fiquei me mexendo enquanto também mexia a mão rápido no seu pênis. Tentei imprimir o mesmo ritmo nas pernas e nas mãos, e eu não conseguia acertar direito o ritmo, eu estava fazendo duas coisas de uma vez e nenhuma estava certa. Então me mexi mais rápido, e a dor intensa entre minhas pernas cessou brevemente antes de explodir, e então eu parei de tocar Georgie completamente por um segundo. Eu podia ver mais claramente agora, podia ver que Georgie estava me observando, as mãos dobradas embaixo da cabeça, como se ele estivesse olhando o céu em um

dia claro. Sorri para ele. Comecei novamente de onde tinha parado.

Eu me lembro de me sentir muito adulta, pela primeira vez na vida.

* * *

Cheguei de um jogo de golfe com Georgie e Sam por volta da hora do almoço e encontrei mamãe, que estivera no andar de cima a manhã toda. O tio George tinha saído com o papai, mas a tia Carrie estava afastada nessa visita.

Mamãe sorriu para mim e voltou ao jornal, os óculos que usava quando lia letras pequenas deslizando pelo nariz. Peguei três sanduíches do prato que Idella deixara na mesa.

— Você não vai montar hoje?

— Estamos jogando golfe — disse, e mamãe concordou lentamente. Eu não queria contar a ela que minha menstruação havia descido essa manhã. Era um assunto particular. — Não somos muito bons — acrescentei.

Ela esticou o braço para baixo da mesa; eu não sabia o que ela estava fazendo até que notei que seu braço agora tinha uma manta pendurada.

— Isso estava lá fora — disse ela e empurrou os óculos para cima.

Ela detestava usá-los, mas papai disse que ela estragaria os olhos se não o fizesse.

— É?

— Na cocheira. Talvez Sam e Georgie estivessem usando, para a caçada. Não foi você, foi? Sam devia saber que não é para usar mantas boas. Esta é uma antiga manta de carruagem, é mais velha do que vocês, você e Sam juntos.

Concordei com um gesto da cabeça, e depois que dei os sanduíches a Sam e Georgie, fui para a frente de casa, murmurei algo sobre a correspondência e me sentei nos degraus. Olhei para a estrada que só era usada duas vezes por dia: quando meu pai saía e quando ele voltava. Eu tinha sido estúpida. Garota idiota, idiota. Fiquei desesperada. É assim a sensação de desespero, sussurrei para mim mesma. Pare.

Se Sam suspeitasse, se ele não mais pudesse manter o segredo e confidenciasse à mamãe, se, deixando Sam fora disso, mamãe tivesse visto algo por contra própria, observando através de uma das centenas, milhares de janelas que essa casa ostentava — nós não economizamos quando se trata de vidro, papai dissera, a sua mãe adora luz —, se ela tivesse avistado meu mundo com Georgie, e se naquele momento naquele mundo ele tivesse tocado meu rosto, me beijado, mordido meu polegar... se, se, se.

Na vez seguinte em que o vi foi a mesma coisa: ele mandou Decca se afastar e aceitou um drinque de Emmy. Ficamos sentados por um momento antes que ele falasse.

— As garotas estão começando a pleitear uma vaga para o ano que vem.

— É um processo rigoroso?

— Pode ser. — Ele sorriu.

— Nós somos escolhidas a dedo entre milhares?

— Você não foi — disse ele —, mas é verdade, existe certa escolha a ser feita.

Ouvimos as severas advertências de Emmy e as risadas histéricas de Decca vindo do andar de cima. Frequentemente a menina agia assim durante as tardes, como um cavalo que havia sido confinado na baía durante dias. Alguns minutos depois ouvi a porta da frente abrir e fechar. Pela janela vislumbrei a figura de Emmy levando Decca através da Praça.

O Sr. Holmes estava em sua cadeira de couro, eu estava no sofá, a quase um metro de distância.

— Como é feita a escolha? — Coloquei a mão no sofá, como se quisesse diminuir a distância entre nós.

— Conexões familiares. Se sua irmã tiver frequentado Yonahlossee, ou sua prima. De que família você vem. Tentamos manter certa paridade entre os estados. Embora St. Louis seja o local mais ao norte do qual já tivemos garotas. E então, depois de tudo isso, acho que observamos a garota propriamente dita. O que os pais dela querem que ela obtenha ao vir para cá.

— O que os pais dela querem — repeti.

— Exatamente. Eles escrevem a carta, respondem às perguntas no formulário de admissão. Em geral, o pai faz isso. Você achou que seria de outra maneira?

Permaneci em silêncio.

— Ter alguém tomando todas as decisões para você é uma maldição. Mas acho que você conhece bem a situação.

Ele tinha entendido exatamente o que eu queria saber; ele articulara o que eu imaginava melhor do que eu faria. Mas parecia distante hoje.

— Não costumava ser assim, para mim. — Sorri com minhas próprias palavras; por que eu estaria defendendo meu pai? Mas o Sr. Holmes me olhava com expectativa, então, continuei. — Nunca senti isso, que tudo era decidido para mim, até que me mandaram para cá.

— Para cá — repetiu ele e parecia perdido em seus pensamentos.

— O senhor gosta? — perguntei. Eu estava perdendo a atenção dele.

— Gosto — respondeu depois de um tempo. — Eu gosto, afinal. O que digo para mim mesmo é que o mundo está mudando rapidamente, que a educação das mulheres está se tornando crucial. Mas, na verdade, eu caí neste cargo, e é uma vida bastante agradável, um lugar bastante agradável para as meninas. Apesar de eu pensar, na maior parte do tempo, que deveria estar lendo um livro. — Ele fechou os olhos e esfregou as têmporas. — Quando você é jovem, não pensa que as coisas vão simplesmente acontecer em sua vida — disse ele, levantando a cabeça e olhando para mim —, e é exatamente assim.

Levantei-me e fui até ele, rapidamente, de modo a que eu não me convencesse a parar.

Sentei-me a seu lado, no pequeno espaço que a cadeira permitia. E o que me impeliu a fazer o que fiz em seguida? Se eu tivesse me afastado, ou se simplesmente não tivesse feito nada — bem, tenho certeza de que o Sr. Holmes não teria tocado em mim. Ele havia me tocado, sim, da última vez, mas hoje parecia que não faria isso; hoje parecia que iríamos apagar os pecados de ontem. E eu não queria que eles fossem apagados; se ele apagasse a maneira como tinha me tocado — bem, ele apagaria a mim, Thea, o seu breve interesse que eu havia conseguido com tanto esforço. E assim, pousei a mão no joelho dele, e virei o rosto para o casaco dele.

Ele não se afastou. O prazer daquele momento foi tão intenso que parecia quase insuportável, um presente generoso demais. No início, ele estava tenso, mas depois senti que relaxou. Se uma garota do acampamento entrasse e nos visse, ficaria chocada, por um breve instante, mas depois pensaria que o Sr. Holmes estava me confortando; que eu tinha ficado aborrecida, que nosso diretor me oferecia seu consolo.

Ou talvez eu estivesse me enganando. Talvez ela compreendesse exatamente o que estaria vendo.

— É um local bonito.

— É verdade, Thea. — Ele colocou a palma da mão na minha face. A voz dele tremia. — Não podemos — disse.

— Está tudo bem — murmurei colada à camisa dele. Eu estava certa ao adivinhar seus pensamentos.

Ele se pôs de pé, e baixou o olhar para mim.

— Você me trouxe conforto. Não sei por quê. Não deveria ser assim. Sabe como está tudo péssimo lá fora? — Ele tinha uma expressão dolorida. — Este lugar aqui corre o risco de fechar, Thea. Vamos torcer para que a Sra. Holmes consiga fazer mágica na viagem dela, mas estamos pedindo às pessoas um dinheiro que elas não têm ou que querem guardar. — Ele balançou a cabeça. — Mas vamos torcer para que não seja verdade, vamos torcer para que este seja apenas o pior ano de nossas vidas. E você tem sorte, já que o pior ano veio tão cedo. Você não tem nada pela frente a não ser anos cheios de esperança.

Eu ri, e depois me levantei para ficarmos um de frente para o outro, o Sr. Holmes e eu. Ele levantou uma mão e pensei que poderia me tocar, mas então ele afastou um cabelo da testa, e vi que a mão dele tremia, e fiquei emocionada, fiquei desconcertada, fiquei em êxtase: a mão dele tremia por minha causa.

— Por que você está rindo, Thea? — perguntou ele suavemente. — A vida de todo mundo está ruindo. O que você quer? Eu sei o que eu quero, aqui e agora. Se as coisas não estivessem tão ruins lá fora, talvez eu quisesse menos. Mas o desespero leva os homens a cometer ações desesperadas. Não é assim? Diga-me que é assim.

Em vez de responder, eu o beijei. Mesmo naquele momento fiquei chocada com minha ousadia, mas grata por isso, também. Ele era tão melhor do que Georgie, tão firme e delicado. Georgie às vezes era bruto. O Sr. Holmes continuou de pé, olhou para mim, e deu um passo para trás, e não consegui saber se ele estava se afastando de mim ou me pedindo para segui-lo.

— Leve-me para algum lugar — sussurrei.

Ele me fitou por um momento, e depois virou a cabeça e olhou pela janela, e percebi que estava decidindo o que fazer.

— Aonde você gostaria de ir? — A voz dele era solene.

Se não respondi foi porque a pergunta não parecia exigir uma resposta. Porque eu sabia exatamente aonde eu queria ir. Com ele, a qualquer lugar.

No final, após uma centena de segundos, ou duas centenas, ele me guiou para cima, para a biblioteca. Ele se movia rápido, quase desajeitado, como se estivesse surpreso com o curso dos eventos da tarde. Fechou a porta atrás de nós e passou os olhos em todos os livros enfileirados nas paredes antes de me deitar sobre o sofá. Ele me puxou na sua direção e a maneira como a mão dele pousou em minhas costas quase me fez desmanchar; soltei um gemido, e ele me beijou. No final, ele se deitou por cima de mim. Beijou minha boca, meu rosto, meu pescoço. Eu nunca tinha sido beijada daquela maneira. Senti-me indefesa, meus braços presos do lado pelo peso do corpo dele, mas indefesa de um jeito adorável.

O Sr. Holmes oferecia conforto. Mas eu oferecia o mesmo. Nós nos confortávamos mutuamente.

* * *

Leona me pegou saindo da Casa do Diretor, no caminho para a Casa Augusta. Tentei ignorá-la, mas ela não queria ser ignorada hoje.

— O tempo está mudando — disse, e deslizou para perto de mim. Eu não emiti uma palavra.
— Vou fazer uma visita a King. — Ela disse quando estávamos quase chegando ao alojamento.
— Quer vir?

Todas as outras garotas desapareceram em seus alojamentos. Eu só estava vestindo um suéter leve, e agora eu o abotoava para me proteger contra o frio. Uma tempestade se insinuou o dia inteiro, mas não se cumprira; um desses dias que parecem uma ameaça.

Eu ainda conseguia sentir todo o peso do Sr. Holmes em cima de mim, mesmo enquanto atravessávamos a Praça, mesmo enquanto eu ficava parada ali, decidindo o que dizer para Leona; como se agora eu carregasse algum vestígio do que nós tínhamos acabado de fazer. Eu me sentia transformada.

— Por quê? — perguntei.

— Por quê? Só pensei que você podia gostar. Só pensei...

— Pare. Pensei que ao menos você, entre todas as pessoas, não teria tolerância para artifícios. Então, pare, por favor.

Algo mudou na postura de Leona.

— Está bem — disse ela, friamente.

Ela observou um grupo de garotas que passeava. Que ela pudesse agir de maneira tão despreocupada enquanto discutíamos me deixava furiosa. Novamente senti o impulso de tocá-la, de magoá-la.

Ela inclinou a cabeça.

— Imagino que você tenha andado ocupada — disse ela — com outros assuntos. Você é uma garota tão ocupada, Thea. — Fez uma pausa, e eu sabia que ela ia dizer algo horrível sobre mim agora, o motivo pelo qual ela tinha se esgueirado para perto de mim, afinal de contas. — Por que mesmo que mandaram você para cá?

Fiquei imóvel, sem palavras, apalermada, consciente de como eu devia parecer impotente.

Avistei Sissy descendo a escada do Castelo, e caminhei, quase corri, afastando-me de Leona

e indo na direção de Sissy. Ela tinha me aniquilado. Leona gritou:

— Mas eu me esqueci. Você não é mais uma garota. Você é bem adulta agora, não é? Tem passado tanto tempo com os adultos ultimamente...

Você não vai nos deixar em breve? Estava na ponta da minha língua para gritar. Mas não conseguí. Parecia maldoso demais, até para mim.

Observamos Leona se afastar, desaparecer no bosque.

— Vai ver King — murmurei.

— Você soube? — perguntou Sissy.

— Soube o quê? — Pensei que ela ia me contar que a Sra. Holmes estava prestes a retornar.

— A respeito da Leona.

— Não. — Fiquei aliviada. Ainda teria mais tempo.

— Ela vai embora até o início do verão. E quando ela for, King vai ficar aqui.

— Ah, não.

Fiquei horrorizada. Ter que deixar o cavalo quando ela não tinha feito nada de errado. Fui obrigada a deixar Sasi para trás, mas de qualquer maneira eu já estava grande demais para ele. E, mesmo assim, eu tinha me sentido péssima. Porém, uma pequena parte de mim se encheu de satisfação com a desgraça de Leona. Ela era tão medonha; talvez esse fosse o motivo por que coisas medonhas acontecessem a ela.

— Isso é horrível — eu disse, já que Sissy parecia esperar que eu falasse mais alguma coisa.

— Não tão horrível como tudo o que aconteceu com a família dela — disse Sissy, e me olhou curiosa, e apesar de não concordar, não respondi.

Isso era a pior coisa que poderia acontecer com Leona, obviamente.

* * *

Na vez seguinte em que encontrei o Sr. Holmes ele me levou novamente para a biblioteca, e fechou a porta, e eu tentei agarrá-lo, mas ele interrompeu meu gesto no ar. Mesmo aquilo, a mão dele na minha, causava uma sensação emocionante.

Eu sabia o que ele estava fazendo, a maneira como segurava minha mão, como se interrompesse uma criança. Ele estava perguntando se eu queria parar. Mas eu não queria parar.

— Emmy saiu? — perguntei.

— Saiu — repetiu ele. — Com Decca.

Eu o beijei, então, e a ideia de que nós íamos parar, de que nós não nos tocaríamos novamente, desapareceu, uma nuvem de fumaça.

Ele beijou meu pescoço, e desabotoou o primeiro botão da minha blusa. A mão dele tremia, e eu toquei nela.

— Você é tão adorável, Thea — disse ele, a voz melodiosa, trêmula.

Levou minha mão até a face dele, e a manteve ali por um momento enquanto me fitava, e nunca me senti tão observada, tão cuidadosamente examinada.

Puxei minha mão e comecei a desabotoar a blusa, comecei o processo em que eu ia me revelar para ele, e o momento pareceu tão doce, completamente diferente de tudo o que eu já sentira antes. O Sr. Holmes tocou meus seios, e depois me puxou ao encontro dele e escorregou para o chão de modo a se ajoelhar na minha frente.

O mundo hoje estava escuro, invernos, o tipo de dia que nunca tínhamos na Flórida. Eu só conseguia ver as montanhas pela janela dele, o restante do acampamento estava abaixo da minha linha de visão.

— Thea — disse ele e pegou minhas mãos nas dele —, você quer mesmo isso?

E a voz dele estava tão terna, tão suave... Eu queria dar prazer a ele; eu queria que ele me desse prazer.

Confirmei com a cabeça.

— Quero — respondi e quase não confiei em minha própria voz. — Quero.

Ele colocou a mão por baixo de minha saia e a deslizou pela minha coxa até atingir a beirada da minha calcinha.

— Tire isso — murmurou ele, e deixei que ele puxasse primeiro a minha meia-calça, depois minha calcinha.

Eu me sentia relaxada, sonolenta, mas não cansada. Ele acariciou a parte interna de minha coxa.

Coloquei as mãos nos ombros dele para me estabilizar, e ele levantou o olhar para mim, e vi que tudo iria acontecer com muita velocidade para nós dois, agora.

— Abra as pernas.

Obedeci. Ele enfiou um dedo dentro de mim, e me retesei.

— Dói?

Neguei com um gesto de cabeça.

— Aqui — disse ele, e me puxou para baixo, para perto dele, no tapete. Ele se deitou a meu lado e abriu as calças. Colocou o dedo dentro de mim novamente, depois outro, e empurrou minha saia para cima.

— Isso — disse. — Consigo ver você. Você é tão... — E acariciou minha testa. A voz dele era tão suave, tão relaxada.

— Linda.

Ele sorriu.

— Você agora vai elogiar a si mesma? Eu ia dizer outra coisa. Você é tão...

Esperei. Ele empurrou os dedos mais forte dentro de mim, e era um prazer tão estranho que eu adorei.

— Excepcional — disse ele. — Linda, também, mas existem tantas moças lindas. Seja algo além de linda, Thea.

— Está bem — falei. — Vou tentar.

Ele tirou o sexo para fora e o toquei, mas ele negou com um aceno de cabeça.

— Não, apenas fique deitada assim. Fique deitada assim.

— E seja excepcional.

— Isso.

Ele mantinha os dedos em mim enquanto se tocava e me olhava até que gozou, e então pareceu que ele sentia uma enorme dor de repente, fechou os olhos e disse um palavrão.

Ficamos deitados no tapete juntos, depois de tudo.

— Posso fazer uma pergunta?

— Nada muito complicado, por favor — disse o Sr. Holmes.

Ele afagou a minha mão. Sorri. Tudo estava tão fácil agora. Se eu pudesse ficar deitada aqui

para sempre, fechar a porta para minha vida e tudo o que ela continha, eu faria isso. Naquele momento, certamente faria isso.

— Thea? — A voz dele era suave.

— Sr. Holmes...

— Jesus Cristo. Por favor, me chame de Henry. Eu suplico.

Virei o rosto para ele e o encarei. Ele colocou a palma da mão sobre o meu tórax.

— Tão forte.

— Sabia que a Sra. Holmes conhecia minha mãe?

— Sabia.

Achei que ele fosse ficar tenso — raramente ele falava da Sra. Holmes —, mas não ficou.

— Você acha que algum dia vai deixar esse lugar?

Ele ficou em silêncio por um bom tempo.

Finalmente eu disse:

— Desculpe. Eu nunca...

— Não, está tudo bem. De certa forma. Se algum dia vou embora de Yonahlossee? É uma pergunta que faço a mim mesmo, claro. De certa forma gosto daqui. Quando eu era jovem, tudo o que queria era sair de Boston. Eu detestava a cidade. E então parti. — Ele parecia perdido em seus pensamentos.

— Para onde? — perguntei.

— Nova Orleans. E então acabei aqui. Pensei que o Sul fosse diferente. E era. Mas não o suficiente. — Ele se virou para mim. — Mas você nunca consegue realmente ir embora de casa, não é?

— Eu não queria ir embora — respondi. — Eu amava minha casa.

Ele levantou uma mecha dos meus cabelos e a examinou.

— Você tinha cabelos tão longos quando chegou aqui. E depois cortou, como o restante das moças. — Ele sorriu. — Você deve ter em mente que os pecados da juventude parecem muito distantes quando você não é mais jovem.

Eu não disse nada. Pensei em minha mãe, meu pai, meu irmão. Sasi. Meu primeiro pônei, antes de Sasi, que já morrera havia alguns anos.

— Ainda vê sua família? — perguntei.

Ele negou com a cabeça.

— Depois que meu pai morreu, Beth e eu nos encontramos com minha mãe na Filadélfia, quando Sarabeth era bebê. Mas desde então, não mais.

— O que o senhor fez?

Devo ter parecido afetada, porque ele se levantou apoiando no cotovelo e tocou minha face.

— Thea, Thea. Não fiz nada. Meus pais queriam que eu fosse um determinado tipo de pessoa, mas eu não era. Fui uma grande decepção. Mas... e levei anos para perceber isso... eles também foram uma grande decepção para mim. — Ele me observava. — Thea, não sei o que você fez, mas veio para cá para que sua família pudesse esquecer. Para que você pudesse esquecer, para que, quando você for embora daqui, o que aconteceu tenha desaparecido.

— Arruinei minha família.

— Duvido muito — disse ele, calmo. — Se sua família ficou arruinada, não foi por sua causa.

— Eles confiavam em mim.

— Quem?

— Meus pais, meu irmão.

— Seu irmão devia confiar em você, mas seus pais nunca confiaram. Os pais nunca confiam nos filhos. Não sei o que aconteceu exatamente, e você não precisa me contar. Acreditei durante muito tempo que eu havia envergonhado minha família. Mas é do interesse da família fazer com que um filho acredite nisso.

Ele falava com tranquilidade, mas também firmeza. Ele lecionava uma única matéria em Yonahlossee, um seminário de literatura avançada para as alunas do último ano. Fiquei pensando se era assim que ele explicava o comportamento dos personagens dos livros nas aulas. Parecia tão importante para ele que eu entendesse o que queria dizer.

Aquiesci, mas não disse nada.

— Você percebe mesmo? Você tem dezesseis anos. O que sua família pensa de você pode parecer a coisa mais importante. Mas não é. Eles têm os próprios interesses para proteger. Eu gostaria de ter sabido disso antes, o quanto uma família tem que proteger, como às vezes um filho interfere nisso.

— Agora o senhor sabe.

— Isso foi uma pergunta? Eu sei. Sim, eu sei. — Ele fez uma pausa. — Você tem um irmão, não é? Ele foi expulso também? — Mas nenhuma dessas frases era realmente uma pergunta.

— Também tenho um primo — eu disse.

— E onde ele está?

Fiz que não com a cabeça.

— Não sei — disse, afinal.

A luz por trás das cortinas estava enfraquecendo. O Sr. Holmes beijou minha testa e me abraçou com força.

— Então seu irmão está em casa. Seu primo está em algum lugar desconhecido. E você está aqui. Comigo. — Ele passou o dedo por meu lábio. — Eles fizeram uma troca, no seu caso, Thea. Eles mandaram você para cá e mantiveram seu irmão. — Comecei a falar, mas ele balançou a cabeça. — Não acredite neles — disse, suavemente. — Nunca acredite no que falam a respeito de você.

Peguei a mão dele e a coloquei entre minhas pernas, e ele me olhou com ar de dúvida, mas depois entendeu, e os dedos dele estavam frios no início. Ele sabia melhor do que Georgie o que fazer. Ele sabia como se apoiar no cotovelo, de modo a poder me observar. Ele movimentou os dedos vagarosamente, e não fiquei constrangida ou tímida ao olhar para ele, como geralmente acontecia.

— Você está bem molhada, Thea. E excepcional.

Havia algo no tom de voz dele que eu não conseguia definir.

— Mais rápido, por favor.

— Claro.

Toquei meus seios e fechei os olhos. Ele sabia como me guiar com muito cuidado por esse caminho; ele não faria rápido demais, ou devagar demais. Soltei um gemido, o que pude fazer porque a casa estava vazia. Eu me impulsionava contra a mão dele, e ele me empurrava para baixo, gentilmente. Meus olhos estavam fechados, mas eu conseguia ver assim mesmo — em rápidos lampejos, vi minha mãe, meu irmão, Sasi, e depois Georgie, Georgie, Georgie —, e a

mão dele desapareceu, tudo desapareceu, e só havia clarões brilhantes e o rosto do meu primo.

Abri os olhos e interrompi o movimento da mão dele. Ele me observava atentamente. Puxei a cabeça dele para meu peito, e ficamos deitados assim por um tempo, até que ouvi o sino tocar, e tentei manter gravado na mente o rosto de Georgie. Era a primeira vez em muito tempo que eu pensava nele e aquilo não me doía.

* * *

Então: eu sabia que tudo isso terminaria, eu sabia que a Sra. Holmes iria voltar para casa. Estávamos no final de fevereiro. Ela retornaria em meados de março. Mas eu sempre fora uma especialista em ignorar o inalterável. Às vezes, era como se Deus estivesse observando, como se Ele tivesse estreitado os olhos até conseguir enxergar Yonahlossee, abrigada no meio das montanhas. Eu tinha desejado uma coisa intensamente, e tinha conseguido, e conseguir só fazia melhorar.

O inverno estava prestes a sumir. Levantado, como uma segunda pele. Docey retirou nossos edredons dos pés das camas. Nossos cachecóis azuis e amarelos desapareceram dos armários, assim como os suéteres. Nós também meio que descongelamos; todo mundo parecia mais bonito, mais agradável, mais saudável no ar da primavera.

Eu passava as tardes na Casa do Diretor, e nossos dias começaram a parecer como anos. Começava a dar a impressão de que nos conhecíamos há muito tempo. O Sr. Holmes descamava Yonahlossee de uma maneira que Sissy não conseguia. Ela era uma das garotas, não tinha a mesma perspectiva dele. Ele me contou que o fato de Jettie beber era um problema conhecido, que a Sra. Holmes já a teria mandado embora anos antes se não fosse por Henny, que a convencera que manter Jettie era um dever cristão. Ele me contou que eles iam ficar com King em troca da mensalidade de Leona, que já não era paga há um ano. Ele me contou que o pai de Katherine Hayes não ia tão bem quanto Katherine achava, que o avô dela tinha interferido e pagado a mensalidade dela; que o tio havia se suicidado porque estava prestes a ser preso. Ele gostava das garotas de Kentucky porque elas eram as menos afetadas. Assim como as garotas da Flórida, ele dissera e sorria. Eu também gostava delas.

* * *

Voltei da aula de francês cedo porque não estava me sentindo bem. Minha barriga estava me dando problemas: cólicas, era aquela época do mês.

Docey estava esfregando o piso, as costas arqueadas. Estava cantarolando uma canção sem afinação, mas tinha certeza de que ela havia me ouvido. Esperei que se virasse, mostrasse que me vira, mas ela passava o esfregão de um lado para outro, no mesmo ponto. De costas, ela quase parecia uma de nós.

— Docey?

Só então ela se virou, mas não disse nada.

— Vou me deitar um pouquinho. — Parei antes de perguntar se por ela estava tudo bem.

Ela fez que sim com a cabeça e me observou enquanto eu tirava as botas e atravessava o chão úmido na ponta dos pés. Ela não se ofereceu para me ajudar. Minha meia-calça agora

estava molhada. Deitei de costas na cama e tirei a meia, surpresa com a sensação de minhas pernas nuas contra a manta. Fechei os olhos e fingi estar cochilando.

Ontem o Sr. Holmes estava melancólico, me disse que eu esqueceria este lugar. Mas não conseguia imaginar isso.

O hábito do Sr. Holmes cheirava a gim. Bagas de zimbros, ele me dissera, o perfume das sempre-vivas. Se nós dois tivéssemos nos casado e tirassem uma fotografia do casal, não formaríamos um par estranho. O Sr. Holmes tinha trinta e um anos. As mulheres se casavam com homens com o dobro da idade delas o tempo todo. Os cabelos dele eram grossos e brilhosos — Eva tinha brincado que morreria para ter os cabelos dele —, seu porte era juvenil e os lábios, muito vermelhos. Eu revelava minha juventude na maneira como me movimentava, em minha fala e em meus gestos furtivos. Mas eu não parecia jovem quando estava imóvel.

Um som estridente. Sentei-me, desorientada, a boca seca.

— Você estava falando umas coisas — disse Docey. Ela estava limpando por baixo da mesa de Mary Abbott.

— Estava? — Levantei-me e me servi de um copo de água. — O quê?

— Palavras sem sentido. Só isso.

Por um segundo fiquei aterrorizada de ter revelado algo. Já fazia uma semana que eu tinha me encontrado com Leona na Praça. Agora nós nos evitávamos, como se tivéssemos chegado a um consenso. Repassei minhas idas e vindas à Casa do Diretor. Não havia possibilidade de ela saber algo. Pensei em Emmy também, mas Leona não era o tipo de garota que iria falar com uma criada. Eu gostava de pensar que havia algum tipo de entendimento tácito entre nós duas, que ela sabia que eu sabia a respeito de King, que eu lamentava, uma mera forma de piedade. Leona, porém, não queria que sentissem piedade dela.

— Você conhece a Emmy, Docey? Da Casa do Diretor?

Ela sorriu, quase riu. Eu estava prestes a perguntar novamente quando ela me respondeu:

— Emmy é minha irmã.

Ela se virou para me encarar, e me fitou direto nos olhos pela primeira vez naquele dia, o olho vesgo mexendo de um lado para outro freneticamente.

— Eu não sabia.

Docey retomou o trabalho.

— Eu não sabia — repeti.

Eu devia ter percebido. Observei Docey arrastar o pano velho em cima da mesa, cuidadosamente, prestando atenção nos florões e nos puxadores — cuidadosa, mas rapidamente — e de súbito me dei conta de que elas falavam de nós.

— Mas seus cabelos são castanhos. — Fiz uma pausa. — Vocês não são parecidas.

E era verdade: Emmy era bonita, Docey, não.

— Você é parecida com sua irmã?

O tom de voz de Docey estava agudo.

— Não tenho irmã.

— Não? — Ela parecia surpresa.

Neguei com a cabeça.

— Tenho um irmão. E nós nos parecemos sim, porque somos gêmeos.

— Um irmão gêmeo? — perguntou. Foi a primeira vez que notei satisfação em sua voz. — E

como é isso?

Sorri.

— Só tenho essa experiência — eu disse. — É como se existisse outro você, em outro lugar.

— Não sei se ia gostar disso.

— Você não gostaria ou deixaria de gostar, se fosse o caso. Seria apenas... como as coisas são.

Docey não disse nada. Observei seu olho. Fiquei pensando se poderia ser consertado, se havia algum método corretivo disponível, ou se as pessoas vesgas simplesmente tinham que viver assim a vida toda. Imaginei o que ela via, logo agora: será que meu rosto ficava imóvel? Será que ele se mexia, freneticamente? Mas é óbvio que Docey nunca seria capaz de consertar o olho dela.

Percebi que eu a estava encarando.

— Quantos vocês são? — perguntei e então pensei que talvez ela não me compreendesse. — Irmãos...

— Doze — respondeu. — Somos doze irmãos.

Fiquei atônita. Não podia imaginar doze parentes. Juntando a família de Georgie e a minha, éramos apenas sete.

Docey riu quando percebeu o choque estampado em meu rosto.

— O que eles fazem? — perguntei.

— O que eles fazem? — repetiu ela.

Deu de ombros, e compreendi como Emmy e Docey deviam achar Yonahlossee abominável. O pai de Mary Abbott, o pastor, escrevera sobre dois menininhos que moravam não muito longe daqui, para o lado das montanhas. Eles tinham morrido porque haviam comido frutas silvestres venenosas. Todas as outras garotas acharam que eles simplesmente não sabiam que eram venenosas, mas é claro que sabiam; na Flórida, eu sabia exatamente quais frutos silvestres eu podia comer e quais me levariam direto para a morte. Certamente, esses menininhos tinham passado tanto tempo ao ar livre quanto eu, ou talvez mais. Eles haviam comido as frutas porque estavam morrendo de fome. Quis pedir desculpas a Docey, mas por quê? Sorte, fortuna, destino.

De qualquer maneira, ela tinha se afastado de mim. Abaixara-se e enrolara o tapete que ficava sob a mesa até formar um rolo apertado. Ela parecia estar prolongando a tarefa. Eu ajudava minha mãe a limpar, estava familiarizada com o desespero que acarretava, resultante da inutilidade. Era um sistema fixo de entropia, como meu pai explicara jogando uma moeda para cima.

— Você gosta de fazer a limpeza?

Docey riu. Era uma pergunta idiota. Minha mãe gostava de fazer a limpeza, apreciava ordenar seu mundo. Mas este não era o mundo de Docey; era o nosso mundo. Eu me virei para enfiar os sapatos e sair, mas então ela falou:

— Não me importo.

Ela estava mentindo, porém; nós duas sabíamos disso.

* * *

Hoje ele estava quieto, parecia um enlutado acompanhado de seu copo de gim. A camisa estava abotoada com os botões trocados, e, embora o Sr. Holmes estivesse melancólico, a camisa o

deixava engraçado.

— Vamos lá para trás.

Levantei-me e o Sr. Holmes me seguiu. Eu sabia que ele me seguiria, ele estava em seu modo passivo.

Era um pouco emocionante caminhar por áreas da casa que eu nunca tinha visto — a sala de jantar, até uma sala de estar formal cujas portas francesas davam para uma varanda. Havia uma mesa perto da janela, repleta de garrafas de vidro, com os gargalos compridos. Aproximei-me da mesa. A visão, de perto, era uma maravilha: uma variedade de plantas exóticas que eu nunca tinha visto, crescendo em garrafas, como se fossem modelos de navio.

— Da Beth. — O Sr. Holmes tinha chegado por trás de mim. Lembrei-me de que a Sra. Holmes adorava jardinagem. Ele levantou uma garrafa. — Ela encomenda as sementes.

Imaginei toda a atenção que deviam exigir, as ferramentas especiais, o ato zeloso de cultivá-las. Não pensei que a Sra. Holmes fosse capaz de uma mágica dessas.

A varanda de trás fora claramente projetada para o lazer — havia um bar no canto, e grupos de mesas pequenas com cadeiras. Imaginei os pais das ex-alunas que vinham até aqui com o Sr. Holmes para apreciar a vista e conversar — sobre o quê? O propósito de um lugar como este. O objetivo de se dar uma educação às mulheres. Coisas sobre as quais nós, garotas, jamais falávamos, nenhuma de nós.

Eu não queria mais ficar aqui, aonde os pais vinham para falar com o Sr. Holmes a respeito de suas filhas.

— Vamos para fora — propus.

— Estou com uma dor de cabeça terrível.

— O ar fresco alivia — rebati.

Ele abriu a porta-balcão que dava para o bosque atrás da varanda. Do lado de fora, o piso era cheio de pedras, mas isso era bom, porque o Sr. Holmes tinha que me oferecer a mão, e ele parecia relutante em me tocar hoje.

— Às vezes eu subo aqui, com Naari — eu disse. O Sr. Holmes não disse uma palavra. Eu ainda era cautelosa para mencionar assuntos relacionados a cavalos perto dele. — É mais fácil quando é ela que sobe.

Ele riu.

— Está se sentindo melhor? — perguntei esperançosa.

— Não é tão horrível assim. Quando eu era garoto, eu tinha que me deitar no chão em um quarto escuro. Sempre no chão, porque por alguma razão eu me sentia melhor, e esperava a dor passar. Não havia uma lógica. Às vezes ela desaparecia imediatamente, outras vezes levava dias.

— E você tinha que ficar deitado no chão durante dias?

— Na maior parte das vezes, sim. — Ele parou e se apoiou em uma árvore. — A governanta costumava se sentar do lado de fora do quarto proibindo qualquer um de entrar. Eu não conseguia suportar nenhum barulho.

Fechei os olhos e visualizei um Sr. Holmes criança, paralisado pela dor, a ama inglesa bloqueando a porta.

— Você tinha uma governanta?

— Tinha. Você parece surpresa. Minha família era muito rica. É muito rica. Bom, menos rica do que costumava ser, imagino, mas tenho certeza de que eles sobreviveram. — Ele soltou

uma risada forçada.

Eu não tinha ficado surpresa. Eu sabia que ele vinha de uma família de recursos.

— Minha família era muito rica, meu pai e minha mãe viviam na Europa na maior parte do ano, eu tinha uma governanta. Fui reprovado em Harvard, duas vezes. Então conheci Beth. — Abri os olhos. — E o resto, como dizem, é história. — A voz dele tinha mudado, estava fria e distante.

— E o resto, como dizem... — e fui diminuindo a voz.

— É história — completou o Sr. Holmes. — Fui uma decepção para meus pais.

— Eu também — eu disse.

— É verdade. Mas existem coisas piores.

Fiquei calada.

— Thea, quando você é jovem, decepcionar os pais parece ser a pior coisa do mundo. Mas não é. Acredite em mim, não é.

Aquiesci. Caminhamos em silêncio por um momento. O ar estava quente, uma sensação de primavera. Às vezes eu me ressentia de sempre ter que usar saia — eu nunca podia brincar tão à vontade como Georgie e Sam —, mas justo agora era conveniente, me permitia dar passos gigantesco para manter o ritmo do Sr. Holmes. Pensei que as calças — principalmente as de lã, como a do Sr. Holmes — teriam me incomodado, quentes e sufocantes demais.

— Qual é a pior coisa, então? — perguntei hesitante. — Se não é decepcionar a família?

— Decepcionar a si mesmo — respondeu rápido. — Decepcionar a si mesmo — repetiu. — E é tão fácil.

Fiquei remoendo essa frase — a ideia nunca tinha me passado pela cabeça. Por que a minha decepção seria importante? Meus pais estavam decepcionados comigo. E meu irmão, minha tia e meu tio. A palavra parecia perturbadora, da maneira como as palavras são quando você fica presa a elas muito tempo — *decepção*. O que significava realmente? Como seria possível, afinal, decepcionar a si mesmo? Eu era o que era. Eu era Thea, uma garota, uma filha, uma prima, uma irmã e, agora, uma amiga.

— Você decepcionou a si mesmo? — perguntei.

Ele riu:

— De tantas maneiras que não é possível contar.

Observei a nuca dele, enquanto ele ficava calado por um segundo. Ele era tão forte, o Sr. Holmes; estávamos subindo uma ladeira íngreme e a respiração dele permanecia regular, suas pisadas, seguras.

Pensei que já tinha esgotado o assunto, mas ele continuou.

— Se eu pudesse voltar atrás, reviver minha juventude, como dizem, faria as coisas de outro modo. Mas acho que todo mundo faria o mesmo. O segredo é não ficar remoendo o passado. — Era uma expressão que meu pai usava. Ele se virou e observei seu perfil. — O passado ficou no passado, Thea. Espero que alguém já tenha dito isso para você. Mas, se ninguém disse, bem... é algo que você não deve esquecer.

O Sr. Holmes parou em um grupo de árvores e entrou em uma abertura que eu não tinha reparado. Uma abertura secreta, pensei, enquanto o seguia, para o nosso caso secreto. A ideia me entusiasmou. As árvores se abriram e pude olhar direto para o céu. Acho que metade das

transgressões em Yonahlossee é cometida por causa do clima. E a outra metade... em homenagem ao clima. Peguei no paletó dele, suave ao toque de meus dedos.

— Onde Emmy acha que estamos? — perguntei.

— Não sei, Thea. — Ele balançou a cabeça. — Você deveria estar na Sala de Estudos, com suas colegas. Não deveria estar aqui comigo.

— Mas é aqui que quero estar.

Ficamos em silêncio por um instante, e eu sabia que, quando ele falasse novamente, poderia muito bem dar um fim a tudo isso, me mandar de volta para junto das outras garotas.

Em vez disso, porém, ele se abaixou e delicadamente apanhou uma pele de cobra transparente.

— As cobras estão aparecendo de novo.

Peguei a pele, um tubo longo, sujo e translúcido.

— Esta é velha.

Ele me olhou, surpreso.

— Existem cobras por toda a Flórida.

— Você não tem medo?

— Não exatamente. Deixe as cobras em paz e elas vão deixá-lo em paz.

Levantei o rosto e o beijei. Beijei com força, guiando a língua dele; puxei-o para mais perto de mim.

— Podemos fingir que estamos completamente sozinhos aqui — eu disse.

— Porque realmente estamos.

O Sr. Holmes beijou meu pescoço, e, de repente, estávamos no chão, ele em cima de mim. Minha saia estava desabotoada, e ele estava sem paletó. Agarrei as calças dele. O Sr. Holmes em cima de mim, emoldurado pelo céu mais azul que eu tinha visto, e me senti com tanta sorte, que ele estivesse aqui comigo, que eu estivesse tendo de novo aquilo que sabia que eu não devia ter.

— Não — murmurou ele, e, em vez de parar, lambeu meus seios, depois minha barriga, e continuou descendo.

Sua boca estava sobre a minha calcinha, e fiz um movimento para me sentar. Ele levantou a cabeça e empurrou meu ombro, com força, até eu relaxar. O que você está fazendo, pensei em perguntar, mas senti que se eu falasse poderia interrompê-lo. Minhas coxas tremiam, e a língua dele parecia estar dentro de mim. O que era impossível, mas não era, e parecia tão grande, e se movia de tal forma, que coloquei as mãos em cima da cabeça dele como se fosse uma bênção.

Sissy me alcançou no caminho de volta das cocheiras. Em geral eu esperava por ela, mas ultimamente eu saía apressada do alojamento após a hora de descanso, antes mesmo que o sino tocasse; e quando terminava de montar, corria para acalmar Naari. Era fácil evitar Sissy, que sempre se atrasava. Eu tinha começado a fazer qualquer coisa que desejasse. Às vezes eu nem abaixava a cabeça durante a oração; ficava observando o Sr. Holmes. Ele fazia pequenos movimentos com as mãos, mesmo mantendo os olhos fechados enquanto falava. Tentei isso uma vez no bosque, fechei os olhos e falei com as árvores. Mas me senti tão estranha quanto se caminhasse com os olhos vendados.

— Você está sempre correndo — disse Sissy. — Nunca consigo alcançá-la.

Ela parecia irritada, a voz ríspida em tom elevado.

Encolhi os ombros. Outras meninas nos rodeavam. Abri a boca para começar a falar, mas fechei de novo; na verdade, não tinha nada para dizer.

Sissy encolheu os ombros, e percebi, em choque, que ela estava me imitando. Eu a encarei.

— O que foi? — Ela repetiu o gesto. — Nunca consigo ver você, e você parece não se importar. Faz semanas que não pergunta sobre Boone.

Então, era esse o motivo. Fiquei aliviada e também, por estranho que fosse, desapontada.

— Sei que ele ainda aparece — lembrei a ela. — Sou eu que ajudo você. Tomo seu lugar na cama.

Ela me empurrou para um dos lados do caminho, até o bosque.

— Pare com isso, Thea. — A voz dela falhou. — Você tem andado por aí com a cabeça nas nuvens. Nem aparece mais na Sala de Estudos.

— Ninguém estuda mesmo.

— Não é esse o ponto. — Eu ia começar a me defender, mas Sissy continuou. — Você visita a Casa do Diretor com muita frequência. As garotas estão comentando.

Esperei que prosseguisse, mas ela parou.

— O que elas estão dizendo? — perguntei.

— Que você está obcecada pelo Sr. Holmes, que está apaixonada.

Eu ri, mas o som saiu esquisito de minha garganta.

— Sissy — falei, tentando parecer incrédula —, eu vou lá por causa de Decca. Ela pediu para eu ir, você sabe.

Ofereci isso como se fosse a prova de algo. E então veio também uma sensação de alívio, o que Leona dissera na Praça era boato, nada mais.

— Thea, não comece! — A voz estava mais aguda. — Sou sua melhor amiga. Não comece.

Fiquei comovida, mesmo naquele momento, que ela se considerasse minha melhor amiga. Sissy estava rígida; peguei a mão dela.

— Gosto de ficar lá. Com Decca. Com o Sr. Holmes também. Ele me entende.

— O que ele entende a seu respeito? — Ela apertou minha mão e me olhou melancolicamente. — Mandaram você para cá por causa de um rapaz.

Concordei com um aceno de cabeça. Eu tinha contado isso para ela, já fazia tanto tempo que parecia ter sido em outra vida, quando eu estava me acomodando em Yonahlossee e queria

desesperadamente arrumar uma amiga.

— O Sr. Holmes não é um rapaz.

Retirei minha mão.

— Sei disso.

Fiz uma breve pausa. Se eu tivesse sido corajosa o suficiente para confiar em Sissy, poderia ter perguntado o que ela queria dizer exatamente, o que ela estava imaginando.

— E David? — perguntou Sissy.

— David — repeti, confusa. Eu quase tinha me esquecido dele.

Sissy me observava. Eva se aproximou, com Gates, e sorri para elas por cima do ombro da Sissy.

— Ele não é... Desculpe-me.

— Ah, não se desculpe. É que teria sido tão fácil, gostar dele. Tão divertido. Apareça mais — disse ela, e sua voz tinha voltado ao normal. — Por favor?

Eu já vira Sissy fazer isso antes, decidir que uma discussão tinha chegado ao fim e concluí-la assim, como quem sopra uma vela. Era um de seus dons, jamais se permitir brigar com alguém. Mas ela nunca havia agido assim comigo. Nunca precisara.

Pensei em David no restante do dia, enquanto caminhava de um lugar para outro e cumprimentava diversas meninas com a cabeça, e sabia que eu não era como elas, não queria as mesmas coisas, tinha deixado minha vida desnecessariamente difícil e continuaria a fazer isso. E por quê? Por que, Thea, por quê?, a voz de minha mãe zumbindo, zumbindo.

Entretanto, eu sabia por quê. Eu era esperta. David era um rapaz e me fazia lembrar do Georgie, como qualquer rapaz faria. Eu estava farta dos rapazes.

* * *

De repente, Yonahlossee transformou-se em uma nuvem de cores: tapetes de brássicas se espalhavam para além dos picadeiros em todos os tons de rosa; jacintos azuis cobriam a Praça; e finalmente, os narcisos, meus prediletos, circundavam nossos picadeiros em canteiros cuidadosamente arranjados. A Sra. Holmes tinha supervisionado o plantio das flores antes de partir. Ela era excelente com as flores, Henny dissera certa noite, e fui obrigada a concordar.

Não há futuro nisso. Eu continuava a esperar que o Sr. Holmes dissesse essas palavras, mas ele nunca o fez. Eu sabia que isso tudo iria terminar. Sabia a data. E sabia como. A Sra. Holmes voltaria para casa, e nós simplesmente parariamos com aquilo.

Não há futuro nisso, o Sr. Holmes poderia ter dito, poderia ter me preparado para o inevitável. Mas eu não era ingênua. Poderia ser rotulada de muitas coisas — indecente, covarde, ardilosa — mas não de ingênua. Por que agi dessa maneira, primeiro em casa e depois em Yonahlossee? Eu arriscava tudo quando eu era madura o suficiente para não incorrer no mesmo erro. Mas sempre havia isto: o âmago do desejo em minha garganta. Eu não conseguia afastá-lo. Não queria.

Minha mãe ficaria desapontada comigo. Ela me odiaria se soubesse o que eu estava fazendo. Ainda assim, se minha família foi capaz de me banir tão facilmente — para longe de casa, para longe de seus corações —, eu não seria capaz de agir da mesma maneira? Eu não era fraca. Havia tanto desejo dentro de mim, tanto anseio. Eu me sentia explodir quando o Sr. Holmes me tocava, me sentia multiplicar.

Com Georgie, eu havia sentido desejo, sim, mas apenas uma fração do que eu sentia com o Sr. Holmes. Ele me havia ensinado que o desejo é divisível, que se modifica de acordo com o objeto. Fiquei pensando se minha mãe sabia disso. Fiquei pensando se meu pai sabia. Porque você não pode saber se só teve desejo por uma única pessoa na vida, se você se manteve afastado de todas as outras.

Pensei naquilo que o Sr. Holmes me dissera, que meus pais haviam feito uma troca. Ele não os conhecia, não conhecia a ternura de meu pai, o lar adorável de minha mãe. Ele não sabia como nós todos nos amávamos.

Georgie estava no Missouri, com os pais. Minha mãe me dissera que nós poderíamos vê-lo na semana seguinte, mas eu não podia confirmar a data sem chamar atenção para mim mesma.

Eu tinha acordado e engasgado, porque o ar estava denso, pesado. O relógio na mesa de cabeceira indicava três e meia; em mais ou menos uma hora já estaria claro suficiente para cavalgar.

No verão, você tinha uma segunda pele, uma camada de umidade e suor sempre presa ao corpo. E ainda estávamos no início da estação.

Do lado de fora, o mundo parecia morto e desinteressado; nem sequer uma brisa para farfalhar a grama, nenhum grilo esfregando as patas para interromper o silêncio. Sentei-me nos degraus e desabotoei os primeiros botões da camisola, o que não fazia diferença alguma. Fechei os olhos e pensei em meu primo, no modo como ele tinha me tocado da última vez, no modo como eu o havia tocado, como estávamos aprendendo.

— Thea — chamou Sam, vindo de trás de mim.

Eu sabia, sem olhar, que ele estava sentado em uma cadeira de balanço.

— Sam.

— Você não ficou com medo? — perguntou.

Sam falava como se já estivesse desperto há um tempo. Ele sempre gostara de dar susto nos outros, de aparecer pulando de detrás das portas, de esperar atrás de um arbusto e surgir de um salto, de repente, de surpresa.

— E quem mais poderia ser? — A pergunta permaneceu solta no ar por um momento ou dois. Falei novamente. — Não conseguiu dormir?

— E alguém consegue? Deve ser um recorde, este calor. Pelo menos, parece.

— Nunca é. Um recorde.

— Não — concordou ele. — Realmente, nunca é.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Sam soltou um suspiro.

— Você vai ficar cansado amanhã — eu disse.

— Então vou dormir amanhã. Não vou perder nada.

— Acho que não.

— Quero ir embora, Thea. Quero viajar.

A voz dele soou estranha. Eu me virei e o encarei. Ele estava descalço, esparramado na cadeira de balanço em suas roupas normais de usar durante o dia. O rosto estava virado, de perfil, e notei como meu irmão estava se tornando um garoto atraente. Ele seria mais bonito do que eu, nossos traços sendo mais adequados para o rosto de um rapaz; mas afastei o pensamento da mente. Eu tinha quinze anos; queria ser bonita. Não queria que ninguém fosse mais bonito, nem mesmo meu irmão gêmeo — ou principalmente meu irmão gêmeo.

— Você não quer? — perguntou e se voltou para mim.

Mamãe comentara que a semelhança de alguns gêmeos vai diminuindo à medida que envelhecem, mas isso não parecia acontecer comigo e com Sam.

— Para onde você iria? — perguntei.

Meu irmão nunca havia me falado de ir embora. Jamais.

— Acho que eu gostaria de ir a algum lugar de navio — respondeu, e não pude deixar de ir. Sam não olhou para mim.

— Desculpe — disse. — É só a imagem de você em um navio. Você queria ser marinheiro? Ele não respondeu.

— Sam — comecei. — Sinto muito...

— Não, você não sente muito. De qualquer modo, você não ficaria contente se eu fosse embora?

Seu tom de voz era alto, e compreendi que Sam não queria mesmo ir a lugar algum, que ele não queria alterar nada em nossas vidas.

— Por que eu ficaria contente, Sam? — falei suavemente. — Preciso de você.

— Precisa de mim? — Foi a vez dele de rir. — Precisa de mim para quê? Você passa o dia todo com Sasi. Você não precisa de ninguém.

— Não é verdade — protestei.

Mas, estranhamente, não fiquei magoada. Achei que fosse ficar, esperava ficar, mas não.

— Não — disse Sam. — Suponho que não seja verdade. Você precisa do nosso primo.

Deitei-me no piso duro, subitamente exausta. Podia sentir a presença de Sam de pé atrás de mim; pensei que ele fosse entrar naquele momento, mas, em vez disso, ele se sentou a meu lado. Observei as costas dele: meu irmão estava ficando mais largo à medida que eu ficava mais estreita.

— Não há lua hoje. — A voz dele soou neutra.

Balancei a cabeça, mesmo sabendo que ele não estava olhando para mim.

— Você se lembra de quando pensou que um índio morava lá? — perguntei.

— Você também acreditava nisso.

Ele se deitou a meu lado, e percebi que o frio do piso também trazia alívio para ele.

— Thea?

— Sim.

— Você já pensou, alguma vez na vida, em como deve ser a sensação de estar morto?

Refleti sobre a pergunta. Sam passou a mão suavemente por cima dos meus olhos.

— Feche os olhos — ele disse, e obedeci. — É esta a sensação — continuou.

— Não, não é.

— Tente e durma. Você pode muito bem estar morta, quando está dormindo.

Tentei afastar todos os pensamentos e deixar a mente vazia. Tentei não pensar em Georgie, tentei embalar minha mente em calma total. Queria agradecer meu irmão.

— Acho que não está funcionando. — Sam não respondeu, mas eu sabia que ele não estava dormindo, apenas tentando. — Imagino qual de nós dois vai morrer primeiro.

— Eu — disse ele. — Eu vou morrer primeiro.

Não falei nada. Ficar viva sem Sam — será que isso seria vida? Eu sabia que minha mãe e meu pai iam morrer antes, apesar de não saber a ordem; isso fazia sentido. A vida deles começara antes da minha, e eu ainda teria uma vida depois deles. Mas Sam e eu nunca tínhamos existido um sem o outro, e agora essa existência parecia tanto um fardo quanto um prazer. Ou talvez não fosse nem uma coisa nem outra. Talvez fosse meramente um fato.

— Thea. Tente de novo.

Escutei as palavras de Sam. Fechei os olhos. E o que foi que vi? A velha manta de carruagem

de mamãe pesando no braço dela como uma pedra. Tentei pensar em outras coisas, colocá-las acima da manta: Sasi, Georgie, o de sempre. Porém, tudo levava de volta à manta. E eu que costumava ser tão eficiente em arrancar do cérebro aquilo que eu não queria levar em consideração...

Quase caí no sono. O sol se levantou muito lentamente, aos poucos, e mantive os olhos fechados para me proteger da claridade, tentando permanecer nas asas do esquecimento. Então, subitamente, consegui ter um vislumbre do que seria se tornar nada. E foi uma ausência tão profunda que quase não consegui concebê-la, apenas fiquei aterrorizada.

Abri os olhos e me sentei; virei-me para o Sam, que dormia serenamente. Minha mão ficou suspensa sobre o ombro dele. Eu precisava despertá-lo, precisava lhe dizer que eu estava com medo. Ele me ajudaria a compreender. Mas então deixei minha mão cair, contra o piso. Eu queria ser alguém separada de Sam. Queria experimentar algo que ele não ia experimentar. Assim, fiquei na varanda por mais uma hora, o sol nos deixando cada vez mais quentes, à medida que se elevava.

Eu devia ter acordado Sam para evitar a queimadura que exibimos na semana seguinte, nossos braços e rostos de um vermelho-vivo, depois rosado, em seguida descascando. Mas não o acordei. Meu rosto estava mais vermelho no lado esquerdo, quase como se eu tivesse me maquiado com ruge; foi a face que ficou voltada para o sol enquanto eu observava meu irmão. Ele tinha desejado que eu o seguisse, para onde quer que fosse, e não fui. Não consegui. Eu o observei e percebi claramente que havia lugares aos quais eu não seguiria o Sam, aos quais ele não me seguiria.

* * *

O que Sam tinha dito ficou reverberando em minha mente: “Você precisa do nosso primo.” Nós gostamos dele de formas diferentes. Georgie, a cintura grossa, o tórax largo — isso era o que Sam podia ver. O que Sam não podia ver: o caminho de pelos que se dividia em seu umbigo, a superfície firme da sua barriga.

Nós gostamos dele de formas diferentes, mas qual era a diferença? Minha mãe e meu pai gostavam um do outro, compartilhavam uma cama; eu gostava de minha mãe, meu pai gostava de mim, ambos gostavam de Sam. O casamento significava que você incluía alguém, permanentemente, em sua família. Esse tipo de casamento fazia sentido. Na Bíblia, Jacó se casou com duas primas de primeiro grau, Raquel e Léa, e foi um evento festivo. Eventos. Eu não queria tanto — apenas uma pessoa, um único ser.

Mas isso aconteceu muito tempo atrás. No início dos tempos, todo mundo devia ter sido primo. Casamento entre primos, antigamente, era uma expressão moderna, aplicada a casais como Charles Darwin e Emma Wedgwood, sendo o casamento deles uma anedota, que papai inseria nas aulas para nos entreter, para manter nossa atenção. Fiquei pensando se Emma seria parente do fabricante de porcelana. Nem papai nem mamãe sabiam dizer, e não havia meio de eu descobrir naquela época de minha vida, por mais intensamente que eu quisesse.

E assim a história de Emma e Charles se alojou em algum canto de meu jovem cérebro. O Sr. Darwin tinha sido cauteloso ao considerar tanto os benefícios quanto as desvantagens do casamento, tendo se comprometido com a Srta. Wedgwood por toda a vida. Casar significava ter

menos verbas para o trabalho dele, menos tempo para catalogar todas as espécies desconhecidas da flora e da fauna. A Srta. Emma Wedgwood já estava catalogada, já era *conhecida*, e o Sr. Darwin não poderia estar menos interessado naquilo que já conhecia. Em seu cérebro enorme e determinado, a capacidade de amar do Sr. Darwin já fora preenchida pela ampla gama de habitantes da terra do Senhor.

Se mamãe soubesse o que eu vinha fazendo, ela poderia desejar que eu me casasse com Georgie. E eu não queria me casar com meu primo. Não queria morar em Gainesville. Não queria — e este pensamento me envergonhava — ser pobre. Porém, ainda assim, eu queria meu primo. Eu o queria intensamente. Tentei separar as duas coisas em minha cabeça. Não conseguia ver o sentido de tudo aquilo, como eu poderia querer uma parte, mas não a outra.

Foi o tempo mais longo que Georgie e eu tínhamos ficado separados. Naquela época, eu não pensava nisso, mas a noite na baía deve ter mexido com a minha consciência, porque, de repente, percebi claramente o que eu vinha fazendo, e fiquei aterrorizada com a possibilidade de alguém descobrir. Eu ainda ansiava por ele — queria que meu primo me tocasse, ansiava por seus carinhos —, mas meu desejo era mitigado com uma dose de cautela. Talvez fosse simples assim: eu estava mais velha. Vi minha mãe desenrolando sua preciosa manta de carruagem, puxando-a por debaixo da mesa, e isso esclareceu as possibilidades em meu cérebro. Se eu tivesse permitido que as coisas fossem ainda mais adiante, eu não seria mais virgem. Essa foi a primeira coisa, e a segunda era que, se alguém descobrisse, eu não seria mais uma moça para casar. Eu poderia ter concebido uma criança, *nós* poderíamos ter concebido uma criança. Era uma possibilidade. Estremeci ao pensar na minha vida caso isso tivesse acontecido.

Minha mãe expôs a manta, e, sem Georgie por perto, ela se revelava para mim como um facho no céu noturno que surgiu de maneira súbita e apavorante.

Depois, Georgie voltou para casa, e fomos até Gainesville para tomar um chá, só minha mãe e eu, pois Sam estava ocupado com qualquer coisa. Sua ausência teria parecido uma bênção um mês antes. Mas agora eu gostaria que ele estivesse presente. Georgie tomou chá conosco, me encarou de uma maneira que era óbvia, mas mamãe e a tia Carrie pareceram não notar. Comi um bolinho que pareceu areia em minha boca.

Mais tarde, eu o segui escada acima. Ele deu tapinhas no espaço ao lado dele em sua cama desarrumada; obedeci relutante. Jamais gostei do quarto dele.

— Sentiu saudades de mim?

— Senti.

— Meus primos de lá não são como os daqui — disse ele, e o fitei.

Georgie se inclinou para me beijar, os olhos já fechados, e desviei o rosto.

— Você deixou a manta na baía na última vez.

— Deixei?

— Mamãe a encontrou. Nós poderíamos ter sido pegos.

Ele alisou o lençol entre nós e, apesar de quase me tocar, não o fez. Eu podia ouvir meu próprio coração. Ele continuou a traçar um padrão com o dedo que fazia com que sua mão se aproximasse e depois voltasse a se afastar.

— Georgie — eu disse, minha voz quase um sussurro.

— Meus primos de Kansas City não estão indo muito bem. Todo mundo se mudou para a

casa de minha avó. — Ele me lançou um olhar enviesado. — Foi bom que ela tenha morrido.

— Não diga isso.

— O quê? É verdade. Eles são todos fazendeiros, não têm uma profissão para se sustentarem, como os nossos pais. Bem, como o seu pai. As pessoas sempre ficam doentes, não é? Mas não chove lá há meses. Estão desesperados.

Interrompi o movimento da mão dele e a mantive entre as minhas. Esse era o Georgie que me pertencia, que ninguém mais via.

— Lamento.

— Você sabe como as pessoas estão pobres agora? Papai diz que é só o começo, que vai piorar antes de melhorar. As vacas nos pastos estão esfomeadas. Dá para ver seus ossos.

Estremeci.

— Deviam atirar nelas, tirá-las de sua tragédia.

— Não podem. Aí seria o fim de tudo. Pense, Thea... Eles precisam do gado.

— Vai chover de novo. Sempre chove.

— Apenas Deus pode dizer isso.

— Ou os oceanos. Os oceanos decidem quando vai chover.

— Diga isso a meus tios. Diga para eles pedirem aos oceanos.

Eu não queria parecer frívola.

— Tenho certeza de que é horrível.

— E é mesmo.

Ele descansou a cabeça em meu ombro, o que nunca tinha feito antes. Em geral, eu é que me apoiava nele. Acariciei o braço dele e observei como seus pelos finos se eriçavam ao toque.

— Eu só pensava em você, quando fui embora. Como gostaria que você estivesse comigo.

— Bem, aqui estou.

— Quer dizer, ficar com você de maneira diferente. — Ele passou o dedo pelo meu colo. — Você também quer ficar comigo assim?

Olhei ao redor do quarto — a colcha andrajosa, atirada ao chão, as tábuas irregulares, a mesa de segunda mão; a foto emoldurada de um homem que eu não reconhecia, alguém da família da tia Carrie. Havia um pequeno cofre embaixo da cama, que guardava seus tesouros: um dólar de prata, uma pedra lisa da praia de Ormond, um cartão-postal enviado de Toronto.

Esses eram todos os seus pertences no mundo. E agora eu, eu também pertencia a ele.

— Você não precisa responder — disse ele próximo a meu pescoço. — Simplesmente fique aqui comigo.

* * *

Eu vim para Yonahlossee no final de julho, quase no final do verão. Na Flórida, era sempre o pior mês, quando o calor era tão terrível que levava vidas, uma dúzia delas todo mês de julho. Os mosquitos eram insuportáveis, zumbindo, picando, tentando atingir as pessoas de todas as maneiras possíveis. Quando eu tirava as roupas, encontrava mosquitos na minha roupa de baixo, abrigados entre minhas coxas.

Georgie viria nos visitar, para a comemoração de Quatro de Julho. Eu estava ansiosa para ver meu primo, com uma notável combinação de terror e júbilo.

Em um impulso de extravagância, meu tio havia comprado fogos de artifício de uma barraca de Gainesville, uma caixa deles. Nós nunca tínhamos acendido fogos de artifício antes. Vi a expressão no rosto de meu pai quando o tio George revelou a surpresa que trouxera, e não foi uma expressão de satisfação, qualquer um podia perceber.

— Um presente — disse o tio George; um presente, e meu pai não disse uma palavra, então fiquei com pena do tio George, e muito zangada com meu pai por sua insensibilidade.

— Ótimo presente — disse minha mãe, interrompendo o silêncio —, um ótimo presente.

Mas já era tarde demais.

Às vezes, quando penso naquele fim de semana — e tenho refletido sobre ele com frequência, vendo e revendo as cenas em minha mente —, não fico impressionada. O que aconteceu me parece, se não normal, pelo menos inevitável, previsível. Minha família saiu dele como uma família diferente, mas isso teria acontecido de qualquer forma. Sam e eu teríamos ido para a faculdade, Georgie teria se casado. Os filhos teriam partido.

E outras vezes penso naquele fim de semana e me sinto uma jovem estranha — aquele fim de semana como algo impossível.

* * *

Realmente eu tive a sensação de que alguém estava nos observando. Fui muito cuidadosa, deliberadamente ignorei Georgie quando estávamos na frente dos outros, inclusive de Sam. Meu irmão me olhava como se tivéssemos feito um trato, quando eu não ria de alguma piada do Georgie, quando eu recusava até mesmo um sorriso; era tão fácil agradar meu irmão.

Assistimos aos fogos de artifício tarde da noite, quando ficava mais escuro. Meu tio continuava a rezar, de brincadeira, para que a lua fosse embora. Sam e Georgie carregaram a caixa para a extremidade do campo, além da cocheira. Georgie deu um pequeno salto e bateu os calcanhares no ar, deu um berro, e Sam sorriu e eu também, apesar de não querer, mas depois adotei uma atitude fria. Os fogos não tinham entusiasmado Georgie. Eu, sim, e o que ele imaginou que faríamos mais tarde. Olhei para minha mãe, que observava meu irmão, meu tio e meu primo desaparecerem na escuridão.

— Espero que tenha cuidado — disse minha mãe, e eu não tinha certeza sobre a quem ela estava se referindo.

Se soubesse; então, ela poderia me dizer para tomar cuidado, poderia interromper os eventos antes que fossem longe demais. Nós não conseguíamos mais ver os três, mas ouvi Georgie gritar para Sam, provavelmente alguma instrução, e a voz dele ecoando em meu cérebro me deu calafrios, amplificou algum desejo que eu não sabia que tinha.

— Faz anos que não vejo fogos de artifícios — papai disse calmamente.

Coloquei a mão sobre a dele. Ele a virou e segurou minha mão. Papai era alguém muito fácil de se gostar.

— Você assistia a fogos quando era criança?

— Não me lembro.

Achei aquilo estranho — a pessoa se lembraria se tivesse visto fogos de artifício na infância —, mas fiquei sentada quieta, porque senti que papai desejava ficar sentado quieto. Eu me lembraria dessa noite, pensei, mas talvez algum dia tudo isso se desvanecesse em uma

recordação vaga, quase imperceptível. Parecia insuportável que tudo isso pudesse simplesmente desaparecer.

Ouvimos um urro e mamãe se levantou, apavorada, e então ouvimos o estrondo de um fogo de artifício, e os raios de cores se espalhando pelo céu.

— Está tudo bem, Elizabeth — disse meu pai, e minha mãe voltou a se sentar.

— Você gosta deles, Thea? — perguntou minha mãe.

Olhei para o céu e disse:

— Gosto.

A tia Carrie estava quieta. Olhei para ela e me deu vontade de gritar. A senhora deveria saber, a senhora deveria fazer seu filho parar com tudo isso.

Saí dali antes que os homens retornassem, fui checar Sasi, que estava, conforme eu tinha previsto, fora de si. Fiz companhia a ele por um tempo, mas não conseguia acalmá-lo. Caminhei com ele ao redor do picadeiro, deixei-o livre para pastar, mas ele não estava interessado em comer. O ar tinha cheiro de queimado, e não havia meio de explicar a ele que tudo tinha sido parte de um divertimento, que não havia nenhuma ameaça real.

Dentro de casa, mamãe me disse que ia colocar a casa para dormir — uma expressão que eu nunca a vira usar antes. Ela deve tê-la lido em um livro. Encontrei-a na sala de estar, fechando as cortinas, e lhe disse que ficaria lá fora por algum tempo, cuidando de Sasi. Ela me pediu para não ficar acordada até tarde e prometi que não o faria, embora eu planejasse dormir do lado de fora, se Sasi não se acalmasse. Talvez Georgie estivesse no cômodo ao lado — na cozinha ou no corredor — e tivesse nos ouvido, ou talvez ele tivesse ido me procurar na cama e adivinhado, com toda razão, que eu estaria na cocheira. Era lá que tínhamos nos encontrado antes. Não seria de todo inconcebível que eu esperasse lá novamente.

Eu estava cochilando — não inteiramente adormecida, mas longe de estar desperta, também — quando o ouvi chegar. Observei meu primo enquanto ele me procurava. Sasi estava exausto de tanto se exercitar, e estava imóvel, a cabeça no canto acima de mim. Eu o amava. Senti o sentimento afluir em minha garganta.

Georgie passou pela baía, o rosto suado. Um instante depois, ele passou novamente e parou na frente dela, apoiou os cotovelos na porta, e sorriu.

— Achei você.

Sasi se assustou, jogou a cabeça para cima e caminhou até a porta; Georgie deu um passo atrás.

— Não estava me escondendo.

Levantei-me perto de Sasi e afaguei o pescoço dele, corri os dedos por sua crina cheia de nós. Eu não estava cuidando muito bem dele ultimamente.

— Thea?

Virei a cabeça e olhei para meu primo, que estava muito ansioso. Ele fez sinal para que eu me aproximasse, e eu fui, era o esperado de minha parte, depois de tudo o que tínhamos feito juntos. Segui-o de bom grado, e logo que saí da baía, ele me empurrou contra a fria parede de tijolos, que me dava uma sensação agradável através do vestido. Ele cheirava a suor, e mordeu meu lábio. Virei o rosto e ele começou a juntar meu vestido em volta de meus quadris. Ele pressionou sua ereção contra minha perna nua, e me virei de volta e vi que ele estava se observando, que ele estava excitado com a visão da própria ereção pressionando minha perna.

— Georgie — eu disse —, espere.

— Por quê?

Ele pegou minha mão e me guiou até nossa baia vazia. A voz dele soava mais profunda do que um momento antes. Afastei o cabelo da testa dele e sorri.

— Está bem.

— Você — ele disse —, você é tão boa.

Naquela hora eu teria feito qualquer coisa. Virei-me de costas e desabotoei a frente do vestido, e ele veio por trás de mim, fazendo o vestido escorregar por meus ombros. Ele beijou meu pescoço e senti meus seios, e então me girou para ele.

Colocou o dedo por baixo do meu queixo e o levantou.

— Você está bem?

— Não.

— Vou fazê-la se sentir melhor.

Porém, eu queria que ele me perguntasse *por que* eu não estava bem; queria que ele percebesse o risco que corríamos, pelo menos a metade do que eu parecia perceber. Ele parecia tão despreocupado, Georgie, tão despreocupado em relação a tudo isso. Não desviava os olhos. Pergunte, gritei, dentro de minha cabeça; pergunte, pergunte, pergunte. Em vez disso, ele colocou a mão entre minhas pernas enquanto me observava, agindo de modo delicado. Depois parou, um meio sorriso estampado no rosto, e eu sabia que ele estava me provocando. Funcionou.

— Não pare — eu disse, e ele desafiou o cinto, e tudo pareceu tão bom, e então eu o desejava, *precisava* dele, pois o que eu sentia nesse instante não era prazer, exatamente: era a promessa do prazer, uma coceira que precisava de unhas para coçar.

E talvez, pensei enquanto o sentia perto de mim, enquanto ele afastava minhas coxas ao mesmo tempo em que fazia desenhos com os dedos sobre os meus mamilos. E talvez, pensei, enquanto ele se impelia para dentro de mim, fosse suficiente, que Georgie tentasse me entender mais tarde, que exatamente agora havia uma necessidade e, quando terminássemos, a necessidade talvez não existisse mais.

— Relaxe — disse ele, e eu tentei relaxar.

No entanto, doía, mas a dor, percebi, era uma parte do prazer. Eu não devia ter feito isso, tinha sido muito má, e agora estava sendo punida. Estava tudo tão claro. Olhei pela janela da baia na direção da uma noite negra, muito negra. Senti o tecido da camisa de Georgie, coloquei as mãos nos ombros dele e o puxei para mais perto de mim. Se uma porta tivesse batido, se mamãe tivesse posto o pé na varanda de trás e chamado por mim...

O rosto de Sam surgia em lampejos em minha cabeça, não como ele estava agora — zangado, magoado —, mas como costumava ser, um garotinho que sentia o mundo profundamente.

“Nós devíamos inverter vocês dois!”, mamãe costumava dizer, como se as meninas fossem mais adequadas a sentirem o peso do mundo do que os meninos. Georgie se curvou e lambeu meu seio como um cão faminto; estremei e puxei-o para cima — eu me sentia excluída do que ele estava fazendo agora, ele estava dentro de mim, mas estava interpretando uma fantasia privada, uma fantasia que requeria minha presença, mas não meu amor.

Mamãe tinha razão. Eu agia muito como um rapaz, sem pensar nas consequências. Lembrei-

me da tenda que mamãe nos deixara montar entre nossas camas quando éramos pequenos. Sam apertou meu rosto entre as mãos gordas:

— Thea — disse ele —, Thea!

Georgie arfou contra mim, uma vez, duas, e pareceu ficar maior dentro de mim, impossivelmente grande. Depois, colocou a cabeça em cima de meu peito e respirou profundamente. Tudo acabou rápido demais.

O que Sam tinha querido? Eu não conseguia lembrar de forma alguma.

Escorreguei pela parede fria até me sentar. Georgie estava de pé sobre mim, enfiando a camisa nas calças, apertando o cinto. Foi o fato de vê-lo fazer todas aquelas coisas, aqueles gestos normais, do dia a dia, que me fizeram me sentir muito solitária. Pus a cabeça entre as mãos.

— Thea?

— O que fizemos?

— Você não sabe? — Lá estava, uma risada ultrajante, impossível, na voz dele.

— Não me refiro a isso.

Ele se sentou perto de mim.

— É tudo muito natural — disse.

— Não parece. — Balancei a cabeça.

— Não?

— Devíamos ter esperado. — Eu olhava ao longe.

Ele riu.

— Por quê? — perguntou. — Não havia um motivo para esperar, no nosso caso.

Eu estava nua e meu primo estava completamente vestido. Ele fez um desenho na terra e parecia estar pensando no que diria a seguir, o que era uma atitude pouco usual nele, pensar antes de falar.

— Agimos errado — eu disse.

— Não forcei você a nada.

Balancei a cabeça. Ele não entendia nada.

— Quero meu vestido. — Apontei para onde ele estava.

Ele pegou meu vestido no meio da baía, e parecia que se movimentava como um estranho. Depois ficou de pé perto de mim, me observando.

— Não achou que isso ia acontecer? — Ele soava genuinamente curioso.

Tudo o que eu queria era ficar sozinha.

Eu tinha a nítida impressão de que tinha desistido de muita coisa por apenas noventa, cem segundos. E aquele minuto, aqueles dois minutos, tinham sido dolorosos para mim, tudo tinha acontecido para o prazer de Georgie. Percebi muito claramente nosso futuro: faríamos isso mais uma dezena, duas dezenas de vezes, e então George terminaria comigo, com nosso arranjo. Os rapazes podiam fazer isso, eu compreendia agora, observando meu primo, a maneira como ele se colocava de pé perto de mim, sem qualquer preocupação, tão confiante. Os rapazes eram feitos para este mundo.

— Não somos do tipo de casar — disse ele. — Thea? Você pensou que nós éramos do tipo de casar?

— Não sei o que pensei — respondi. — Mas não era isso.

Fiz um gesto apontando a baía, as paredes marrons, mofadas; elas precisavam ser esfregadas,

uma das minhas tarefas para o verão. Georgie seguiu minha mão, seguiu-a até onde ela parava: nele, vestido com roupas que meus pais haviam comprado, as únicas coisas boas que ele possuía. Minhas bochechas estavam pegando fogo.

— É sujo.

Ele se ajoelhou a meu lado e tocou na minha face.

— Não é assim.

— É, sim — disse e tirei a mão dele. — É exatamente assim. É o que você faz, na sua família.

— Na minha família?

Senti todas as palavras se formando no meu coração, prontas para explodir; apertei o vestido contra o peito e vi como eu terminaria isso tudo. Sentia pena dele agora. Ele estava ali de pé, tão mudo, tão confuso... Eu não queria sentir pena dele. Não queria nenhuma parte dele. Queria lavar minhas mãos para limpar os vestígios dele, e nesse momento isto pareceu possível: eu poderia não ter mais nada com ele para sempre.

— Você é como seu pai. — Eu falava rapidamente; visualizei meu tio, bom e terno, e me senti uma garota muito, muito má, mas não tinha escolha. — Seu pai veio até o meu como você veio até mim, suplicando. Você é exatamente como ele, constrangedor.

Mantive o vestido no peito e a única coisa que eu queria neste mundo era estar vestida. Meu primo olhou pela janela da baía, para a noite preta como breu, aqui onde as luzes da cidade não alcançavam. Senti-me enjoada. Eu queria que tudo isso acabasse. Mas observei o perfil do meu primo e vi que não acabaria nunca; nós fazíamos parte da mesma família, jamais poderíamos nos livrar um do outro.

Olhei para baixo. Quando voltei a levantar o olhar, o rosto de Georgie tinha uma expressão cruel. E que alternativa ele teria? Faça-me essa pergunta agora, anos mais tarde, tarde demais, tudo em ruínas.

— Olhe para si mesma — disse ele, e seus olhos perambulavam por meu corpo, o vestido me cobrindo tão inapropriadamente.

— Se você não for embora daqui — ameacei —, vou gritar.

— Você vai gritar?

E se eu tivesse esperado um segundo antes de ameaçar gritar? Ou melhor, e se eu tivesse dado um passo para trás no tempo e não dissesse nada, desse um beijo de boa-noite e agisse como se tudo continuasse igual, e deixasse nosso acordo terminar lentamente, como Georgie tinha dito, de forma natural? Ele podia ser estúpido, grosseiro e cruel; ele era igualmente gentil, engraçado e sincero. De qualquer maneira, nada disso importava. Ele era um dos meus. Era meu primo. Eu queria retirar tudo o que falara. Queria que ele retirasse tudo o que falara. Pela primeira vez na vida, compreendi que certas palavras eram como ferro quente, marcadas no cérebro.

— Quem vai ouvir você?

— Todo mundo.

— Não acho que você queira que todo mundo ouça.

Nós nos encaramos. Deus sabe o que você estava pensando, Thea. Só Deus sabe. Eu conseguia ouvir a voz de minha mãe. Georgie me observava, mas eu não consegui encará-lo. Finalmente, ele saiu.

Dormi na cocheira. Eu me sentia suja, mas não suja o suficiente para me lavar. Parecia natural adormecer na baía vazia, ficar na cocheira até o dia clarear.

Esgueirei-me para o andar de cima da casa ao amanhecer e tomei um banho, pensei em Georgie, que dormia no quarto ao lado. Eu poderia muito bem não ter me dado o trabalho de fechar a porta. Ele já tinha me visto nua. Mas havia Sam, que não me vira nua. Cravei as unhas no braço. Fui usada por meu próprio primo. Eu era uma jovem em uma época em que as jovens não tinham poder. Você pode dizer que eu poderia ter previsto o que aconteceria. Mas nunca me senti sem poder em minha casa. Não aprendi a ser cuidadosa a esse respeito.

Quando desci para tomar café da manhã, Georgie não estava na mesa, e nem Sam. Supus que ainda estivessem dormindo — era cedo ainda, não passava das sete horas.

— Seu pônei se acalmou? — perguntou mamãe.

— Sim.

— Você está bem, Thea?

Eu queria muito contar para ela. Queria muito ser consolada. Estou tão envergonhada, mamãe, fiz uma coisa tão horrível que você não vai nem acreditar.

Ela tocou no meu pulso.

— Thea?

A voz dela era suave, agradável.

— Estou bem — respondi. — Apenas cansada.

Ela me olhou, a cabeça inclinada, e percebi que não poderia contar nunca, não nesta vida.

Depois do desjejum, selei Sasi e fui para o pomar de laranjas. Cavalguei a manhã inteira, dei a volta e deixei Sasi voltar para a cocheira a meio galope. Eu me sentia descuidada hoje. Haveria consequências — Sasi lutaria por sua cabeça da próxima vez que fôssemos em direção à cocheira — mas elas pareciam pequenas, e eu me sentia grande e má. E também com medo, embora tentasse ignorar o sentimento de medo quando ele surgia, tentasse abafá-lo, mandá-lo de volta. Eu sempre fora tão eficiente em refrear o medo. Estive à beira das lágrimas a manhã toda; agora o meio galope me embalava em um tipo de transe e eu balançava na sela como uma boneca de pano. Comecei a chorar, como uma menina, como uma criança.

Então Sasi deu uma guinada para evitar alguma coisa — não consegui ver exatamente o quê —, engasguei, agarrei a crina curta dele e me endireitei na sela, ligeiramente, enquanto tentava murmurar palavras tranquilizadoras, enquanto tentava tomar o controle das rédeas. Cavalgar era assim: fazer um milhão de coisas ao mesmo tempo, tudo por instinto.

— Desculpe — gritou Sam atrás de mim, e desejei ter caído, de modo a ter um pretexto para as lágrimas. — Thea? — perguntou Sam. — Você está bem?

Não, eu queria dizer, não estou, e então desatei a chorar. Eu tinha deixado Georgie fazer coisas comigo que se tornaram inimagináveis em minha mente; tinha feito coisas com ele que nunca poderia contar para ninguém. Nem para minha mãe, nem para meu pai, nem para Sam, nem para — e isso me ocorreu apenas naquele momento, na garupa do pônei que eu adorava, no meio do laranjal por onde eu tinha cavalgado milhares de vezes, não, milhões — meu marido. Senti-me tonta e enjoada.

— Thea? — E essa voz pertencia a Georgie. É óbvio. Georgie estava sendo simpático com Sam, talvez porque eu não fosse mais a favorita dele. — Thea? — repetiu, e logo Sam estava a meu lado, segurando as rédeas de Sasi, falando com ele serenamente.

Sasi mordiscou a camisa de Sam, nervoso, mas depois se acalmou. Lembrei-me do que mamãe sempre dissera, que estava em nosso sangue amar os cavalos. E que outras atitudes estariam em nosso sangue?

— Por que você está chorando? — perguntou Sam, mas só consegui soluçar ainda mais forte.

A beleza do dia ampliava minha desgraça; se tivesse chovido, eu não teria me sentido tão sozinho, tão infeliz.

Sasi arfava pesadamente, e por um ou dois minutos foi o único som a ser ouvido — suas respirações graves e ritmadas.

— Thea? — Sam chamou novamente.

Pare de dizer meu nome, era o que eu queria gritar. Pare. Desviei o rosto para não ter que olhar para ele e vi Georgie, sentado em uma pedra. Ele não tinha se aproximado de mim. Notei então que tanto Georgie quanto Sam tinham armas penduradas nos ombros. Fiquei pensando se Sam tinha atirado em algo. Certamente não. Ele não ia ficar cuidando de esquilos órfãos para depois caçá-los quando se tornassem adultos.

— Desculpe — falei, afinal —, desculpe, desculpe, desculpe.

Limpei o rosto, molhado de tanto suar, fungar e chorar. Eu me sentia repugnante, como um monstro.

Georgie se levantou e caminhou na minha direção, e, antes que eu percebesse, ele colocou a mão na minha coxa, vencendo seu medo de Sasi, e gritei para ele:

— Não toque em mim! — Eu nunca me sentira assim antes. Vi centelhas contra o claro céu azul. Eu estava quente, muito quente. — Não toque em mim! — gritei sem parar, até minha voz ficar rouca. Pude sentir os dois rapazes me observando, espantados.

Sam se virou para Georgie.

— O que você fez?

— O que nós fizemos — respondeu Georgie, e sua voz se tornou cruel. — O que nós dois fizemos juntos.

E então começou a se afastar, e Sam se arremeteu contra ele e o empurrou ao chão. Georgie levou um segundo para se levantar, de tão surpreso que ficou.

Sasi, nervoso, tremendo por baixo da sela, começou a trotar, mas eu ainda estava olhando para trás, então vi Sam — sua nuca, que eu conhecia tão bem, os ombros finos, a pose graciosa — levantar a mão e dar um tapa no rosto de Georgie, com a palma aberta, e depois meu primo reagir com um soco no rosto do meu irmão, e o nariz dele começar a sangrar muito.

— Parem! — gritei.

Inclinei-me para a frente; Sasi empinou brevemente e caiu de mau jeito na cabeça da sela pois não estava prestando atenção. Agora, sentia uma dor aguda entre as pernas, e quase fiquei contente com a sensação, porque tornava as coisas reais novamente, Sam e Georgie deixavam de ser figuras surreais, se esmurrando desajeitadamente, tendo como cenário um laranjal gigantesco.

— Parem! — gritei mais uma vez, e acenei com a mão, como se isso fosse ajudar.

Quando me virei para trás de novo, vi Sam levantar a coronha do rifle e acertar no ombro do meu primo — do primo dele, do nosso primo —, e Georgie, surpreso, cair para trás, recobrar o equilíbrio e se jogar para cima de Sam. Ele parecia uma criança tentando desequilibrar um adulto. Georgie tinha medo de cavalos; bati as pernas contra os flancos de Sasi e o guiei em um

galope na direção do meu irmão e do meu primo. Eu queria interromper a briga deles. E, enquanto eu galopava, eu estava ciente não do que poderia acontecer — que algum de nós poderia se ferir gravemente, que eu estava tomando uma atitude que com quase toda certeza acabaria por deixar um de nós machucado —, não, eu só pensava em como estava cavalgando desajeitada, como eu deveria estar feia sobre meu pônei desvairado e furioso, e como estava envergonhada por Georgie me ver dessa maneira.

Georgie dirigiu o olhar para nós, a boca sangrando, uma expressão de terror no rosto; mudei o peso na sela de modo a galopar exatamente entre meu irmão e meu primo. Sasi voava — eu nunca tinha chegado a tal velocidade com ele —, o laranjal parecia uma mancha. Senti um gosto amargo na boca. Fiquei pensando se seria medo.

Eu não os aparteí, como tinha esperança de fazer. O que aconteceu foi que Georgie entrou em pânico e correu na minha frente na direção de Sam. Ele pensou que eu queria passar por cima dele, que estaria seguro ao lado de Sam. Ele não sabia que um cavalo jamais faria isso; seria mais fácil um cavalo permanecer em um prédio em chamas do que atropelar uma pessoa. Sasi tropeçou; o casco dele bateu em algo duro — percebi que era a pedra em que Georgie estivera sentado —, e nesse instante vi Sam levantar a coronha da arma e atingir na lateral da cabeça, mas Sasi recuperou o equilíbrio. Ele galopava muito rápido e não diminuía a velocidade. Usei todo o peso do corpo para frear, mas o pônei era um fio elétrico embaixo de mim, então deslizei enquanto ele ainda estava no meio galope e caí com violência no chão.

Levantei-me rápido, me virei e lá vi Georgie, Sam balançando-o pelos ombros como se ele fosse um boneco. Dava para ver como a cabeça de Georgie estava arrebitada, dava para ver que ele não estava nada bem.

— Sam! — berrei. — Você vai matar Georgie!

Sam me olhou, horrorizado, e vi que ele estava em choque. Eu não estava em choque. Havia sangue por todo o rosto dele, grudado nas bochechas e no pescoço como se fosse uma tinta; Georgie também estava ensanguentado e caído no chão. Havia muito sangue. Eu nunca tinha visto tanto sangue assim, mas me ocorreu que obviamente meu pai já teria visto, que obviamente ele saberia o que fazer.

Fiz um sinal para Sam se aproximar de mim, e ele começou a correr desesperadamente, os membros descontrolados, como uma criança.

— Vá chamar papai! — mandei. A saliva brilhava em volta de sua boca. — Vá chamar papai — repeti.

Fiquei sozinha com Georgie enquanto Sam corria para casa. Afastei o cabelo da testa dele. Sua pele estava quente. O cabelo estava grudado com sangue. Sam havia ferido nosso primo com a arma, uma arma que nunca usara antes contra qualquer ser vivo.

Ajoelhei-me a seu lado e o arrumei para que ele não parecesse desganhado. Ajeitei o colete e usei meu lenço para enxugar o sangue dos lábios dele, mas a boca continuava vermelha; então, inclinei a cabeça dele para trás e passei em seus dentes. Ele tinha uma aparência melhor quando acabei. Alisei sua testa novamente. Ele respirava e eu meio que esperava que ele abrisse os olhos e sorrisse para mim, como se a noite anterior jamais tivesse acontecido. Mas ele abriria os olhos e sorriria para mim, e eu nunca seria capaz de retribuir o sorriso. Eu não tinha esquecido.

Ouvi um grito vindo de casa — mamãe ou a tia Carrie, não consegui distinguir — e reparei no rifle de Sam, que estava jogado perto de mim. Também havia sangue nele, e por isso, sem

pensar, limpei-o em meu culote, que já estava cheio de sangue mesmo, e o atirei longe, o mais longe que consegui, que não era tão distante assim.

Ele ainda estava deitado do mesmo modo quando meu pai apareceu, com os outros adultos. Eu segurava a mão dele, e meu pai me lançou um olhar estranho por um segundo antes que eu fosse empurrada para o círculo que cercava Georgie — minha mãe e meu pai, minha tia e meu tio.

Sam me olhava. Peguei a mão dele, em um impulso, e ele a tirou. Os olhos dele estavam apáticos. Ele me fitava como se não me conhecesse.

— Sam? — eu disse suavemente.

Tentei ignorar o círculo de adultos nas proximidades, tentei me concentrar apenas no rosto ensanguentado de meu irmão.

Ele me olhou por um breve instante e depois se agachou no chão, abraçou as pernas e começou a balançar suavemente, para a frente e para trás. Agachei-me perto dele, e pousei as mãos em seus ombros, e ele me olhou novamente, e mais uma vez pareceu não me reconhecer. Então eu quis morrer, quis que Sam esmagasse *minha* cabeça com a arma.

Minha mãe se desgarrou do círculo e se aproximou de nós. Olhou para Sam, depois para mim, depois de novo para Sam. Ela se abaixou e agarrou nós dois pelos braços, como costumava fazer quando éramos crianças, meu braço direito e o braço esquerdo de Sam, como se fôssemos uma pessoa só, e se inclinou para nos fitar ao nível dos olhos. Isso também era uma reminiscência da infância.

— Vão para seus quartos — murmurou, e seu hálito soprou em nossos rostos.

Ela agarrava nossos braços com força, cravando as unhas através do tecido, mas não dissemos nada. Sam não pareceu nem mesmo reparar nela, e mamãe não pareceu reparar em como Sam estava estranho.

— Vão — murmurou novamente, e nos largou fazendo um gesto com a cabeça em direção à casa.

Sam se levantou e, do chão, eu o observei. Esfreguei o local onde mamãe havia agarrado meu braço. Ele perambulou para longe dali, o passo instável, mas depois deu meia-volta e me encarou. Olhei para o outro lado.

— Thea — disse Sam —, Thea, Thea, Thea.

Ele ficou repetindo meu nome. Parecia possesso; não parecia ele mesmo.

— Pare! — gritei —, pare! Agora!

Tapei as orelhas com as mãos. Isso era o que ele fazia quando éramos pequenos, quando ele queria me aborrecer. Eu odiava, odiava a maneira como meu nome se transformava em nada mais do que um som quando repetido indefinidas vezes. Quase tinha me esquecido. Ele não fazia isso havia anos.

Então ele parou, os lábios entreabertos. Eu queria ardentemente dizer mais alguma coisa, mas sabia que não havia nada a dizer. Sam apontou algo atrás de mim; voltei-me e vi Sasi, que estava na entrada da cocheira, o corpo agitado. Eu tinha me esquecido dele. Aproximei-me do meu pônei, peguei as rédeas e acariciei seu pescoço enquanto observava a figura elegante do meu irmão desaparecer. Eu não podia devolver Sasi para a baía daquele jeito, ele poderia ter uma cólica e morrer. Fui caminhar com ele ao redor do picadeiro e vi o tio George a distância,

seguido pelos outros adultos, carregando o filho nos braços, inerte e ferido.

— Ele está morto? — perguntei em um grito agudo. — Ele está morto?

E minha mãe correu para mim e parou quando alcançou a grade.

— Não — murmurou ela, mas como se fosse um grito —, não, ele não está morto, mas está muito machucado, e o que aconteceu, Thea?

Eu não disse uma palavra.

— Thea — repetiu ela, e a voz dela soou muito solidária.

Eu não merecia aquela voz, e sabia que era a última vez que ela a ofereceria. Quando falasse novamente, a voz seria horrível.

Minha mãe não podia ficar ali para sempre, e quando os outros adultos passaram, ela se juntou ao grupo. Encostei o rosto no pescoço escorregadio de Sasi, senti seu suor poeirento em minha testa e tentei não olhar para meu primo.

Eu estava sentada em minha cama com uma carta nas mãos. O Sr. Holmes esperava por mim; se me demorasse mais, ele ia começar a imaginar coisas.

Toquei as palavras escritas no envelope. *Theodora Atwell*, estava escrito. *Aos cuidados da Escola de Equitação Yonahlossee para Moças*. As cartas que minha mãe enviava eram superficiais, e ela nunca se dirigia a mim como Theodora. Ela disse que estavam encaixotando todas as nossas coisas, que ela, Sam e meu pai iriam morar em um hotel enquanto procuravam uma casa, que papai iria antes para estabelecer o novo consultório. Acho que fiquei feliz ao ler as cartas, pois ela estava me preparando para minha nova vida, pois eu era capaz de imaginar a vida deles enquanto vivia a minha em Yonahlossee. Ela deixava implícito, mas não afirmava, que iria morar com eles na casa de Orlando.

Esta carta, porém, que agora tinha nas mãos, trazia a caligrafia de Sam. Às vezes parecia que Deus estava brincando comigo. Era véspera do torneio, e chega uma carta de meu irmão, que ainda não havia me escrito uma única palavra.

Querida Thea,

Sei que você quer uma carta minha, mas por quê? No momento em que você a ler, a carta já vai estar desatualizada. Você sabe que estamos de mudança. Tudo permanece igual aqui, a não ser por sua ausência. Mas não vai ser igual em breve, porque vamos embora. A família que vem morar em nossa casa tem cinco filhos. Cinco. Pense nisso. Você gostaria de alguns dos irmãos, e gostaria menos de outros. É simplesmente assim que aconteceria. Papai tem me passado mais tarefas. Acho que ele pensa que quanto mais ocupado eu estiver, melhor. Não sei o que escrever, Thea. Você disse que queria uma carta, mas o que quer que esteja escrito nela?

Há algo errado com Georgie. Mamãe e papai não me contam, mas escuto quando conversam. Não é difícil, eles pensam que sou um tolo que não sabe ouvir por trás das portas, mas eles é que são tolos. Papai fala a mesma coisa sobre ele há meses — “ele não está totalmente bem”. O que você acha que isso quer dizer? Sabia que a polícia me interrogou? Não fiquei com medo, mas mamãe e papai ficaram. Nós não vimos a tia Carrie e o tio George desde que você foi embora. Acho que papai se encontrou com o tio George, mas não tenho certeza. Estamos pagando por tudo. Isso eu sei. A casa em Orlando vai ser menor. É o que mamãe diz. Mas ainda não compramos outra casa. Eles ainda estão procurando. Eles não me diriam isso, mas acho que não temos dinheiro para comprar uma casa nova imediatamente. Acho que eles têm que esperar.

Estou entediado. Querida ter um amigo.

Seu irmão,

Sam

Dobrei a carta em centenas de partes, até que não consegui dobrar mais, e depois a desdobrei

e olhei para todas as palavras, e a li e reli até memorizá-la. Sem querer; teria preferido que a voz do meu irmão não ficasse presa na minha cabeça, um disco tocando a mesma música sempre e sempre e sempre até me dar vontade de gritar. Mas eu não tinha vontade de gritar. Tinha vontade de chorar. Chorar aos prantos, como as heroínas dos romances. Mamãe tinha mentido. Georgie não estava bem. Mas quis acreditar nela, e foi isso que fiz.

Eu não sabia qual era o sentido da carta dele, a não ser que estava solitário e com raiva. Sam nunca fora uma pessoa raivosa; tudo isso o deixara com raiva, o transformara em um rapaz diferente. Senti-me egoísta, pequena, mesquinha: eu fora mandada para um lugar onde era impossível alguém se sentir solitário. E Sam, bem, ele teve que permanecer lá, o único jovem naquele mundo. E Georgie — há quanto tempo Sam sabia? Há quanto tempo ele carregava esse fardo sozinho?

Decidi que a carta dele era uma maneira de me pedir para voltar. E, no início, eu tinha querido voltar. Mas não queria mais. Não havia um futuro para mim em casa.

Levantei-me e tirei os brincos de mamãe da caixa de veludo vermelho. Doeu para colocar, mas eu já esperava por isso. Não usava brincos havia meses, desde quando tinha experimentado os de rubi de Sissy. E depois atravessei apressada a Praça em direção à Casa do Diretor, onde eu sabia que o Sr. Holmes estaria esperando.

Na Casa do Diretor, o Sr. Holmes me guiou até a biblioteca, mas não o segui.

— Quero ir lá para fora, para trás — eu disse —, como na semana passada.

— Está bem — concordou ele —, o que você quiser.

Eu o guiei através da casa, e saímos pela varanda dos fundos. Estava um dia ensolarado, como se fosse aquele outro dia, e eu esperava que a luz do sol não estivesse arruinada para mim para sempre. Eu esperava que em algum momento de minha vida fosse capaz de não me lembrar daquele dia com tanta clareza.

Nós caminhamos por uma trilha íngreme, e senti que o Sr. Holmes tocou a parte de trás da minha coxa. Virei-me e sorri, mas continuei a andar. Eu sabia que ele estava tentando imaginar por que eu estava tão silenciosa. No entanto, ele não precisava. Eu sabia aonde queria ir. Sabia o que queria fazer.

Com Georgie, parecia que era uma transgressão, algo que nós não devíamos fazer. Uma transgressão de quê, eu não sabia. Só sabia que Georgie nunca mais seria o mesmo. Eu soubera disso o tempo todo; a carta de Sam apenas tinha confirmado o que eu já suspeitava. Uma série de circunstâncias. No início, pensei que eu poderia ter mudado as coisas, evitado a tragédia da família Atwell: havia tantas formas de ter interrompido aquilo tudo. Se eu não tivesse montado naquele dia. Se eu simplesmente houvesse tomado outro caminho. Se Sam tivesse se recusado a caçar com Georgie. Se eu não tivesse chorado como uma garotinha.

Entretanto, eu via agora que tudo tinha começado antes mesmo de eu nascer. Com dois irmãos, e os filhos deles. Uma filha, a garota estranha. E então fomos todos pressionados por circunstâncias que, a princípio, nada tinham a ver conosco. Circunstâncias às quais reagimos muito mal, mas que não foram criadas por nós. A expansão imobiliária de Miami, que destruiu a confiança de meu tio; a Depressão, que ampliou a ideia de minha família de ser melhor do que o resto do mundo.

Então, falar que tudo poderia ter se dado de maneira inteiramente diferente: só Deus poderia dizer isso. Seria como dizer que eu nunca deveria ter nascido, o que era o único modo, e eu via

isso agora, de que tudo isso pudesse não ter acontecido. Um de nós teria que ir embora: eu, Georgie, Sam.

Parei na clareira e me voltei para encarar o Sr. Holmes.

— Thea — disse ele —, Thea.

Tocou meus brincos, os brincos que tinham sido presente de minha mãe. Que minha mãe e o Sr. Holmes tivessem tocado a mesma coisa sem saberem disso parecia ultrajante, triste, mas também reconfortante.

Quase um ano antes, o que ele tinha visto ao se aproximar do carro? Ele estivera esperando por nós, por mim. Observou meu pai, que parecia hesitante; observou-o dar uma volta por trás do automóvel, imundo por causa da viagem; depois a mim, eu tinha pulado para fora do carro antes que meu pai pudesse abrir a porta. Será que ele me achou ousada? Impertinente? Theodora Atwell, da Flórida, que se comportara de maneira imprudente — pior que isso, muito mal, e por isso tinha sido expulsa. As primeiras coisas a emergirem do carro foram minhas pernas, pernas de uma garota. Depois fui eu, menor do que ele pensava, e bonita, com uma postura perfeita. Ou, se não bonita, de aparência interessante. Viu tudo isso através da escuridão do entardecer. E então percebeu que tinha se alongado demais nas observações e correu para fora para nos cumprimentar.

— Thea — repetiu.

Isso era tudo o que dizia. Tudo aconteceu comigo por algum tipo de instinto que eu não sabia possuir. Eu fizera certas coisas, claro, mas nunca com tanta confiança, tanta facilidade. Ficávamos tão à vontade um com o outro agora, o que parecia tão correto, e dava a impressão que seria impossível que outras pessoas além dele e de mim jamais tivessem se sentido assim antes. Nunca desejei George dessa maneira.

Dei um beijo nele, intenso, segurei o rosto dele entre as mãos.

Em seguida apontei para o chão, e ele compreendeu, compreendeu exatamente o que eu queria e se deitou no chão, na terra, e desafivelei o cinto dele e o ajudei a tirar as calças.

Abaixei-me por cima dele, e ele era tão grande e sólido dentro de mim, e eu não queria que aquela sensação terminasse. A sensação que parecia me dar um motivo para tudo o que eu fizera, a começar por Georgie: por causa daquela sensação que eu não estava sozinha. E mesmo enquanto a sensação me queimava o cérebro, eu ficava triste, pois sabia que seria a primeira e a última vez que faríamos isso. E não parecia possível, naquele momento — agarrei os ombros dele, e ele puxou minha blusa e chupou meus seios, e me apertou contra seu corpo —, não parecia possível que algum dia eu fosse vir a me sentir assim novamente. Interrompi o movimento de meus quadris por um momento, inclinei-me e o beijei. Nossos corpos estavam melados de suor.

— Não pare — murmurou ele, e prometi que não pararia.

Observei o rosto dele, os olhos semicerrados; do que será que ele gostava quando era criança? Será que pegava a mão da mãe quando percorriam uma rua congelada e sentia consolo no toque dela? Será que tinha amado a voz do pai ao recitar as orações? Ele deveria sentir saudades dessas coisas agora, o toque e o som que se esvaíam tão rapidamente da memória.

Acelerei meus movimentos, e ele colocou as mãos em meus quadris e me puxou para baixo, para baixo, para baixo, para dentro dele; e depois fiquei em um ângulo diferente em cima dele e fechei os olhos para sentir todo o prazer, aquela sensação de confiança.

Eu não queria tirar Georgie da mente. Queria tirar a memória daquela noite, do dia seguinte. E isso, percebi agora, era impossível. A dor era parte do prazer, e ambos faziam parte da recordação que eu tinha do meu primo.

* * *

A manhã estava linda no dia do torneio, o tipo de manhã que prenuncia um lindo dia. Se com frequência chamo de lindos os dias de Yonahlossee é porque o eram de fato, porque não consigo encontrar outra maneira de descrevê-los com tanta precisão a não ser simplesmente dizer que eram lindos, como um cartão-postal, uma pintura, algo irreal.

Andei até o caminho do bosque com Sissy de um lado, Mary Abbott do outro, o culote dela dobrado até os joelhos. Sissy torceu os cabelos lisos em um nó justo. Minha casaca de concurso estava apertada nas costas quando eu levantava os braços. Em dois meses não caberia mais em mim. Mas eu não estava pensando nisso, não estava pensando sobre daqui a um ano, ou mesmo daqui a um dia: estava pensando na próxima hora, quando saltaria na frente de todas essas garotas, e do Sr. Albrecht, e do Sr. Holmes.

O Sr. Holmes estava de pé no portão com Decca. Meu corpo agora reagia à presença dele; era como se eu tivesse um imã embutido na pele, me dizendo para ir na direção dele. Mas, obviamente, eu não faria isso, não poderia fazer isso. Levantei a mão fazendo um sinal, e olhei para longe. Vi os cabelos louros de Leona, com a costureira trança apertada; ela contava os passos entre os obstáculos de um duplo.

Posicionei-me atrás de Leona, que estava fazendo o reconhecimento da pista pela segunda vez. Isso me irritou; de acordo com as regras da etiqueta, era a vez de outra pessoa. Contei os passos entre cada salto e tentei ver a pista a partir da perspectiva de Naari, tentei prever o que poderia amedrontá-la — os vasos de plantas que delimitavam cada obstáculo, as tendas na extremidade do picadeiro que forneciam sombra às nossas mesas de almoço, a mera presença de todas aquelas pessoas. Eram tantas coisas.

Eu estava com dor entre as pernas, mas sabia, pela experiência da última vez, que a sensação iria desaparecer rapidamente. E então tudo o que me restaria seria uma memória, que iria enfraquecer, enfraquecer e enfraquecer até que eu tivesse apenas uma memória daquela memória. Porém, o Sr. Holmes tinha me transformado. Eu era uma garota diferente por causa dele.

Tentei me concentrar nos saltos. Fiquei impressionada com a pista, projetada pelo grupo de Sissy. Os obstáculos mais complicados na pista avançada eram um rio, que levava a um oxer, dois obstáculos próximos um do outro; e um tríplice que terminava com um muro. O muro era o obstáculo mais alto e o último salto da pista, projetado como um teste final. Os tijolos do muro eram falsos, feitos de madeira leve, mas os cavalos não sabiam: para eles, tratava-se de um obstáculo sólido.

O Sr. Albrecht soprou o apito, Leona passou e as faces dela pareciam mais rosadas do que de hábito, o que me deixou totalmente chocada — ela não parecia o tipo de pessoa que usava ruge.

Sei que devia deixá-la vencer. Sissy até tinha me dado uma pista sobre isso. E eu rira, dissera-lhe que provavelmente Leona iria me derrotar. Mas eu tinha esperanças de que não fosse verdade.

As rodadas de qualificação ocorreram rapidamente. Fiz o aquecimento no picadeiro adjacente e observei o obstáculo do rio atrapalhar três garotas antes de chegar minha vez: duas alunas do terceiro ano de Louisville e Martha Ladue. Eu seria a antepenúltima a me apresentar. O Sr. Holmes ainda segurava Decca; não conseguia vê-los muito bem, apenas os perfis, Decca bloqueando o Sr. Holmes. Já havia acontecido uma queda, uma garota que eu não conhecia bem tombou depois que seu cavalo refugou diante do oxer.

Houve um intervalo no meio das rodadas de qualificação. Tentei manter minha respiração regular, tentei relaxar Naari com firmeza. Esta rodada não era no cronômetro — eu precisava me concentrar na precisão. Fechei os olhos e visualizei cada salto, contando as passadas entre eles.

Quando chegou minha vez, avaliei o tempo para iniciar com perfeição; quando o Sr. Albrecht soprou o apito, eu estava na linha do primeiro salto. Naari desviou o olhar para um dos jarros, mas a impulsionei com as pernas e ela passou sem problemas. Saltei como sempre fazia: tudo e todos desapareciam. Todas as pessoas da plateia eram um borrão. Concentrei-me no odor acre do suor de Naari, seu corpo se movimentando entre minhas pernas.

Eu *sabia* que nós tínhamos o último salto, sabia com certeza, mas então os tijolos falsos caíram embaixo de nós, e xinguei Naari em voz baixa. Ela não tinha elevado as patas o suficiente. Mas tínhamos sido rápidas.

Leona passou voando por nós, trotando, tão perto que criou a própria brisa enquanto se movia. Naari queria trotar, também, estava nervosa e tensa. Eu queria perguntar ao Sr. Albrecht em quanto tempo eu tinha feito o percurso e o localizei, de costas para mim, gesticulando. Ele estava falando com alguém, mas não consegui perceber quem era até passar devagar, e então vi que era a Sra. Holmes.

Observei Leona a partir de uma distância segura. Minha cabeça latejava, e minha boca estava muito seca. Já acabou, sussurrei no ouvido de Naari, enquanto observávamos a cena, mas, mesmo assim, quase não acreditava. Talvez meus olhos tivessem me enganado. Talvez minha mente estivesse me pregando uma peça. Mas eu sabia a verdade, que era simples assim: a Sra. Holmes tinha voltado para casa um dia antes. As pessoas antecipam a volta para casa o tempo todo.

King completou os saltos sem erros, incluindo a última combinação, como se todos fossem pequeninos brinquedos. As pernas dele tinham quilômetros de comprimento; ele quase não precisava se empenhar.

Sissy me encontrou na baía de Naari, que agora pendia a cabeça, exausta. Ela deslizou para dentro da baía e puxou o portão atrás de si. Eu afagava a garupa de Naari. Ela teria algumas horas para descansar. A turma adiantada entrava primeiro, mas na rodada seguinte passavam para o final, de modo que as montarias tivessem mais tempo de recuperação.

— Por que você está aqui embaixo? — perguntou Sissy.

Tinha as faces vermelhas, e o coque estava se desfazendo. Estava inteiramente vestida de branco, como todas nós. Eu não concorria com Sissy, mas na verdade ela não era ameaça para ninguém. Sissy não era tão boa assim; não se importava tanto assim.

— Estou cansada.

— Mas ainda temos o almoço. Não está com fome?

Segui o dedo de Sissy e vi garotas vestidas de branco, andando para todo lado.

— O que tem de almoço?

Odiei a forma queixosa como o minha voz soou.

— Sanduíches. Mas estão bons.

— A Sra. Holmes voltou.

— Eu sei.

Eu segurava minha testa latejante com a mão e não olhava para ela.

— Estou triste — disse, finalmente.

— Mas você sabia que ela iria voltar. — A voz de Sissy estava suave.

— Sim — falei. — Eu sabia. Mas não é sempre assim? Você vê o fato prestes a acontecer, mas não consegue evitá-lo.

Sissy me puxou para um abraço, e notei a intensidade com que fez isso, como se estivesse receosa de eu recusar. Mas não recusei. Ninguém tinha me abraçado no último ano, depois de Georgie. Ninguém tinha tocado em mim.

* * *

As três finalistas — eu, Jettie, Leona — tinham que desempatar. Fui a primeira, o que não era uma posição invejável, mas fiquei contente de competir logo. Precisávamos ser rápidas. Eu sabia que a disputa seria entre mim e Leona; sempre soube disso. King era um atleta maior, mais dotado, porém Naari era mais rápida, como já havia provado naquela noite muito tempo atrás; e, mais do que isso, era mais esperta. King era estúpido, imperturbável. Mas se eu conseguisse deixar Naari tensa na medida certa, ela iria tão rápido quanto naquela outra noite, e nós venceríamos.

Na pista de aquecimento, mantive os olhos nas pontas das orelhas de Naari e a fiz caminhar em círculos, cada vez menores, até ela estar praticamente fazendo uma pirueta. Eu não a deixaria trotar — queria que ela reservasse cada fração de sua energia. Eu ainda não tinha encarado o Sr. Holmes, mas, ah, como ele me observava. Dava para sentir. O Sr. Albrecht me olhava curioso quando eu passava por ele. Eu deveria estar aquecendo Naari lentamente, trabalhando-a aos poucos na pista, mas, no fim de tudo, regras eram apenas regras, e ambos sabíamos disso. Eu poderia lidar com meu cavalo do jeito que quisesse.

Enrolei as rédeas nas mãos, algo de que eu tinha ouvido falar recentemente. Era um gesto estúpido; se Naari refugasse um salto no último instante, eu seria atirada por cima dela de qualquer maneira, ainda presa pelas rédeas; no mínimo, eu quebraria ambos os braços. No entanto, senti meu velho destemor ressurgindo, como sempre ocorria antes de uma pista difícil. Como sempre ocorria, quando havia pessoas assistindo. E agora essa multidão o incluía, e eu me sentia tão inconsequente; inconsequente, enquanto enrolava as rédeas tão apertadas em volta das mãos que o couro chegava a machucar minha pele; inconsequente, enquanto ouvia o apito do Sr. Albrecht e incitava Naari a galopar.

Gostei do poder extremo que as rédeas enroscadas me trouxeram; flexionei os braços e Naari andou mais devagar, mais depressa, e depois virei os dedos dos pés para fora e enfié as esporas em seus flancos, e ela não tinha escapatória, eu mantinha todo seu vigor controlado entre minhas pernas e mãos, embaixo de mim. Eu nunca sentira tamanha energia, agitando-se sob mim como

uma onda violenta.

Nós estávamos indo depressa demais; se fosse uma aula, o Sr. Albrecht teria gritado para que eu reduzisse pela metade nossa velocidade. Todas as garotas vestidas de branco formavam uma multidão indistinta, interrompida de tantos em tantos metros pelo chapéu de uma monitora. Se eu tivesse desejado encontrar o Sr. Holmes na multidão, não teria conseguido.

Saltei o rio, senti Naari mudar seu andamento, e eu sabia, à medida que ela se recuperava em preparação para o oxer à nossa frente — e depois à medida que voava por cima dele, as orelhas niveladas em relação à cabeça por causa da concentração —, que nós nos entendíamos: eu queria vencer, e ela queria se livrar de mim, esta garota confusa nas suas costas, incitando-a para a frente com dores pontiagudas em seus flancos, então fazendo-a frear com um terrível repuxo no canto da boca; ela sentia o gosto de sangue com a pressão do bridão se movimentando de um lado para outro, achatando sua língua contra os dentes, tornando a respiração difícil.

Naari bufou em sinal de frustração.

— Bom trabalho — sussurrei no ouvido dela, mantendo o mesmo ritmo de seu meio galope —, ótimo, ótimo, ótimo.

E, quando nos aproximávamos da última combinação (e tinha sido uma jogada maliciosa, deixar o salto mais alto para o fim), bati as pernas em seus flancos e levei as mãos para o alto do pescoço dela, e ela sentiu alívio na boca, no cérebro, e saltou.

Nessa passagem, o que contava era a velocidade; logo, derrubar um obstáculo não retirava pontos, mas eu *precisava* saltar o muro, eu precisava que o Sr. Holmes me visse fazendo isso. Enquanto permaneci suspensa no ar acima do último obstáculo — por um segundo, dois segundos —, fechei os olhos e por um breve instante imaginei que estava em casa novamente, montada em Sasi, saltando de novo, saltando rumo ao espaço vasto e desconhecido.

Tive que fazer Naari dar cinco voltas antes que ela finalmente voltasse a caminhar. A multidão se mantinha em completo silêncio. Eu completara a pista sem faltas.

Leona entrou trotando montada em King, e me ignorou completamente. Mas o Sr. Albrecht captou meu olhar, e percebi que todas as outras garotas em torno do picadeiro também me observavam: a mim, não a Leona. Dei uma palmada no pescoço de Naari, e ela recuou.

— Ela precisa esfriar — murmurou o Sr. Albrecht quando passamos por ele.

Aquiesci. Tentei não reparar que todo mundo nos encarava. Mary Abbott estava de pé na entrada, e, quando passei, ela agarrou minha rédea.

— Não — falei, furiosa —, deixe-me.

— Bela apresentação — disse ela, com uma voz monocórdia —, que bela apresentação! Boa garota — disse para Naari.

— Não toque nela.

Mary Abbott levantou o olhar para mim, sem aparentar surpresa, e soprou os fios de cabelo que lhe caíam no rosto enquanto me contemplava.

— Se houver um desempate, garanto que você vai vencer também. Diria que você vai vencer tudo hoje, se fosse apostar.

— Deixe-me em paz — murmurei, e aticei Naari para começar a trotar, fazendo-a diminuir a velocidade e voltar a andar depois que ultrapassamos a multidão.

Deslizei da sela e comecei a levá-la a caminhar em círculos, novamente observando Leona

de uma distância segura.

— Você está bem — murmurei para Naari, mas ela não reagiu, pendeu a cabeça, quase até a altura do chão.

Tentei secar o suor dos locais machucados onde eu tinha enfiado as esporas, cada um deles do tamanho de uma moeda pequena, mas ela recuou a meu toque. De repente, senti um tremendo remorso. Por tudo isso.

Uma garota do primeiro ano cujo nome eu não sabia — Holly? — passou por nós correndo, encarou Naari com olhos arregalados. Quando tentei captar seu olhar, ela o desviou. Naari estremeceu quando uma brisa soprou, o ar frio em sua pele quente. O chiado suave dos galhos nos envolvia, e subitamente me senti tranquila, vazia, livre de qualquer força violenta que tivesse me possuído. Afaguei o pescoço de Naari e quis nada mais do que ser transportada, por um passe de mágica, de volta para a minha cama, uma colcha macia me cobrindo até o pescoço.

Era difícil avaliar a velocidade de Leona e King — ele era tão desengonçado que sempre parecia se mover em câmara lenta, como se estivesse dentro da água. Formavam um belo par, Leona e King: eu não podia deixar de admirá-los, o reflexo das botas fazendo um lustroso contraste com a pelagem brilhante de King. Eles pareciam da realeza, pensei. A realeza de Yonahlossee. E em breve não iam significar nada para esse lugar, a vaga recordação de uma garota e seu cavalo.

Novamente King completou a pista sem faltas, como se fosse simples.

* * *

As três finalistas — eu, Jettie, Leona — se alinharam no picadeiro. Ninguém sabia nossos tempos. Eu dizia palavras suaves para Naari, que empinava e arqueava o pescoço; Leona me lançou um olhar penetrante quando Naari tentou ultrapassar King.

— Contenha Naari! — ordenou ela.

Leona ficaria bem, eu sabia; parecia que ela poderia resistir a quaisquer tempestades da vida.

— Estou cansada de ver você sempre com o primeiro lugar — respondi.

Este estava se tornando facilmente o segundo pior dia de minha vida, mas o ar de choque no rosto de mármore de Leona me trouxe satisfação. Empurrei Naari para a frente de King.

Avistei Henny próxima do portão, conversando animada com alguém que não consegui reconhecer até ela virar a cabeça e me fitar. A Sra. Holmes. Tudo nela estava mais curto: o cabelo, que estava preso em um coque pequeno e solto; a saia, que não mais se arrastava pelo chão; a camisa, que não estava mais fechada até o pescoço, arrematada com um camafeu, e que revelava um pedacinho de sua pele pálida. Senti-me tonta, inclinei-me para a frente na sela rápido demais, como se fosse desmaiar.

— Você está bem, Thea? — perguntou a Sra. Holmes

Olhei para ela, boquiaberta. Não consegui ocultar minha surpresa. Ela parecia mais revigorada, como se tivesse vindo de um spa. Dava para ver como ela tinha sido bonita na juventude. Não linda, mas bonita, de uma forma ousada e sólida. Senti meu estômago embrulhado.

— É mesmo, Thea — disse Henny, com a voz fria. — Você está bem?

Concordei com a cabeça e me afastei, evitando encontrar o olhar fixo da Sra. Holmes,

ignorando a repreensão de Henny.

— Thea — chamou ela —, o que aconteceu com suas boas maneiras?

Porém, eu não podia encarar a Sra. Holmes; não conseguia, por nada neste mundo, fingir que gostava dela.

Eu tinha me esquecido, é óbvio, tinha me esquecido de tudo. Tinha me esquecido de que ela voltaria, reivindicaria de volta o marido, a vida dela aqui. E ainda assim, enquanto me dirigia para dentro do picadeiro, eu queria vencer.

Todas nós viramos os cavalos para o Sr. Albrecht e Rachel, que estava entregando as flores para nossa turma. Ela sorriu para mim, o rosto cheio de sardas por causa do sol. Ela ficara fora durante um mês, mas creio que ser filha do diretor permitia alguns privilégios. O Sr. Albrecht tinha o braço em volta de Rachel; de maneira protetora, pensei. Ela ainda era amada aqui. Suas faces estavam rosadas, e ela parecia confiante. Era óbvio que estava confiante. Os pais estavam juntos novamente, a família toda reunida. Avistei Molly na primeira fila conversando animadamente com outra aluna do primeiro ano. Todas as garotas do primeiro ano pareciam ainda com potranças, os cabelos finos e os membros flácidos. Elas não pareciam saber onde colocar as mãos e os pés quando caminhavam, como controlar as pernas que tinham crescido tanto em tão pouco tempo.

— Em poucos instantes — anunciou o Sr. Albrecht, e a multidão se pôs em silêncio —, teremos nossos resultados.

Jettie estava resmungando consigo mesma, furiosamente, e me voltei e olhei para ela.

— Sempre encarando — disse ela, quando me flagrou olhando, o que foi algo que Henny tinha me dito uma vez.

Fiquei em silêncio, fechei os olhos para todas aquelas pessoas.

Quando os abri novamente, vi uma massa de rostos, todos atentos, sérios. Isso significava muito para nós. Vi Martha trocando ideias com Henny, e a tranquila Alice Hunt observando com atenção. Molly roendo uma unha. Eu sabia tão pouco sobre qualquer uma delas, com exceção de Sissy. Também conhecia Eva o suficiente para chamá-la de amiga.

Os olhos de Rachel encontraram os meus e se desviaram, rapidamente, e percebi que eu tinha vencido.

— E isso nunca aconteceu antes — começou o Sr. Albrecht, de pé na nossa frente, dirigindo-se à multidão. Ele podia ser qualquer um dos homens, seu inglês carregado como a única pista de que não era como o restante das pessoas ali. — Nunca antes concedemos o prêmio a uma novata.

Fez uma pausa. Vi Henny cochichar algo com a Sra. Holmes, que balançou a cabeça. Todo mundo agora sabia que ele se referia a mim, evidentemente; Mary Abbott estava radiante e Katherine Hayes me olhava com interesse. Eu observava a Sra. Holmes para evitar olhar para o marido dela, que eu sabia que estaria na parte de trás da multidão, com Decca ao lado. A Sra. Holmes também me observava, uma expressão serena no rosto.

— A equitação — continuou o Sr. Albrecht — é, se posso dizer isso, uma verdadeira parceria entre homem e animal, entre o poder da mente de uma pessoa e a força absoluta da energia de um cavalo.

— Acabe logo com isso — resmungou Leona em voz baixa.

— E tudo é justiça na pista de saltos, onde não pode haver favoritos, onde o que importa é

habilidade e velocidade, nessa ordem. Garotas, é uma lição que vale para a vida: em tudo a que se dedicarem, esforcem-se árdua e honestamente, e grandes recompensas virão.

Ele apanhou a guirlanda mais simples dos braços de Rachel, que tinha as outras penduradas em uma fila perfeita. Colocou a guirlanda em volta do pescoço do cavalo de Jettie, que nivelou as orelhas e expôs os dentes. Depois colocou outra guirlanda no pescoço de King, que esperou pacientemente enquanto o Sr. Albrecht mexia com o grampo.

— E nossa vencedora de hoje, Theodora Atwell, de Emathla, Flórida, que nos impressionou a todos com sua ousadia e habilidade. — O Sr. Holmes entrou no picadeiro, passou pela esposa e por Henny e fez um cumprimento de cabeça.

Beliscou a bochecha de Rachel depois de pegar a guirlanda do braço dela, e ela virou o rosto, envergonhada. O pânico cresceu na minha garganta. Eu não queria que ele chegasse tão perto, mas então ali estava ele, tão perto que eu podia ver o repartido em seu cabelo. Outra tradição de Yonahlossee.

— Thea — murmurou —, muito bem.

Ele afagou o pescoço de Naari, cautelosamente, como apenas uma pessoa que não estivesse acostumada com cavalos faria. Em seguida, colocou a guirlanda no pescoço de Naari. Guirlanda de sino-dourado salpicado de floxes roxa, a primeira floração de cada. E quem teria imaginado que tal combinação tão improvável — a primeira tão vibrante, quase elétrica; a segunda, tão delicada — formasse um belo conjunto? A Sra. Holmes teria pensado nisso. A Sra. Holmes retornou a tempo de cuidar do jardim.

Agora ela estava cuidando de Decca, na multidão, a querida e morena Decca. A Sra. Holmes não merecia o que eu tinha feito.

King recuou, repentinamente consciente da guirlanda, e Leona enterrou as esporas nele. O Sr. Holmes ordenou que Rachel se afastasse para a lateral do picadeiro. Minha boca estava muito seca; negar água para mim mesma era um castigo, o melhor que eu podia pensar de imediato.

— Está tudo bem, King — disse o Sr. Albrecht, e as orelhas de King se voltaram na direção dele, e fiquei com pena do cavalo, pois sua dona se tornara cruel devido a uma derrota que ele não podia compreender.

Estalei a língua, e King virou a cabeça para mim, ansiando por algum conforto, e pela primeira vez o rosto de Leona ficou fácil de decifrar: eu não deveria ter vencido. Eu sabia, em minhas entranhas, que tudo isso estava acabado.

Nos livros acontecia mais como uma revelação gradual, o reconhecimento lento e doloroso de algo. Mas soube em um instante que Leona queria me prejudicar de todas as maneiras possíveis. Eu me intrometi no caminho da única coisa no mundo com a qual ela se importava: sua última chance.

E eu não ia me retirar. Morreria antes de perder. Eu era uma amazona tão boa porque não tinha medo. Sempre impressionei as pessoas com minha disposição para tentar saltos que eram altos e amplos, largos demais para uma garota tão pequena. E agora eu passava a língua por meus lábios rachados e procurava pelo Sr. Holmes. Ele estava de mãos dadas com Rachel na extremidade do picadeiro. Todo mundo observava Leona, que estava dando um espetáculo, enfiando freneticamente as esporas em King. Mas o Sr. Holmes me observava, e eu sabia que ele o faria. Quando encontrei seus olhos, ele balançou a cabeça, de maneira triste, e, se eu pudesse, teria cravado uma faca em meu coração, ah, certamente teria.

Em vez disso, esperei, como uma boa moça, Jettie e depois Leona completarem a volta da vitória, e em seguida iniciei minha própria, sob aplausos ensurdecedores, como um aviso; esperei o fotógrafo tirar meu retrato, esperei o Sr. Holmes desaparecer no bosque com a família. Esperei enquanto uma centena de garotas me cumprimentava, minha apresentação sem elegância perdoadas.

— Ah, que lindinha! — elas disseram e tocaram no pescoço de Naari, uma a uma.

Depois, guiei Naari para fora do picadeiro, passei pelas cocheiras e subi a montanha em uma trilha que cruzava a floresta por alguns quilômetros antes de chegar a uma clareira. Era a única trilha que não levava você de volta às cocheiras — ia dar em Asheville por meio de uma velha estrada de mineiros. Ou pelo menos foi isso que eu ouvira falar.

Dei rédea para Naari e tirei a guirlanda, com algumas flores já murchas e machucadas, e a deixei cair em algum lugar do bosque. Eu tinha sido muito dura com minha montaria, com todo mundo assistindo. Não me arrependia disso. Tinha controlado minha montaria de forma dura demais para esse concurso em particular, mas tinha vencido.

Cheguei à primeira clareira e desmontei. O ar estava tão cortante que eu sentia a garganta apertada quando respirava profundamente. Naari pousou o focinho na palma da minha mão, um gesto incomumente afetuoso para ela. Eu sabia que existia um sentimento nascido da exaustão, da incerteza — não estávamos em um lugar que ela reconhecesse —, mas fiquei agradecida. Coloquei a palma da mão em sua testa ampla, e com o dedo desenhei um círculo em volta de seus olhos brilhantes.

Eu era corajosa, uma característica que me servia bem no picadeiro e mal na vida.

* * *

Escolhi um dos vestidos do armário de Sissy, que estava repleto das finas sedas e cetins da estação, peças que a mãe dela tinha acabado de lhe enviar. Sissy ficava constrangida com sua riqueza, mas não devia. Um vestido novo faria dela um objeto de inveja, não de desdém; significava que estava segura. Ela não seria arrancada deste lugar, como Leona. O vestido escolhido por mim era formal, na altura dos tornozelos.

— Quer um colar? — perguntou Eva.

— Acho que não.

Eu me observei no espelho, que era pequeno demais e não dava para ver meu reflexo inteiro. Meus cabelos estavam sujos, eu não os lavava havia quase uma semana, mas pareciam muito cheios, monotonamente castanho-avermelhados. Dei um passo para trás e avalei meu corpo, o cetim verde colado nos quadris de uma maneira que minha mãe teria considerado indecente. O vestido estava apertado no peito, achatava meus seios. Eu não estava certa se o efeito era estranho ou atraente. As alças estavam largas no ombro, e eu não conseguia me livrar da impressão de que estavam caindo.

Usei os brincos de mamãe novamente. Pela primeira vez, eu usava uma joia de valor.

Deixei o alojamento antes de todo mundo. Elas ainda estavam aplicando um pouco de maquiagem que esperavam que a Sra. Holmes não notasse: pinceladas de ruge e pó; um batom leve. Eu não quis passar nada, e estava evitando Sissy; pareceu um extraordinário golpe de sorte eu ter conseguido escapar do alojamento sem ser notada. Estava com essa sensação enquanto

atravessava a Praça e me perdia na multidão de garotas que se dirigiam ao Castelo. Eram sete horas da noite, entardecer, e a luz nos deixava mais suaves. A família Holmes se postava na entrada, que fora adornada com guirlandas de fitas amarelas e azul-marinho, mas eu estava tranquila. As filhas também estavam ali, agrupadas ao redor do pai.

Eu me sentia doída com uma tristeza que não tinha nada a ver com ele: eles formavam uma família, apresentando um front unificado, mesmo com suas mágoas e divisões secretas. De repente, senti uma falta enorme de meu irmão gêmeo e quase cheguei às lágrimas de inveja. Endireitei-me, certifiquei-me de que meu cabelo estava no lugar, as alças. Como seria nosso reencontro, quando acontecesse? Será que meu irmão ficaria feliz de me ver? Não parecia possível.

— Nossa campeã — disse a Sra. Holmes na porta.

E como o Sr. Holmes se colocava atrás da esposa, ela não podia ver como ele evitava meus olhos.

— Obrigada — agradei, embora ela não estivesse exatamente me dando parabéns.

Olhei para as meninas. Todas me observavam, principalmente Rachel.

— Estão contentes de voltarem para casa? — Minha voz estava surpreendentemente firme.

— Para ver o pai de vocês?

Todas confirmaram com um gesto da cabeça.

— Foi muito divertido ficar com nossos avós — disse Sarabeth.

— Muito divertido — repetiu Rachel.

— Todas nós tivemos uma boa temporada — comentou a Sra. Holmes. — E me encontrei com muitas ex-alunas de Yonahlossee. — Ela sorriu. — Existem tantas como você, espalhadas por todo o Sul...

Levei um minuto para identificar o “você” a quem a Sra. Holmes referia — mas era óbvio. Eu agora era uma garota de Yonahlossee.

Vê-las não foi tão difícil quanto pensei. Na realidade, vê-las me dava certo alívio: eu não tinha arruinado a família Holmes.

— Bom — eu disse, e virei a cabeça para verificar se alguma outra garota estava chegando, para desviar o olhar de modo que eu não precisasse ver o Sr. Holmes me ignorar tão solenemente.

Molly e Henny estavam na parte de baixo da escada, com Molly falando, Henny meio que prestando atenção. Voltei-me novamente para a família Holmes, fiz uma mesura, e cruzei as portas mantidas abertas por Docey e Emmy, a primeira vez que eu as via juntas. E havia uma semelhança entre elas, o modo como se posicionavam, o modo como suas cabeças se ajustavam no pescoço, o modo como suas mãos se mexiam rapidamente de um lado para outro. Sorri para elas. Docey retribuiu o sorriso, mas Emmy fingiu não ter me visto.

O refeitório estava lindamente decorado, as flores do concurso transportadas para cá. A Sra. Holmes tinha retornado havia apenas um dia, e já organizara as coisas, colocando tudo de volta nos seus devidos lugares.

Os rapazes todos se colocavam no outro lado do refeitório, usando ternos, coloridas gravatas-borboletas, e fiquei embaraçada com o comprimento e a formalidade do vestido que tinha escolhido. Todas as outras moças usavam vestidos mais curtos, menos formais — Sissy levantara as sobrancelhas ao ver a roupa que eu escolhera, mas eu ficara com ele de qualquer maneira, e

por quê? Por que eu queria que todo mundo olhasse para mim? Senti os olhos dos outros, uma centena deles, me seguirem do outro lado da pista de dança. No entanto, não foi uma sensação inteiramente desagradável. Imaginei Sam no meio das pessoas, esperando para dançar com uma moça. Eles deveriam ter expulsado Sam também; será que não sabiam como parecia injusto, me deixar em um lugar distante, mas não ele? Eram uns tolos, como Sam tinha dito.

Sissy chegou com Eva. Ela deu uma espiada rápida na direção da multidão de rapazes, e gostaria que ela não fosse tão óbvia, gostaria que as emoções dela fossem um pouco menos evidentes naquela noite.

— Está tudo bem? — perguntou Sissy quando se aproximou de mim.

Reparei nos seus brincos, os brincos de rubi que eu tinha encontrado quando bisbilhotei a Casa Augusta, quase um ano atrás. Como o tempo voou.

Aquiesci e mordi uma pequenina tartelete de frutas vermelhas, ainda quente do forno, a manteiga se derretendo na língua. A música se iniciou, e os rapazes começaram a se aproximar. Nós ficamos lá, um tanto desajeitadas, Sissy me observando de perto, eu fingindo que ela não estava fazendo aquilo. Por que ela achava que eu poderia transferir facilmente meu afeto para outra pessoa? Nesse momento, como se tivesse sido convocado, David apareceu, tão alto e atraente como da última vez.

— Thea? Nós nos encontramos de novo.

— David. — Ele era o tipo de rapaz que se recusava a ser recusado. — Você está aqui. — Um comentário idiota. Certamente eu poderia ter arrumado algo melhor para dizer.

— Estou.

Deixei-o me guiar até o grupo de pessoas dançando, dei a mão a ele, coloquei a outra mão dele nas minhas costas. O Sr. Holmes era mais alto do que David. Katherine Hayes usava um vestido vermelho-brilhante e tinha pintado os lábios da mesma cor para combinar. Era uma atitude ousada, usar batom tão acintosamente. Mas se havia alguma característica inerente a Katherine era a ousadia.

David estava em silêncio e me guiava de forma bastante graciosa em torno da pista de dança.

— Gosta desta música? — perguntou ele quando a banda terminou a primeira música e iniciou a seguinte.

— Gosto bastante — respondi.

Ele desviou o olhar, e achei que meu tom tivesse sido ríspido demais, mas então senti seus dedos passearem por minhas costas.

— Como esse ano cuidou de você? — perguntou ele.

— Vamos apenas dançar — eu disse, e sorri para amenizar meu pedido.

Ele me puxou para mais perto, e tive vontade de repousar a cabeça no ombro dele, fechar a pequena distância que nos separava. E assim o fiz. Pousei a cabeça no ombro do estranho rapaz e deixei-o puxar-me, guiar-me em torno do Castelo, um lugar onde eu tinha feito centenas de refeições, recitado uma centena de orações. Dessa vez, não tinha medo de ser apanhada. As luzes estavam fracas, nós estávamos cercados por dezenas de outros casais dançando, não era um risco. Ele cheirava ligeiramente a colônia.

A música terminou e ele parou e me segurou pela mão, parecia relutante em me largar. Sorri, me desculpando, virei-me na direção do último lugar onde havia visto o Sr. Holmes, e, em vez dele, avistei a Sra. Holmes, que me encarava sem o menor traço de bondade. Afinal, tive que

desviar o olhar, porque ela não desviaria. Agarrei a manga do casaco de David.

— Outra dança? — perguntei, e ele pareceu surpreso.

Eu me joguei no que restava da noite, fazendo apenas um intervalo entre danças, quando segui David, Boone e Sissy para um canto distante e tomei alguns goles de um cantil de uísque. Sissy tomou um grande gole; bebi o máximo que consegui. Depois do uísque, eu me sentia adorável, me sentia uma garota adorável com o pescoço macio e lábios brilhantes. Podia sentir David me observando enquanto eu inclinava o cantil nos lábios, e fiquei feliz por ter escolhido aquele vestido.

Leona não estava presente. Eu tinha procurado, e era difícil deixar de notá-la. E talvez fosse o uísque, mas me senti ousada o suficiente para me esquecer dela, expulsá-la de minha mente. Talvez eu tivesse imaginado a ameaça: ela não sabia de nada, não com certeza, e será que realmente traria um boato sobre mim e o Sr. Holmes para a esposa dele? Ela teria que provar.

— O que você está fazendo? — sussurrou Sissy, quando trocamos de parceiros, mas ela sorriu ao dizer isso.

— Nada — formei a palavra nos lábios sem emitir qualquer som.

Então caí nos braços de Boone; ele me levou para longe de Sissy. Boone e eu estávamos ambos um pouco bêbados. De perto, ele parecia ligeiramente assustado, com sua cabeleira ruiva. Porém, mais do que os cabelos, era a pele, translúcida como é a pele dos ruivos. Veias verdes finas emolduravam seus olhos.

— Está se divertindo?

— Estou — respondeu ele, e me girou.

Ele dançava bem.

— Sissy conseguiu um bom partido.

Boone sorriu.

— É mesmo? Engraçado, pensava que eu tinha conseguido um bom partido.

Era estranho, estar abraçada assim, tão próxima a ponto de sentir o odor da pomada que Boone usava no cabelo, mas com o implícito entendimento de que aquilo tudo era platônico. Boone tinha no rosto um sorriso gentil que devia reservar para as garotas que não eram Sissy. Olhei para as suas calças bege, tão claras que dava para ver onde se enrugavam, e fiquei imaginando quem escolhia as roupas deste rapaz. A mãe dele, quando ele ia para casa de visita? Será que ela o levava a uma costureira, esperava enquanto lhe tiravam as medidas, e depois cuidadosamente escolhia o tecido entre amostras apresentadas? Será que ela pensava que, ao vesti-lo bem, ela o deixaria preparado para o mundo?

— Você a ama?

Ele sorriu, e as pregas de pele em torno dos olhos se multiplicaram.

— Amo — disse ele, e fez uma pausa. — Você está bem, Thea? — Ele parecia preocupado. — É que... parece algo estranho de se perguntar.

Minhas faces ficaram ardendo. Ele era tão bom, o Boone. Meu coração se condoia com sua bondade. Ele olhou através da pista de dança, e, quando seguiu seu olhar, vi que ele estava fitando o Sr. Holmes, que ajudava a Sra. Holmes a cortar um enorme bolo retangular, decorado com pétalas de rosa de açúcar; ela cortou um pedaço e o deslizou para o prato que ele segurava, e depois ele deixou outro prato pronto em um instante. Boone moveu o olhar do Sr. Holmes para mim, e baixei a cabeça.

— Tudo vai ficar bem — disse ele sereno, e eu não disse nada, apenas deixei Boone me segurar em seus braços bondosos, castos.

Ele me devolveu a David, e dancei com ele até a hora de ir embora. A banda tocava uma música lenta, algo que soava melancólico, David estava dizendo como gostava de mim, e eu olhava por cima do ombro dele e assistia aos outros casais.

Boone carregou Sissy para um canto, e fiquei surpresa com a ousadia deles; Sissy devia estar mais bêbada do que eu pensava para jogar seu decoro para o espaço daquela maneira. Ou talvez fosse um efeito de Yonahlossee, jogar o decoro para o espaço.

Senti o olhar fixo do Sr. Holmes antes de me virar para vê-lo. Havia apenas um canto da sala para onde eu não havia olhado, e era ali que ele deveria estar, e então me volvei para poder ver se a expressão dele era a que eu tinha imaginado, se estava com uma aparência descontraída, também conforme eu tinha imaginado, e assim que nossos olhos se encontraram, ele virou o rosto e saiu da sala. Senti como se tivesse levado uma ferroada. Ainda estava no meio da música, mas murmurei algo para David sobre pegar minhas coisas.

Ele segurou minha mão pelas pontas dos dedos novamente e a puxei com mais energia do que pretendia, e o rosto dele se endureceu.

— Você é uma provocadora — disse ele alto, e percebi que estava tão bêbado quanto bravo.

Meu pedido de desculpas estava na ponta da língua, mas acabei dizendo:

— Você não passa de um rapaz tolo.

O rosto de David se enrugou, e ele realmente ficou com a aparência de um rapaz tolo, mas eu não podia me preocupar com ele agora. Saí apressada e percebi que não tinha nada para recolher, nada que me mantivesse naquele lugar e fizesse com que eu não precisasse sair, ir aonde o Sr. Holmes estaria esperando. Ou pior, não estaria. A sala exibia o fim da animação, a mesa dos refrescos abarrotada de pratos e copos sujos, um naco de bolo desfigurado sobre um suporte. Docey estava limpando, balançando ao ritmo da música triste.

— Tchau, Docey — eu disse, porque não havia mais nada a dizer, porque me senti terrivelmente constrangida e aborrecida.

Ela sorriu para mim e acenou com a mão, uma expressão melancólica no rosto.

Corri escada abaixo e teria saído, mas o Sr. Holmes chamou meu nome. Percebi então que a Sra. Holmes tinha ido embora. Ele me empurrou para uma parte sombreada, fora do alcance da luz projetada pelo lampião a gás.

— O que o senhor quer?

Ele pareceu perplexo, mas logo se recompôs, visivelmente, com um lento balanço do corpo, como se estivesse se preparando para discursar.

— Você se divertiu essa noite?

Ali estava o Henry Holmes público, não aquele que eu amava. A gravata dele estava com um nó bem-feito, o cabelo, penteado liso. Reparei que seu cabelo tinha sido aparado, e, de todas as coisas que aconteceram hoje, esta era de longe a pior, ver o cabelo dele pousado em linhas tão retas contra a pele, saber exatamente quem o tinha aparado, que só daqui a alguns meses as mechas cairiam novamente sobre os olhos.

— O que o senhor acha?

Ele balançou a cabeça.

— Não.

Ele parou e pôs a palma de uma das mãos sobre a telha de madeira atrás dele, de modo que estava de pé em uma posição contorcida. Eu o queria, mas nunca o teria outra vez.

Ele começou a falar, mas o interrompi:

— Não há nada a se dizer. Não mesmo.

Ele sorriu.

— Temos tantas coisas a dizer, Thea. Tantas.

— Então, não vamos dizer nenhuma delas. — Olhei para minhas mãos, ainda vermelhas por causa da competição de hoje. Eu deveria usar luvas, mas elas atrapalhavam minha conexão com o freio. — Vou embora — continuei. — Tenho que ir, agora.

— Você não...

— Não — disse eu, e justo naquela hora a Srta. Brooks surgiu, vinda do Castelo, e nos viu de imediato.

O Sr. Holmes acenou, e a Srta. Brooks nos olhou curiosa, e fiquei imaginando se todo mundo sabia, ou se a ideia de nosso relacionamento era inimaginável demais para alguém tão boa como a Srta. Brooks.

Logo que ela desapareceu na Praça, virei-me para o Sr. Holmes.

— O senhor tinha razão — eu disse. — Acabei por adorar este lugar. Realmente adoro. É tão lindo.

— Então fique, Thea. Deixe que continue a ser lindo. Não se puna indo embora.

— Não estou me punindo. Já fui punida o suficiente, acho. Foi um castigo, me mandarem para cá, mas não foi assim que acabou sendo, não é? Cheguei aqui em circunstâncias tão ruins, e agora estou partindo em circunstâncias tão boas.

— Está?

— Estou — respondi, e eu tinha uma vontade enorme de tocar nele, mas sabia que não podia; então, em vez disso, repeti minha resposta e tentei dar ênfase, de modo que ele se lembrasse de que tinha me ajudado. — Estou.

— Para onde você vai?

— Para casa — respondi. — Para casa.

Quando retornamos da festa, as outras garotas da Casa Augusta estavam acordadas, em variados estágios de preparação para se deitarem. Sissy tinha saído; estava destemida, pelo menos nesta noite. Deslizei para baixo das cobertas com o vestido emprestado ainda no corpo. Mary Abbott tinha a atenção voltada para mim, mas ninguém mais notou.

— Você se divertiu?

Aquiesci. Meus olhos estavam fechados, mas pelo som parecia que Eva falava com a cabeça pendurada no beliche.

— E você?

— Sim... — A voz dela diminuiu.

Pensei que ela já tinha acabado, mas voltou a falar:

— Vou ficar tão triste quando formos embora daqui; sem outros bailes.

— Vejo muitos outros bailes na sua vida.

— Mas não vão ser como estes — retrucou ela.

Para o bem e para o mal, pensei.

— Não. Você é tão sonhadora, Eva... Sempre sonhando com algum lugar diferente. — Não era exatamente isso que eu queria dizer, mas não consegui articular o que sentia. — Você vai ser sempre assim.

— Assim como? — perguntou Mary Abbott.

— Jovem e bonita — eu disse, e Eva riu. Ela tinha ficado encantada comigo. — Jovem e perfeita.

Depois que a respiração de todo mundo tinha regularizado, fui até a cama de Sissy e me deitei lá por uma ou duas horas — obviamente, eu não estava enganando ninguém. Devo ter adormecido, porque, ao abrir os olhos, fiquei assustada, e depois aliviada, pela escuridão. Atravessei o quarto com passos pesados e me servi de um copo cheio de água, bebi tudo e enchi outro.

Antes que as luzes se apagassem, Mary Abbott tinha perguntado onde estava Sissy, se nós devíamos contar para uma monitora. Eva rira e dissera para Mary Abbott não se preocupar. Após todas as nossas precauções, senti um lampejo de raiva; até eu estava sendo mais cuidadosa do que Sissy. Ela estava sendo tola ao se arriscar daquela forma.

* * *

Na manhã seguinte, cheguei ao Castelo no momento em que as orações estavam terminando, e tomei meu caminho no meio dos grupos desordenados de garotas que se dirigiam para suas salas. A multidão parecia se dividir à medida que eu passava, como se as garotas formassem uma tropa de cavalos e eu fosse uma cobra. Katherine Hayes e uma garota de Atlanta cochichavam; Katherine levantou as sobrancelhas como só ela podia fazer, quando passei. Mas Leona, que estava sozinha na extremidade da multidão, me observava impassível, e algo na maneira como ela se posicionava me deu esperanças: talvez fosse tudo minha imaginação.

Senti uma mão encostar na minha. Rachel.

— Olá — sussurrou ela, e apertou minha mão. — Você vai nos dar aula novamente?

Eu a puxei para um abraço e beijei o topo de sua cabeça.

— Senti saudades de você.

Rachel sorriu, envergonhada, e eu disse a ela que íamos ver a respeito das aulas. Ela saiu e vi que o Sr. Holmes estava me observando do seu lugar no púlpito.

Ele me olhou com ar triste, e senti como se todas as garotas e seus olhares desaparecessem. Eu nunca mais estaria sozinha com ele.

Percebi alguém a meu lado: Sissy. Ela voltou o olhar para onde o meu se fixava, e depois me encarou.

— Venha — disse. — Vamos para a aula.

Naquela mesma tarde, quando nos dirigíamos para as cocheiras, Sissy parecia eufórica, e não foi difícil imaginar por quê.

— Boone e eu ficamos noivos — ela me contou enquanto caminhávamos, eu protegendo os olhos com as mãos —, secretamente.

Apertei a mão dela.

— Isso é maravilhoso. Desejo a vocês toda a felicidade do mundo.

E era totalmente verdade, eu desejava; os olhos brilhantes de Sissy pareciam prova de alguma coisa.

Havia apenas algumas garotas do lado de fora, mas não era minha imaginação: só Sissy parecia não perceber — os efeitos tranquilizantes do amor, imagino —, mas todas nos encaravam. Tentei não olhar, mas era impossível. Quando acenei para Molly, ela correu para longe como um rato amedrontado. Quase dei uma risada; como se eu estivesse em posição de amedrontar alguém.

— As pessoas estão olhando — comentei com Sissy.

— Estão? — Ela passou uma vista geral pela Praça. — Acho que não. Talvez estejam apenas contentes em ver você.

O tom da voz dela, porém, estava artificial; é claro que estava mentindo.

Quando estávamos quase nas cocheiras, vimos Gates, guiando seu belo alazão para o picadeiro.

— Gates — chamou Sissy, e ela se virou.

Quando nos viu, o rosto dela se retesou; parecia assustada, como se tivesse visto um fantasma. Seu cavalo nos olhava atentamente, as orelhas apontadas para a frente.

— Olá — gritou ela, a voz trêmula.

O cavalo bufou no ombro dela, e Gates deu um sorriso tímido antes de seguir caminho. Mas Sissy falou novamente:

— Espere! — gritou. — Espere!

— Sissy — murmurei furiosa.

Outras garotas estavam olhando agora. Vi Henny prestando atenção na situação, curiosa, a cabeça inclinada, Jettie a seu lado, sempre a seu lado. Eu as observei por um segundo. Ficou evidente para mim que Jettie gostava de Henny. Mas então tive que me apressar seguindo Sissy, que caminhava na direção de Gates.

— Há algo que eu precise saber, Gates? — perguntou ela, a voz calma e firme. — Algum motivo para me ignorar?

Gates balançou a cabeça, e senti pena dela. Ela não estava ignorando Sissy; estava ignorando a mim. Ela era boa, a Gates — naquele momento, ela chutava a terra e parecia prestes a chorar. Afaguei seu cavalo, no topete vermelho que lhe caía entre os olhos, e ele me olhou desconfiado.

— Está tudo bem — murmurei.

E para Sissy:

— Não é você. Deixe Gates em paz. Sou eu — completei sussurrando.

— Mas nós estávamos caminhando juntas! — gritou Sissy furiosa, e ela me deixou contente por ter vindo, apesar de tudo, desejando estar confinada neste lugar, se isso significava conhecer Sissy.

Olhei para Gates e vi o que Sissy via: uma garota fraca de espírito.

— Nós nos conhecemos desde que você tinha doze anos, Gates Weeks! Você devia ficar envergonhada. — Vi o Sr. Albrecht vindo na nossa direção e puxei Sissy para longe.

Quase trombamos em Alice Hunt, que guiava seu imenso cavalo baio; ela deu um jeito de ignorar nossa presença.

— Sissy — eu disse, depois de tê-la empurrado para dentro da baía de Naari e ela ter ficado meditando silenciosa durante alguns minutos. Eu estava desembaraçando os nós do rabo de Naari para me ocupar com algo — não importa o que acontecesse no mundo, o rabo de um cavalo sempre estaria cheio de nós. — Eu vou embora, mas você vai ficar. Não transforme todas as outras pessoas em suas inimigas.

— Você não pode ir embora — disse ela. — E por que você desejaria ir?

— Está na hora.

Parecia que Sissy ia chorar. Quando falou, porém, estava zangada.

— Não é tão simples assim. Você não pode simplesmente resolver ir embora.

— Vou pensar em algo.

— Gostaria que você nunca tivesse conhecido o Sr. Holmes — continuou Sissy. — Gostaria que a Sra. Holmes nunca tivesse ido embora. Odeio o Sr. Holmes — disse ela, e levantou o olhar para mim, as faces em fogo. — Sei que você não o odeia, então eu o odeio duplamente.

— Ele é... — comecei, mas Sissy balançou a cabeça.

— Por favor, não fale nada — rebateu. — Vou odiá-lo para sempre. É errado — prosseguiu. — Muito errado. Você poderia ter amado outra pessoa.

Eu a observei por um momento, minha amiga querida e verdadeira, os cabelos castanhos presos por trás das orelhas, as faces ainda vermelhas, a testa franzida de raiva. Ela queria dizer que eu poderia ter amado David; ela queria dizer que eu poderia ter sido mais como ela.

— Eu amei outro rapaz antes de vir para cá.

— Sei disso — falou, impaciente.

Mas ela não sabia. Eu nunca nem havia mencionado para ela que tinha um primo.

— Você não sabe que o rapaz era meu primo. E não um primo que eu nunca encontrava, não um primo de terceiro grau que morava em outro estado — eu falava rapidamente; tinha que contar tudo de uma vez, ou então não contaria nada. — Ele era como um irmão para mim.

Sissy não disse uma palavra, apenas ficou me observando, então continuei, meio por medo, meio por alívio, porque contar dava tanto alívio, e, à medida que eu falava, eu me lembrava de que contar tinha esse poder, essa doce catarse que eu não experimentava havia muito tempo. Quando eu era pequena, meu tímpano foi perfurado devido a uma infecção, e ainda que o pus e

o sangue que me escorriam pelo pescoço tivessem aterrorizado Sam, que correu para buscar nossa mãe, não senti nada além do alívio de uma dor que tinha me acometido tão aos poucos que nem reparei que meu ouvido estava ferido. E agora era a mesma coisa, mas dessa vez em relação a meu coração.

— Meu irmão descobriu.

— Sam — disse Sissy suavemente.

— Sam. Meu primo contou para ele. Eles se atracaram, meu primo e Sam. Uma briga horrível. — A voz me falhou. — Foi por isso que me mandaram embora.

— Mandaram Sam embora também?

Quando não respondi, ela levantou meu queixo com o dedo, como mamãe faria. Balancei a cabeça:

— Não sou uma garota direita.

— Uma garota direita. — Sua voz rouca estava suave. — Fico imaginando o que seria isso, ou onde vamos encontrar uma.

— Você não entende — eu disse, finalmente.

— Não? — perguntou ela. — Acho que entendo muito bem. Não escolhemos quem vamos amar, não é? — Ela sorriu, e eu sabia que estava pensando em Boone. — Não escolhemos nossas famílias, também. Mas, pelo menos, você pode escolher ficar zangada. — Ela pegou minha mão e a apertou, com força.

— Ai — reclamei, mas ela não soltava a mão.

— Não deixe sua família decidir o resto da sua vida.

— Foi isso o que o Sr. Holmes me disse.

— Então concordarmos em alguma coisa, ele e eu. O que você acha que vai fazer? — perguntou ela. — Você é apenas uma garota.

— Eu sei — respondi calmamente. — Sou apenas uma garota. Mas também sou uma irmã. Preciso ver meu irmão. Ele não fez nada de errado.

— Nem você.

Ela deixou minha mão cair e me puxou para ela. Ela cheirava a suor e sujeira, um odor incomum no caso dela.

— Até agora você não teve sorte — sussurrou ela no meu ouvido —, mas a sorte muda, o tempo todo. Deus concede a felicidade apenas para aqueles que a procuram.

* * *

Mary Abbott voltou para o alojamento enquanto todas as outras estavam na Sala de Estudos. Era nessa hora que eu costumava estar com o Sr. Holmes, na Casa do Diretor. Não demoraria muito para a Sra. Holmes notar minha ausência, chegar à conclusão de que eu não estava estudando o bastante. Eu precisava sair antes que isso acontecesse.

Mary Abbott me encarou por um longo tempo, a cabeça dobrada.

— Qual é seu problema?

— Por que você se importaria? — disparei.

Ela desviou o olhar e não disse nada.

— Desculpe. Estou cansada. Preciso dormir.

— Mas é só o que você faz agora. Dormir. Somos amigas, não somos?

— Somos, Mary Abbott. — Por que Mary Abbott tinha me escolhido? Por que não Eva ou Gates? Ou Sissy? Sissy, sem dúvida, teria sido mais gentil, teria sabido como lidar com ela. — Do que você precisa? — Senti que a estava desafiando a me dizer que todo mundo sabia sobre mim e o Sr. Holmes, que o acampamento inteiro estava comentando.

Ela se abaixou até a beirada da minha cama.

— Alguém viu Sissy no bosque ontem à noite — sussurrou, mesmo que estivéssemos sozinhas. — Sabia que ela estava lá? Com um rapaz? Todo mundo está comentando. Corre um boato de que a Sra. Holmes sabe.

Sentei-me na cama, de modo que meu rosto ficasse a apenas poucos centímetros do dela.

— Quem, Mary Abbott? Quem viu Sissy?

Os fatos de hoje repassaram rapidamente pela minha mente: todas as garotas se desviando, mas não de mim; todas as garotas encarando, mas não a mim.

Porém, Mary Abbott não sabia ou não queria me contar. Ela parecia preocupada, e fiquei imaginando se tinha medo de Leona. Porque eu sabia quem tinha contado. Leona, que não estivera no baile, que provavelmente estivera nas cocheiras, teria visto facilmente Sissy e Boone no caminho de volta. Ela era a única garota que eu conhecia quealaria algo sobre Sissy. Que magoaria outra garota de forma tão terrível a fim de me magoar.

Por outro lado, todo mundo podia ter visto Sissy na noite anterior — ela tinha sido muito descuidada. Senti um lampejo de raiva, novamente. Como ela pôde ser tão negligente? Olhei para Mary Abbott, que não parava de mexer na minha colcha. Poderia ter sido ela? Acho que não. Eu sempre fora o foco de Mary Abbott, os olhos dela queimando com tanta constância em minhas costas que parecia uma estranha espécie de praga. Eu, não Sissy.

Levei Naari para as montanhas nessa noite enquanto todas as outras estavam no jantar. Os dias ficavam claros até as oito da noite àquela altura do ano, e então eu ficava do lado de fora até conseguir ver o contorno fraco das estrelas.

Era tão fácil fechar os olhos e ver os lindos cabelos castanhos de Sissy, seus olhos separados; eu podia ver seu rosto mais vividamente do que o de minha mãe, de meu irmão, de meu pai. Quando eu fosse embora, pediria uma fotografia dela. Mary Abbott disse que Sissy iria para casa em um ou dois dias, agora que o boato estava começando a se espalhar e, apesar de não confiar particularmente em Mary Abbot, eu sabia que ela estava certa. A Sra. Holmes descobriria; ela sempre descobria. E se Sissy fosse mandada para casa por causa de um rapaz, ela nunca receberia permissão para se casar com ele, o mesmo que a tinha desonrado, marcado sua reputação até então imaculada. Todos os planos de Sissy, toda a sua vida, em ruínas. Logo ela, que estivera tão certa justo ontem de como minha família deveria ter agido. Quem poderia dizer o que a família dela faria, pensaria dela, por mais que ela pudesse se justificar? Certamente não a própria Sissy. Não ter permissão de se casar com Boone poderia ser o menor dos problemas dela.

Notei a silhueta do Sr. Albrecht nas cocheiras quando desmontei. Já era tarde demais para montar novamente e voltar a cavalgar até que ele desaparecesse dali.

— Thea — chamou ele, e fez um sinal com cabeça.

— Olá.

— Não há mais aulas para você. Apenas as cavalgadas noturnas pelas trilhas.

Encolhi os ombros. O sotaque dele emprestava um ritmo realmente estranho à sua fala.

— Acho que não tive a oportunidade de cumprimentá-la pelo sucesso. — Ele estendeu a mão.
— Parabéns.

Deixei-o apertar-me a mão, a áspera palma de sua mão em volta da minha, pequena e relativamente macia.

— Obrigada.

E senti-me prestes a chorar de novo, inexplicavelmente. Coloquei a palma da outra mão na larga testa de Naari. Seria como se eu tivesse morrido, logo que meu odor desaparecesse, logo que ela aprendesse a parar de esperar, nas tardes, pelo som de minhas botas contra o chão, logo que ela ficasse acostumada aos barulhos e aos odores de outra garota. Mas eu iria sempre me lembrar de meu primeiro cavalo. Não me esqueceria nunca.

O Sr. Albrecht me olhou por um tempo que pareceu bem longo.

— Você é uma amazona talentosa. Pode manter isso. — Ele enfatizou a palavra *manter*, por causa do sotaque.

— E fazer o quê?

— Você poderia fazer coisas que ainda não foram feitas — respondeu, ainda segurando minha mão.

Desviei o olhar.

— Talvez.

Ainda existia bondade no mundo, em Yonahlossee. Pareceu quase irrelevante.

Levantei-me cedo na manhã seguinte e me vesti com esmero, enfiei a camisa cuidadosamente para dentro da saia, engraxei uma marca de desgaste em minha bota. Dei uma olhada em Sissy, que estava dormindo de costas, os braços estendidos dos lados. Sorri. Na noite anterior, ela me havia contado que as garotas sabiam a respeito dela e de Boone; porém, não pareceu preocupada. Ela me deu a impressão de se sentir um pouco orgulhosa. Eu tinha fingido surpresa. Claramente ela não tinha ideia de como o boato tinha se alastrado, como tinha se arrastado pelo acampamento até chegar aos ouvidos da Sra. Holmes.

Ao me examinar no espelho, tive quase certeza de sentir Mary Abbott me observando, mas, quando dei meia-volta e olhei, ela tinha os olhos fechados e a boca apertada em uma linha fina.

Fui ao Castelo cedo, para falar com a Sra. Holmes antes do café da manhã. O refeitório estava quase vazio, com exceção de algumas alunas do segundo ano sentadas à mesa. Usei o caminho mais longo em torno delas e, quando estava passando pela cozinha, a porta se abriu de repente.

— Olá — cumprimentou Emmy e desviou o olhar, fitando um local no chão.

Ela carregava uma bandeja cheia de copos, tendo um pano de pratos pendurando no ombro. A porta se fechou atrás dela.

Eu não disse nada e comecei a caminhar quando ela falou novamente.

— Você não vai dizer oi para mim?

— Olá — eu disse. — Olá, olá, olá. Estou indo falar com a Sra. Holmes.

Emmy deu um riso breve. Nós nunca tínhamos realmente nos falado antes. Ela exibia uma postura mais elegante do que a irmã, não era vesga, mas o tom de voz era o mesmo, alto, com um sotaque tão carregado que eu tinha que prestar atenção para entendê-las.

— Docey sente pena de você. — Ela mexeu a bandeja de mão.

— Desculpe; como?

— Minha irmã. Ela sente pena de você. — Emmy falou de modo rápido, quase impaciente.

— Ah — soltei, meio perdida.

— Mas eu penso diferente — continuou ela. — Eu estava lá. Você pode falar o que quiser sobre a Sra. Holmes, e as garotas sempre falam, mas ela é uma boa alma. Uma boa alma — repetiu com firmeza, quase afetação.

Pensei naquelas tardes na biblioteca, Emmy espreitando atrás de portas fechadas. Encostei na parede, o suor frio em minha testa.

— Ela sabe? — perguntei com calma.

Virei-me e encarei a mesa de alunas do segundo ano, que nos observavam; ninguém aqui conversava com os criados. Mas com aquela mesa eu conseguia lidar; eram garotas do Kentucky, e desviaram o olhar rapidamente.

— Você não tinha que ter refletido antes sobre isso? — Ela mudou a bandeja de lado de novo.

Os braços dela tremiam, e quase tive o ímpeto de tirar a bandeja dela.

Ela aguardou, como se esperasse uma resposta. Mudei a direção do olhar, da bandeja, repleta de copos, para o rosto dela, que me encarava com ar arrogante.

— Refletir? — perguntei, e Emmy baixou os olhos. Eu a tinha deixado envergonhada, e tinha

sido tão fácil... — Não é da sua conta.

Enquanto começava a me afastar pela segunda vez, Emmy deu de ombros.

— Não por mim. Ela não sabe — acrescentou.

Fiquei contente que ninguém me tivesse visto zombar de Emmy, uma criada, que não pensara com nenhuma das vantagens que eu tinha desfrutado desde meu nascimento. Nunca pensara nela como alguém que pudesse ser sarcástica. Mas era como se eu tivesse discutido com Leona ou Katherine Hayes.

Dei meia-volta antes de entrar na escadaria e vi Emmy arrumando os copos na mesa onde se sentavam as alunas do segundo ano, os olhos para baixo, o rosto sem expressão. Depois, vi Henny, sentada à nossa mesa, com um livro diante de si. Ela me avistou e instintivamente levantei a mão para acenar, antes que pudesse pensar melhor sobre o assunto. Henny apenas levantou as sobrancelhas.

Mesmo que eu tivesse problemas mais graves do que o descaso de Henny, ainda assim eu me importava. Se Yonahlossee tinha me ensinado alguma coisa, era que era impossível não se importar, não se maravilhar com os mistérios dos afetos das garotas, os quais eram difíceis de conquistar e fáceis de perder. Se ninguém sabia sobre meu caso com o Sr. Holmes, então por que Henny estava agindo de maneira tão fria?

Era uma pergunta que ocupava minha mente enquanto eu subia as escadas devagar, meio na esperança de que ela não estivesse lá. Mas então eu teria que voltar.

— Thea.

A Sra. Holmes levantou o olhar da mesa, no momento em que passei pela porta. Ela apontou para a cadeira como se estivesse me esperando. O Sr. Holmes estava de pé atrás da esposa, olhando pela janela, mas, quando ouviu meu nome, se virou, as mãos nos bolsos, sempre nos bolsos, uma expressão confusa desfigurando seu rosto atraente. Fiquei parada na porta por um momento e notei que minhas mãos estavam tremendo. Apertei-as às costas e me dirigi até a cadeira.

— Você queria nos ver? — perguntou a Sra. Holmes, distraidamente ajeitando o vaso de hera sobre a mesa dela, retirando as folhas mortas com um movimento dos dedos.

A *senhora*, eu poderia ter dito, queria ver a senhora. Levantei a cabeça.

— Queria.

— Qual o assunto?

— Sissy.

Ela deu um ligeiro suspiro. Como me satisfazia vê-la ficar chocada. Ele me observou, impassível. Será que ele me conhecia tão bem a ponto de prever o que estava por vir? Será que ele tinha sentido algo esta manhã, será que insistira em acompanhar a Sra. Holmes até o escritório? Isso significaria que ele me conhecia melhor do que eu mesma, porque nem eu sabia que me atreveria a ir tão longe. E ninguém me conhecia tão bem.

— Sei que alguém disse que viu Sissy no bosque. Com Boone Roberts, da Academia Harris?

— Não consegui evitar que minha voz adotasse a entonação de uma pergunta. A Sra. Holmes tinha parado de mexer na planta, e agora segurava uma folha em pleno ar, a boca entreaberta.

— Mas não era ela. Era eu.

Agora ela parecia confusa, uma expressão que eu jamais vira cruzar seu rosto antes. Pareceu

perplexa por um instante, antes de se recompor. Ela é que deveria ter sido o diretor, não o marido. E, em termos práticos, ela era.

— Ah, sim? — perguntou. — E então? Conte-nos.

Eu não estava bem segura se seria capaz de fazer o que teria que fazer em seguida. Porém, o fato de a Sra. Holmes ter pedido que contasse para ela e o marido implicitamente, a maneira como ela fez um gesto em minha direção, como se eu fosse inofensiva, nada além de uma garota — o Sr. Holmes captou meu olhar, e de repente me senti exausta. Completamente inconsequente.

Olhei a Sra. Holmes nos olhos.

— Pergunte a Eva — eu disse. — Minha cama estava vazia. — Fiz uma pausa. Minha voz vacilou, e inspirei profundamente. Quando falei novamente, minha voz estava segura. — Todo mundo adora Sissy. Todos adoram a família dela. Ninguém vai querer vê-la partir, muito menos o pai dela, o avô. — Eu não tinha necessidade de explicar o que eu queria dizer; no mínimo, a Sra. Holmes era uma mulher esperta. — Principalmente, se eles acreditarem na possibilidade de ter sido um equívoco. E vou assegurar que eles pensem que foi um equívoco. As pessoas não vão se importar muito quando eu for mandada para casa. — Balancei a cabeça. — A senhora percebe? Não levará a senhora a lugar nenhum, punir Sissy.

— Entendo — a Sra. Holmes disse. — Entendo muito bem. Tudo isso é muito interessante. Mas gostaria de perguntar uma coisa: já pensou no que trouxe *voce* para cá? Não pensou que talvez fosse melhor para Sissy ser mandada para algum lugar onde ela não tivesse como cair em tentação?

Olhei-a surpresa.

— E onde estaria tal lugar? Nós já estamos no alto de uma montanha.

A Sra. Holmes virou-se brevemente para o marido, como se dissesse: “Você vê esta garota na minha frente, tão descarada, tão insolente?” Ela balançou a cabeça, deu uma risadinha desagradável. O Sr. Holmes tornou a olhar pela janela, e eu sabia que tudo o que ele queria era não estar participando dessa conversa. Ele jamais iria me ajudar; era incapaz disso. A Sra. Holmes dera para ele a tarefa de disciplinar as garotas, a parte desagradável da tarefa de manter a ordem.

— Você é adorável, Thea, exatamente como sua mãe. Totalmente adorável. Você acha que o mundo lhe pertence? Acha que tem alguma voz naquilo que o mundo faz com você? Tão adorável, tão ingênua.

— Beth — manifestou-se o Sr. Holmes, um aviso, mas ela agia como se não o tivesse ouvido. Ela amassou a folha morta e jogou-a na lixeira.

— Sua mente funciona de maneira que não compreendo, Thea. Em geral, compreendo todas minhas garotas. Você vai fingir ter se encontrado com o noivo de Sissy pelas costas dela?

Devo ter demonstrado surpresa — o que era verdade — porque ela continuou.

— Sim, eu sei que eles ficaram noivos. Sei de tudo, Thea. — Ela sorriu, e levou um dedo aos lábios. — Acho que você não quer realmente voltar para casa.

Pensei em como minha casa parecia régia em um dia cinzento, suas linhas imponentes iluminadas pelo céu que lembrava uma nuvem de cinzas por trás. Eu queria ir *àquela* casa, a casa de minha infância, a casa que incluía Georgie, a casa onde minha família me amou sem

reservas. Contudo, essa casa tinha ido embora agora, vendida para estranhos.

— Como você poderia voltar para casa? — perguntou ela, a voz mais suave. — Sabe por que a mandaram para cá?

A mão do Sr. Holmes agarrou o braço da esposa, delicadamente, como se ela fosse uma criança.

— Já chega, Beth.

Mas era evidente que eu sabia por que tinham me mandado para cá. Quase dei uma risada.

A Sra. Holmes ignorou o marido.

— Pensaram que você poderia estar esperando um filho. — A Sra. Holmes me encarou, mas foi ela que pareceu chocada, não eu. — Eles saberiam logo, mas sua mãe sempre se preocupou demais — disse ela e virou a cabeça com rispidez. — Henry! Está me machucando.

Pude perceber a força com que o Sr. Holmes estava apertando o braço da esposa.

— Já chega — disse ele calmamente. — Não há motivo para isso.

— Suponho que ela preferisse que eu lidasse com a pobre criança. De nós duas, sempre fui quem melhor solucionava problemas. Eu costumava pensar que moças bonitas não tinham que se preocupar tanto com a mecânica da vida, os procedimentos simples. Mas seu pai, e ele? É um médico, ele saberia em pouco tempo se você carregava ou não o filho do seu primo.

Ela deu um pequeno suspiro e colocou a mão na boca. O Sr. Holmes soltou a mão, então, e a Sra. Holmes massageou o braço no ponto em que ele apertara, um olhar distante. O rosto dela tinha se suavizado. Pensei nas plantas que ela cultivava em suas garrafas estreitas. Parecia incrível que ela sentisse qualquer tipo de solidariedade em relação a mim. Era tão fácil enganar as pessoas...

— Ela precisava saber — disse a Sra. Holmes, quebrando o silêncio. Depois virou-se para mim. — Ela devia saber o que a espera em casa.

Balancei a cabeça, apesar de não precisar dar resposta nenhuma. Lembrei-me de minha mãe verificando meus lençóis na véspera da minha partida. Lembrei-me do que a Sra. Holmes tinha tido quando a conheci, para procurá-la se eu reparasse qualquer coisa com meu corpo. É claro.

— Não fico surpresa — eu disse, serena.

Teria sido uma surpresa se a Sra. Holmes houvesse me dito que Georgie estava bom de novo, que minha mãe me perdoara. Que meus pais tivessem considerado e agido de acordo com o pior cenário possível, na realidade, não consistia nenhuma surpresa.

— Vou ter que fazer um anúncio, você sabe. Vou ter que usá-la como exemplo.

— Eu sei — disse, tranquila.

A Sra. Holmes falou novamente, agora de um jeito suave; tive que me esforçar para ouvi-la.

— Sabe por que sua mãe era amiga de alguém como eu? Não frequentávamos os mesmos círculos sociais, não era isso. Você nunca tinha sequer ouvido falar de mim quando veio para cá... — Sua voz diminuiu, e ela balançou a cabeça, rapidamente, e continuou. — Sua mãe era algo como uma garota fácil na escola de Miss Petit. Não muito diferente de você, Thea. Eu era a favorita de Miss Petit. Deram uma escolha para a sua mãe: sair em desgraça ou passar a andar comigo. Ela não era tola, sua mãe, e entrou na linha. Mas gosto de pensar que éramos amigas. Gosto de pensar que, no final, ela gostou de mim tanto quanto gostei dela.

Ela não sabia sobre a minha relação com o Sr. Holmes; disso eu tive certeza. Uma pequena

benção.

— Minha mãe era uma garota fácil? — perguntei.

— Ah — respondeu a Sra. Holmes. — A mais fácil de todas.

Sua voz voltou a ficar distante.

* * *

No refeitório, as mesas ainda estavam sendo arrumadas. Docey me olhou curiosa, e sorri para ela, ansiosa para ser gentil com alguém. Emmy não estava à vista. Sentei-me em um banco fora do caminho de qualquer outra pessoa. O cheiro de toucinho frito era tão penetrante que me senti enjoada. Mais garotas afluíam para o refeitório, os olhos pequenos de sono. Enquanto passavam, mal lançavam um olhar na minha direção; estranhamente, senti uma vaga decepção. Eu não importava mais. Espiei o relógio; eu só tinha permanecido dez minutos no escritório da Sra. Holmes, o que parecia impossível.

O que o Sr. e a Sra. Holmes estariam fazendo agora no escritório dela? Talvez atribuindo culpas, decidindo que erro teriam cometido para que uma garota tivesse escapado ao controle deles — ou duas garotas, se fossem contar Sissy. Ou talvez o Sr. Holmes estivesse tranquilizando a esposa, puxando-a para si, dizendo-lhe que essa coisa estranha que tinha acabado de acontecer, com Thea Atwell, da Flórida, não era nada sério, que tudo acabaria bem.

Fechei os olhos para não ver o movimento do refeitório e coloquei a cabeça entre as mãos. Sentia uma dor irritante na nuca.

Eu tinha destruído uma família, e cheguei perto de destruir outra. A dor na cabeça se intensificou, eu não sabia como seria capaz de me recuperar quando Sissy entrasse.

Sissy estava atrasada, é claro. Eu esperaria. Vi Katherine Hayes entrar, conversando com Leona, o que achei estranho. Alice Hunt engasgou quando as viu. Quase dei um sorriso — nunca vira uma pessoa parecer tão perplexa.

A Sra. Holmes irrompeu da escadaria, o rosto vermelho. O Sr. Holmes a seguia de perto, falando em voz baixa. Leona e Katherine pararam de andar. Eu nunca tinha visto o Sr. e a Sra. Holmes trocarem alguma palavra áspera. Vê-los brigar, abertamente — isso era impensável. Todo mundo começou a cochichar, o zumbido de todas aquelas vozes soando como uma tortura. Fechei os olhos, tapei os ouvidos com as mãos.

— Thea? — Um tapinha em meu ombro. Abri os olhos. Docey. — Você está bem? — sussurrou ela.

Olhando para além de Docey, vi Sissy entrar no Castelo com Eva. Todo mundo olhou na direção dela, o cochicho foi morrendo, e observei que Sissy percebeu — esquadrinhou o salão lentamente e colocou a mão no pescoço. Também levei a mão ao pescoço. Nunca vira Sissy assustada antes. Vi Henny sussurrar algo para Jettie. Era o comportamento típico de Henny — compreendi então que era aquilo que eu sempre detestara nela. É evidente que ela pareceria presunçosa. Ela era estúpida demais para dar outra impressão.

A Sra. Holmes levantou a voz na outra extremidade do refeitório, e todo mundo desviou o olhar de Sissy.

— Thea — disse Docey, com mais insistência —, você deve ir. Vá! — ordenou e tentou me puxar do banco.

O tempo parecia estar operando de acordo com um relógio diferente. Tudo estava lento demais. A Sra. Holmes observava o Sr. Holmes serpentear por entre as mesas, que agora exibiam pratos de toucinho frito, terrinas de aveia; ele procurava alguma coisa enquanto caminhava, verificando rapidamente em cada mesa, garota após garota desviando o olhar. Ele parou na minha mesa, e Mary Abbott apontou para trás dele, e o Sr. Holmes seguiu a direção do dedo dela até mim.

O ambiente caiu em um silêncio mortal, o zumbido evaporou. Ele inclinou a cabeça para a porta, como se estivéssemos sozinhos, de volta à biblioteca, cercado por todos os livros dele. O senhor já leu todos?, eu tinha perguntado. A maioria, ele dissera, e rira. Estou velho. Tive um bocadinho de tempo para ler. Eu tinha sorrido, porque ele era bem jovem, ambos sabíamos disso. Então, eu havia aceitado sua mão, deixando-o me puxar do sofá.

Agora, neste refeitório onde tínhamos feito centenas de refeições, o Sr. Holmes ainda parecia jovem, se permanecer jovem significa não ser afetado pelo mundo. Ele *estava* comovido, eu sabia disso melhor do que qualquer pessoa, mas não parecia assombrado, não havia um ar lúgubre nos seus olhos. Parecia imortal.

Ele apontou o polegar para a porta, e Martha Ladue, que estava sentada em uma mesa distante da minha, engoliu em seco, um rubor se espalhando por sua pele branca.

Siga-me, ele tinha dito naquela tarde, mas era apenas uma formalidade, algo a se dizer. Eu o teria seguido para qualquer lugar. Ele me levou para cima, para um quarto onde eu nunca havia estado. Todo decorado em cor-de-rosa, com uma cama estreita branca. O quarto de Sarabeth. Não entendi o motivo de ele ter me levado para lá. Ele retirou algo da penteadeira da filha, uma bela peça com tampo de mármore, enquanto eu avidamente absorvia o quarto, e o colocou em minhas mãos. Olhe, ele dissera, e tinha de repente parecido tímido, seu cabelo caindo sobre os olhos.

No entanto, agora, no refeitório, descobri que não era mais verdade. Eu não o seguiria para qualquer lugar. Eu teria feito isso, por um momento, e também tinha sido assim com Georgie. Houve um momento em que eu teria seguido meu primo para qualquer lugar, mas esse momento tinha passado.

Balancei a cabeça, e o Sr. Holmes me observou daquele modo intenso, como se estivesse inventariando minha alma, e depois saiu. Olhei para a mesa principal; as filhas dele não estavam aqui. Ele as teria retirado, se elas estivessem presentes. Ele iria ficar com elas agora. Era com elas que ele sempre estaria. Eu iria embora, mas ele nunca poderia ir.

— Garotas — disse a Sra. Holmes, e se encaminhou para o púlpito do Sr. Holmes, onde ele costumava liderar a oração da manhã —, sua atenção por um momento. Tenho um anúncio a fazer.

Ela estava perturbada, a voz instável, as mãos se movimentando à sua frente. Não me agradava perceber que eu a havia deixado confusa.

Mas a paisagem, sempre a paisagem: ela estava na frente da janela, a mesma janela que eu tinha tocado quase um ano atrás, quando meu pai me mandara sair do escritório do Sr. Holmes. Ela estava emoldurada pelas montanhas; apesar de tudo, eu ainda podia apreciar uma maravilha. Tanto naquela época quanto agora.

— Theodora Atwell vai nos deixar. Amanhã de manhã. Foi muito repentino, claro.

As garotas começaram a sussurrar novamente, como eu sabia que fariam, assim como sabia o que a Sra. Holmes faria no momento em que eu a tinha visto entrar no refeitório. Foi uma estranha espécie de consolo, saber tudo isso e não ficar amedrontada.

— Por causa de uma infração. Envolvendo um rapaz. — O burburinho ficou ainda mais alto, e a Sra. Holmes elevou a voz. — Espero que não haja mais qualquer conversa a respeito desse assunto. Vocês são damas, e damas não fazem fofoca. — Ela então me olhou, do outro lado da sala.

No quarto de Sarabeth, eu tinha olhado para o que ele pusera em minhas mãos. Uma fotografia de um Henry Holmes muito mais jovem em um porta-retratos de prata que precisava ser polido, a ausência da Sra. Holmes marcada de pequenas maneiras como essa. Sou eu, ele dissera. Eu, quando tinha sua idade. Ele estava na frente de um lago, segurando um remo. Olhava diretamente para a câmera, como os homens costumam fazer. Parecia igual, só que seu rosto era mais cheio, e não esculpido pelo tempo para a aparência atraente de agora. Toquei no vidro. Tão bonito, eu tinha dito. Mas o que eu queria dizer era isto: tão novo.

— E que isso seja uma lição, garotas, para que ajam de acordo com a idade de vocês. Para que obedeçam às regras.

Sissy me olhava do outro lado do refeitório, assim como todo mundo, uma lenta revelação iluminando suas feições delicadas. Ela sabia. Ela desviou o olhar, mexendo na ferradura de brilhantes que pousava na cavidade de seu pescoço, e por um instante pensei que poderia ter acontecido o que a Sra. Holmes havia predito: Sissy iria acreditar que eu a traía. Ela retrocedeu para a porta, sob os olhares de todas.

A Sra. Holmes me observava. Então senti a mão de Docey no meu ombro. Eu a peguei, e fiquei segurando, e, embora a mão dela estivesse tensa no início, ela não a retirou. Pelo tato, eu podia ver que tínhamos calos nos mesmos lugares — os meus, por causa da equitação, os dela, pelo constante trabalho de pôr as coisas em ordem. Nossas mãos eram semelhantes.

* * *

Encontrei Sissy no bosque, onde ela e Boone se encontravam. Ela estava sentada em cima de uma tora caída, chorando com o rosto nas mãos.

Eu lhe disse o que havia feito, e aos poucos ela parou de chorar. Eu estava sentada tão perto dela que conseguia sentir seu cheiro. Foi isso que ganhei por dormir na cama dela por uma dúzia de vezes — reconhecer o odor, surpreendentemente penetrante, que ela deixava no travesseiro.

— Você vai dormir na enfermaria hoje. É onde eles colocam as meninas antes de irem embora de vez. — Ainda assim, ela não olhava para mim. Dei um tapinha no ombro dela, e ela se virou para mim, os olhos inchados.

— Obrigada — agradeceu ela, a voz ainda mais entrecortada por causa do choro. — Foi corajoso de sua parte.

— Há uma prova. Eva notou que eu não estava na cama naquela noite. Eu disse para a Sra. Holmes perguntar para ela.

— Eva não vai contar.

É claro que Eva iria contar, se fosse opor Sissy a mim.

— Não importa. Ela não vai perguntar.

— Não — disse Sissy —, ela acredita em você, e todas as outras também. — A voz dela vacilou.

— A Sra. Holmes não acredita em mim. Ela percebeu o que havia por trás disso. Dentro de mim. — Peguei a mão de Sissy. — Sinto muito.

— Eu sei. — Ela lançou a mão para o ar, como se estivesse dizendo “Já chega de tudo isso”. Esse gesto nunca me deixou. Nas minhas horas mais sombrias eu me lembraria dele, o extrairia dos recessos da mente. — Mas com quem vou conversar, agora que você vai embora?

Pensei então que era sempre uma questão de trocar uma coisa por outra, perder um tipo de amor por outro tipo.

— E por que você quer ir para casa, Thea? Não entendo.

Sorri. Ela estava certa em fazer a pergunta: por que eu queria ir para casa? Minha família não me queria.

— Quero ajudar você. E meu irmão. Preciso ver meu irmão.

Ela aquiesceu.

— Mas e sua reputação? O que seus pais vão pensar?

Olhei para longe. Era isso que eu mais temia, mas não podia contar a Sissy. Eu estaria deixando Yonahlossee sob o signo da vergonha, que era exatamente o oposto de como queria partir. Queria que meus pais me amassem; não, eles sempre me amaram, eu era filha deles — queria que eles voltassem a gostar de mim. E partir desta forma, em meio a um escândalo — era uma forma de ter certeza que não gostariam. Porém, era melhor que fosse eu, e não Sissy, que ainda tinha uma oportunidade; em meu coração, eu sabia que estava arruinada aos olhos de minha mãe; um escândalo ou vinte, não importava realmente. A Thea que eu tinha sido desaparecera, era uma nuvem de fumaça.

— Acho que sou uma causa perdida para meus pais.

Parecia que Sissy ia chorar novamente. Ela pegou minha mão.

— É horrível, Thea. A coisa mais horrível que já ouvi.

— Não é a coisa mais horrível que já ouvi — repliquei. — Há coisa pior. Preciso fazer o que é certo, Sissy. Preciso ajudar meu irmão. Preciso ser uma moça direita.

* * *

Vagueei pelo Castelo na tarde anterior à minha partida de Yonahlossee, escapando da enfermaria, o que não era tão difícil de fazer. Ninguém me vigiava. Eu sabia, por causa do sino, que era hora do descanso. Sam talvez já soubesse que eu voltaria para casa. Mamãe devia ter contado a ele. Sem dúvida, ele ficaria contente em me ver, no coração, se não na mente.

Eu tinha deixado um livro em uma das salas de aula. Mas o livro não me interessava muito. No fim das contas, eu tinha me apegado àquele lugar, e gostaria de rever os locais aonde eu tinha ido primeiro, ao chegar aqui quase um ano atrás, antes de voltar para a Flórida.

Eu sabia o que esperar agora, o rápido processo pelo qual Yonahlossee se transformaria em algo distante.

O refeitório estava desimpedido do caos da manhã. Tentei memorizar cada detalhe: a mesa onde eu tinha feito centenas de refeições; o espaço onde o Sr. Holmes tinha se posicionado para falar conosco sobre Deus.

Subi as escadas para o terceiro andar, para vê-lo pela última vez, mas talvez eu soubesse, de algum modo, que a Sra. Holmes estaria na sala de aula.

Ela estava apoiada na janela, em uma postura esquisita, a testa contra o vidro, a mão espalmada na parede, como se estivesse tentando entrar nela. Eu conhecia muito bem aquela visão: ela estava nas montanhas, apenas uma janela separando-as. Achei que podia estar chorando.

E então ela se voltou e recuei, certa de que tinha me visto. Mas ela se dirigiu a uma mesa, onde Decca estava desenhando. A Sra. Holmes sorriu e apontou algo no papel. Decca assentiu. Eu as observei por um tempo longo demais, Decca absorta no desenho — ela continuamente olhava para a janela, e percebi que estava desenhando as montanhas — e a Sra. Holmes olhando, o rosto se mexendo sem parar — os lábios, a testa — em reação ao trabalho de Decca. Ela parecia satisfeita. Ambas pareciam.

Quando saí, fiz um desvio por trás dos alojamentos — eu ia me encontrar com Sissy — de modo que a Sra. Holmes não me visse, caso retornasse para a janela.

* * *

Uma ajudante de cozinha cujo nome eu não sabia me trouxe o almoço e o jantar. Eu me mexi e me virei no colchão duro a noite inteira. Eu iria ver meus pais em breve. Meu irmão. O que teriam dito a eles? Eu era duplamente má, voltava para eles pelo mesmo pecado pelo qual tinha sido banida.

A porta se abriu. Não havia tranca, e, por um instante, pensei que o Sr. Holmes tivesse vindo me ver, e fiquei muito contente.

Mas a silhueta era de uma garota. Sentei-me e acendi a luz. Mary Abbott.

— Por que você está indo embora? — perguntou ela em um tom de voz normal.

— Shh. Porque agi mal. — Dei um suspiro. — Você não devia estar aqui

— Mas você não agiu mal! — Ela se ajoelhou perto da cama. — Eu sei quem agiu mal.

Senti um nó na barriga. Eu me lembrava da noite que eu tinha deitado na cama de Sissy e Mary Abbott tinha chamado.

— Ela não devia ter feito isso. Ela não devia ter saído escondida o tempo todo. — Ela fez uma pausa. — Mas não fique brava comigo.

— Não vou ficar brava — eu disse. — Prometo. Apenas me conte tudo.

— Não contei para a Sra. Holmes.

— Para quem você contou? — sussurrei lentamente, como se estivesse persuadindo uma criança pequena.

— Henny — sussurrou ela, os olhos arregalados. — Henny.

— Ah — eu me recostei na cabeceira de ferro. — Ah.

— Ela perguntou! — disse Mary Abbott, defendendo-se. — Ela ouviu rumores, era algo sobre o qual todas as garotas vinham falando há tanto tempo, e então vi Sissy.

— Na noite do baile — completei.

Ela encolheu os ombros.

— Uma porção de noites. Sei para onde eles vão. Já sei há muito tempo. Às vezes, eu os sigo. — Ela parecia orgulhosa.

— Você fica observando os dois? — perguntei, incrédula.

Ela negou muitas vezes, com gestos de cabeça.

— Só um ou dois segundos, só para ver se Sissy estava segura. Eu também gosto de Sissy. Como você.

Concordei, juntando toda essa nova informação, que afinal não era nenhuma surpresa. Não era surpresa que Mary Abbott seguisse Sissy e Boone até o bosque, não era surpresa que ela tivesse sido um instrumento no problema de Sissy sem a malícia que tal ação demandava. Ela era solitária. Apenas isso.

— Você agiu mal em casa, não é?

— É — respondi, sem pensar. — Agi muito mal. — Senti meus olhos quentes.

— Ah, Thea — disse Mary Abbott, e então me abraçou, com firmeza, e suspirou no meu ouvido: — Está tudo bem.

E qualquer que fosse o feitiço que ela tivesse lançado, se quebrou. Eu a empurrei, com força.

— *Ai!* — gritou ela, então esfregou o ombro e levou os braços para o peito como se quisesse se proteger; ela realmente precisava se proteger.

Reconheci uma característica nela, certo desvio de comportamento, certa necessidade. Um anseio que ela sabia que precisava ocultar sem saber como. Ela não tinha a menor ideia. Ela parecia muito comigo; eu não conseguia ser bondosa com ela. A única diferença entre nós duas é que eu não parecia estranha, olhando na superfície.

— É melhor — falei — não ser estranha. Não ser notada.

Mary Abbott parecia magoada, mas concordou. Ela pegou minha mão, e dessa vez, eu deixei. Ela estava sempre tentando pegar minha mão, mas essa seria a última vez.

— Tome cuidado — aconselhei —, tome cuidado consigo mesma.

* * *

Encontrei Sam na noite após ter confessado tudo para minha mãe, ou quase tudo: eu nunca contaria a ela que tinha me deitado com meu primo. Pensei que eu estivesse sendo misericordiosa; nunca imaginei que ela não fosse acreditar em mim, que ela tinha as próprias ideias sobre o ocorrido. Mas estava certa, no final; ela tinha razão em não confiar em mim.

Eu acreditava, enquanto a procurava pela casa, finalmente a encontrando nos fundos, podando as rosas, que contar a ela poderia me trazer alívio. Era uma crença tola.

Sam estava em nosso antigo quarto de brinquedos, lendo uma revista, sentado de pernas dobradas no chão duro. Ele balançou a cabeça quando entrei; seus olhos estavam apáticos, e o quarto estava bem escuro.

— Você quer mais luz? — perguntei, a mão no interruptor.

— Pode deixar assim.

Sam virou uma página, e notei um anúncio de patins, que nenhum de nós nunca tinha usado.

— O que você está lendo? — perguntei.

— Um artigo sobre pessoas com desejos que não são naturais.

— Sinto muito. — Meu rosto estava inchado de chorar, parecia que havia areia sob minhas pálpebras.

— Eu devia ter feito você parar. — Ele parecia arrasado, os olhos inchados e vermelhos,

veias que eu nunca tinha visto visíveis na superfície.

O olho esquerdo estava preto por causa de um hematoma.

— Você não conseguiria — eu disse serena. — Não cabia a você.

— Eles vão mandar você embora.

Fiquei pasma.

— Quem?

— Quem você acha? Mamãe e papai.

— Para onde?

Pensei no irmão de minha mãe, no sul da Flórida; aquele era o único lugar que eles tinham para me mandar.

— Para um lugar de que eu nunca ouvi falar. Com um nome indígena.

— Não vou, Sam — minha voz se elevou. Não parei para pensar como ele sabia. Ele devia ter entreouvido algo. — Não deixe que eles me levem.

— Por quê, Thea? — perguntou ele. — Por que você fez aquilo? — E começou a soluçar. — Agora eles vão mandar você embora, e vou ficar sozinho. Você pensou nisso? Pensou? Pensou que você iria embora e que eu iria ficar sozinho?

Joguei-me nos braços dele. Senti meu irmão gêmeo ceder, e essa sensação tornou as duas semanas seguintes, antes de eu partir para Yonahlossee — o clima em casa totalmente estranho, as cabeças da minha família se virando para o outro lado, o reconhecimento de minha profunda traição —, meu irmão se entregando a mim naquele momento tornou todo o resto suportável.

— Eu devia saber — murmurou ele, o rosto contra meus cabelos.

Mal consegui entender as palavras dele.

Segurei o rosto dele entre as mãos. Suas bochechas estavam quentes e suadas.

— Você sabia, Sam.

* * *

Meu pai estava no escritório. Bati na porta e sua voz soou a mesma de sempre, dando-me permissão para entrar: serena, firme.

— Thea.

— Papai. — Ele estava escrevendo uma carta. Agora ele dava leves batidas no queixo com a caneta e esperava. — Como está Georgie? — soltei, porque ou eu perguntava agora, e rápido, ou não perguntaria mais.

— Georgie está no hospital. Sabia disso?

Neguei com a cabeça.

— Ele estava respirando quando o vi na última vez.

— Sim. Infelizmente, a pessoa pode respirar e ainda assim estar terrivelmente machucada. Parece que o cérebro dele está ferido. — Ele fez uma pausa. — Quando sua mãe me disse o que você havia confessado, eu tinha certeza de que ela estava errada. — A voz dele soava neutra. — Ela estava errada?

Neguei com a cabeça.

— Gostaria de todo meu coração que ela estivesse. — Era estranho meu pai usar uma expressão sentimental como aquela. *De todo meu coração.* — Mas seu irmão também está

envolvido nisso. O ferimento de Georgie — e aqui ele baixou a caneta e colocou as mãos diante de si como se estivesse carregando um melão — é compatível com um golpe violento. Você entende, Thea?

Aquiesci, sem entender.

— Ou Georgie recebeu um golpe de seu irmão ou ele caiu. De qualquer maneira, as consequências são as mesmas. Mas existe uma diferença significativa entre as duas coisas, como você deve saber.

Não falei nada.

— É uma hipótese plausível que Georgie tenha caído sobre um objeto grande e rombudo. Conte para o hospital sobre a pedra. Eles levaram essa informação para a polícia. Que seu primo tinha caído e batido a cabeça na pedra.

— Está certo — eu disse, pois ele parecia precisar de uma resposta. — Está certo.

— Quando encontrei seu irmão mais tarde, depois do acidente, ele não sabia quem eu era. Ficara sentado debaixo de uma árvore durante horas. Tinha urinado na calça. A versão dele em relação ao que aconteceu é, na melhor das hipóteses, falha.

Papai me olhou como se estivesse surpreso de me ver ali.

— Eu queria apenas descobrir como Georgie está — sussurrei.

O nome dele parecia sujo ao sair de minha boca.

— Bom, agora você sabe. Ele não está bem.

— Mas ele vai ficar bem de novo?

Obviamente eu não devia ter perguntado.

Meu pai deu de ombros.

— Se Deus quiser.

Fiz menção de sair, mas meu pai falou novamente.

— Você viu, Thea? Pode me dizer o que aconteceu? Pode ser sincera?

Ele parecia tão atormentado, meu pai, tão aflito... O botão superior de sua camisa estava aberto; isso nunca acontecia.

— Foi a pedra — respondi. — A pedra, não Sam.

Pareceu uma tarefa fácil, deixar meu pai acreditar naquilo que ele queria acreditar com todas as forças. Era o mínimo que eu podia fazer.

* * *

Minha mãe me encontrou na cocheira algum tempo depois, desembaraçando os nós do rabo de Sasi. Era algo a se fazer.

— Thea.

— Mamãe. — Eu segurava o rabo sem firmeza; não queria deixar de segurá-lo completamente.

— Fui dar um passeio.

Ela fez um gesto em direção à ampla extensão ao nosso redor. Minha mãe nunca saía para dar um passeio. Ela sempre estava ou no jardim ou dentro de casa. Ela tinha falado comigo três vezes na última semana. Tinha me pedido para varrer a varanda da frente, o que eu tinha feito, duas vezes, apesar de nem ter precisado.

Ela descansou a testa no portão da baía; parecia cansada, vulnerável. Talvez tivesse notícias de meu primo.

— Decidimos mandar você para longe disso tudo.

— Eu não vou.

Olhei minha mãe nos olhos e, embora ela estivesse surpresa, todas as regras de como nos comportávamos uns com os outros tinham se evaporado de repente.

Ela fechou os olhos.

— Você não tem escolha. Vai ser melhor para você, se for.

— Não. Estou bem aqui. Vou ficar longe do caminho de todo mundo. A senhora vai ver. Vou dormir aqui. Não vou aborrecer ninguém. Por favor, não vai ser melhor para mim.

Ela riu.

— Você vai dormir em uma baía? Você não é um bicho, Thea. Ou é? — Ela balançou a cabeça. — Você vai, sim.

— Ah. — Enrosquei o rabo de Sasi em volta do punho. — Entendo.

Minha mãe me observou por um momento.

— Por quê, Thea? Por que você fez isso?

A boca de minha mãe se encrespou formando um nó feio e pequeno. Ela não parecia tão linda, naquele momento. Parecia a vítima de uma traição.

— Por que a senhora achou tão ruim assim? — perguntei. Minha voz falhou. — A senhora amava Georgie.

Parecia que ela estava pronta para a pergunta, como se já tivesse se perguntado o mesmo.

— Eu queria mais para você! — gritou. — Não percebe que Georgie não é bom o bastante? E, mesmo que fosse, está tudo uma grande confusão agora, Georgie no hospital, seu irmão se sentindo culpado de ter colocado o primo lá. O tio George e a tia Carrie não conseguem perdoar. E estou tão zangada com Georgie... e com você. — Ela fez um gesto para fora da cocheira, para os nossos mil acres. — Tinhamos tudo, Thea. Tudo. Este lugar está arruinado.

— Por favor — gritei —, para onde a senhora está me mandando? Não faça isso. Por favor, não. — Toquei o braço dela. — Por favor, deixe-me ficar aqui. Vou me comportar bem.

Ela olhou para o braço, para o ponto onde eu tinha tocado, depois olhou para cima e de novo para mim.

— Receio que já seja tarde demais para tudo isso — disse ela, agora calma.

* * *

Nós estabelecemos um arremedo de rotina na minha última semana em casa. Eu acordava cedo e montava Sasi até ele ficar exausto. Saltava obstáculos cada vez mais altos, e Sasi conseguia ultrapassá-los com perfeição porque podia sentir como eu estava ousada. Mamãe se ocupava com as tarefas domésticas e eu a ajudava ficando afastada. Eu sabia que era a última pessoa que ela queria ver. Sam desaparecia durante horas no terreno de trás. Caçando, eu imaginava. Papai saía antes de eu levantar e voltava depois que eu já estava na cama. Quando eu passava por ele no saguão, fazia menção a alguma criança enferma de quem não conseguia cuidar. Não perguntei mais sobre meu primo. Presumi que papai me diria se a situação dele piorasse. Eu era ingênua, acreditava que o silêncio de meus pais significava que Georgie estava melhorando.

Deixaram para mim a incumbência de fazer minha mala. Mamãe fora vaga em relação àquilo de que eu precisaria. O máximo que eu tinha conseguido era esvaziar as gavetas no chão. Agora eu pesquisava no meio de todas essas pilhas de roupas finas: vestidos cintilantes, saias formais de algodão, macios lenços de seda. Eu não os merecia. Não conseguia imaginar um futuro em que os usaria novamente.

Uma batida na porta. Eu a mantinha fechada para poupar minha família.

— Entre.

Primeiro, a mão escura de Idella. Voltei a remexer nas minhas coisas. A decepção era quase insuportável.

— Sua mãe me mandou para ajudar você a arrumar suas coisas.

Fiz um gesto mostrando as pilhas.

— Fiz tanta bagunça!

— Deixe que eu ajudo.

Prestei atenção enquanto ela fazia pilhas mais coerentes, juntava saias com saias, culotes com camisas de montaria; dobrava com primor todas as peças que eu tinha desdobrado.

— Sua mãe disse para não pôr muita coisa. — Idella me olhou. — Ela disse que você vai ter uniforme.

— Uniforme — repeti. — Você sabe por que eu vou embora?

Idella alisou o colarinho de uma blusa. Eu sabia tão pouco a respeito dela... Não era casada. Vivia com a mãe e duas irmãs; eram todas profundamente religiosas.

— Tenho certeza de que está tudo bem.

Balancei a cabeça, quase às lágrimas.

— Não está.

— Se Deus quiser, está — disse Idella. — Se Deus quiser.

O trem de Asheville para Orlando estava meio vazio. Havia outra garota da minha idade sentada na primeira classe. Comemos na mesma hora no vagão-restaurante, em mesas separadas. Fiz uma avaliação dela. Não olhava para o garçom enquanto pedia, e, quando a refeição chegou, comeu com pressa, tímida, como se temesse ofender alguém por estar jantando. Ela usava lindos brincos de esmeralda, em formato de gota, nos quais tocava constantemente, da mesma maneira como Sissy tocava seu pingente de ferradura. O pingente de ferradura agora estava pendurado no meu pescoço, e percebi que eu tocava nele constantemente, assim como Sissy, mas por motivos diferentes: eu mexia nele porque era assim que Sissy fazia, porque sentia falta dela.

Não consegui comer a sopa de tomate que o garçom trouxe. Não estava muito boa, mas eu devia estar com fome; eu não me alimentava direito havia dias. Obriguei-me a comer o pãozinho. O trem, a comida insípida diante de mim tornavam tudo real novamente. Podia sentir minha determinação se espalhar como os pelinhos de um dente-de-leão. Estava tudo tão verde do lado de fora do trem, tão verde e vivo! A beleza da Carolina do Norte residia em sua austeridade, as montanhas longínquas, tão frias, tão distantes. Após cruzar a Flórida, tudo era vivo. Eu sabia, assim que desci do trem, que o calor iria me dar as boas-vindas, como um velho amigo, mesmo que ainda fosse primavera.

Fiquei com inveja da garota, cujo nome não sabia, a quem nunca veria novamente. Nunca tinha querido tanto ser outra pessoa. Queria começar tudo de novo: desde o nascimento, sem um irmão gêmeo, sem um primo tão próximo que era como um irmão.

— Sabe qual é a próxima parada? — perguntou a garota.

Ela estava ali, na minha frente. Nem tinha reparado que ela havia saído da mesa. Por um momento, não me recordei do nome. Mas finalmente ele veio a minha mente.

— Church Street — respondi. — Orlando.

A garota parecia nervosa, e eu queria tomá-la pelos ombros e dizer: “Olhe, por favor, não há motivo para você ficar nervosa agora.” Contudo, eu não sabia disso. Não sabia o que ou quem ela ia encontrar quando descesse do trem, que começava o lento processo de parar. Já dava para discernir a estação, onde logo eu estaria, e parecia impossível que eu pudesse estar no trem, mas que em cinco minutos, ou dez, não estivesse mais. E que eu não estaria por minha própria vontade. Por quê, Thea, por quê? Por que eu tinha desejado retornar para tudo isso? Para meu irmão, que não me escrevera uma única palavra durante meses, para minha mãe e meu pai, que tinham me expulsado tão rapidamente como se já soubessem o tempo todo o que fariam para lidar com uma crise, uma tragédia, uma coisa que minha mãe não tinha planejado: mandar a garota embora, manter o rapaz.

E então eu os vi, meus pais, esperando por mim na plataforma, meu pai em um terno, minha mãe com um chapéu de abas largas. E percebi o motivo de querer voltar. No entanto, não estava preparada para vê-los. Vacilei. Coloquei a cabeça entre as mãos.

Olhei para cima novamente e vi a garota me observando. Em Yonahlossee, ela não teria sido popular; era nervosa demais, carente demais.

— Quem você vai encontrar? — perguntou ela.

— Meus pais.

Olhei pela janela. Minha mãe estava na frente de meu pai; as mãos de meu pai estavam às costas, a cabeça inclinada. Minha mãe parecia inquieta. Minha mãe fácil, que fora linda e impudica um dia. Ela parecia mais magra. Sam não estava lá.

Fiquei observando meus pais, enquanto o trem parava, fiquei no meu assento enquanto os outros passageiros desembarcavam e minha mãe olhava ansiosamente para o rosto deles.

Levantei-me. Já podia sentir minhas pernas perdendo a força, se atrofiando nem que fosse ligeiramente por falta de uso. Fazia dias que eu não montava.

Quando finalmente emergi do trem, a última passageira, minha mãe ficou visivelmente aliviada.

— Thea! — disse ela, a voz aguda.

Seus olhos percorreram meu corpo e se prolongaram no colar; depois, eles se endureceram. Mas ela não conseguia evitar; vi que estava tentando ser gentil.

Meu pai levantou a cabeça e vi com surpresa que tinha envelhecido. Ele ficara completamente grisalho na minha ausência. Até suas sobrancelhas estavam grisalhas. Esperamos enquanto um carregador juntava minha bagagem, enquanto meu pai lhe dava uma gorjeta e minha mãe protegia com um lenço os cabelos para a viagem de carro. Os passageiros do próximo trem se moviam de um lado para outro, e fiquei contente. Eram outras pessoas. As mulheres usavam cor-de-rosa, roxo e verde, uma surpresa para meus olhos após tantos dias de branco. E ninguém prestava atenção nelas. Ninguém se ocupava de estar na sala de aula no tempo devido, ou apagava as luzes às nove horas, ou se levantava às sete. Ninguém se importava com coisas assim.

Minha mãe e meu pai se viraram prontos para ir embora, e esperaram que eu os seguisse. Minha mãe se virou primeiro, depois meu pai, e esperei que dissessem algo.

— Está na hora de ir — disse meu pai. — Vamos.

Meu pai estendeu a mão; os olhos de minha mãe estavam desesperados.

— Está certo — falei —, vamos para casa.

Mas, ainda assim, permaneci onde estava. Eu tinha me enganado. Nós não iríamos para casa. Olhei para trás e vi o trem deixando a estação, e outra máquina gigantesca vindo tomar seu lugar. Haveria outros trens. Sorri para meu pai e permiti que pegasse minha mão. Eu não tinha desejado soltar a mão dele tantos meses atrás, e agora eu tinha que me obrigar a tocá-la. Todos nós estávamos nos comportando com muita coragem.

Meu pai abriu a porta para mim, e esperou eu me acomodar para fechá-la. Permanecemos em silêncio enquanto meu pai dirigia o carro pela estrada. Orlando parecia agitada — eu não via carros ou estradas ou prédios altos havia muito tempo. Então minha mãe se acomodou no banco da frente, e virou, de forma que pude ver seu belo perfil e soube que não precisava tentar de maneira alguma amar minha mãe e meu pai; eu não sabia como seria fácil. Eles tinham meu coração sob controle, e vi que para sempre o teriam, até a morte deles. Então, eu seria verdadeiramente livre, a não ser por Sam. Uma única amarra, em vez de três.

Observei o perfil de mamãe, a velha visão conhecida. Estava mais pronunciado agora; eu tinha provocado isso. Esperei que ela falasse.

— Thea — começou ela, e pude sentir seu cheiro, mesmo daqui; pude sentir o velho cheiro conhecido.

Inclinei-me para a frente.

— Sim?

Ela se virou e me encarou, fechou os olhos e tocou levemente a própria testa com dois dedos, um novo gesto.

— Esta dor de cabeça — disse. — Não me deixa.

Eu queria dizer algo antes que ela falasse. Queria dizer a ela sobre a estranheza de tudo isso, a completa estranheza. Tanta coisa tinha acontecido no último ano, o ano mais cheio de toda a minha jovem vida; eu me sentia tão velha, agora. Queria dizer a ela, e também a meu pai, sobre como era estranho estar com todas aquelas garotas no início; e depois como todas aquelas garotas tinham deixado de parecer estranhas. Como agora *elas* é que pareciam estranhos, meus próprios pais, mesmo que eu os amasse, mesmo que quisesse agradar a eles. Eu queria dizer: vocês não podem nem imaginar esse momento, parece que nunca virá, mas então vem, e lá está, Thea Atwell, de Emathla, Flórida, a mesma garota que você pensou que era.

— Thea — disse minha mãe. — Estamos morando em um hotel desde o último mês, mas vamos sair na semana que vem. Compramos uma casa. Existem tantas por aqui, abandonadas.

— Sasi? — perguntei.

Não conseguia formar sentenças completas; a única coisa que conseguia proferir eram palavras soltas.

— Foi vendido, Thea. Você iria ficar grande demais para ele, de qualquer jeito.

A voz dela estava suave. Ela tentava ser gentil mais uma vez.

— Para quem?

— Para uma menininha — respondeu meu pai. — Ela o adora. A verdade, Thea — minha mãe emitiu um breve ruído de protesto, mas meu pai pediu que ela se calasse, o que foi chocante; no entanto, mais chocante foi ver minha mãe agir como ele tinha ordenado, e ficar em silêncio —, a verdade é que, no momento, não podemos arcar com as despesas de um cavalo para você.

— Ele era um pônei — eu disse, calmamente.

— O que foi, Thea?

— Nada — respondi —, não importa.

Olhei para minhas mãos, as mesmas mãos que o Sr. Holmes tinha segurado. Minha mãe se virou e apoiou a cabeça na janela.

— Esta dor de cabeça está me matando.

Era difícil não chorar. Minha mãe, afinal de contas, era uma mentirosa, uma mentirosa a quem eu amava, mas ainda assim uma mentirosa. Ela tinha me prometido que Georgie ficaria bem, que ela escreveria se isso não acontecesse. Fui tola em acreditar nela, mas eu tinha desejado acreditar. Fiquei prestando atenção à rua, e vi uma menininha suja, e imaginei se ela era pobre, se os pais dela tinham abandonado a casa; ou talvez ela fosse apenas uma menininha suja por brincar no quintal. Seu vestido parecia bem bonito. Eu nunca iria saber.

O hotel em que estávamos pareceu suntuoso para mim, com tapete vermelho felpudo e elevador. Um carregador de malas do hotel acompanhou a mim e minha mãe até meu quarto. Só eu dormiria ali, vi assim que ele abriu a porta, meu irmão não estava em nenhum lugar. O quarto cheirava a mofo, mas isso era comum na Flórida.

O carregador era jovem, atraente, com cabelos castanhos e espessos, membros longos e

delgados. Obviamente, pensei, obviamente eu seria atendida pelo carregador jovem e atraente, não pelo velho e enrugado. Eu lhe disse onde colocar minhas coisas, e, quando ele acabou, ficou aguardando.

— Isso é tudo — minha mãe disse.

— Mãe.

Olhei para a bolsa dela.

— Ah, sim — disse ela. — Desculpe-me, desculpe-me.

Parecia nervosa, e eu sabia por quê. Estava prestes a ficar sozinha comigo. E o fato de que eu tinha acabado de falar com um homem, e dito a ela o que fazer com relação a esse homem, não tinha ajudado muito. Ela preferia que eu me escondesse no canto até ele sair, mesmo após ele sair. Bem, eu não faria isso.

Ele fechou a porta atrás de si, e me virei para minha mãe e a encarei; esperei que ela falasse.

— Bom — disse ela —, o acampamento foi uma maravilha para você, Thea. Sua aparência está ótima.

— Não era um acampamento, mãe. — Ela se enrijeceu. Mas eu não ia continuar com aquilo.

— Não, tudo bem. Estou contente de ter ficado lá por tanto tempo.

Ela me observou por um longo tempo, o ventilador elétrico fazia o único barulho do quarto. Ela usava um vestido que eu já vira uma centena de vezes antes. Ainda era bonita; o carregador tinha prestado mais atenção nela do que em mim. Senti minha coragem enfraquecer. Ela era minha mãe, eu era filha dela, e isso era um fato, completamente inalterável. Esperei que ela me repreendesse, expressasse seu descontentamento, dissesse que sabia tudo sobre como eu me comportara mal, pela segunda vez.

— Bem — disse ela, finalmente, e pegou minha mão —, o que vamos fazer com você agora, Thea?

Comecei a falar, mas ela me interrompeu.

— Não, por favor. Vamos falar sobre isso mais tarde. Agora estou cansada.

— E Sam?

— Sam está no quarto vizinho. Sugiro que você deixe que ele a procure. Mas você vai fazer o que achar melhor, tenho certeza disso.

Concordei com um gesto da cabeça. Faria mesmo. Ela estava certa.

* * *

Eu tinha a intenção de ficar na enfermaria na minha última noite. Mas não consegui. Levantei-me após um tempo, que pareciam horas, me remexendo e virando na cama, o que aconteceu depois da visita de Mary Abbott. Eu *queria* adormecer, aproveitar o breve repouso fornecido pelo sono. Porém, o sono não vinha e comecei a me sentir quente, em pânico; meu couro cabeludo queimava no alto do meu cérebro. Pelo menos, era assim que parecia, que meu cérebro estava refletindo sobre uma quantidade exagerada de pensamentos inquietantes, que estava pegando fogo. Eu esperava não me arrepender de ir embora. Esperava que Sam ficasse feliz de me ver. Esperava que Sissy tocasse a vida exatamente como ela desejava.

A Praça estava deserta. Era noite de lua cheia, que estava linda demais, demais. Não havia luz alguma acesa na Casa do Diretor. A Casa Augusta estava silenciosa, todas minhas amigas

dormindo em sono profundo. Boone não viria mais, agora que Sissy quase tinha sido pega. Não tive a impressão de que a identidade de Boone tivesse sido revelada, um golpe de sorte. Fiz Sissy me prometer que escreveria uma carta para ele, pedindo para que fosse mais cuidadoso.

Pensei em Kate, a Bruxa dos Bells, enquanto caminhava para as cocheiras, tendo de cada lado o bosque escuro e denso. Seria tão fácil desaparecer...

A maioria dos cavalos não se deu o trabalho de virar a cabeça por cima do portão da baía. Mas Naari, sim. Ela reconheceu meus passos. E ela os esqueceria, e nunca saberia que teria esquecido.

Encostei seu focinho no meu rosto, respirei seu cheiro suavemente penetrante, e a deixei sentir meu cheiro. Quem saberia qual era meu cheiro? O de uma garota? O de Thea.

Ouvi um barulho de metal contra metal atrás de mim, e dei um salto; pensei ter sido apanhada. Mas o que mais poderiam fazer comigo? Não tinha nada a perder, não tinha nada mais para dar a eles.

Era Leona, emergindo da baía de King, fechando o portão atrás de si. Usava camisola, que só ia até a altura dos joelhos enquanto a minha batia na canela, apesar de eu ter me trocado e vestido minha roupa do dia a dia quando descí para cá. Reparei em seus pés descalços. Era o cúmulo da estupidez, caminhar descalço em volta de um cavalo. Os cabelos dela estavam desgrenhados. Ou quase desgrenhados, o máximo que poderia acontecer aos cabelos de alguém como Leona. King colocou sua gigantesca cabeça para fora do portão e me olhou. Leona avançou e afagou o focinho dele, distraída. Eu a imaginava capaz de tamanha traição. Mas, na verdade, meu primeiro instinto acerca de Leona estava correto: ela só se importava com cavalos.

— Thea Atwell — disse ela. — Você me venceu. Ninguém nunca tinha me vencido antes.

— Lamento — desculpei-me, e neste momento eu lamentava: deveria ter sido mais generosa, deveria tê-la deixado ganhar.

— Não lamente. Eu teria feito o mesmo se estivesse em seu lugar. Em sua sela. — Ela sorriu, e retribuí.

— Sinto muito por King — eu disse, e fiz um gesto apontando atrás dela, para aquele rosto largo e bonito.

Leona se virou e enterrou o rosto no pescoço dele, e King relaxou com o abraço, como uma criança. No picadeiro, ele era feroz, mas fora dele era terno. Achei que ela estava chorando, sei que eu estaria chorando, mas, quando ela me olhou de novo, o rosto estava seco como um deserto.

— Outros cavalos virão — disse ela —, mas não como este aqui. E não por um bom tempo.

Assenti. Acreditava nela. Se havia alguém que conseguiria encontrar seu caminho de volta aos cavalos, era Leona.

— Você também vai ter que deixar Naari — ela disse, sem malícia na voz.

— É verdade. — Olhei para o rosto pequeno e delicado de Naari. — Mas ela nunca foi minha mesmo.

* * *

Sam não apareceu na minha porta. Fiquei deitada na cama durante horas e horas. Caí no sono; quando acordei, a janela estava iluminada pela luz da rua, embora eu fosse capaz de dizer,

olhando para a escuridão que chegava às janelas, que já era quase anoitecer. Minha boca estava seca. Aqui não havia Docey para me trazer água, nenhuma outra garota para me dizer as horas.

Eu me servi de um copo de água da pia e a bebi, avidamente, enchi mais um copo e bebi tudo também. Meu olhar captou um papel branco; um bilhete, colocado por baixo da porta. Meu coração ficou apertado; Sam. Mas não, era mamãe, dizendo que eles não quiseram me acordar para jantar. Eles. Será que Sam estava com eles? Percebi como tudo isso era tão triste; minha família vivendo em quartos diferentes de um hotel. Ouvi algo lá fora, no corredor, mas não tinha familiaridade suficiente com este lugar para discernir o que seria.

Abri a porta devagar, e lá estava ele, meu irmão. As costas dele, mas eu sabia, da mesma forma que eu reconheceria minha mão se alguém a trouxesse para mim.

Ele deu meia-volta e, na luz brilhante do corredor, vi que realmente tinha se tornado mais atraente do que eu estava bonita, conforme eu previra. Ele era um homem agora, os ombros largos, uma cabeça mais alto do que eu, pelo menos. Esta vida era tão surpreendente: ela pegava uma pessoa que você conhecia completa e totalmente e a transformava em um estranho.

— Sam.

— Thea.

A voz dele era profunda. Eu nunca mais a ouviria como era quando parti, suave e bonita. Ele tinha uma voz que agora se mostrava segura, que dirigia as outras pessoas, que se fazia notada em uma sala repleta de pessoas. Uma voz de homem.

Coloquei a mão na garganta.

— Que horas são?

— Tarde — respondeu.

— Você não conseguiu dormir?

Sam não disse nada, ele não me encarava.

— Entre — convidei, e abri a porta de meu quarto —, por favor.

Ele hesitou.

— Por favor — repeti —, não me faça implorar.

E então ele entrou sem dar uma palavra, e se sentou na cama; sentei-me a seu lado. A cama estava desfeita, e de repente fiquei constrangida de ver um rapaz em meu quarto e a cama desarrumada, o que era vulgar. Mas então me lembrei de que Sam não era um rapaz, era meu irmão.

Ficamos em silêncio por um bom tempo. No entanto, era uma sensação conhecida; eu preferia isso à nossa conversa, que tinha sido formal, estranha. Sentado, ele não parecia tão alto; era de novo meu irmão.

— Tanta coisa mudou... — comecei, mas Sam me interrompeu.

— Para você — disse ele. — Mais para você do que para mim. Eu não fui embora.

— E eu retornei — rebati. — Por sua causa.

Ele então me olhou, e seu ar era de completo espanto. Quando parti, o rosto dele estava todo machucado; agora estava perfeito. Ele riu.

— Por minha causa? — perguntou. — Por minha causa?

— Por você — respondi, a voz vacilante.

— Vamos tentar não fingir que tudo isso foi por minha causa. Podemos tentar, Thea? — A voz dele se transformou em uma súplica.

Balancei a cabeça.

— Pensei que você queria que eu voltasse. Eu disse que lamentava tantas vezes. — Toquei meu colar, e o olhar de Sam se fixou nele, e vi que ele estava ansioso por me ver, assim como eu; ele queria ver todas as mudanças que tinham se operado em sua irmã gêmea, assim como eu queria.

— Você me abandonou.

E compreendi que ele se referia às duas vezes: eu o abandonei por Georgie, e depois uma segunda vez, quando parti para Yonahlossee.

Ele sorriu tristemente para mim, e eu queria muito tocá-lo, a mão dele, o ombro dele.

— Ah, Sam. — Eu sabia que iria me lembrar daquele momento por toda a minha vida. Eu poderia viver cem anos e este momento nunca me deixaria. — Sinto muito — falei —, sinto muito mesmo.

Eu estava sendo sincera, sentia muito por tudo: por todos nós, agora separados para sempre. Um soluço ficou preso em minha garganta, e só isso bastou: Sam se virou e me abraçou, com força, e percebi então como nossas vidas tinham se tornado impossíveis. E Georgie, de quem não tínhamos falado, não teve seu nome mencionado. Não havia necessidade. Ele estava entre nós, tão real em sua ausência como tinha sido quando presente.

Depois de algum tempo, Sam me largou, levantou-se e caminhou até a janela. Como ele não estava me encarando, tomei coragem para falar.

— Onde eles estão?

Ele continuou a fitar a noite lá fora.

— Eles se mudaram para o Missouri.

— E a casa de Gainesville?

— O banco se apossou dela. O tio George deixou que isso acontecesse. Eles queriam se mudar. — Tamborilou no vidro. — Não os vejo desde... — Sua voz diminuiu. — Apenas o papai fala com o tio George. Somente isso. Todo mês papai manda um cheque para eles. “É nosso dever de cristãos” — ele entoou, usando a voz que sempre usava quando imitava nosso pai: baixa, vagarosa. Mas agora ele soava exatamente como papai.

— Eles disseram isso? — Para ser honesta, não era algo típico de nossos pais.

— Eles tinham que dizer alguma coisa, Thea. Tivemos que vender a casa. E, além disso, acho que eles querem que eu saiba que nossa vida não é exatamente a mesma agora. Eles querem me preparar.

Ele virou a cabeça para me olhar, para ler a expressão em meu rosto, e então se voltou novamente para a janela.

— Eles têm dinheiro suficiente, não se preocupe.

— Não estou preocupada.

— Apenas não tanto quanto antes. E ninguém sabe por quanto tempo isso vai continuar.

Ele se referia à Depressão, sobre a qual ele não sabia nada quando parti. Meu irmão sabia tantas coisas agora. Ele não era mais uma criança.

— Você se lembra do que aconteceu, Sam?

Ele olhava pela janela; a noite na cidade era tão iluminada, tão diferente das noites em Yonahlossee. Ele continuou olhando para fora tanto tempo que pensei que não tinha entendido minha pergunta, mas então falou:

— Lembro — respondeu —, como me lembro de um sonho. Mamãe e papai puseram a culpa na pedra. — Eu olhava as costas dele. Ele colocou a palma da mão na janela. — Você se lembra como mamãe costumava dizer que nossas vidas eram abençoadas, que tínhamos nosso pedaço particular de paraíso?

Aquiesci, e nossos olhares se encontraram no reflexo da janela.

— Bom, ela não diz mais isso. — Ele deu uma risada curta. — Achava que Deus estava olhando por nós. — Ele ficou em silêncio por um momento, e a única coisa que eu podia fazer era não interromper. Eu nunca tinha ouvido isso antes. Eu não acreditava. — Sei que é uma tolice. Mas pensava que Deus sabia que éramos especiais. — Ele sorriu. — Eu não queria ferir Georgie, Thea. Seria melhor que ele tivesse morrido.

— Shhh. Como você pode dizer isso?

— Eu posso dizer isso! — Ele falou, quase gritando. — Eu posso! — Balançou a cabeça. — Eu posso — repetiu mais suavemente —, porque fiquei aqui e vi tudo acontecer. Tudo, Thea.

— Tudo — repeti, surpresa pelo som de minha própria voz. — Você deveria ir embora, Sam. Não foi você que criou a confusão.

— Então, quem foi?

— Ninguém. Foi apenas uma série de circunstâncias. Uma série de circunstâncias — repeti.

— Não, Thea. Fomos nós.

— Não eu. — Levantei-me e caminhei até a janela, e espiei por cima do ombro dele. O sol estava se levantando, e os garis varriam as calçadas com afinco. — Existem todas essas pessoas no mundo, e somos apenas duas delas. Mamãe e papai pensaram que estavam me castigando, ao me mandarem para longe. Ficar aqui era uma recompensa. Mas eles estavam enganados. Não foi um castigo.

— Você aprendeu tanto, no acampamento.

Eu sentia a respiração dele, o cheiro penetrante que ele tinha sempre que não dormia o suficiente.

— Aprendi bastante — concordei. Peguei a mão dele e a apertei. — Você também deveria ir embora. Nossas vidas estão em algum outro lugar.

Ele riu.

— Onde?

Dei de ombros.

— Quem sabe? Mas Deus só concede a felicidade àqueles que procuram por ela.

* * *

No dia seguinte, ouvi uma batida na porta ao meio-dia. Eu estava desperta — tinha adormecido ao nascer do sol — mas não estava vestida. Abri a porta e me deparei com mamãe, e Sam atrás dela. Ele parecia alerta, revigorado, e fiquei pensando quando ou se ele tinha dormido depois de sair de meu quarto. Ele me fitou e desviou o olhar, e mamãe fez o mesmo, e percebi que nenhum dos dois queria me ver de camisola. É claro.

— Vamos almoçar?

Mamãe perguntou, os olhos voltados para o outro lado, e eu lhes disse que ficaria pronta em quinze minutos, embora só fosse demorar cinco. Esperei na beirada da cama, em um vestido que

era pequeno demais para mim, que mal cobria meus joelhos e que apertava meus braços. Porém, era bonito, bolinhas brancas em um fundo marrom. Eu o tinha escolhido de um catálogo na primavera anterior; tinha chegado depois de eu partir. Eu tinha me esquecido que esse vestido existia. Mas lá estava ele, pendurado em meu armário por minha mãe, o simples fato de vê-lo me dava as boas-vindas depois de quase um ano. Tinha sido caro, e eu o tinha desejado ansiosamente por causa de Georgie, porque queria que ele me visse com ele. O rosto de Georgie surgiu em minha mente rapidamente. Era outra vida, eu me dizia enquanto esperava sentada na beirada da cama, porque sentia que mamãe queria que eu esperasse por ela, não queria que fosse encontrá-la. Tudo em outra vida.

— Seus cabelos — disse ela, no elevador, esticando a mão e penteando as pontas, sem corte, onde Eva tinha cortado reto. — Estão bonitos, Thea. Muito bonitos.

Senti as faces em chamas; não consegui evitar. Virei a cabeça para o outro lado, mas mamãe já tinha reparado.

Ela, Sam e eu fizemos a refeição em silêncio por quase todo o tempo no restaurante do hotel, que parecia melancólico por estar tão vazio. Sam estava distraído, observando o único outro freguês — um homem mais velho, de terno — lendo e relendo o cardápio. Mamãe estava calada. Ela não parecia calada em suas cartas.

Ela mal tocou a comida, mas fez com que Sam terminasse o que ela não tinha conseguido, com medo de a equipe do restaurante considerá-la gulosa, dada a desperdícios. Nunca antes eu a tinha visto se colocar tão ardentemente merecedora das graças de estranhos, e percebi que isso era uma das recompensas de se esconder do mundo; ela não tinha por que se importar. E era exaustivo, se importar. Acostumei-me a isso em Yonahlossee, mas imaginar o que as outras pessoas pensavam de você — tudo isso podia pesar na mente. Mas às vezes, pesava de uma maneira agradável, quando alguém a admirava ou a queria. Mamãe nos tinha privado, nesse sentido.

Beberiquei meu chá gelado, que não era tão bom quanto o de Yonahlossee, um chá que mamãe e Sam nunca tinham provado, nunca provariam. Mamãe observava Sam com cuidado enquanto ele devorava o sanduíche dela — o apetite de meu irmão parecia ter duplicado durante minha ausência — e os olhos dela iam continuamente do garçom para o filho. Eu quase não conseguia acreditar, mas acreditava assim mesmo. Nossas vidas estavam de um jeito unimaginável para nós; se um ano atrás um quiromante tivesse lido nosso futuro para mamãe, ela teria rido, gargalhado. Ela então teria fechado a porta e nos fechado novamente. Mas aqui estávamos nós, nossa casa desmontada, e mamãe se importando profundamente com a opinião de um garçom, um garçom cujo nome ela jamais saberia.

— Fiquei satisfeita — disse ela quando limparam nossa mesa. — Acho que vou repousar os olhos.

E percebi que agora ela se importava com pequeninas coisas, porque as grandes tinham-lhe feito muito mal. O que funcionava, eu percebi, como uma vantagem para mim: ninguém tinha mencionado minha desonrosa saída do acampamento.

Bati suavemente à porta de Sam depois do almoço, mas ele não respondeu. Pensei que estivesse dormindo. Eu esperava que fosse o caso, esperava que ele não estivesse me evitando. Ele tinha sido gentil durante o almoço, mas distante. Passei a tarde escrevendo cartas: para Sissy e Eva e até uma carta curta para Mary Abbott. Eu tentava ser gentil com ela, da mesma maneira

como tantas meninas tinham sido gentis comigo em Yonahlossee.

Papai bateu à minha porta às seis horas, em ponto, no exato momento em que badalavam os sinos da igreja rua abaixo, fazendo-me lembrar de Yonahlossee. Nós comíamos às seis horas lá, também, embora obviamente meu pai não soubesse disso.

Sam estava atrás dele, exatamente como antes.

— Sua mãe não está se sentindo bem — disse papai e deu um passo para o lado, de forma que pudesse sair, como se eu fosse uma dama.

Sam e eu nos entreolhamos e percebi que eles estavam se revezando conosco.

Depois de pedir a comida, papai me perguntou o que eu tinha aprendido no acampamento.

— Aprender?

— O que você lia? O que estudava?

Eu ri, e papai me olhou de maneira estranha.

— Aprendi a estar cercada por outras garotas — respondi.

Ele papai concordou com um gesto de cabeça. Era isso que eles tinham desejado afinal de contas; ele tinha me escrito isso na primeira carta. *Você vai aprender a se comportar com outras crianças por perto, Thea. Espero que não seja pedir muito.* Eu nunca me esqueceria dessas palavras. Mas papai não se lembrava do que tinha escrito; ele parecia vagamente perturbado, como se eu estivesse caçoando dele. O que acho que era verdade, mas não da maneira como ele imaginava.

— Você gostou? — perguntou ele. — Depois de se acostumar?

Sam também me encarou; eles queriam saber. Queriam que eu lhes contasse uma história. Mas isso eu não faria. Yonahlossee era só minha.

— Acabei gostando muito — respondi.

* * *

Na manhã seguinte, tanto mamãe quanto papai apareceram à porta de meu quarto, Sam atrás dele em sua posição habitual.

— Pensamos em dar um passeio de carro — disse papai e deu um leve sorriso, do jeito dele.

— E ver nossa casa.

Mamãe ficou agarrada a papai enquanto atravessávamos o hotel e cobriu os olhos para se proteger do sol quando pusemos os pés do lado de fora. Sam olhava para fora da janela, para as lojas, para a estação de Church Street, onde eu tinha chegado no dia anterior, para as plantações de laranjas que afinal se sucediam à cidade. O campo, pensei; nós vamos morar no campo novamente, porque mamãe não suportava morar na cidade. Ninguém falava no carro, nem uma única palavra, ninguém nem mesmo tentou, a começar por mim mesma. Agora eu estava habituada às conversas, ao barulho, ao constante zunido das vozes das meninas; eu estava prestes a explodir, a romper aquele silêncio.

Depois de um tempo, papai desceu por uma rua estreita, e então fez outra curva, após uns cinco minutos, e vi onde minha família iria morar. Era uma casa bonita, em estilo espanhol, branca, rematada por um telhado vermelho. Espessas palmeiras circundavam a casa, formando um quadrado perfeito. Estimei que tinha a metade do tamanho da nossa casa anterior, mas aquela outra casa era realmente grande, grande demais na verdade, para nós quatro.

— Tem alguma cocheira? — perguntei, apesar de não ter importância.

— Não — respondeu papai, e nos guiou para dentro, subindo os degraus da frente.

A porta estava trancada. Nunca, em nossas vidas, havíamos trancado nossas portas. Mas agora isso seria feito. Entramos na casa vazia, em uma sala vazia, as paredes inteiramente brancas. Mas dava para ver como ela poderia ficar bonita, com o toque de mamãe. O pé-direito era alto, a escadaria em ferro forjado, os pisos de madeira de um castanho vivo e uniforme.

— É bonita — eu disse, me voltando para meu pai, e notei que ele ainda queria me agradar, e a nós, que ele tinha a esperança de que a casa fosse algum tipo de tábuca de salvação.

— Sim — concordou —, não é bonita?

E minha mãe não pareceu reparar que ele tinha feito a pergunta a ela.

— É — ela respondeu, afinal. — Bastante.

Sam e meu pai foram olhar a garagem, e minha mãe voltou para fora, em direção ao carro, imagino que para descansar. Esperei por um momento, tentei me recobrar. Não seria fácil; nunca seria fácil, e esperar não ia mudar nada. Fui até a janela e vi que mamãe não tinha se dirigido ao carro. Ela estava sentada nos degraus da frente, as pernas cuidadosamente dobradas de lado.

Ela parecia digna de pena, e fiquei brava com ela, porque eu não queria sentir pena, que era o pior tipo de sentimento para minha mãe. Ela devia estar além da piedade. Papai parecia o mesmo, quieto e gentil. Sam estava distante, mas a maneira inata com que ele se movimentava pelo mundo, tão fácil, tão natural, não tinha se alterado. Mas mamãe estava arruinada. Ela fora arrancada de casa. Ela pertencia a um lugar, não a pessoas.

Lembrei-me de uma mulher, amiga do tio George e da tia Carrie, vindo para Emathla para ver nossa casa. Ela e o marido iam construir uma casa para eles, e tinham ouvido falar que a nossa era magnífica. E era. Porém, facilmente destruída: um incêndio, um furacão, um velho carvalho tombando sobre o telhado. Uma filha se comportando de forma inadequada.

Lembrei-me de mamãe mostrando ao casal todos os quartos, mesmo o meu e o de Sam, e a mulher, que era muito alta e magra, como um passarinho, dizendo sem parar “primorosa”. Eu me lembrei dela com tanta nitidez porque não recebíamos visitantes com frequência. A tia Carrie seguia atrás; fechei os olhos com essa imagem dela. Coloquei a cabeça nas mãos; todas essas memórias, da nossa casa antes da confusão, de Yonahlossee, um redemoinho na minha cabeça.

“Primorosa”, a mulher não parava de dizer “primorosa”, e percebi que nossa casa era primorosa; eu nunca tinha pensado nela de outro jeito antes, a não ser para chamá-la de meu lar. No final da visita, minha mãe parecia aborrecida. E aquela mulher *era* entediante; ela ficava dizendo a mesma coisa, sem parar, sem parar, em cada cômodo visitado. Mas mamãe ficou aborrecida porque a mulher afirmava algo tão óbvio que não precisava ser dito. Assim como chamar mamãe de linda. Assim como dizer que nós tínhamos sorte.

Permanecemos na varanda da frente até o carro deles desaparecer em uma nuvem de poeira, e mamãe pegou minha mão.

— Bom — ela disse —, vamos voltar a nosso primor, que tal?

Agora eu a observava sentada nos degraus da entrada, fingindo olhar um quintal que ela não iria amar, em frente a uma casa que nunca seria dela. A casa dela era um filho, percebi; mas não, isso estava errado. A casa dela era sua mãe, seu pai; mamãe se sentia confortável dentro

dela, esperava que a abrigasse dos altos e baixos da vida.

Eu me esgueirei pela porta da frente em silêncio. O calor me atingiu imediatamente. Não havia cores no quintal, apenas as palmeiras, e arbustos. Certamente minha mãe acrescentaria as cores.

— Belo quintal — eu disse por trás dela, e ela concordou, mas não falou.

Sentei-me perto dela, e ela acariciou meu joelho de leve.

— Mãe — falei —, quero ir embora novamente.

Ela voltou o rosto para mim, de maneira lânguida; parecia estar se movendo debaixo da água, e me ocorreu que papai poderia ter-lhe prescrito um remédio, para as dores de cabeça.

— Por que não, suponho? — disse ela. — Por que não?

A resposta dela caiu como um soco, uma pancada. Eu esperava que houvesse certa relutância; não, eu *queria* certa relutância, algum sinal de que ela precisava de mim. Mas eu iria embora de qualquer jeito, então não era um sentimento tolo aquele que eu experimentava? Estava conseguindo o que queria, mais facilmente do que esperava.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Mas ela falou novamente, e a voz dela era mais firme, de acordo com o que eu me lembrava.

— Pensei que você acabaria querendo ir embora de novo. Uma vez que experimentasse o que é isso.

— Você estava certa — disse, e comecei a chorar, e me odiei por chorar.

— Ah, Thea — minha mãe murmurou, e me puxou para perto, e, se eu pudesse parar o tempo, congelar todos os relógios, o teria feito. Mas não podia. Eu não passava de uma garota. Minha mãe não passava de uma mulher. — Beth mencionou algo a respeito de um rapaz com quem você estava se encontrando. — Ela riu. — Pensei que não houvesse rapazes lá, mas obviamente há rapazes por todo lado. Você vai para algum outro lugar, e meu conselho, se achar que vale a pena, é que encontre um bom rapaz. — Ela afagou meus cabelos. Ela soava como antigamente. — Encontre um bom rapaz, como seu pai. Certa vez, tive problemas por causa de um rapaz. — Tentei levantar a cabeça, olhar para ela, mas ela me apertou contra o peito. — Muito antes de conhecer seu pai. É um tipo de problema tão maravilhoso! Contanto que você possa se livrar dele. E você não conseguiu exatamente. — Ela fez uma pausa. — Livrar-se do problema, quero dizer. Conseguiu?

Ela soltou minha cabeça, e me sentei ereta, tentei olhar o mundo borrado através de minhas lágrimas.

— Não saí de lá por causa de um rapaz. Você pode não acreditar, mas eu queria voltar. Queria voltar e ver meu irmão.

— Para poder ir embora novamente?

— O que existe para mim aqui? — perguntei. — Não há nem mesmo um cavalo.

Mamãe me fitou por um momento.

— É verdade — concordou ela —, é verdade. Não existe nada para você aqui, não mais. Eu queria algo mais para você e para Sam — continuou, novamente com a voz suave. — Mas esse foi um erro meu, não é? Pensar que eu pudesse me intrometer com a natureza de cada um de vocês.

A semana antes do Quatro de Julho foi a última que passamos juntos, eu e Sam, antes de ficar exposto aquilo que eu tinha feito. Havia algo entre nós agora, ambos sabíamos disso, embora evidentemente nenhum dos dois tivesse de fato a menor ideia.

Lá fora estava chovendo, um dilúvio. Eu me remexia de uma cadeira para outra, morta de tédio. Entrei no quarto do meu irmão, abrindo a porta sem bater. Ele parecia com medo, mas se virou de volta para o que estava fazendo quando viu que se tratava de mim e não de mamãe.

— Um ninho — explicou, quando me aproximei — de filhotes de esquilo.

— Apenas dois?

Sam já tinha cuidado de esquilos antes, mas geralmente as ninhadas eram maiores. Eram tão feios, do tamanho de ratinhos, cor-de-rosa, sem pelos, os olhos completamente fechados. Sam os havia aconchegado em um cobertor velho. Parecia impossível que eles crescessem e se tornassem esquilos.

— Um guaxinim pegou o resto.

Um dos filhotes se mexeu, e fez menção de tocar em um deles...

— Thea!

— Desculpe — eu disse. — Eu me esqueci. — Continuei, depois de um instante: — Mamãe vai matar você.

Ela não permitia que Sam mantivesse seus animais dentro de casa.

Sam sorriu.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Se ela visse, não iria acreditar.

Mas provavelmente mamãe não entraria no quarto de Sam novamente; ela já tinha feito as camas e arrumado o andar de cima.

Observei Sam tentar alimentar um dos esquilos com uma das seringas de papai, sem agulha.

— É leite? — perguntei.

Sam negou com a cabeça.

— Leite de vaca mataria os filhotes. É água morna com açúcar. Acho que estão melhores agora. — O esquilo abriu a boca e começou a sugar e até eu fiquei entusiasmada. — Pronto — disse Sam. — Prontinho.

Eu o observei por alguns minutos.

— Pronto, pronto — ele dizia, repetidas vezes, um refrão para o esquilo bebê.

— Por que você ama tanto os esquilos? — perguntei.

Ele encolheu os ombros.

— Por que você ama tanto os cavalos?

Havia uma quantidade de motivos, mas, quando tentei destacar um bom, não consegui.

— Está vendo? — perguntou Sam. — E, além do mais, eu não amo os esquilos. É só que... gosto de ficar ao ar livre. Gosto do mundo natural.

— A natureza — repeti.

— Exatamente. A natureza.

Ele começou a murmurar palavras para o esquilo novamente, então me joguei na cama e fechei os olhos ao som de sua voz.

Permaneci deitada, quase dormindo, ouvindo a bela voz do meu irmão, ainda bonita mesmo enquanto ficava cada vez mais grave, o que estava acontecendo nos últimos meses, com a voz de Sam mudando para combinar com o fato de ele estar cada vez mais alto. Meu irmão era uma

flor, desabrochando, se elevando até os céus.

* * *

Naquela noite, fui até o quarto dele no hotel. Parecia um quarto habitado, ao contrário do meu. Em cima da mesa, havia flores em um jarro de geleia, além de três peles de cobra, quase inteiramente intactas, com pequeninos orifícios onde antes se localizavam os olhos. Toquei uma delas, muito de leve.

— O que aconteceu com seus terrários? — perguntei.

Sam estava na beirada de sua cama, me observando.

— Acabaram.

Fiz um gesto de assentimento.

— Estou indo embora — eu disse.

— Eu sei.

— Você também podia ir. Eles deixariam.

Minha voz soava exageradamente insistente. Mas ele devia partir também. Ele não deveria deixar isso tudo engoli-lo por completo.

Quando ele finalmente falou, sua voz era em tom de desafio.

— Mas não quero ir embora, Thea. Não quero...

E fez uma pausa, mas não, foi mais do que uma pausa. Ele se deteve, se abstendo de dizer qualquer coisa horrível que iria dizer. Eu sabia, porém.

— ... ser como eu? — perguntei.

Ele desviou o olhar. Eu sabia que tinha razão. Obviamente não era justo. Eu tinha sido obrigada a ir embora. Eu não o tinha abandonado de propósito. Contudo, no final, fiquei com o melhor negócio. Existiam tantos acidentes no mundo, alguns alegres, outros não. Eu pegaria aquilo que vinha para mim.

Aproximei-me do meu irmão e me sentei perto dele na cama. Meu irmão gêmeo não partiria, porque era um filho melhor do que eu; ele não conseguia partir porque não conseguia imaginar a vida sem eles. Sam não era corajoso. Nunca tinha sido. Era leal e sincero e ainda pertencia aos meus pais de uma maneira como nunca mais aconteceria comigo. Ele não era corajoso, mas uma pessoa podia ser tantas coisas. Ele ainda era filho de meus pais, e talvez sempre fosse. Apenas o tempo diria.

— Você é um rapaz da Flórida — eu disse.

Enfiei a mão no bolso e puxei o lenço que eu tinha levado comigo para Yonahlossee. Não parecia pior pelo uso. Coloquei o lenço na mão dele e fechei-lhe os dedos.

Ele olhou para o lenço, e depois para mim.

— Sim — disse suavemente com sua nova voz — Eu sou.

* * *

Naquela noite me deitei na cama e tentei evocar os olhos de Sissy, as mãos elegantes do Sr. Holmes, o rosto gracioso de Naari. Mas não conseguia me lembrar. Tudo estava escapando da minha mente. Levantei-me e vesti o uniforme de Yonahlossee; era a única coisa que cabia. As

roupas ainda exalavam o cheiro da Casa Augusta, e tentei não chorar, tentei não desejar algo que jamais teria de novo.

Lá fora, o ar estava pesado com a umidade, a lua pairava acima de nós como um rosto redondo. Algumas poucas pessoas se espalhavam pelas calçadas. Uma porta se abriu e vi de relance uma sala esfumaçada, apinhada de gente, um homem ao piano.

— Com licença, senhorita — alguém disse, e percebi que estava na passagem.

Dei um passo para o lado e um homem passou por mim; reconheci o carregador de malas a quem minha mãe quase tinha esquecido de dar a gorjeta. Estava de braços dados com uma mulher, mas só dava para ver as costas dela, o vestido fino, os cabelos pretos. Ele não deu sinal de me ter reconhecido. Observei-o adentrar a noite, para outro lugar, ou talvez para casa, onde ele tocaria essa moça, ela o tocaria, e a noite se abriria como uma flor.

Caminhei e caminhei. Uma hora, duas. Perdi a noção do tempo. Pensei, tolamente, que poderia encontrar Sam. Eu sabia que ele costumava vaguear à noite. Sabia que ele costumava andar a esmo. Porém, não havia sinal dele. Caminhei na escuridão, longe das luzes da rua. Mamãe não nos tinha ensinado a temer o mundo; ela nos tinha ensinado a desdenhar dele.

Finalmente cheguei à estação da Church Street, visível a uma quadra de distância. Eu sabia que estaria cheia de gente, ou pelo menos, se não cheia, viva de alguma forma. As pessoas sempre estavam indo para algum lugar, voltando de algum lugar, sempre.

O céu se abriu de uma só vez, como acontecia na Flórida, repentina e violentamente, e um raio iluminou o céu de uma maneira ao mesmo tempo bela e aterradora. Eu não estava com medo. Nada no mundo natural me assustava. Esse raio estava a uma considerável distância, e eu estava cercada por estruturas mais altas do que eu, que o atrairiam primeiro.

Sentei-me em um banco coberto, perto de uma senhora idosa que claramente esperava um trem. Ela me indagou as horas, e olhei para o gigantesco relógio acima de nós e respondi. Ela não agradeceu; estava irrequieta, e compreendi por quê.

— Vou para Miami — disse ela. — E meu trem está tão atrasado!

Quase dei uma risada. Miami. Sam tinha me contado que lá havia milhares de acres de terra, abandonados pelos proprietários, sendo nosso tio apenas um exemplo disso.

Compreendi a inquietação da mulher. Ela esperava para ser levada para longe daqui. Estava vestida como alguém de outro século, saias excessivamente longas, uma blusa que cobria até mesmo os pulsos. E percebi que ela efetivamente era de outro século. Ela tinha nascido muito antes de mim, e eu sabia que, algum dia, uma jovem impetuosa iria pensar o mesmo a meu respeito: que eu era velha e tola, antiquada, nascida há tanto tempo que não tinha mais importância.

Permaneci sentada ali, esperando o trem com a mulher. Tentei não temer o futuro. Eu esperava que fosse mais generoso do que o passado.

Em minha viagem para Yonahlossee, meses antes, fiquei observando o perfil de meu pai enquanto ele dirigia, e me senti envergonhada. Eu tinha esperanças de não me sentir assim para sempre. Mas então percebi que sempre me sentiria. Era minha natureza.

Enquanto estava sentada no banco, senti o vento forte chicotear meus tornozelos e tentei conservar todas minhas recordações. Toquei no colar de Sissy. Eu via a mim mesma viajando de trem no futuro e imaginei com quem eu viajaria. Imaginei aonde iria.

Eu não viajaria para lugar algum com Georgie, que acabou por morrer seis dias antes de

completar vinte e cinco anos. Nunca mais o vi, nunca mais vi a tia Carrie ou o tio George, ou a antiga casa deles em Gainesville. Georgie nunca mais voltaria a ser o mesmo, uma maldição pior do que a morte. Se ele tivesse morrido imediatamente, as circunstâncias que cercavam a morte dele a decerto teriam sido examinadas com maior clareza; felizmente para nós, Georgie sobreviveu. Ainda que por um curto espaço de tempo.

Por compaixão, meus tios ficaram iludidos e cuidaram de Georgie pelo resto da vida dele. Em Yonahlossee eu só me lembrava de Georgie e da família dele no tempo passado, tentava nunca pensar no que minha família, principalmente meu primo, estaria fazendo no presente. Talvez fosse uma falha no meu caráter o fato de ter conseguido tão rapidamente esquecer meu primo ferido. Era o que eu pensava na época. Agora, me alegro de ter conseguido deixar o evento fora de minha mente, a fim de sobreviver. Não falávamos sobre ele com frequência, mas meu pai me revelou, certa noite, muito bêbado e velho, bastante tempo depois de minha mãe morrer, que Georgie regularmente padecia de terríveis acessos de fúria, que a parte do cérebro que controlava a raiva tinha ficado lesada no acidente. O acidente.

Minha mãe se tornou uma inválida, trancava-se no quarto a maior parte dos dias e ficou propensa a enxaquecas. Eu fui enviada a um colégio interno adequado, na região nordeste, um local escolhido por mim. Havia um haras próximo dali, e continuei a montar. Eu exercitava os cavalos dos ricos, o que descobri ser uma boa maneira de me colocar sobre uma sela, já que não podia ter meu próprio cavalo. Pensava em Leona naqueles dias, e imaginava como exatamente ela encontrara seu caminho de volta à equitação. Tinha certeza de que ela conseguira; a questão era como.

Deixei o Sul. Meu irmão continuou lá. Levou a vida com meus pais, que permaneceram na Flórida, mas, na verdade, se mudaram para o sul do estado, mais estranho e diferente. Mudaram-se para Miami, onde meu pai continuou a exercer a medicina.

Meu pai nunca mais viu o próprio irmão, mas continuou a enviar-lhe uma soma de dinheiro. Certa vez eu vi a carta dobrada, com um cheque no meio: o destinatário era George Atwell, em Centralia, Missouri. A plantação de laranjas continuou a ser uma atividade vantajosa para minha família; nos manteve a salvo na década de 1930, e na década de 1940 nos tornou ricos novamente. Ela foi nossa salvação, permitiu que eu fosse para o internato, permitiu que mantivéssemos uma vida semelhante àquela que tínhamos imaginado para nós.

Quando Georgie morreu, a tia Carrie nos enviou o obituário, cortado de um jornal. Havia um bilhete preso ao recorte de jornal, com a caligrafia da tia Carrie: “Ele nos deixou.” Ela e o tio George achavam que acontecera uma briga entre os primos; tenho quase certeza de que jamais souberam da minha parte na história. Eu teria cortado a língua da boca antes de contar para eles, e Georgie — bem, mesmo que ele se lembrasse do que tinha ocorrido, ele não estava muito normal, e estou quase certa de que não teriam acreditado nele. Tenho levado minha vida com Georgie como uma sombra; ele é uma pessoa que certa vez eu amei, e cuja morte teve alguma participação minha. É um fantasma. Meu fantasma.

Tenho certeza de que Sam não queria matar Georgie. Ele era um garoto, tornando-se um homem. Não conhecia a própria força. Foi uma série de circunstâncias, Sam. Uma série de circunstâncias.

Jamais confessei a viva alma o que eu vira, meu irmão levantar a rifle e golpear Georgie na cabeça. Será que meu pai sabia? Ele era médico e certamente saberia distinguir a diferença

entre um ferimento causado por uma queda e um ferimento originado por um golpe violento. Porém, só Deus sabe.

Eu retornava para casa duas vezes por ano, quinze dias no Natal e quinze dias no meio do verão. A décima segunda parte de um ano. De certa forma, a maneira como nos relacionávamos continuou igual: meu pai ainda distante, minha mãe difícil. Porém, a qualidade dos nossos sentimentos se complicou pelo que eu tinha feito, pelo que minha família tinha feito comigo. É difícil dizer o que Sam pensava sobre aquilo tudo — éramos irmãos gêmeos, nunca tínhamos que expressar nossos sentimentos um para o outro, apenas sabíamos. Mas não mais, é seguro dizer que Sam e eu não nos conhecíamos mais. Ele era agradável e distante quando eu vinha para casa, o que era o pior castigo em que eu podia pensar, tratar-me como uma estranha. Nunca mais chorei na presença dele, nem ele na minha.

Eu voltava e conseguia fazer as refeições com minha família, conversar assuntos de pouca importância, dormir na mesma casa que eles graças apenas a Henry Holmes. Apenas porque ele me fizera entender a troca efetuada por meus pais. Eles tinham me trocado por Sam. Mas era eu quem tinha feito a primeira troca: meu irmão por meu primo.

Experimentei o amor genuíno, a alegria, quando meus filhos nasceram, novamente a tristeza quando perdi um bebê com cinco meses de gravidez. Eu tive uma vida, separada de minha família e daquilo que acontecera quando eu era jovem. E os cavalos sempre fizeram parte dela, uma bênção; consolar-me com eles sempre foi algo que fiz por instinto, e um instinto que jamais me deixou. Tinha prazer em perceber como eu era boa em cima de uma sela, como eu conseguia lidar com um cavalo. Eu era boa em alguma coisa, melhor do que a maioria das pessoas em alguma atividade qualquer. Os cavalos eram uma dádiva; quantas pessoas têm uma constante assim na vida, separada da confusão difícil e às vezes bela que constituía a família de cada um?

Em Yonahlossee aprendi a lição que tinha começado a ensinar a mim mesma em casa: minha vida era minha. E tive que reivindicá-la para mim.

Quando eu voltava para o Sul, vinda da região Nordeste, sempre ficava surpresa com as palmeiras, o calor sem igual, a umidade tão pesada no ar que era quase enjoativa. Meus pais viviam em uma área da cidade onde podiam avistar as casas vizinhas a partir da casa deles; viviam em uma casa bonita e fria.

Sam decidiu ser médico, como papai. Ele parou de explorar a natureza. Passava todo o tempo no lado de dentro, agora, e quando eu voltava para casa, prestava atenção em suas faces, agora pálidas por sua preferência em viver mais dentro de casa do que ao ar livre; quando ele se virava para mim, havia um sinal superficial, uma breve sensação de desespero. Nós estávamos perdidos um para o outro. Em Yonahlossee, aprendi a viver sem meu irmão; aprendi que aquilo que antes parecia impossível na verdade não era. E ter a vida somente para mim era mais fácil, em vários sentidos. Mais solitário, mas um irmão gêmeo é tanto um fardo quanto um prazer. Eu não conhecia a vida sem ele, nós tínhamos uma língua só nossa na infância, nós tínhamos compartilhado um útero. Quando todo mundo esperava um bebê só — minha mãe, meu pai, meus avós —, viemos dois. E não era fácil fazer parte de uma dupla em um lugar onde deveria caber apenas um. Se houvesse apenas uma pessoa, então Georgie ainda estaria vivo. Porque ninguém mais além de Sam teria ficado tão profundamente, tão irrevogavelmente afetado por algo realizado por sua outra metade.

Meus pais tinham me mandado embora porque perceberam que eu era uma menina que ansiava demais, desejava em excesso, de forma inapropriada. E, naquela época, todo aquele desejo era perigoso.

Ai de você, Thea, dissera o Sr. Holmes. Estávamos na biblioteca, cercados dos livros dele. Minha blusa estava desabotoada. Ele pegou minha mão e beijou meu polegar. Ai de você por querer tanto. Ele beijou meu pulso. Por desejar tanto. Ele me deitou no sofá, meu uniforme levantado até os quadris.

Eu queria tudo. Queria meu primo. Queria o Sr. Holmes. Aprendi que eu era uma menina que conseguia o que queria, mas não sem tristeza, não sem deixar um rastro de destruição tão grande que consumiu minha família. E quase a mim. Quase o trilhei, junto com minha família. Quase me perdi.

Mas eu era egoísta demais. Eu queria demais, como afirmou o Sr. Holmes. E nada do que aconteceu foi uma decisão minha, uma lista pré-concebida, um plano articulado. Não escolhemos quem amamos. E ai de todos nós, por causa disso.

Ai de Sam, que nunca deixou a Flórida, que nunca viveu em um mundo além das praias dali. Ele se casou, teve uma mulher, teve uma família. Ele não teve sua irmã gêmea. Ai do Sr. Holmes, a quem jamais voltei a ver, que certamente me considerou uma perda, a mesma sensação que tive em relação a ele. Ai de minha mãe e de meu pai, que permitiram que o que fiz desmontasse a vida deles. Ai de Georgie principalmente, cujo primeiro amor foi o último, que agora tinha voltado a ser pó, uma lápide no cemitério do Missouri sendo a única evidência de que ele existira, prova de que vivera e deixara alguma marca. Evidência de que existira, mas não de que amara. Eu sou a prova de que ele amou. E talvez este fosse meu papel mais importante na vida de Georgie: viver uma vida para nós dois. Ver as coisas que ele nunca viu. Fazer o que ele não pôde fazer.

Mas ai de Thea — não. Retire isso, Henry. E certamente ele teria feito, se tivesse continuado a me ver. Certamente ele teria constatado que minha vida era cheia, rica, e só minha.

Uma fotografia estaria pendurada na parede do lado de fora do escritório do Sr. Holmes, apesar de eu nunca chegar a vê-la. Nunca mais eu retornaria a Yonahlossee, ou à minha casa da Flórida. A fotografia serviria como um lembrete para ele. Um lembrete para todo mundo de que Theodora Atwell e Naari tinham vencido o Torneio de Primavera em 1931. Eu tinha partido em desgraça, mas ainda assim minha fotografia estaria lá. Era uma tradição.

Ouvi um trem a distância, o apito familiar. A mulher perto de mim se levantou, esquecendo-se de minha presença. Ai de nós. A memória brotou, sem ser convidada. Uma das incontáveis tardes em que passamos juntas, tudo escorrendo agora, escorrendo para fora da minha cabeça e se transformando em uma bruma espessa. Vacilei. Coloquei a cabeça entre as mãos.

Mas não. Olhei para cima novamente. O trem apareceu vagaroso para parar na estação, e a mulher marchou para a chuva, embora ainda faltassem muitos minutos para lhe permitirem subir a bordo. Ela não se importou, porém. Simplesmente queria partir.

Pensei na minha foto no Castelo, que nem meus pais nem Sam chegariam a ver algum dia.

E o que as futuras alunas veriam quando mirassem a fotografia durante suas idas e vindas diárias, se olhassem com atenção? Não o matiz dos meus cabelos, que tinham perdido o colorido na foto. Não o Sr. Holmes que estava situado atrás. Nada especial, na verdade. Apenas uma garota montada em um cavalo, exatamente como tantas outras.

AGRADECIMENTOS

Tenho uma enorme dívida de gratidão com minha agente, Dorian Karchmar, que pegou *Escola de equitação para moças* quando não era mais do que um manuscrito e me orientou em muitas revisões. Não seria um livro se não fosse por ela.

Agradeço à minha editora, Sarah McGrath, cujo cuidado e perspicácia tornaram o livro muito melhor. Na Riverhead Books, agradeço a toda a maravilhosa equipe e, em especial, a Geoff Kloske, Sarah Stein e Jynne Dilling Martin. Na Headline, minha editora no Reino Unido, agradeço a Claire Baldwin.

Na William Morris Endeavor, agradeço a Simone Blaser, Tracy Fisher, Catherine Summerhayes e Eugenie Furniss.

Devo muitos agradecimentos aos departamentos de escrita criativa na Universidade de Emory e na Universidade de Washington, respectivamente — a primeira, onde estreei no mundo da escrita criativa; a segunda, onde recebi meu título de MFA e depois lecionei enquanto escrevia *Escola de equitação para moças*. Em ambas as instituições, estudei com muitos excelentes professores. Um agradecimento especial para Kathryn Davis, que sempre foi minha fã mais entusiasmada, e a Marshall Klimasewiski e Saher Alam.

Agradeço a Tim Mullaney, David Schuman e Curtis Sittenfeld, pelo apoio.

Agradeço à minha mãe, por me ensinar a amar um lar. Agradeço ao meu pai, por dirigir milhares de quilômetros de ida e volta para me levar às cocheiras. E por não me deixar cursar Direito. Agradeço à minha irmã, Xandra, que sempre foi minha maior defensora. À medida que amadureço, me sinto cada vez mais uma pessoa de sorte por contar com o amor e o apoio de meus pais e minha irmã.

Finalmente, agradeço a Mat, meu marido. Este livro foi escrito para ele; não poderia ser para ninguém mais.

SOBRE A AUTORA

© Nina Subin



ANTON DISCLAFANI foi criada no norte da Flórida e já participou de campeonatos nacionais de hipismo. É formada na Emory University e tem mestrado na Washington University, onde leciona escrita criativa.